

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**NEM CORDEIROS, NEM HERÓIS: UM ESTUDO SOBRE AS CLASSIFICAÇÕES
DE AÇÕES JUDAICAS DURANTE A SHOAH EM TESTEMUNHOS DE
SOBREVIVENTES
(MARY BERG, WLADISLAW SZPILMAN, CHIL RAJCHMAN E RICHAD
GLAZAR)**

Marcos Paulo dos Santos Coelho

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NEM CORDEIROS, NEM HERÓIS: UM ESTUDO SOBRE AS CLASSIFICAÇÕES DE
AÇÕES JUDAICAS DURANTE A SHOAH EM TESTEMUNHOS DE SOBREVIVENTES
(MARY BERG, WLADISLAW SZPILMAN, CHIL RAJCHMAN E RICHAD GLAZAR)

MARCOS PAULO DOS SANTOS COELHO

Sob orientação do professor doutor

Luís Edmundo de Souza Moraes

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de **Mestre em História**,
ao Programa de Pós-Graduação em História,
Área de concentração: Relações de Poder e
Cultura, Linha de Pesquisa: Relações de
Poder, Linguagens e História Intelectual.

Seropédica, RJ.
2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C672n Coelho, Marcos Paulo dos Santos , 1992-
 Nem cordeiros, nem heróis: um estudo sobre as
 classificações de ações judaicas durante a Shoah em
 testemunhos de sobreviventes. / Marcos Paulo dos
 Santos Coelho. - Vitória, 2020.
 198 f.

 Orientador: Luís Edmundo de Souza Moraes.
 Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em História,
 2020.

 1. Shoah. 2. Testemunho de sobreviventes. 3.
 Resistência judaica. 4. Passividade Judaica. 5.
 Segunda Guerra Mundial . I. Moraes, Luís Edmundo de
 Souza, 1967-, orient. II Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em História
 III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 496 / 2020 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.065902/2020-76

Seropédica-RJ, 07 de dezembro de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

ANEXO À DELIBERAÇÃO Nº 001, DE 30 DE JUNHO DE 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARCOS PAULO DOS SANTOS COELHO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA, Área de Concentração em RELAÇÕES DE PODER E CULTURA

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 22 de outubro de 2020

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

Professor doutor LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES (ORIENTADOR)- presidente e orientador - UFRRJ

Professor doutor FLAVIO MADUREIRA HEINZ - UFRRJ

Professor doutor BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO - UNB

Professor doutor MICHEL GHERMAN - UFRJ

(Assinado digitalmente em 08/12/2020 09:52)
FLAVIO MADUREIRA HEINZ
PROFESSOR TITULAR-LIVRE MAG SUPERIOR
DepthRI (12.28.01.00.00.00.86)
Matrícula: 1307950

(Assinado digitalmente em 08/12/2020 09:56)
LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepthRI (12.28.01.00.00.00.86)
Matrícula: 1353338

(Assinado digitalmente em 04/01/2021 16:23)
BRUNO LEAL PASTOR DE CARVALHO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 094.730.237-90

(Assinado digitalmente em 16/12/2020 11:39)
MICHEL GHERMAN
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 071.100.427-74

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **496**, ano:
2020, tipo: **TERMO**, data de emissão: **07/12/2020** e o código de verificação: **79fbd5b131**

AGRADECIMENTOS

Nem acredito que estou escrevendo os agradecimentos da minha dissertação depois desses dois anos de longa e intensa caminhada; se mudar para um Estado sozinho, para uma cidade onde eu conhecia absolutamente ninguém e tentar um processo seletivo, o qual, eu não tinha nenhum parâmetro de como seria, foi, em definitivo, a melhor e mais gratificante experiência até o presente momento. Seropédica e UFRRJ significaram muitas realizações pessoais e acadêmicas durante o período do mestrado, por isso, gostaria de deixar meu carinho e minha gratidão a este lugar mágico. Contudo, apesar dos meus próprios esforços e determinação, pude contar com o apoio incondicional dos meus melhores amigos, os quais, muitas vezes, acreditaram muito mais em mim do que eu mesmo: Agnes Moschen, Lucas Wingler, Camila Hayashi e Cristina Margon e Juliano Gomes foram (e são) a base mais sólida para que eu tivesse coragem para enfrentar esse novo desafio. Amo vocês, e obrigado pelos conselhos, ombros, muitas cervejas e confiança.

O processo de escrita e pesquisa é bastante solitário, principalmente para o único pós-graduando que teve como escolha o tema da Shoah e trabalhar com testemunhos de sobreviventes no programa de pós-graduação do Rural (ou será de todo o Rio de Janeiro?). Porém, gostaria de agradecer imensamente os amigos companheiros que a Rural me deu durante o período de cumprimento dos créditos, vocês são incríveis, mesmo achando que eu era o magnata do abacaxi de Marataízes (que só soube que era um grande polo produtor por vocês): Yan Fonseca, Rayane Barreto, Bruna Daimo, Caio Cuzzo, Marina Soares, Thaís Guimarães, Andarilha Grazi Bailero e Lucas, meu muito obrigado pelas conversas, surtos/terapias coletivas, discussões teóricas e metodológicas regado a muita cerveja e risadas.

Agora gostaria de agradecer uma pessoa em especial, que foi peça chave para que eu tivesse, antes de tudo, ido tentar mestrado na UFRRJ: meu salve, salve orientador, mestre dos magos, professor Luís Edmundo de Souza Moraes. Luís Edmundo, desde a primeira vez que entrei em contato com ele via email em algum momento entre julho e agosto de 2017, se demonstrou um profissional atencioso, e após o meu ingresso no programa, pude ter certeza de que eu fiz a melhor escolha em escolhê-lo (e ele ter me aceitado) como orientador. Durante estes dois anos, sempre me ofereceu ferramentas para que eu pudesse chegar a um novo patamar de reflexão sobre meu tema, sem ‘cortar caminhos’, pelo contrário, não foram duas

ou oito vezes, que tive que me debruçar e repensar para responder a famosa e temida pergunta: “Marcos, qual é o seu objeto de pesquisa?”. Sem sombra de dúvida, foram suas indagações, conversas, incentivo e muita orientação (somada a muita leitura, também) que possibilitaram eu chegar ao resultado das próximas páginas. Mesmo sendo um dos seus orientando ‘mais novo’, sempre me incentivou e confiou no meu potencial, e não apenas por isso, mas por tudo, professor, meus mais sincero agradecimento, você é um profissional maravilhoso, e eu desafio alguém achar um orientador que se compadeça e se emocione, assim como você, ao receber as figurinhas de gatinhos chorando no whatsapp. Muito Obrigado!

Gostaria de agradecer a minha querida avó, Ormandina Firme Coelho, que mesmo não entendendo muito bem o que eu faço, sempre se preocupou comigo e me deu todo o amor e carinho que um neto poderia receber de sua avó. Gostaria de agradecer as minhas primas Carolina e Ane Kelly Coelho Barbosa por acreditarem que eu serei o ‘único doutor da família’, amo vocês.

Gostaria de agradecer ao programa CAPES que me financiou durante o período do mestrado. Seu incentivo foi primordial para que eu pudesse concluir esta pesquisa. E aqui, deixo meu repúdio a este governo desmantelador que tem como projeto o sucateamento das universidades e pesquisas brasileiras.

E por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todos os botecos e estabelecimentos que eu tenha sentado, seja deprimido ou alegre; nos momentos difíceis e de incerteza ou para comemorar, junto sempre dos meus amigos, para aliviar e desabafar acerca da pressão que é ser pós-graduando num governo que parece mais uma temporada de South Park.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001 This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001.

RESUMO

COELHO, Marcos Paulo dos Santos. **Nem cordeiros, nem heróis: um estudo sobre as classificações de ações judaicas durante a Shoah em testemunho de sobreviventes.** 2020. 196p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

A Segunda Guerra Mundial ainda é um grande desafio para aqueles que se debruçam sobre seus acontecimentos com intuito de elaborar uma reflexão historiográfica. Dentre os vários acontecimentos provenientes do maior conflito bélico da história, a Shoah ocupa um lugar de destaque dentro da historiografia, principalmente, na produção alemã e israelense. A presente pesquisa tem como principal objetivo investigar as noções e categorias de passividade e resistência a partir dos testemunhos de sobreviventes da Shoah; como, quando e com quais intuídos os sobreviventes classificam uma ação como passiva ou como uma ação de resistência? Gostaria, portanto, de propor uma investigação de ambas noções a partir das narrativas elaboradas por sobreviventes, para assim, compreender como essas categorias são formadas e utilizadas, observando seu contexto e sua finalidade.

Palavras-chaves: Shoah; Resistência Judaica; Passividade Judaica; Testemunho; Segunda Guerra Mundial

ABSTRACT

COELHO, Marcos Paulo dos Santos. **Not Lambs, nor Heroes: a study on the classification of jewish actions during the Shoa on testimonies of survivals**. 2020. 196p. Dissertation (Master in History). 2020. 163p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

The Second World War is still a great challenge for those who debate about its events in order to elaborate a historiographical reflection. Among the many recent events, the greatest historical conflict in history, a Shoah occupies a prominent place in historiography, mainly in German and Israeli production. The present research has as main objective to investigate how notions and categories of passivity and resistance from the witnesses of Shoah survivors; how, when and with what intentions do survivors classify an action as passive or as a resistance action? Therefore, I would like to propose an investigation of ambitions based on the narratives elaborated by survivors, in order to understand how these categories are formed and used, observing their context and their use.

Key words: Shoah; Jewish Resistance; Jewish passivity; Testimonies; World War II.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PASSIVIDADE	36
I. PRIMEIRA PARTE: A passividade judaica na Segunda Guerra Mundial: perspectiva sobre o Exílio até o chamado de Abba Kovner	36
I. 1. A “negação” da diáspora e o sionismo: uma narrativa ininterrupta	36
I. 2. Como Carneiros para o abate: o chamado de Abba Kovner durante a Segunda-Guerra Mundial	40
I. 2.1. Os carneiros no exílio: a noção de passividade judaica construída na diáspora ...	44
I. 2.2. Os carneiros nos testemunhos: o uso da metáfora nos relatos de sobreviventes	50
II. SEGUNDA PARTE: As noções de passividades no Gueto de Varsóvia, segundo os testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman	60
II. 1. Antes dos muros: as noções e categorias passividade nas primeiras semanas de guerra, segundo os testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman	61
II. 1.2. “Egito nazista e os animais enjaulados”: as categorias e noções de passividade segundo os testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman	69
III. TERCEIRA PARTE: A passividade sob condições extremas: as experiências no campo de Treblinka, segundo os testemunhos de Chil Rajchman e Richard Glazar	92
III.1. “Treblinka tem tudo, exceto vida”: um estudo sobre as classificações de ações no campo de extermínio, segundo Chil Rajchman e Richard Glazar	92
RESISTÊNCIA	107
IV. PRIMEIRA PARTE: Uma fissura na engrenagem industrial da morte: um estudo sobre a resistência do levante de Treblinka, segundo os testemunhos de Chil Rajchman e Richard Glazar	107
IV.1. A revolução dos mortos-vivos: o planejamento e a execução do levante no campo da morte, segundo Chil Rajchman e Richard Glaza	107
V. SEGUNDA PARTE:	130
V.1. Resistência e heroísmo durante o cerco de Varsóvia: os resistentes e os heróis durante as primeiras semanas de guerra, segundo a perspectiva de Mary Berg e Wladislaw Szpilman	130
V.2. Contrabando e contrabandistas: as noções de prática e conduta, segundo os testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman	138

V.3 As noções de resistência e heroísmo durante a experiência no gueto de Varsóvia, segundo os testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	183
ANEXOS	186

INTRODUÇÃO:

Devo confessar que, quando me inscrevi para o processo seletivo do mestrado no programa de pós-graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e após ter conseguido concluir com sucesso todas as etapas, e, efetivamente, ser membro do corpo discente do programa, a minha expectativa sobre o meu projeto eram outras. E fico imensamente feliz por essa surpresa que se tornou este trabalho e pelo seu direcionamento.

Observando o trabalho em seu estágio final, poucos se perguntam sobre a trajetória para se chegar até aqui; como surgiu este tema, o porquê desta problemática, como esta hipótese, porque estas fontes e não outras. Sem dúvida foi um percurso de muito crescimento intelectual, e hoje, posso dizer, que entendo melhor o lugar da minha pesquisa em relação ao seu universo sobre os estudos da Shoah, e particularmente, entendo minha própria posição enquanto pesquisador e minhas reflexões sobre meu objeto de pesquisa. Isso não foi realizado do dia para noite, mesmo que o mestrado tenha um período “curto” de duração. Em definitivo, não é uma pesquisa pretensiosa em ser “algo definitivo”, pelo contrário, eu ofereço uma reflexão baseada nos estudos e diálogos os quais me foram possíveis no período do mestrado. Portanto, encaro a dissertação como um trabalho que amadureceu diante deste processo, o qual tive preciosas e cuidadosas orientações e ajuda durante todo o percurso.

O tema da resistência (e passividade) judaica, no período da Segunda Guerra Mundial, foi um assunto que me despertou interesse ainda na graduação, durante o curso de História Contemporânea. Durante a disciplina, que infelizmente não conseguiu abarcar e aprofundar diversos tópicos, me perguntava constantemente: “por que os judeus não revidavam as violências sofridas pelas políticas nazistas? *Por que os judeus não resistiram?*”. Para entender e propor uma resposta para essas questões, neste trabalho, um grande caminho foi percorrido durante dois anos de mestrado.

O primeiro entendimento que tive é que o tema da resistência/passividade é um assunto altamente politizado e sensível entre os estudiosos do campo, principalmente entre os historiadores israelenses.

Acredito que o primeiro passo para localizar onde minha pesquisa se desenvolve e demonstrar por quais motivos escolhi as abordagens propostas e como penso em responder tais questões, é realizando uma breve introdução de como a historiografia tem

tratado os temas da resistência e passividade judaica durante a Shoah. Portanto, a discussão historiográfica é a estratégica nesta dissertação, pois ela justifica o trabalho que se desenvolveu. O que irei demonstrar de principal na discussão é que parte dos historiadores que lidaram com a passividade e resistência judaica, apresentaram esses temas criando “modelos” e “taxonomias” a partir de suas posições de intelectual, de cientistas sociais, deixando, assim, de entender as posições dos sobreviventes em seus testemunhos e, portanto, as categorias oferecidas por eles. É nesta “lacuna” que o trabalho foi pensando e desenvolvido, não deixando de lado os “esquemas explicativos” sobre o tema da resistência e passividade, mas sim, oferecendo uma nova abordagem.

Dessa forma, a expectativa é a de projetar luz na forma como os próprios sobreviventes experimentaram e classificam suas ações e inações, e não realizar mais um trabalho que propõe mais um “esquema” ou “modelo” explicativo. Visto que, nos testemunhos, há uma gama de ações que vão para além do binômio da “passividade” e “resistência”. Os sobreviventes classificam ações de várias formas e não cabe ao historiador reposicioná-las nas categorias de passividade e resistência, pelo contrário, poderíamos admitir que existam as “zonas cinzentas”¹ nesse campo: ações que combinem sentidos e que tenham intencionalidades diversas, e que, dessa forma, verticalizem categorias tão fixas como a da “passividade” e a da “resistência”.

¹ Penso que a ideia de “zonas cinzentas” pode ser potente para este trabalho. Primo Levi trouxe este conceito, de forma ‘finalizada’, em sua obra intitulada *I sommersi e salvati* de 1986. Porém, Levi já havia trazido reflexões sobre a moralidade nos campos de concentração em sua autobiografia *Se questo è un uomo*, com primeira edição em 1947 e depois em 1958. Contudo, não pretendo operar com esse conceito, mas sim, fazer dele um estímulo ao longo da dissertação. Segundo Levi, “a área cinzenta e a colaboração surgem de múltiplas raízes. Primeiro, quanto mais restrita a área de poder, mais ela precisa de auxiliares externos; os nazistas nos últimos anos não puderam prescindir dela, decididos a manter sua ordem na Europa subjugada e alimentar as frentes de guerra debilitadas pela crescente resistência militar dos adversários. Era essencial extrair dos países ocupados não apenas mão-de-obra, mas também policiais, delegados e administradores do poder alemão, agora comprometidos em outros lugares até a exaustão. Nesta área devem ser catalogados, com nuances diferentes de peso e qualidade, Quisling na Noruega, o governo de Vichy na França, o Judenrat de Varsóvia. Mas os colaboradores que provém do campo adversário, os inimigos, são indignos de confiança por essência: fale uma vez e podem trair outra. Não basta relegá-los às tarefas marginais, o modo melhor de comprometê-los é carregá-los de crime, manchados de sangue, expô-los tanto quanto possível. Em segundo lugar, quanto mais feroz a opressão tanto mais se difunde entre os oprimidos a disponibilidade de colaboração com poder. Todos esses motivos, singularmente ou em combinação, foram operantes na origem da zona cinzenta, cujos componentes, em relação aos não privilegiados, eram unidos pela vontade de conservar e consolidar seu privilégio”. E sobre a possibilidade de julgar os “colaboradores” por seus atos e “crimes”, Levi prossegue dizendo que “deve estar claro que a máxima culpa recai sobre o do Estado totalitário; o concurso no crime por parte dos colaboradores singulares, grandes e pequenos, é sempre difícil de avaliar. É um juízo que gostaríamos de confiar somente a quem se achou em circunstâncias análogas e teve oportunidade de verificar em si mesmo o que significa agir em circunstâncias forçadas”. LEVI. Primo. *Opere. Se questo è un uomo, La tregua, Il sistema periodico, I sommersi e i salvati*. Publisher: Einaudi, 1987, p. 679-681. [tradução nossa]

Como já havia apontado sobre a “sensibilidade” do tema dentro na produção histórica, Michel Marrus reforça que “as discussões sobre esse tópico costumam fazer alusão à natureza altamente sensível do assunto, aos poderosos elos entre o argumento histórico e os compromissos judaicos atuais, sejam eles comunitários, nacionais ou religiosos”.² Dessa forma, com auxílio de alguns historiadores que se interessaram pelo tema da resistência e passividade judaica, no período da Segunda Guerra Mundial, irei apresentar alguns dos *principais* trabalhos que permitirá uma visão ampla sobre o campo de estudo.

Para os historiadores Michel Marrus e Marcia Ras, os intelectuais Raul Hilberg e Hannah Arendt possuem proeminência na discussão sobre este tópico, principalmente a produção do historiador judeu austríaco.

Quase todo o debate que se seguiu se concentrou em refutar ou fortalecer a visão de Hilberg da "fraqueza" da resposta judaica à implementação do extermínio e, em particular, à surpreendente ausência de uma resposta armada, exceto em casos muito excepcionais.³

Em seguida, Ras enfatiza que essa discussão, sobre o tema da resistência (e passividade judaica), eram tópicos de debates judaico ou entre judeus.⁴ O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em sua obra publicada em 1989, *Modernidade e Holocausto*, apontou que “sedimentou-se com frequência na mente das pessoas que essa foi uma tragédia ocorrida com os judeus e apenas com os judeus, de modo que, no que concerne a todos os demais, eram chamados a lamentar, a ter compaixão, talvez a se desculpar, mas não muito mais que isso”.⁵

A passagem de Marcia Ras, na qual salienta que quase toda produção sobre a resistência judaica, que seguiu após a publicação da monumental obra de Hilberg, tinham dois objetivos: ou era com intuito de reforçar sua visão, ou era para refutar a tese apresentada por ele. Para Marrus, as duas declarações mais potentes sobre o comportamento judaico durante o Holocausto foram feitas primeiro por Raul Hilberg, e, em seguida, por Hannah Arendt. Estas foram transmitidas para um público muito mais

² MARRUS, Michael R.. **Jewish Resistance to the Holocaust**. Journal Of Contemporary History, Toronto, v. 30, n. 1, p.83-110, jan. 1995, p. 83.

³ RAS, Marcia. Formas de resistência judia frente a La solución final, problemas y debates. **Actas y Comunicaciones del Instituto de Historia Antigua y Medieval, Buenos Aires**, v. 7, n. 0, p.1-10, maio 2011. Revista Electrónica Anua, p. 5.

⁴ Ibid, p. 5

⁵ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998, p. 10.

amplo e estabeleceram a agenda para a consideração subsequente da resistência judaica.⁶

Em 1961, o historiador judeu, Raul Hilberg, talvez o maior especialista sobre a Shoah, publicou a primeira edição de um estudo que se tornou canônico, intitulado *A destruição dos judeus europeus*. Hilberg foi o intelectual judeu de maior destaque, que salientava a noção de que os judeus contribuíram para sua destruição, não resistindo. A tese principal de Hilberg argumentava que os Conselhos Judaicos (*Judenrät*), organizações formadas pelos judeus a mando dos alemães nas comunidades judaicas que estavam sob ocupação nazista, haviam sido institucionalmente complacentes em prestar assistência e fornecer técnicos e especialistas para cumprir as ordens alemãs.⁷

Durante o estágio de concentração, os conselhos transmitiram as exigências alemãs para a população judaica e colocavam os recursos dos judeus nas mãos dos alemães, aumentando assim a influência do agente de maneira significativa. [...] de modo geral, os alemães, não financiavam os muros ou mantinham a ordem nas ruas dos guetos, e não criavam listas de deportação. Os supervisores nazistas recorriam aos conselhos judeus para informações, dinheiro, mão de obra ou políticas e os conselhos lhes fornecia esses meios, todos os dias da semana.⁸

O historiador ainda elabora uma razão para justificar que as comunidades seguissem as diretrizes e exigências passadas pelos Conselhos.

Embora nem sempre fossem representantes dos judeus, os membros dos conselhos judaicos eram líderes autênticos que se esforçavam para proteger a comunidade judaica das mais severas exigências e imposições e que tentavam normalizar a vida judaica sob as condições mais adversas. Paradoxalmente, esses mesmos atributos estavam sendo explorados pelos alemães contra as vítimas. Os conselhos estavam desempenhando um cargo com a autoridade conferida a eles pelos alemães, mas também com a autenticidade derivada da judiaria. Dia após dia, eles eram agentes confiáveis aos olhos dos perpetradores alemães enquanto mantinham a confiança dos judeus. A contradição se tornou mais nítida e mais penetrante mesmo quando eles continuavam pedindo libertação para os alemães e aquiescência para os judeus; colocando-se, assim, em uma situação de ter que esperar por decisões alemãs, eles aumentavam não apenas a própria subserviência, mas também, a de toda a comunidade.⁹

⁶ MARRUS, Michael R.. **Jewish Resistance to the Holocaust**. Journal Of Contemporary History, Toronto, v. 30, n. 1, p.83-110, jan. 1995, p. 86.

⁷ HILBER, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri: Amarilys, 2016, p. 1290.

⁸ Ibid. p.1290

⁹ Ibid., p. 1291.

Finalizando sua análise do papel dicotômico dos conselhos judaicos que estavam entre a cruz e a espada, Hilberg propõe que, mesmo em momentos *cruz*, a instituição estava colaborando com a espada, portanto, o historiador afirma que os conselhos não podiam subverter o processo contínuo de constrição e aniquilação.

A eficiência judaica na distribuição de espaço ou de rações era uma extensão da eficácia alemã, o rigor judeu na tributação e na utilização de mão de obra era um reforço do rigor alemão. Em suma, os conselhos judaicos estavam ajudando os alemães tanto com suas boas qualidades, quando com suas más qualidades e as melhores realizações de uma burocracia judaica foram finalmente apropriadas pelos alemães para a consumação do processo de destruição em massa.¹⁰

Hilberg, que analisou uma gama impressionante de documentação primária, contendo escritos de experiências de judeus que estiveram sob a ocupação nazista, e, sobretudo, documentação alemã, encontrou apoio adicional para sua perspectiva após analisar a nota do historiador judeu Emanuel Ringelblum do dia 17 de junho de 1942. Na nota, Ringelblum, ao relatar a um amigo que estava numa “organização de assistência social”, no Gueto de Varsóvia, perguntou: “quanto mais iremos como carneiros para abate? Não há chamada para fugir para a floresta? Não vamos resistir?”.¹¹ Hilberg não vê resistência significativa, porque ele a interpreta de forma restrita, apenas como uma resistência armada organizada.¹²

A obra de Hilberg produziu formas e categorias de se pensar a passividade e a resistência durante a Shoah e influenciou outros intelectuais. Dentre eles, Hannah Arendt se destaca, pois, segundo o historiador Richard Middleton-Kaplan, foi a mais influenciada pelos estudos do historiador austríaco.¹³ Em sua obra *Eichmann em Jerusalém*, publicado em 1963,¹⁴ Arendt estava realçando e sedimentando uma visão

¹⁰ HILBER, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri: Amariyls, 2016, p. 1291

¹¹ *Ibid.*, p. 500.

¹² KAPPLAN-MIDDLETON, Richard. **The Myth of Jewish Passivity in Jewish Resistance against the Nazis**. Edited by Patrick Gerard Henry. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014, p. 13.

¹³ *Ibid.*, p. 13

¹⁴ Segundo Michael Marrus, a Shoah terá a perspectiva histórica adequada após o rapto de Adolf Eichmann pelo Mossad (Serviço Secreto Israelense), em Buenos Aires, e levado para julgamento por judeus no território do recém-criado Estado de Israel, em 1960. Desde então, o estudo tem prosseguido em ritmo acelerado, nesse sentido atingindo plenamente os objetivos dos organizadores do julgamento de Eichmann. Nas palavras de Hannah Arendt, “essas pessoas iriam assistir a um espetáculo tão sensacional quanto os julgamentos de Nuremberg, só que desta vez *a tragédia do judaísmo como um todo constituiria*

que já vinha ganhando corpo desde o final da Segunda Guerra. Arendt comenta “quão lastimosamente pequenos grupos de resistência tinham sido, quão incrivelmente fracos e basicamente inofensivos – e, além disso, quão pouco representavam a população judaica”.¹⁵ Ademais, a filósofa ressalta, como encontrado na obra de Hilberg, que as autoridades dos Conselhos Judaicos cooperaram com a destruição do seu próprio povo. A mais contundente e memorável declaração de Arendt é que:

Toda a verdade era que se o povo judeu estivesse realmente desorganizado e sem liderança, teria havido caos e muita miséria, mas o número total de vítimas dificilmente teria sido entre quatro e meio e seis milhões de pessoas.¹⁶

É notável o protagonismo que os Conselhos Judaicos tiveram nas obras de Raul Hilberg e de Hannah Arendt. Em seus respectivos estudos, os dois intelectuais utilizaram argumentos que fortificavam a ideia de que a instituição teria parte da culpa por ter colaborado com os nazistas durante os anos de funcionamento e gerenciamento das comunidades judaicas na Europa.

Na introdução do segundo volume de sua importante obra sobre a Shoah, o historiador Saul Friedländer tece uma crítica sobre os escritos de Hannah Arendt acerca da suposta “colaboração” dos conselhos judaicos durante a Segunda Guerra, mas também, reconhece que há falhas, contradições e limites decisórios nas mãos dessas instituições:

Em seu altamente controverso *Eichmann em Jerusalém*, Hannah Arendt coloca parte da responsabilidade pelo extermínio dos judeus da Europa diretamente sobre os ombros de vários grupos de liderança judaica: os Conselhos Judaicos, ou Judenräte. Em tese, em grande parte não comprovada, faz dos judeus colaboradores em sua própria destruição. Na verdade, toda influência que as vítimas

a preocupação central”, pois segundo a leitura que a cientista política fez da declaração do procurador-geral de Israel, o senhor Gideon Hausner, os Julgamentos de Nuremberg, nos quais os réus foram “acusados de crimes contra membro de diversas nações”, não levaram em conta a tragédia judaica pelo simples fato de Eichmann não estar presente. Assim, como todos em Israel, o procurador-geral Hausner, acreditava que só um tribunal judeu poderia fazer justiça aos judeus, e que era tarefa dos judeus julgar seus inimigos. MARRUS, Michael. **A assustadora histórica do holocausto**. Tradução: Alexandre Martins. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003, p. 31; ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 15-16.

¹⁵ ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 122.

¹⁶ Ibid, p. 125.

poderiam ter sobre o curso de sua própria vitimização era marginal, mas algumas intervenções sem dúvida ocorreram (para o bem ou para o mal) em uns poucos contextos nacionais. Assim, em diversos cenários, os líderes judaicos tiveram uma influência (positiva ou negativa) limitada, embora não inteiramente insignificante sobre o curso das decisões tomadas pelas autoridades nacionais.¹⁷

“Ironicamente”, escreveu Michel Marrus, “nem Arendt nem Hilberg estavam muito interessados na resistência judaica, e no caso de Arendt, seus pontos de vista sobre esse assunto foram substancialmente distorcidos por aqueles que leram o seu texto”.¹⁸ Porém, o próprio historiador aponta que os argumentos apresentados por Arendt (bastante apoiada em sua obra *Origens do Totalitarismo*, publicada em 1949) fomentavam a noção de que os judeus haviam sido vítimas não de uma antipatia indelével não-judaica, mas de um “ethos” totalitário que ameaçava o mundo inteiro: os judeus, então, foram tão suscetíveis como quaisquer outros a serem sugados pela boca de um sistema totalitário e acabavam colaborando com ele. Mas, aqueles que resistiram, no entanto, foram seus heróis.¹⁹

Em outra obra de Raul Hilberg, intitulada *Perpetrators, Victims, Bystanders*, publicada em 1992, o tema da resistência possui uma maior presença, principalmente no capítulo “The Unadjusted”. Segundo Michel Marrus, Hilberg reforça sua tese de que as características marcantes da comunidade judaica na Europa durante os anos de 1933 a 1945 foram os ajustes passo a passo para a destruição, sem apresentar grandes resistências.²⁰

Outro importante historiador que pesquisou sobre a conduta dos diversos Conselhos Judaicos sob dominação nazista para responder às questões levantadas, principalmente por Hilberg e Arendt, e que ajudou a intensificar a discussão, foi Isaiah Trunk. *Judenrat*, obra publicada em 1972, deu um novo impulso ao tema; pois, se trata de uma obra rica em retratar a variedade de respostas judaicas. O

¹⁷ FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus, volume II: os anos de extermínio, 1939-1945**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 25-26.

¹⁸ MARRUS, Michael R.. **Jewish Resistance to the Holocaust**. Journal Of Contemporary History, Toronto, v. 30, n. 1, p.83-110, jan. 1995, p. 86.

¹⁹ Ibid, p. 87.

²⁰ Ibid., p. 88.

trabalho de Trunk, segundo Marrus, deu muitos exemplos para combater alegações de passividade ou deferência às autoridades nazistas.²¹

Em um texto mais recente, *Tipologia de los Judenräte en Europa Oriental*, Trunks chamou atenção para o fato de como a historiografia “criou uma concepção de identidade dos guetos, e de forma similar, as dos *Judenräte*”.²² O historiador continua dizendo que:

Em vez disso, as situações extremas sem precedentes dos guetos vieram à tona e acentuaram as diferenças existentes, manifestas e latentes, baseadas em vários fatores internos e externos, e criaram novas diferenças, derivadas da estrutura anormal do gueto. A mesma afirmação pode ser feita com relação ao *Judenräte*.²³

Em uma análise comparativa entre as várias experiências de gueto e, também, da formação e exercício dos Conselhos Judaicos, Isaiah Trunk chega à conclusão que é possível discernir diferentes tipos de *Judenrät* – com base em um esquema proposto por ele.²⁴ Sobre a posição dos Conselhos Judaicos frente ao problema da resistência, Trunk afirma que “diante desse último critério, também podemos afirmar, como em muitos outros assuntos, que não houve uma atitude uniforme”.²⁵

Havia conselhos que assumiram uma posição decididamente negativa em relação à resistência armada no gueto ou em fuga das florestas para se juntar aos guerrilheiros, essa foi a atitude assumida pela maioria dos *Judenräte*. Alguns Conselhos simpatizavam com grupos de resistência clandestinos em seus guetos, aos quais forneciam apoio moral e material. Havia até membros do Conselho que participaram

²¹ MARRUS, Michael R.. **Jewish Resistance to the Holocaust**. Journal Of Contemporary History, Toronto, v. 30, n. 1, p.83-110, jan. 1995, p. 88.

²² TRUNK, Isasiah. “Tipologia de los Judenrät em Europa Oriental”. In: BANKIER, David. **El Holocausto: Perpetradores, Víctimas, Testigos**. Buenos Aires, Argentina: Nuestra Memoria Fundación Memoria del Holocausto: Museo de la Shoá, 2004, p. 160.

²³ *Ibid.*, p. 160.

²⁴ O historiador aponta que na estrutura da “Solução Final”, embora todos os Conselhos Judaicos tenham a mesma função, ou seja, de serem “instrumentos auxiliar” para a implementar a destruição, foi possível discernir diferentes tipos de *Judenräte*, com base nos seguintes critérios: 1) A maneira como eles foram nomeados; 2) o grau em que eles eram representativos da população do gueto; 3) sua estrutura interna; 4) Seu relacionamento com outras organizações comunitárias; 5) O relacionamento mútuo entre o *Judenrät* e a polícia do gueto, subordinação a ele, igualdade em relação a ele ou mesmo hegemonia da polícia do gueto sobre o *Judenrät*; 6) As causas e o grau de oposição ao *Judenrät*; 7) A posição do *Judenrät* contra o problema da resistência armada. *Ibid.*, p. 160.

²⁵ *Ibid.*, p. 173.

ativamente de atos de resistência nos guetos durante a fase final de sua existência.²⁶

Demonstrando que não houve homogeneidade nas ações dos Conselhos Judaicos com relação a questão da resistência nos guetos, Isiah Trunk termina sua análise apontando que

[...] os estudos sobre o *Judenräte* deve continuar a encontrar documentos que permitam *uma classificação de acordo com os critérios mencionados e os novos*: somente esse tipo de análise nos permitirá conhecer mais profundamente as condições que prevaleceram nos guetos, possibilitando a criação de hipóteses metodológicas sobre a tipologia do *Judenrät* na Europa Oriental.²⁷

De qualquer modo, Trunk não abandona a premissa de enquadrar as ações dos Conselhos Judaicos em categorias pré-estabelecidas por ele, como uma forma metodológica de análise.

Dessa forma, a busca por evidências em toda Europa levou outros estudiosos a enfatizar a diversidade de circunstâncias nas quais os judeus se encontravam, fornecendo definições mais flexíveis, que abrangeriam diferentes tipos de resistência, em muitos contextos diferentes.²⁸ Se por um lado Hilberg e Arendt não enxergam qualquer tipo de ação por parte dos Conselhos Judaicos que pudessem diminuir ou evitar as políticas nazistas de exterminarem os judeus. Trunk traz outro panorama, demonstrando que, não é possível homogeneizar ações de diversos Conselhos, que possuíam diferentes formações e posições as atitudes em relação aos problemas da passividade e resistência judaica.

Entretanto, essa constatação realiza por Michel Marrus é importante, pois mostra o esforço da historiografia em definir e moldar aquilo que foi considerado como resistência frente ao contexto vivenciado pelos judeus europeus. Dessa forma, historiadores *concretizaram* e *determinaram* o que e como analisar as múltiplas ações, em momentos diferentes da experiência da Shoah, com diversos conceitos de “resistência”, negligenciado o que os sobreviventes entendiam como ações de resistência e passividade. O que às palavras Marcia Ras foi quando o tema da

²⁶ TRUNK, Isiah. “Tipologia de los Judenrät em Europa Oriental”. In: BANKIER, David. **El Holocausto: Perpetradores, Víctimas, Testigos**. Buenos Aires, Argentina: Nuestra Memoria Fundación Memoria del Holocausto: Museo de la Shoá, 2004, p. 173.

²⁷ Ibid., p. 174.

²⁸ Ibid., p. 89.

resistência havia entrado simultaneamente no campo da histórica acadêmica, bem como, na disputa de memória.²⁹

Se apropriando de uma compreensão religiosa surgida no gueto³⁰ e escrevendo na sequência das publicações de Hilberg e Arendt, o pesquisador do Holocausto, Saul Esh, argumentou que:

a reação geral das massas judaicas para com o horror nazista poderia ser chamado de *kiddush ha-hayyim*, a santificação da vida, o impulso avassalador de preservar a vida no meio da morte: foi possível reconhecer em todos os níveis esse desejo das comunidades judaicas de preservar uma vida de qualidade judaica diante da perseguição e no meio da opressão.³¹

Logo, para Esh, a sobrevivência adquire tons sagrados, e ele classifica uma série de ações como a manutenção desse dever.

O problema da resistência continuou a ser explorado pela historiografia criando cada vez mais esquemas e modelos sobre a questão. Michel Geyer, em seu artigo intitulado *Resistance as Ongoing Project: Visions of Order, Obligations to Strangers, Struggles for Civil Society*, publicado em 1992, escreveu que, a resistência (sob a ótica apresentada por Esh) incluía a “coragem civil”, como ações que mobilizavam pequenas coisas, assim como, grandes afirmações comunitárias e ataques genuínos à estrutura do governo nazista.³² O pesquisador Meir Dworzecki avaliou que a resistência das massas anônimas podia ser “medida” em termos de como eles mantiveram sua humanidade, suas manifestações de solidariedade, ajuda mútua, auto-sacrifício e toda uma gama de manifestações de segundo plano, que muitas vezes eram chamadas de “boas ações”.³³ Em um artigo para obra *El Holocausto: perpradores, víctimas, testigos* de 1986, organizada por David Bankier,

²⁹ RAS, Marcia. . Formas de resistência judia frente a La solucion final: problemas y debates. Actas y Comunicaciones del Instituto de Historia Antigua y Medieval, Buenos Aires, v. 7, n. 0, p.1-10, maio 2011. **Revista Electrónica Anua**, p. 5

³⁰ O rabi Yitzhak Nissenbaum desenvolveu no gueto de Varsóvia uma compreensão religiosa de vida e dever. Ele introduziu o conceito de *kiddush hahayim*, a santidade da vida, em lugar do mais comum *kiddush hashem*, a santificação do nome de Deus. Nissenbaum explica que durante a Idade Média os inimigos dos judeus queriam destruir seu mundo espiritual, visando convertê-los ao cristianismo. Já os nazistas estavam tentando aniquilar o povo judeu. Logo, no passado foi necessário muitas vezes sacrificar suas vidas para não renunciar às crenças, agora a obrigação sagrada era a de lutar pela sobrevivência física. Os resistentes falavam de *überleben* – permanecer vivo. SLAVUTZKY. Abrão. **O dever de memória: o levante do gueto de Varsóvia**. Coordenado por Abrão Slavutzky [et al.]. Porto Alegre: AGE/ Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2003, p. 26

³¹ MARRUS, Michael R.. **Jewish Resistance to the Holocaust**. Journal Of Contemporary History, Toronto, v. 30, n. 1, p.83-110, jan. 1995, p. 89.

³² Ibid, p. 89.

³³ Ibid., p. 89

o famoso historiador israelense Yehuda Bauer define a resistência judia durante a Shoah como “qualquer ação *grupal* conscientemente assumida em oposição as leis conhecidas, impostas e ações diretamente dirigidas contra os judeus por parte dos alemães e seus colaboradores”³⁴ e mais adiante, no artigo, ele enfatiza que, “tratou da resistência armada em primeiro lugar porque a resistência ativa desarmada se explica melhor no pano de fundo”.³⁵

Portanto, a discussão iniciada por Hilberg e Arendt teve como foco, principalmente, os Conselhos Judaicos durante a dominação nazista. Isaiah Trunk, em seus estudos, demonstrou que não há heterogeneidade de ações dos Conselhos durante a Shoah e alerta que é preciso reconhecer suas particularidades. Com a intensificação dos estudos, outras definições e perspectivas sobre a resistência ressaltaram na historiografia. A proposta do historiador Saul Esh é utilizar a religiosidade judaica como *inspiração* para a sacralização da vida durante a Shoah. Já Michel Geyer associa a resistência à coragem civil dos judeus (que é entendida por uma gama abrangente de ações). Meir Dworzecki aponta para um caminho semelhante ao de Esh, salientando que resistência está ligada a auto sacrifício, preservação da dignidade e manifestações de solidariedade entre os judeus. E, por fim, Bauer classifica apenas ações coletivas conscientemente assumidas em oposição as leis conhecidas, impostas e ações diretamente dirigidas contra os judeus por parte dos alemães e seus colaboradores

Portanto, falar de resistência, em suma, é categorizar essas ações, e, então, a partir daí, discutir o que se entende de *resistência*. A literatura sobre resistência à ocupação alemã geralmente se refere a formas coletivas, organizadas, que são diferenciadas em termos de passivo ou ativo, armado ou desarmado, espirituais ou não-espirituais, bem como muitas outras caracterizações.³⁶ Contudo, o que é semelhante a todos esses estudos, é que os cientistas sociais se concentraram em formar quadros explicativos e normativos que, quase sempre, se pautam no binômio

³⁴ BAUER, Yehuda. **Formas de Resistencia judia durante el Holocausto** in BANKIER, David. **El Holocausto: Perpetradores, Víctimas, Testigos**. Buenos Aires, Argentina: Nuestra Memoria Fundación Memoria del Holocausto: Museo de la Shoá, 2004, p. 239

³⁵ Ibid., p. 250.

³⁶ NECHAMA, Tec. **Jewish Resistance: Facts, Omissions and Distortions in Jewish Resistance against the Nazis**. Edited by Patrick Gerard Henry. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014, p. 41.

“resistência” ou “passividade”. No qual o lugar da testemunha, e de sua perspectiva sobre estas ações, parecem ter tomado pouco protagonismo ou relevância.

Deste modo, foi a partir das referências e a forma pela qual a historiografia lidou com o tema que permitiu me levar a refletir sobre essa pesquisa da forma que eu apresentei. Portanto, foi graças a essa lacuna historiográfica que pude abrir essa nova janela para estudar ações de sobreviventes durante a Shoah – segundo os seus testemunhos. Além do mais, o binômio “resistente” e “passivo” desconsidera qualquer multiplicidade de ações que poderiam emergir a partir dos estudos destes testemunhos, complexificando a temática em questão.

A historiadora Marcia Ras, realizou uma boa síntese dos resultados dos estudos de caso para obter bases empíricas com os quais os historiadores poderiam refutar ou reforçar uma determinada noção ou ideia sobre o tema. Surgiram assim, as “taxonomias” da resistência: aquelas agrupadas de acordo com critérios “geográficos” – na Europa Ocidental, central e Oriental; ou classificados por “topografia” – por proximidade ou não de florestas; por critérios de “resistência” em guetos pequenos e grandes, ou em campo de concentração ou campos de extermínio; aqueles que agrupam de acordo com o tipo de atos – individual ou coletivo, as revoltas espontâneas, organizadas, escaramuças, sabotagem etc.³⁷

De certo, houve um aumento da atenção por parte dos historiadores em classificar atitudes e condutas consideradas como resistência, e, portanto, dos sujeitos que praticaram estas ações. Como apontou Marcia Ras, a historiografia construiu taxonomias para analisar ações judaicas durante a Segunda Guerra Mundial. Encaro essa sistematização do que foi cristalizado e homogeneizado como resistência com suspeita, pois acredito que, como já abordado, foi construído por parte da historiografia sem levar em consideração a forma como os próprios sobreviventes davam sentido para suas ações e para ações de outras pessoas durante suas vidas nos guetos e nos campos, isto é, como eles classificavam as atitudes e as condutas.

Assim, deixando de lado os conceitos elaborados pelos cientistas sociais, volto-me para a forma como os próprios sobreviventes viam e categorizavam suas ações e como entendiam a “resistência” e a “passividade”. Dessa maneira, usando

³⁷ RAS, Marcia. Formas de resistência judia frente a La solucion final: problemas y debates. Actas y Comunicaciones del Instituto de Historia Antigua y Medieval, Buenos Aires, v. 7, n. 0, p.1-10, maio 2011. **Revista Electrónica Anua**, p. 6.

como estímulo a reflexão proposta por Luís Edmundo de Souza Moraes em seu artigo *Imigrantes em construção o uso de conceitos de identidade nacional na pesquisa sobre “imigrantes alemães”*, onde, analisando o discurso de um jornalista alemão, residido no Rio Grande do Sul, chamado Carl von Koseritz, identifica *tipos de alemães*, entre aqueles situados nas regiões coloniais e aqueles resididos em centros urbanos, como os do Rio de Janeiro.³⁸

O historiador chama atenção para a colossal diferença entre esses *tipos de alemães* categorizado pelo jornalista e completa que:

A diferença entre esses tipos de alemão se encontra – na perspectiva de Koseritz – no posicionamento frente aos dois estados: a Alemanha e o Brasil. Enquanto Koseritz entendi sua germanidade como *Deutschtum*, que não remete a quaisquer vínculos jurídicos-políticos, ele entende a germanidade dos outros como *Deutschländertum*, distinta da dele, visto que seu fundamento é o próprio vínculo com o estado alemão, o que, em sua opinião, impede que ambas as partes constituem um só grupo.³⁹

Mesmo que Luís Edmundo de Souza Moraes esteja analisando o processo migratório daqueles que a academia uniformizou em chamar de *alemães*, inspiro-me em seu raciocínio justamente por apresentar uma direção similar ao tratar o conceito de alemão segundo a perspectiva do imigrante, se afastando, desse modo, da ideia homogeneizante usualmente trabalhado pelos cientistas sociais. O artigo de Moraes, portanto, não utiliza o conceito de *alemão* como analítico, pelo contrário, parte da concepção nativa do conceito, segundo a perspectiva do sujeito imigrante, e como tal, pode ser mais bem operacionalizado.

De forma semelhante, a historiografia se esforçou em utilizar conceitos como “heroísmo/resistência” e “passividade” de forma que pareçam ser auto evidentes, e, por isso, não precisam de muitas explicações e razões de sua classificação e entendimento. O que proponho neste trabalho, e reafirmo que as referências historiográficas foram importantes para tal compreensão, é partir das classificações utilizadas pelos próprios sobreviventes nos momentos em que essas categorizações aparecem em seus escritos.

³⁸ MORAES, Luís Edmundo de Souza Moraes. “Imigrantes em construção o uso de conceitos de identidade nacional na pesquisa sobre ‘imigrantes alemães’ no Brasil”. In: SEYFERTH, Giralda. et al, (Orgs.) **Mundos em movimentos: ensaios sobre migrações**. Santa Maria: Ed. UFMS, 2017, 323.

³⁹ Ibid., p. 324.

Contudo, o que me interessa não é analisar os possíveis usos políticos que a historiografia fez em relação as temáticas da passividade e da resistência, pois um estudo sobre a historiografia da resistência não responderia as questões que foram motores para essa dissertação. Mesmo que essas sejam importantes para localizar este trabalho em torno da discussão e apresentar a presente proposta: é possível encontrar a noção de “santificação da vida”, apresentada por Saul Esh, nos testemunhos dos sobreviventes de Treblinka? A “coragem civil”, como apontado por Michel Geyer, é encontrado no relato de sobreviventes do gueto de Varsóvia? Até que ponto, o “auto sacrifício” e “ações de solidariedade” são considerados “resistência” pelos sobreviventes dos guetos? Estas indagações me permitiram compreender que resistência e passividade, são, em última instância, classificações de ações e condutas, ou seja, condenar ou condecorar situações e/ou indivíduos.

É neste momento que os testemunhos de sobreviventes ganham total protagonismo, visto que, é a partir das suas narrativas, que sugiro compreender em quais situações estes indivíduos categorizaram condutas e ações individuais e/ou coletivas. Em vista disso, dei-me conta que os relatos de testemunhos são a chave para responder as perguntas que tanto me impulsionaram a pensar sobre o tema da resistência e passividade.

Objetivando analisar de forma crítica os testemunhos de sobreviventes da Shoah para melhor compreendê-los e desviar das armadilhas dos escritos de memória, inspiro-me, mais uma vez, nas reflexões trazidas por outro cientista social. Pierre Bourdieu, em seu texto *Espírito de Estado: gêneses e estrutura do campo burocrático*, diz o seguinte:

Tentar pensar o Estado é expor-se a assumir um pensamento de Estado, a aplicar ao Estado as categorias de pensamento produzidas e garantidas pelo Estado, e, portanto, a não compreender a verdade mais fundamental do Estado. Esta afirmação que pode parecer tanto abstrata quanto peremptória, impor-se-á mais naturalmente, se ao fim da demonstração, concordarmos em voltar a este ponto de partida, só que municiados com o conhecimento de um dos principais poderes do Estado, o de produzir e impor (especialmente por meio da escola) as categorias de pensamento que utilizamos espontaneamente a todas as coisas do mundo, e ao próprio Estado.⁴⁰

⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996, p. 91.

Assim como Moraes, mesmo que Bourdieu tenha em pensamento outro objeto de estudo, neste caso, referindo-se à hegemonia do Estado em impor formas de pensamento por meio da escola – uma das suas principais instituições em perpetuar sua hegemonia, o que nos interessa é justamente o estímulo que ela nos oferece na reflexão diante dos relatos de sobreviventes. Estudar testemunho é correr o risco de cair exatamente onde ele quer nos levar, ou seja, examiná-lo nos seus parâmetros, mecanismos e categorias que o próprio testemunho nos apresenta.

A testemunha reflete sobre o testemunho. Esquecemos, constantemente, que *a testemunha marca um ponto de interseção entre a epistemologia e a ontologia, entre um lugar muito bem definido que classifica as coisas do mundo de acordo com a sua perspectiva*. Testemunhar, então, não é uma posição histórica. Não se testemunha a história, em vez disso, o testemunho de alguém pode (ou não) constituir a história.⁴¹

O sobrevivente que escolheu escrever a *sua experiência*, tem como ponto de partida seu próprio entendimento do que é o mundo. O testemunho, então, está sempre condicionado a fornecer categorias de pensamento e de análise segundo a sua constituição de sujeito. O sobrevivente não é uma “entidade flutuante”, pelo contrário, ele faz parte daquele mundo e o compreende de uma forma. O risco é transformar o pensamento do objeto sobre ele mesmo em ciência.

Para Bourdieu, há uma possibilidade metodológica para não correr o risco descrito acima:

É preciso levar a sério o que diz Thomas Bernhard: para termos alguma probabilidade de pensar o Estado que se pensa mesmo através daqueles que se esforçam para pensá-los (como Hegel ou Durkheim, por exemplo), é preciso tratar de colocar em questão todos os pressupostos e todas as pré-construções inscritas na realidade que se trata de analisar e no próprio pensamento dos analistas.⁴²

Para além do próprio objeto do qual Bourdieu se ocupa (o Estado), esse trecho sugere que é importante estranhar essas categorias impostas, que nos parecem naturais

⁴¹ BERNARD-DONALS, Michael; GLEJZER, Richard. **Between Witness and Testimony The Holocaust and the Limits of Representation**. Albany: State University of New York Press, 2001, p. 138-139. [tradução nossa] [grifo meu]

⁴²BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996., p.91

do próprio testemunho, estranhar sua estrutura de pensamento que ele impõe.⁴³ Romper, assim, com o conformismo lógico de que fala Bourdieu. Dessa forma, podemos assinalar que *qualquer categoria* seja ela “passividade/cordeiros” ou “resistente/heróis”, são adquiridas, utilizadas e ressignificadas pelas instituições e pela historiografia como tais, justamente porque essa noção já estava inscrita nos testemunhos. Em última instância, as instituições reposicionaram e instrumentalizaram essas categorias visando objetivos que podem ou não ser diferentes dos encontrados nos testemunhos.

Porém, é importante discutir a diferença entre *testemunho* e *memória*, pois não é incomum pensarmos, e até mesmo, utilizarmos estes dois conceitos, tão distintos, como face da mesma moeda, como se eles fossem a mesma coisa. Para Tzvetan Todorov, o testemunho, ou seja, a ação da testemunha, não é por natureza uma memória. Segundo o pesquisador búlgaro, a testemunha pode ser classificada como o indivíduo que convoca suas lembranças para dar uma forma, portanto um sentido, à sua vida, e constituir assim uma *identidade*.⁴⁴ Nesse sentido, Todorov sugere que o sobrevivente, ao realizar a ação de testemunhar, colabora na fabricação de uma identidade a partir da sua própria escrita e experiência. Para Annette Wieviorka, o testemunho ocorre particularmente quando são produzidos como parte de um movimento cultural maior, como expressão do discurso ou dos discursos valorizados pela sociedade no momento em que as testemunhas contam suas histórias, tanto quando elas geram uma experiência individual.⁴⁵

O testemunho, uma ação individual, para se tornar memória, precisa passar por um procedimento de institucionalização, precisa integrar uma narrativa mais complexa, mais coesa, mais organizada, mais direcionada. Para Wieviorka, apesar de sua

⁴³ Neste ponto da discussão acredito que seja interessante abordar as diferenças nos tipos de narrativas encontradas por sobreviventes: diários, crônicas e autobiografias. Crônicas muitas vezes podem parecer diários, mas não são. Crônicas narram acontecimentos de forma “objetiva” e “imparcial” cronologicamente e são escritas por uma só pessoa. Os diários limitam-se, normalmente, à experiência vivida pelo autor (ou autores); contam-nos os seus pensamentos e sentimentos, e são de alguma forma uma confissão. P. Lejeune define a autobiografia como texto literário marcado por ser um relato primordialmente em prosa e por tratar da vida individual, constituindo-se na história de uma personalidade, na qual autor, narrador e personagem mantêm uma relação de identidade, estando ligados através de um pacto. Tal narrativa caracteriza-se pela autenticidade, evidenciada pela assinatura, pelo nome próprio. Essas ponderações vão de encontro com a discussão abordada acima, justamente porque são gêneros literários que possuem uma forte presença do autor e como ele enxerga e classifica o mundo a sua volta, dessa forma, romper as estranhas de suas narrativas com as categorias de análise, é pegar uma terceira via para iniciar uma nova perspectiva sobre o testemunho. RINGELBLUM, Emmanuel. **Crônica do Ghetto de Varsóvia**. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1964, p. 20 e TEIXEIRA, Leônia. Escrita Autobiográfica e Construção Subjetiva. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 37-64, jan./ abr. 2003.

⁴⁴ TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**: indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002, p. 151

⁴⁵ WIEVIORKA, Annette. **The era of the witness**. New York: Cornell University Press, 2006, p. XII.

“singularidade”, os testemunhos chegam a participar de uma memória coletiva – ou de memórias coletivas – que variam em sua forma, função e nos objetivos implícitos ou explícitos que estabelecem para si mesmos.⁴⁶ Desconfio da singularidade dos testemunhos mais que Wieviorka, justamente pelas considerações já estabelecidas pelas reflexões de Pierre Bourdieu, e pelo testemunho precisar passar por uma “institucionalização” para ser incorporada na memória. Se um testemunho precisa se enquadrado para se tornar memória, automaticamente, há um esforço de padronizar esses testemunhos de acordo com o que se quer contar sobre o passado. Nesse sentido, a memória individual do sobrevivente, precisa ser integrada e moldada para se tornar uma memória.

Nas palavras do historiador italiano Alexandre Portelli, que trabalhou com as memórias do massacre de Civitella durante décadas na ocupação nazista, é pontuada tal questão:

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para cultura inteira; sabemos que não é assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de uma forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada. [...] Ela só se torna memória coletiva quando é abstraída e separada da individual: no mito e no folclore. [...] *nas instituições* [...] que organizam memória.⁴⁷

Aqui Portelli desconfia da noção de memória coletiva abordada por Wieviorka e defendida primeiramente pelo sociólogo francês da escola metodológica durkheimiana Maurice Halbwachs, que publicou uma famosa obra *A Memória Coletiva*, em 1925. Para o sociólogo francês, esses são os pontos de referências que estruturam e inserem a memória individual na construção e pertencimento naquilo que ele chama de memória coletiva. Esses pontos de referência que ligam a memória isolada a uma coletividade são hierarquicamente construídos e dão coesão a um determinado grupo.

Em vários momentos, Halbwachs insinua que existe um processo de “negociação” entre a memória coletiva e as memórias individuais. É neste ponto que Michel Pollak também tece suas críticas ao estudo do sociólogo francês, a partir das

⁴⁶WIEVIOKA, Annette. **The era of the witness**. New York: Cornell University Press, 2006, p. XII., p.XII.

⁴⁷ PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana". In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996, p. 127.

contribuições do construtivismo, para se estudar o fenômeno da memória. Não é o suficiente colocar os fatos sociais na categoria de coisas, mas sim, investigar os motivos pelos quais os fatos sociais se tornam coisas, por quem eles são sedimentados e perpetuados. Além disso, Pollak, assim como Portelli, reconhece o caráter potencialmente problemático de uma memória coletiva, pois anuncia a inversão de perspectiva que marca os trabalhos atuais sobre esse fenômeno.⁴⁸

Vimos que o testemunho se torna parte de uma memória quando ela é abstraída do ceio individual e reorganizada dentro de uma perspectiva coletiva. Podemos também observar, tanto no texto dos historiadores Portelli quanto nos de Pollak, a proeminência das instituições e seus agentes para organizar e dar um sentido a essas narrativas seguindo um projeto bem definido. Portanto, mesmo com algumas divergências acerca da posição da memória coletiva, todos os autores citados assumem a posição de que a memória é um instrumento para reforçar uma dada noção e ideia que se quer ter, segundo a visão de um grupo bem definido, de um projeto político bem delimitado, para a criação de uma *identidade*. Mesmo que essas tentativas de enquadrar a memória seja sempre um campo em disputa. Essas pontuações até aqui foram necessárias não apenas para lidar metodologicamente com o testemunho, mas também para observar como as narrativas produzidas pelos sobreviventes podem ser instrumentalizadas para incorporar-se a uma narrativa política e/ou sedimentar generalizações sobre um tema específico, no caso deste trabalho, os temas da “resistência” e “passividade”.

Dessa maneira, o objetivo que guiará a presente dissertação consiste em investigar como as noções de resistência e passividade são empregadas e, portanto, entendidas nos testemunhos de sobreviventes. Nesse sentido, meu propósito é de analisar quando e em quais circunstâncias os sobreviventes começam a classificar ações como ações de resistência (e passividade) e quando este tópico se torna importante dentro do testemunho; e, por fim, investigar quais eram as finalidades destas ações ditas como resistência encontradas nos testemunhos dos sobreviventes.

E, dessa forma, juntamente com as ponderações acima, para que possa chegar no resultado esperado, acredito que dois grandes eixos metodológicos são primordiais para alcançar esse objetivo. A primeira frente, já apresentada, consistindo na discussão entre história e memória, construção da narrativa testemunhal e a posição do sobrevivente no seu mundo e como ele o classifica. Todos os sobreviventes classificam ações ou

⁴⁸ POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, 1989, p. 4

conduta da mesma forma? As categorias e noções por eles evidenciados são homogêneas em toda a sua narrativa? Essas classificações podem mudar dependendo da posição social, gênero, profissão, geração do sobrevivente? Para responder esse tipo específico de questões, compreendi que o campo da História Comparada, o processo de cruzar e comparar narrativas de sobreviventes, é potente para a pesquisa, ao demonstrar as peculiaridades e diferentes nuances que essas noções podem apresentar nos testemunhos.

Porém, o tema da comparação se mostrará ainda mais eficiente após apresentar os quatro principais testemunhos que selecionei, pois o motivo pelos quais eu os escolhi foi pensando justamente como a comparação poderia ser altamente proveitosa para responder as questões levantadas.

Escolhi trabalhar com dois testemunhos de sobreviventes do campo de extermínio de Treblinka e dois testemunhos que tiveram suas experiências no gueto de Varsóvia. Justifico a escolha dos escritos de memória dos sobreviventes de Treblinka (ao invés, por exemplo, dos escritos testemunhais de Auschwitz, como os de Primo Levi), pois estes sobreviventes, *de um tipo particular*, escreveram em condições ainda mais *extremas* – pouquíssimos judeus sobreviveram a Treblinka e um número ainda menor escolheu escrever sobre sua experiência no campo de extermínio. Além disso, os dois sobreviventes selecionados construíram suas narrativas em espaços distintos do campo. Richard Glazar permaneceu trabalhando por todo o período, até o dia do levante, no “campo I”, enquanto Chil Rajchman, após alguns meses trabalhando no “campo I”, foi transferido para o “campo II” – o campo da morte, onde se tornou o vigésimo dentista⁴⁹ de Treblinka (vide anexo G e/ou H). Dessa forma, a potencialidade de cruzar narrativas em espaços distintos e comparar a construção do plano de levante nos dois campos é bastante promissora.

Nas experiências do gueto de Varsóvia, mesmo com muitos testemunhos publicados, gostaria de entender como as narrativas foram construídas em torno de diferentes posições sociais do gueto. Mary Berg e Wladislaw Szpilman me possibilitam essa comparação. Berg sendo uma adolescente de uma família abastada de Lodz e com a mãe nascida nos Estados Unidos, se muda com seus familiares para Varsóvia fugindo da invasão nazista no início da guerra. Mary Berg, portanto, faz parte da “juventude de

⁴⁹ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 83.

ouro”⁵⁰ do gueto, jovens que frequentavam os teatros e bares famosos e moravam no chamado pequeno gueto de Varsóvia (vide anexo A e/ou B). Por outro lado, o famoso pianista Wladislaw Szpilman, mesmo pertencendo à uma família de classe média, não possuía os mesmos privilégios que a família Berg. Contudo, devido ao seu prestígio social, Szpilman consegue (e precisa) circular nos espaços da elite. Por esses motivos, gostaria de entender como esses dois sobreviventes classificam ações partindo de posições sociais distintas.

O diário de Mary Berg foi publicado antes que a Segunda Guerra Mundial conhecesse seu desfecho. Ela e sua família chegaram em Nova York antes do verão de 1944, ao mesmo tempo que na Europa, os judeus húngaros, membros da última das comunidades europeias, estavam sendo mandados para serem assassinados nas câmaras de gás em Auschwitz. Mary Berg não foi a única testemunha desses crimes a se expressar em inglês antes do fim da guerra.⁵¹ Foram publicados alguns artigos e panfletos que registravam relatos de testemunhas oculares entre 1942 e 1943, e testemunhos em primeira mão também foram incluídos em um livro sobre a comunidade judaica polonesa em 1943.⁵² No entanto, o diário de Mary Berg foi o primeiro relato publicado em inglês a descrever os fatos desde o estabelecimento do gueto até as primeiras deportações que aconteceram entre julho e setembro de 1942.

Também foi um dos primeiros relatos pessoais a descrever o uso do gás para matar a população judaica em Treblinka.⁵³ Logo depois da sua publicação em fevereiro de 1945, o diário foi traduzido para várias línguas.⁵⁴

Wladislaw Szpilman escreveu seu relato logo depois da guerra, em 1945. Sua primeira edição apareceu em polonês com o título *Smierc miasta (A cidade morta)* 1946, alterada e editada pela censura soviética. No início dos anos 60, várias editoras tentaram tornar este livro acessível, (no prefácio da edição utilizada nessa dissertação,

⁵⁰ Um documento recuperado dos arquivos do *Oneg Shabbat* refere-se à mocidade “privilegiada” do gueto, sobretudo refugiados de Lodz e cidades vizinhas, a quem chamava afrontosamente de “juventude de ouro”. BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. XXIV.

⁵¹ A primeira versão do relato do sobrevivente Bruno Bettlheim também foi publicada em um artigo ainda nos anos de 1943, intitulado *Individual and mass behavior in extreme situations* publicado no periódico *Journal of Abnormal and Social Psychology*, n 38, pp. 417-452 ver: BETTELHEIM, Bruno. **O Coração informado**: autonomia na era da massificação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 89.

⁵² Ver nota 5 em: BERG, Mary op. cit., p. XVII

⁵³ Ibid., p. XVII

⁵⁴ Ibid., XVIII

escrita pelo filho de Wladislaw Szpilman, Andrzej Szpilman, ele não expõe mais detalhes dos motivos pelos quais a obra não foi publicada antes do final dos anos 2000), mas nunca conseguiram. Decorridos mais de cinquenta anos, o livro “apareceu” novamente, primeiro na Alemanha. Adquiriu então, imediatamente, a posição dos mais importantes documentos ligados aos acontecimentos da última guerra. A mais respeitada revista alemã, *Der Spiegel*, dedicou-lhe oito páginas. Em 1999, o livro foi editado na Inglaterra, Holanda, Itália, Suécia, Japão e nos Estados Unidos e passou a figurar na lista dos melhores livros daquele ano em diversos jornais, tais como *Los Angeles Times*, *The Times*, *The Economist* e *The Guardian*.⁵⁵ Em 2002, o diretor polonês judeu Roman Polanski adaptou a obra para a cinematografia com o título *O Pianista*, o qual foi o ganhador do prêmio mais prestigiado no importante festival de Cannes.

Chil Rajchman, um judeu natural da cidade polonesa de Lodz, foi deportado para Treblinka em meado de agosto de 1942, junto com sua irmã Rivke. Chegando em Treblinka, foi designado para trabalhar na brigada de *tonsuradores* (judeus responsáveis por raspar o cabelo das judias antes de irem para câmaras de gás), “sorte” essa que sua irmã caçula não teve. Por um ano, Chil Rajchman sobreviveu ao maior campo de extermínio do III Reich, até participar do levante no dia 02 de agosto de 1943. Se libertando do campo, e dando poucas explicações de seus passos até alcançar Varsóvia, portando uma identidade ariana falsa, Chil Rajchman permaneceu na capital polonesa até o fim da guerra.

Foi durante esse período em que esteve em Varsóvia que ele escreveu seu caderno de memória sobre sua experiência em Treblinka, entre os anos de 1943-44, contudo, sua publicação só foi realizada após a sua morte em 2006, em língua francesa. No Brasil, sua autobiografia foi publicada, traduzida a partir da edição francesa, pela editora Zahar em 2009 com o título de *Eu sou o último judeu: Treblinka 1942-1943 – edição utilizada neste trabalho*.

Assim como Chil Rajchman, Richard Glazar foi um dos pouquíssimos sobreviventes de Treblinka e, sobretudo, um dos poucos que escolheram por escrever suas memórias. Com sua autobiografia intitulada *Trap of Green Fence*, publicada primeiramente em alemão, em 1992, e posteriormente em inglês, três anos depois (a

⁵⁵ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 12-13. BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 38.

versão trabalhada nessa dissertação). Glazar narra, também, como foi sua experiência no campo de extermínio entre outubro de 1942, quando ele e centenas de judeus tchecos foram deportados do campo de Theresienstadt para Treblinka, até a revolta que explodiu no campo na data supracitada. A possibilidade de sobrevivência dos dois jovens judeus à experiência de um campo de extermínio só pode ter sido possível justamente porque os dois participaram do levante que estourou no campo em agosto de 1943. Pois, diferentemente de outros campos, até mesmo de Auschwitz, Treblinka possuía um único propósito de funcionamento: o extermínio.

E para responder as perguntas desse tipo específico, na qual quero compreender como diferentes classificações e noções são encontradas em diferentes testemunhos ao longo de suas narrativas. Os estímulos e ponderações do campo da História Comparada me oferecem ferramentas importantes para tal análise. Outro motivo para justificar o uso da comparação é devido ao fato que as discussões comparativistas fazem uma crítica tanto a *hiper-singularidade* quanto a *hiper-generalização*, duas esferas que não me servem para entender como os sobreviventes classificam ações em momentos específicos.

De uma forma geral, Peter Baldwin declarou que “somos, por profissão, historicistas no sentido de Ranke, vendo o passado como único e inexplicável, exceto pelo entendimento particularista”.⁵⁶ O maior receio por parte dos colegas historiadores em utilizar o campo da História Comparada como uma ferramenta metodológica para a construção do conhecimento histórico, é, portanto, cair nos esquemas explicativos gerais, anulando, dessa forma, as características específicas e especiais do processo histórico. Mas, não foi parte da historiografia que criou esquemas e modelos explicativos para classificar as ações dos judeus durante a Shoah?

A abordagem comparativa está, portanto, sempre parcialmente em desacordo com esses “princípios básicos da erudição histórica”.⁵⁷ Segundo Haupt e Kocka,

As comparações pressupõem que os objetos de comparação possam ser isolados, que seus contextos de desenvolvimento possam ser utilmente dissecados em partes separadas. A relação de duas ou mais

⁵⁶ BALDWIN, Peter. Comparing and generalizing: why all history is comparative, yet no history is sociology. In: COHEN, Deborah; O’CONNOR, Maura. (eds.) **Comparison and History: Europe in cross-national perspective**. New York and London, Routledge, 2004, p. 3.

⁵⁷ HAUPT, Heinz-Gerhard; KOCKA, Jürgen. Comparative History: methods, aims, problems. In: COHEN, Deborah; O’CONNOR, Maura. (eds.) **Comparison and History: Europe in cross-national perspective**. New York and London, Routledge, 2004 p. 25.

unidades de comparação entre si não pode geralmente ser concebida como uma relação entre estágios de um desenvolvimento ou momentos de causalidade mútua, mas apenas como casos independentes relacionados pelo dispositivo de uma pergunta geral e medidos em termos de “semelhanças” e “diferenças”.⁵⁸

Este é mais um estímulo consequente do campo da História Comparada para analisar os testemunhos de sobreviventes: as quatro narrativas selecionadas foram escritas de forma independentes. Assim, consigo ao mesmo tempo, isolá-las e compará-las entre si e observar como o tema da passividade e resistência é desenvolvido em cada uma delas. Por fim, com intuito de valorizar *contrastes* sobre *generalizações*, historiadores tendem a se interessar mais pelas *diferenças* do que pelas *semelhanças* entre seus casos.⁵⁹

O conhecimento histórico é sempre dependente em seus métodos de ênfase, sempre seletivo e (re)construtivo. A história comparativa apenas tende a tornar essas propriedades inevitáveis ainda mais óbvias. Os historiadores sempre precisam definir suas unidades de estudo com muito cuidado, para evitar mal-entendidos e obter clareza. A história comparativa nos torna mais conscientes de nossas seleções.⁶⁰

Como já apresentado, as unidades que eu proponho são quatro testemunhos de judeus que sobreviveram a Shoah: dois testemunhos de experiência do gueto de Varsóvia, e dois escritos de sobreviventes do campo de Treblinka. Os quais pretendo compreender como esses sobreviventes evidenciam e classificam ações de resistência e passividade. O segundo problema reside em:

O quê e quem devemos comparar? A comparabilidade de dois ou mais objetos é determinada principalmente pelas perguntas feitas. Não devemos tentar comparar o incomparável; nesse sentido, os objetos de comparação devem mostrar uma semelhança mínima para permitir a comparação, o que obviamente significa que eles podem ser estudados em relação às suas diferenças. Em suma, o historiador deve definir com antecedência qual é a intenção real da comparação e se as

⁵⁸HAUPT, Heinz-Gerhard; KOCKA, Jürgen. **Comparative History: methods, aims, problems.** In: COHEN, Deborah; O’CONNOR, Maura. (eds.) **Comparison and History: Europe in cross-national perspective.** New York and London, Routledge, 2004., p. 25

⁵⁹ Ibid., p. 26.

⁶⁰ Ibid., p. 26.

questões que se colocam são relevantes e se a escolha dos casos para comparação pode ser justificada.⁶¹

O que proponho a ser comparado são, principalmente, a categorização e formação das noções de passividade e resistência em quatro testemunhos, respeitando as esferas da experiência de cada sobrevivente. Comparar o incomparável, neste caso, é tentar, por exemplo, equiparar o testemunho de Mary Berg, sediado no gueto de Varsóvia, com de Richard Glazar, o qual teve uma experiência considerada “ainda mais extrema” em Treblinka. Por isso, a semelhança mínima as quais Haupt e Kocka sugerem foi pautada, primordialmente, no lugar de experiência do sobrevivente. Porém, para além disso, a minha intenção final é verificar se, mesmo em ambientes similares, os sobreviventes classificam ações da mesma forma em circunstâncias similares. Pois entendo que a categorização de uma ação está intimamente ligada a forma como o sobrevivente enxerga e classifica o mundo que o cerca. Portanto, mais uma vez reafirmo que as noções de “resistência” e “passividade” não são, neste trabalho, conceitos analíticos externos ao testemunho, pelo contrário, pretendo compreender como, quando e porque, essas categorias surgem no testemunho.

Assim sendo, a dissertação foi pensada e organizada da seguinte forma: a primeira parte do primeiro capítulo foi dedicada a fazer um apanhado de como a noção de passividade atrelado a diáspora foi negada e fortalecida na leitura sionista, e a partir daí, comparar como e quando a analogia “dos carneiros indo para o abate” aparecem em testemunhos de sobreviventes, para assim, observar se a ocorrência do uso da metáfora corrobora ou não com as generalizações e esquemas historiográficos.

A segunda parte do primeiro capítulo consiste em analisar como e quando os sobreviventes classificam ações de passividade (ou formas outras de classificar ações) no espaço do gueto de Varsóvia e no campo de Treblinka. No que tange as experiências de Mary Berg e Wladislaw Szpilman, tomei duas decisões metodológicas. A primeira consiste na compreensão de existiu uma diferença substancial na categorização de ações antes e depois da instauração do gueto, e, portanto, dividi a análise nesses dois marcos de experiência. A segunda é que a investigação para esta dissertação apenas levará em consideração os relatos de Berg e Szpilman enquanto os dois estiverem no gueto de

⁶¹ HAUPT, Heinz-Gerhard. KOCKA, Jüngen. **Comparative History: methods, aims, problems**. In: COHEN, Deborah; O'CONNOR, Maura. (eds.) **Comparison and History: Europe in cross-national perspective**. New York and London, Routledge, 2004, p. 25.

Varsóvia. Sendo assim, não analisando categorias e noções por eles utilizados quando deixam o gueto (Mary Berg e sua família deixam o gueto de Varsóvia em meados de julho de 1942, antes do início das grandes deportações e Szpilman consegue fugir do gueto em algum momento em janeiro ou fevereiro de 1943).

De forma semelhante, investiguei os testemunhos de Chil Rajchman e Richard Glazar até o acontecimento do levante do campo, pois assim como nos escritos de Berg e Szpilman, o que me interessa no trabalho é compreender como e quando essas categorias emergem no testemunho durante a experiência do campo de extermínio. Assim sendo, também finalizo a investigação no momento em que dois conseguem escapar de Treblinka.

O segundo capítulo é inteiramente dedicado a investigação, na mesma estrutura apresentada acima, de como os sobreviventes classificam ações de resistência (e ações outras, também) durante o mesmo período, tanto no campo de Treblinka (até o momento do levante), quanto a experiência antes e depois da instauração do gueto de Varsóvia. Contudo, é importante apontar que no caso da experiência do gueto, apenas Wladislaw Szpilman se encontrava residente no espaço durante a “revolta de janeiro” de 1943, pois Berg e sua família, sob a condição de cidadãos estrangeiros (graças à cidadania norte-americana de sua mãe) já se encontrava, desde meado de julho de 1942, na prisão Pawiak, portanto, fora dos limites do gueto, e por isso, para não entrar em nova perspectiva de análise, desconsidero sua visão sobre este acontecimento.

Em resumo, o que pretendo demonstrar ao final da pesquisa é, portanto, que as noções e categorias de “passividade” e “resistência” nos testemunhos não são categorias fixas e imutáveis. Ao contrário disso, essas classificações estão intimamente ligadas ao contexto/acontecimento que o sobrevivente narra ou descreve. Nesse sentido, ao comparar os testemunhos entre si, considerarei a possibilidade de que há discordância de como essas categorias são acionadas por eles. Mostrarei, desse modo, que o sentido atribuído pelo sobrevivente às ações de resistência e de passividade, são sempre condicionadas a um contexto diante de um acontecimento imediato. Dessa forma, qualquer engessamento ou homogeneização dessas categorias encontradas no testemunho, é um deslocamento de sentido e de contexto original. Porém, isso não anula a ocorrência de que, em determinados momentos, essas noções e categorias, sejam similares entre as narrativas.

PASSIVIDADE

I.

PRIMEIRA PARTE: A passividade judaica na Segunda Guerra Mundial: perspectiva sobre o Exílio até o chamado de Abba Kovner.

O capítulo tem como o principal objetivo analisar como é construída a ideia de passividade relacionada as comunidades judaicas europeias, durante a Segunda Guerra Mundial, a partir dos testemunhos de sobreviventes. Porém, é preciso recuar décadas antes do conflito para entendermos que esta percepção não foi inaugurada com a guerra, pelo contrário, ela já circulava e era acionada para propósitos políticos tanto por aqueles que eram classificados como “antisemitas” como pelos próprios judeus nacionalistas.

I.1. A “negação” da diáspora e o sionismo: uma narrativa ininterrupta

Antes de entramos na discussão propriamente dita, acredito que seja adequado explicar como que penso o termo empregado no título desse subtópico, *negação*. Utilizo este termo de forma maleável, pois penso que a negação da diáspora possui um duplo movimento. O primeiro é de sedimentar uma separação entre o judeu sionista, principalmente que já estava estabelecido na Palestina inglesa antes e durante a Segunda Guerra Mundial, dos judeus da diáspora, os que estavam, pela leitura sionista, inseridos na lógica da “mentalidade de gueto”,⁶² aquela multidão que se deixou ser assassinada de forma passiva. O segundo movimento está relacionado, justamente, em fortalecer essa distinção, “nós” (judeus sionistas estabelecidos principalmente na Palestina) versus “eles” (judeus da diáspora, os que estão conformados no pensamento de gueto). Sendo assim, o movimento sionista, ao mesmo tempo que nega a diáspora, mas se apropria de suas condições e mecanismo para fortalecer seu discurso.

Outro ponto importante para esse subtópico é apresentar que essa discussão foi baseada em uma parte da produção historiográfica sobre o tema. Não é intuito do

⁶² Que implica em um padrão comportamental e social das comunidades judaicas no continente europeu frente a uma ameaça ou violência, as quais estas comunidades repetem uma série de ações por não possuírem autonomia política para se auto protegerem.

tópico realizar um debate historiográfico mais amplo sobre o tema da diáspora, mas sim, demonstrar que parte de seus pesquisadores possuem estas proposições.

A ideia do Estado judeu é antiga, ela surge num mundo em que problemas com nacionalidade buscam expressão através da criação do Estado nacional, isto é, em pleno século XIX.⁶³ Para Jaime Pinsky, é habitual confundir identidade nacional com simples expressão de nostalgia. A literatura sionista passa, com frequência, a ideia de que Sion é Jerusalém, Jerusalém é a nação, a nação é o Estado. Portanto, desde o exílio babilônico (586-536 a.C.) já se achavam estabelecidas as bases do sionismo político.⁶⁴ Como irei apresentar, haverá uma série de esforços por parte de historiadores sionistas, através de uma “historiografia oficial”, em assinalar “o retorno à pátria abandonada”, na qual se converteu em fator de explicação da “sobrevivência da nação judaica na diáspora”. Essa formulação exige, desde logo, a aceitação de uma concepção de “pátria abandonada” e outra de “pátria judaica na diáspora”.⁶⁵ Dois historiadores se destacam na elaboração de uma “narrativa oficial” para se pensar na continuidade e unidade do povo judeu. Os historiadores Ben Zion Dinur e Yitzhak Baer.

Ben Zion Dinur nasceu em 1884 na Ucrânia e foi educado em uma *yeshiva*⁶⁶ de Vilnus e continuou seus estudos de história na Alemanha. Iniciou sua obra historiográfica original antes mesmo de sua nomeação para o cargo de professor na Universidade de Jerusalém na década de 1930. Desde 1918, três anos antes de sua emigração para Palestina, publicou em hebraico, em Kiev, *História de Israel*, que constitui o primeiro volume da obra principal de sua existência: a coleta e a reunião de fontes e documentos que permitem esboçar uma narrativa contínua e “orgânica” da história dos judeus.⁶⁷ Dinur se tornou um nome de peso dentro da estrutura acadêmico-política antes e depois da criação do Estado de Israel. Foi chefe do *Jewish Teachers Training College* [Escola de Treinamento de professores judeus], entre 1923 a 1948; foi um dos fundadores da primeira escola de hebraico em Jerusalém em 1936, e neste mesmo ano, foi nomeado professor de história judaica moderna na Universidade Hebraica. Foi membro da primeira formação do *Knesset* (parlamento

⁶³ PINSKY, Jaime. **As origens do nacionalismo judaico**. São Paulo. Editora Ática, 1997, p. 113.

⁶⁴ *Ibid.*, p.113.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 113-114.

⁶⁶ Yeshivá é o nome dado às instituições que incidem sobre o estudo de textos religiosos tradicionais, principalmente o Talmud e a Torá. (NA)

⁶⁷ SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. Editora: Benvirá, 2014, posição 2453. [e-book]

israelense) em 1949. Dinur serviu como ministro da Cultura e Educação do governo de Israel de 1951 a 1955. Foi um dos fundadores e, de 1956 a 1959, o presidente do Memorial do Holocausto Yad Vashem. Foi presidente da Diretoria do Arquivo Central para a História Judaica e presidente do Congresso Mundial de Estudos Judaicos.⁶⁸ Sua produção acadêmica juntamente com seu engajamento dentro das políticas públicas, ajudou a sedimentar na perspectiva do Estado de Israel, o que o próprio Ben Zion Dinur chamava de “consciência histórica”. Que para o historiador sionista, era quase sinônimo de “consciência nacional” que consiste na “consciência coletiva do povo, sua singularidade, a singularidade de sua existência, como uma coletividade, que possui auto essência, distinta de outras e ininterrupta”.⁶⁹

O historiador germano-israelense Yitzhak Baer, amigo próximo de Ben Zion Dinur, especialista em história judaica espanhola medieval, ao emigrar para a Palestina, em 1929, é convidado para a cátedra de história judaica na recém-criada Universidade Hebraica. Na década de 1930, ele é convidado a realizar uma crítica a obra *Uma história social e religiosa dos judeus*, do famoso historiador Salo Wittmayer Baron, para a revista *Sião*.⁷⁰ Assim como seus célebres predecessores, Herinrich Graetz e Simon Dobnov, Salo Baron não era explicitamente sionista, embora a ideia de uma soberania moderna de parte dos judeus sobre eles próprios também não lhe fosse distante.⁷¹

A crítica de Yitzhak Baer faz à obra de seu colega Baron parte da premissa que o historiador norte-americano havia lido a história bíblica da perspectiva do exílio enquanto deveria ter feito justamente o contrário. A chave da compreensão do “fenômeno judeu” se encontra, na concepção que Baer nomeia, seguindo seus mestres alemães, de “orgânica”. A qual é necessário compreender inicialmente a origem dos sujeitos humanos para poder chegar à compreensão do processo de seu percurso histórico. Para Yizhak Baer, a história dos judeus possui uma continuidade orgânica reunida e unificada pelas etapas de seu desenvolvimento, de sua origem até o presente.⁷² Em 1936, Baer publicou seu livro intitulado *Galout* (Exílio) em Berlim,

⁶⁸ RAM, Uri. **Israeli nationalism: social conflicts and the politics of knowledge**. London: Routledge, 2011, p. 10-11.

⁶⁹ Ibid, p. 11

⁷⁰ SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. Editora: Benvirá, 2014, posição 2356. [e-book]

⁷¹ Ibid, posição 2261. [e-book]

⁷² BAER, Yizhak. “A unidade da história do povo judeu de Israel e os problemas de seu desenvolvimento orgânico”. In: Estudos sobre a história do povo de Israel, Jerusalém: Sociedade Histórica Israelita, 1985,

uma espécie de condensado teórico do conjunto do trabalho historiográfico que ele conduziria nos anos seguintes.⁷³ Em um dos trechos finais do seu livro, o historiador concluía que:

De fato, o exílio contraria a ordem instaurada por Deus que prescreve a cada nação seu lugar, atribuindo ao povo judeu seu lugar natural na terra de Israel. *O Exílio significa deixar seu lugar natural*, mas tudo que deixa seu lugar natural perde sua estrutura natural enquanto não voltar para lá. Porque os judeus constituem uma unidade nacional, e isso em um nível bem superior ao da unidade nacional dos outros povos, é necessário que eles encontrem sua unidade de fato.⁷⁴

Entretanto, essas discussões não ficaram centradas apenas nos círculos acadêmicos, onde historiadores rebatem as teses e argumentos um dos outros por resenhas e revistas universitárias. Essas discussões tomaram espaços públicos e políticos, como, por exemplo, a coletânea de artigos escritos por David Ben-Gurion, que foi chefe do Estado de Israel em seus primeiros anos, intitulada *Reflexões sobre a Bíblia*, publicado em 1969. O político israelense diz que:

Ao sair para a diáspora, nosso povo foi arrancado da terra sobre a qual a bíblia germinou e foi tirado do âmbito da realidade política e espiritual na qual se desenvolveu. [...] No exílio, a imagem de nosso povo foi distorcida, deformada como o da bíblia. Os pesquisadores bíblicos cristãos, em sua parcialidade cristã e antisemita, fizeram da bíblia o caminho para o cristianismo, e os próprios comentadores judeus, tirados do ambiente bíblico e de seu clima espiritual e material, não podiam mais compreender os livros dos livros como ele o merecia. É apenas agora que, livres em nosso país, nós respiramos novamente o ar que envolvia a bíblia.⁷⁵

Para Baer e Ben-Gurion, a história bíblica informava a origem então embaçada e tímida: a ruptura com o “exílio” estrangeiro e o retorno à matriz da terra calorosa que deu origem ao povo eleito.⁷⁶ Com a Shoah, essa assertiva não era mais tímida ou embaçada, era categórica e primordial. Essa nova historiografia nacional, pós independência do Estado de Israel, narra um perene “povo judeu”, que apesar da

pp. 27-32 apud SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. Editora: Benvirá, 2014, posição 2267. [e-book]

⁷³ Ibid., posição 2378. [e-book]

⁷⁴ BAER, Itzack. **Galut**. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 131-132

⁷⁵ GURION, David Ben. **Reflexões sobre a Bíblia**. Tel-Aviv: Am Oved 1969 [em hebraico]. p. 91 apud SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. Editora: Benvirá, 2014, posição 2545. [e-book]

⁷⁶ Ibid., posição 2399. [e-book]

dispersão espacial e temporal, as rupturas preservaram sua identidade comum. O sionismo⁷⁷ é concebido como o “telos da judaicidade” e do judaísmo, como o clímax dramático - uma redenção - de um longo período de exílio repleto de perseguição, ou, na versão pós-Segunda Guerra Mundial do sionismo, que culminou em um ponto trágico de destruição: o Holocausto.⁷⁸ A diáspora resultou no judeu submisso, ou seja, aquele que foi perseguido, violentado e exterminado, e a única alternativa a isso, foi a criação do Estado de Israel.

I.2. Como Carneiros para o abate: o chamado de Abba Kovner durante a Segunda-Guerra Mundial.

Abba Kovner nasceu na cidade de Sevastopol na Rússia em 1918 e foi educado em uma escola de ensino médio em Vilna e em uma escola de artes. Já no período da Segunda Guerra, em 1940-41, sob a ocupação soviética, Kovner participou de atividades clandestinas a qual se tornou líder e foi integrante de um partido sionista.⁷⁹ O Pacto Ribbentrop-Molotov, firmados em agosto de 1939 entre a Alemanha Nazista e a URSS, chegou ao fim com a invasão alemã aos territórios soviéticos na madrugada do dia 22 de junho de 1941. Na chamada Operação Barbarossa, as forças armadas alemãs, começaram o extermínio por fuzilamento das comunidades judaicas que estavam sob julgo de Stálin. Entre junho a dezembro daquele mesmo ano, os *Einsatzgruppen*,⁸⁰ que tiveram o trabalho de liquidar a elite polonesa no início da guerra, agora tinha a missão política de assassinar judeus, membros do partido comunista e oficiais do exército vermelho nos territórios soviéticos. Os *Einsatzgruppen* assassinaram em torno de um milhão de vítimas nos vales de Ponar próximo a Vilna, Forte IX em Kovno, Rumboli

⁷⁷ Jaime Pinsky define o sionismo como “um movimento nacional cunhado na Europa Ocidental por judeus emancipados, para responder a uma problemática da sociedade capitalista explicitada pelos judeus do Império Russo. Tanto quando a emancipação, o sionismo é negador da diáspora. Tanto quanto o antissemitismo, elabora o judeu como categoria”. PINSKY, Jaime. **As origens do nacionalismo judaico**. São Paulo. Editora Ática, 1997, p. 143.

⁷⁸ RAM, Uri. **Israeli nationalism: social conflicts and the politics of knowledge**. London: Routledge, 2011, p. 9.

⁷⁹ ZERTAL, Idith. **Israel's Holocaust and the Politics of Nationhood**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 214.

⁸⁰ Grupo de Operação (ou Ação) das polícias da SS. Cada exército continha, à parte, um grupo de operações especiais da SS, em uma estrutura relativamente grande: “estado-maior” (*Gruppenstab*) e vários “comandos de ação” (*Einsatzkommando – EK*) ou “comandos especiais” (*Sonderkommando – SK*).

próximo a Riga, Babi Yar em Kiev, no vale de Drobtzki nos arredores de Cracóvia, na Criméia, e em vários outros territórios ocupadas da União Soviética.⁸¹

Diante desse cenário, a cidade de Vilna foi um dos lugares que mais sofreram com a ação das *Einsatzgruppen*. Fazendo parte da Polônia de entreguerras, Vilna foi anexada, junto com a Lituânia, pela União Soviética em 1939. Hoje, é capital da Lituânia independente. Quando as forças armadas alemãs, em 24 de junho de 1941, conquistaram a cidade, encontraram cerca de 57 mil judeus, constituindo um terço da população local. Seis meses depois, restavam cerca de 20 mil, o restante havia sido dizimado, em sua maioria na floresta e nos vales de Ponar, como indicado acima.⁸²

Em junho de 1941, enquanto os massacres dos judeus do leste estavam em pleno vapor, Abba Kovner conseguiu encontrar refúgio com alguns amigos, que também faziam parte do movimento sionista juvenil *Hashomer Hatzair*,⁸³ em um convento dominicano e depois retornou ao gueto de Vilna em dezembro daquele ano. Na véspera do ano novo, momento no qual o movimento juvenil julgou mais seguro para realizar uma assembleia, Kovner proclamou um manifesto pedindo resistência aos judeus europeus:

Jovens judeus, não acreditem naqueles que estão tentando enganá-los... Diante de nossos olhos eles levaram nossos pais, nossos irmãos e irmãs. Onde estão as centenas de homens convocados para o trabalho? Onde estão as crianças e mulheres nuas tiradas de nós naquela pavorosa noite? Onde estão os judeus que foram deportados no *Yom Kipur*? E onde estão nossos próprios irmãos de outros guetos? Dos que foram levados pelos portões do gueto nem um só retornou. Todos os caminhos da Gestapo⁸⁴ conduzem a Ponar, e Ponar significa morte. Ponar não é um campo de concentração. Lá todos foram mortos a tiros. Hitler planeja destruir todos os judeus da Europa, e os judeus da Lituânia foram escolhidos para serem os primeiros da fila. *Não seremos levados como carneiros para a matança*. É verdade que somos fracos e indefesos, mas a única resposta ao assassinato é a

⁸¹ ARAD, Yitzhak. **Belzec, Sobibor, Treblinka: the Operation Reinhard death camps**. Indiana University Press, 1999, p. 8.

⁸² GUTMAN, Israel. **Resistência: o levante do gueto de Varsóvia**. Tradução Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995, p. 101.

⁸³ Hashomer Hatzair é um movimento juvenil escoteiro, judaico, sionista e socialista, fundado em 1913 na Galícia a partir da junção de dois grupos, Hashomer, um grupo sionista escoteiro, e Tzerei Tzion, um movimento ideológico que estudava o sionismo, o socialismo e história judaica.

⁸⁴ *Geheime Staatspolizei*, ou Polícia Secreta do Estado, criada em 1933 e herdeira da Polícia Secreta da Rússia, submetida à SS e à Departamento central da SS para Segurança do Reich. Sua estrutura e finalidade foram definidas por Hermann Göring: atuar contra casos de traição, espionagem, sabotagem e imigração. A Gestapo possuía a salvaguarda jurídica da *Schutzhaft* ou custódia preventiva, que lhe permitia prender o investigado sem qualquer prova antecipada. FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus: os anos de extermínio, 1939-1945**. v. II. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 814.

revolta. Irmãos! É melhor morrer lutando como homens livres do que viver à mercê dos assassinos. Levantem-se! Levantem-se com seu último alento!⁸⁵

O jovem Kovner observando o assassinato de judeus na Lituânia, realiza este manifesto conclamando seus companheiros se organizarem, a se rebelarem, a não ficarem a mercê de seus assassinos. Entretanto a expressão “como carneiro indo ao abate” se tornou uma metáfora amplamente difundida que personificou o sentido contrário a qual Abba Kovner utilizou em seu manifesto. Segundo o historiador Kaplan Middleton,

Ironicamente, essa enunciação de Abba Kovner era para inspirar outros judeus e os líderes das Comunidades Judaicas a se rebelarem, tanto dentro de Vilna como em outros guetos, entretanto, suas palavras foram erroneamente transformadas justamente na posição emblemática da passividade judaica durante os anos da Shoah.⁸⁶

Esta frase por si só possui uma historicidade com referências e raízes já nos escritos bíblicos, mas que teve seu uso pela primeira vez, no contexto da Segunda Guerra Mundial, por Abba Kovner, este jovem judeu que viria ser um integrante da resistência do gueto de Vilna em janeiro de 1942. Desse modo, no momento que esse discurso inflamado foi proferido diante de uma audiência judaica pedindo para que os judeus não se deixassem serem levados docilmente para a morte, não existia, em nenhum território sob a ocupação nazista, nenhuma organização ou grupo estruturado de resistência judaica.⁸⁷ O próprio Abba Kovner ainda não tinha entrado para um grupo de resistência. Contudo, em algum momento em janeiro de 1942, foi criado em Vilna a primeira organização de resistência judaica na Europa ocupada, a FPO (Fereynegte Partizaner Organizatsye),⁸⁸ posteriormente à declaração de Kovner. A liderança dessa organização era composta de comunistas, nacionalistas sionistas revisionistas e

⁸⁵ Discurso de Abba Kovner citado por GUTMAN. Israel. **Resistência:** o levante do gueto de Varsóvia. Tradução Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995, p. 101.

⁸⁶ KAPLAN-MIDDLETON, Richard. **The Myth of Jewish Passivity.** In: HENRY, Patrick Gerard. (ed.) **Jewish Resistance against the Nazis.** Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014, p. 7.

⁸⁷ FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus:** os anos de extermínio, 1939-1945. v. II. São Paulo: Perspectiva, 2012, p.402.

⁸⁸ Ibid., p 402.

membros dos movimentos sionistas Hashomer Hatzair e Hanoar Hazoni. O comando desse amálgama político incomum foi confiado ao comunista Yitzhak Witenberg.⁸⁹

É importante para a discussão mostrar quando surgiu a noção de passividade atrelada às comunidades judias da Europa, principalmente entre 1933 a 1945. Segundo o historiador Richard Kaplan-Middleton, a noção da passividade judia emerge após o encerramento da Segunda Guerra, contudo, não foi fabricada exclusivamente por aqueles que possuíam um ódio cego pelos judeus, pelo contrário, alguns intelectuais judeus também ajudaram a sedimentar essa noção, incluindo proeminentes intelectuais que discutiram sobre o tema.⁹⁰ Kaplan-Middleton diz que a percepção da passividade judaica foi, sem dúvida, gravada no imaginário popular por cenas de noticiário de prisioneiros de campos de concentração esqueléticos, bem como a foto icônica de um menino judeu do gueto de Varsóvia com seus braços levantados em rendição, imagem esta que reforçava a percepção de judeus indo “como ovelhas para abate”.⁹¹ Em síntese, o que o historiador diz é que a produção da ideia de passividade é exterior aos judeus; essa noção foi produzida por imagens que circularam e mostravam os judeus em posição enfraquecida. Em última instância, Kaplan-Middleton atrela a ideia de passividade à uma negatividade do “ser passivo”.

Kaplan-Middleton sugere que a noção de passividade, é, então, uma construção de um tempo presente (momento pós-Segunda Guerra Mundial) sobre um tempo passado (as ações dos judeus europeus durante a Segunda Guerra Mundial). Essa sobreposição de temporalidade, a qual o presente possui uma interação e formação de uma determinada ideia sobre o passado, é uma das principais constituições do regime de historicidade, como é apontado por Hartog:

A expressão *regime de historicidade* remeteria, por conseguinte, primeiramente, pelo menos logicamente, ao tipo de relação que toda sociedade mantém com seu passado, ao modo pelo qual o trata e trata dele antes de (e para) utilizá-lo e constitui esta espécie de coisa que chamamos de história. O modo pelo qual uma sociedade trata seu passado e do seu passado. [...] o modo pelo qual uma sociedade dispõe os quadros culturais que organizam os vieses através dos quais seu

⁸⁹ HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amariyls, 2016, p. 446.

⁹⁰ KAPPLAN-MIDDLETON, Richard. **The Myth of Jewish Passivity**. In: HENRY, Patrick Gerard. (ed.) **Jewish Resistance against the Nazis**. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014, p. 9.

⁹¹ *Ibid.*, p. 8.

passado o afeta [...], o modo pelo qual esse passado é presente no seu presente [...], o modo pelo qual ele o cultiva ou enterra, o reconstrói, o constitui, o mobiliza etc.⁹²

Essas considerações apresentadas por François Hartog podem nos ajudar a entender melhor como a expressão “cordeiros indo para o abate” se tornou tão representativa quando se referem a passividade judaica durante a Segunda Guerra. Sobretudo, a partir da leitura que os sionistas fizeram sobre as atitudes dos judeus da diáspora, durante o período da Shoah, com intuito de fortalecer a necessidade da construção do Estado de Israel, como já apresentado no tópico anterior.

I. 2. 1. Os carneiros no exílio: a noção de passividade judaica construída na diáspora

Raul Hilberg, no primeiro capítulo de sua colossal obra, intitulada *A destruição dos judeus europeus*, que teve sua primeira edição em 1961, apresenta uma linha de raciocínio, e também, uma linha do tempo, onde ele entrelaça o antijudaísmo centenário presente na cultura europeia cristã para explicar o comportamento submisso das comunidades judaicas europeias. A postura judaica frente à destruição não foi moldada de uma hora para outra. Os judeus da Europa tinham sido confrontados por meio da força muitas vezes em sua história e, durante esses encontros, desenvolveram uma série de reações que permaneciam notavelmente constantes durante séculos.⁹³

Para Hilberg, a passividade judaica estava impregnada, e até mesmo condicionada, por essa série de ações repetitivas ao longo dos séculos no continente, ações essas sem apresentar oposição substancial as violências sofridas.

A primeira ação descrita por Hilberg no seu diagrama lógico está relacionada à resistência, ou a falta dela. Ataques preventivos, resistência armada e vingança estiveram quase completamente ausentes da história de exílio dos judeus. A última e única grande revolta aconteceu durante o Império Romano, no início do século II, quando os judeus ainda estavam vivendo em assentamentos compactos no leste da

⁹² HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013. 267, p.26.

⁹³ HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amarelis, 2016, p. 21.

região mediterrânea e imaginavam uma Judeia independente – durante a Idade média as comunidades judaicas já não contemplavam a batalha. Em suma, os judeus da Europa estavam se colocando sob a proteção da autoridade constituída, em uma dependência legal, física e psicológica.⁹⁴ Um dos pontos do raciocínio de Hilberg em fundamentar seu argumento é demonstrar, por meio de acontecimentos de um tempo passado, que ele se “repete” no tempo presente (o da Segunda Guerra Mundial). Assim ele busca fazer uma analogia histórica criando uma narrativa única sobre o tema da passividade no exílio.

A dependência psicológica dos judeus europeus é ilustrada por um incidente em particular. Em 1096, quando as comunidades judaicas da Alemanha recebem avisos, por cartas e emissários da França, de que os cruzados estavam chegando para matá-los, o líder de Mainz responde: “Estamos muito preocupados com seu bem-estar. Quando a nós, não há grande motivos para medo. Não ouvimos uma palavra sobre esse assunto, nem nos foi indicado que nossas vidas estão ameaçadas pela espada”. Logo os cruzados vieram, “batalhão após batalhão”, e atacaram os judeus de Speyer, Worms, Mainz e outras cidades alemãs.⁹⁵

E seguida ele estabelece sua ponte histórica com um acontecimento na Holanda sob ocupação nazista, mais de 800 anos depois, quando o presidente do conselho judaico holandês diz:

O fato de os alemães terem cometido atrocidades contra os judeus poloneses não era motivo para pensar que eles se comportariam da mesma maneira em relação aos judeus holandeses, primeiro porque os alemães sempre consideraram os judeus poloneses com descrédito e, segundo, porque na Holanda, diferentemente da Polônia, eles tiveram de se sentar e prestar atenção na opinião pública.⁹⁶

Aqui podemos fazer algumas reflexões sobre o mito da unidade do povo judeu. Enquanto Abba Kovner, em sua declaração, chama todos seus “irmãos” a se rebelarem contra os nazistas, salientando que todos os judeus do continente estavam sob a mesma ameaça de extermínio, reforçando assim, nessa circunstância, a ideia de

⁹⁴ HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amarilys, 2016, p. 21.

⁹⁵ Crônica hebraica anônima de Mainz (texto de um relato contemporâneo), em Shlomo Eidelberg, ed. E trad., *The Jews and the Crusader* (Madison, Wisconsin, 1977), pp. 99-100. apud HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amarilys, 2016, p. 22.

⁹⁶ Testemunho de D. Cohen, 12 de dezembro de 1947, citado por Louis de Jong, “The Netherlands and Auschwitz”, *Yad Vashem Studies* 7, 1968, p. 44. apud HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amarilys, 2016, p. 22.

“unidade judaica”, o presidente do conselho judaico da Holanda pensa diferente. Ele faz uma nítida distinção entre os judeus ocidentais e os judeus orientais, rompendo com a ideia de homogeneidade judaica. Essa compreensão de que o antissemitismo está diretamente relacionado aos judeus do leste, que é compartilhada pelo presidente do conselho judaico da Holanda, já estava sendo debatida desde o final do século XIX, quando aqueles eram comparados com os judeus ocidentais, os “assimilados” e “cultos”.⁹⁷

Se a resistência, segundo Hilberg, só foi exercida pelos judeus dois mil anos atrás, a próxima ação recorrente ao longo dos séculos, são as mitigações instantâneas das comunidades: sob esse chapéu estavam incluídos petições, pagamento de proteção, arranjos de resgate, submissão antecipada – em suma, todas as atividades que visavam evitar o perigo ou, no caso de a força ter sido usada, diminuir seus efeitos.⁹⁸ As outras ações classificadas por Hilberg, evasão, paralisia e aceitação, estão intimamente ligadas a mitigação.

Uma das reações mais sagazes de mitigação no arsenal judeu era a submissão antecipada. A vítima, sentindo o perigo, combatia-o iniciando uma resposta conciliatória *antes* de ser confrontada com ameaça aberta. Um exemplo de antecipação é o autocontrole das firmas judaicas da Alemanha pré 1933 ao contratar funcionários judeus. Essas empresas já tinham se tornado empregadoras da maior parte dos assalariados judeus, mas algumas delas passaram a instituir cotas para evitar uma manifestação ainda maior de seu judaísmo.⁹⁹

⁹⁷ Na obra *A invenção do povo judeu* do historiador Shlomo Sand, há alguns exemplos, de como o antissemitismo é, comumente, relacionado ao judeu oriental que tenta se infiltrar e atrapalhar o “judeu assimilado”, o “judeu nacional”. Segundo o autor, “os judeus, como o resto dos súditos do império, protestantes e católicos, eram alemães antes de serem judeus. Parte dos intelectuais de origem judaica aceitava, certamente, a ideia da “origem racial” diferente, mas para todos, ou quase todos. O projeto de futuro nacional e cultural era determinante, e esse projeto era alemão. À sombra da crise, a vitória decisiva de 1870 e a unificação do Reich por cima’ perderam em alguns anos sua auréola de glória unificadora, e os culpados identificados foram como sempre os ‘outros’, ou seja, as minorias religiosas e ‘raciais’. O progresso da democracia de massa acelerou igualmente a escalada do antissemitismo político, instrumento eficaz do recrutamento das multidões na época moderna. Nas ruas, nos jornais e nos corredores do poder imperial, uma propaganda destruidora foi levada contra os ‘orientais’ vindos do leste que ‘afirmavam ser alemães’ ”. Então, segundo a leitura que Sand faz do virulento antissemitismo dos anos 1880 e 1890, é a interrupção do processo de integração do judeu “oriental” a nação alemã. SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. Editora: Benvirá, 2014, posição 1978-1989; posição. 6029 [e-book]

⁹⁸ HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amariyls, 2016, p. 23.

⁹⁹ BENNATHAN, Esra: “Die demographische und wirtschaftliche Struktur der Juden”, em Werner Mosse, ed., *Entscheidungsjahr 1932* (Tubinga, 1966), pp. 88-131, especialmente pp. 110, 114 apud HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amariyls, 2016, p. 24.

Para Raul Hilberg, existem duas grandes razões para os quais os judeus migram de onde estão estabelecidos: primeiro são por razões econômicas, e o segundo, por expulsão. Hostilidade e violência, segundo Hilberg, não são instrumentos potentes os suficientes para fazer comunidades judaicas se descolarem, raramente fugiram de um *progrom* – e sim o suportam.¹⁰⁰

A última reação na escala é a aceitação. Para os judeus, a aceitação de leis ou ordens antijudaicas sempre fora equivalente à sobrevivência. As restrições eram combatidas com petições ou às vezes esquivadas, mas quando essas tentativas não tinham sucesso, a paralisia e a aceitação automática eram o curso de ação mais comum. A aceitação era levada às últimas consequências mesmo nas situações mais drásticas.¹⁰¹

Então Hilberg conclui que as reações dos judeus à força sempre foram as mesmas de tempos em tempos, onde é possível notar esse padrão comportamental ao longo dos séculos. Ele, enfatiza, que o termo “reação dos judeus” se refere apenas a judeus de gueto. Esse padrão de reação nasceu no gueto e morrera nele, é parte integrante da vida no gueto e se aplica a *todos* os judeus de gueto, assimilados e sionistas, capitalistas e socialistas, heterodoxos e religiosos. Portanto, para os judeus da diáspora, ações de resistência e de oposição armada tinham se tornado isoladas e esporádicas. A força não voltaria a ser uma estratégia judaica até a vida da comunidade ser reconstruída em um *Estado judeu*.¹⁰²

A construção de uma narrativa linear e cheia de demonstrações que *comprovam* que os judeus no exílio perderam ou foram condicionados a serem subservientes, para então, apresentar a sua contraposição, a criação do Estado de Israel, como a imagem de resistência, é um raciocínio que o historiador austríaco nos permite fazer na primeira parte de sua obra. Neste momento, nos interessa apresentar o ponto que ele pondera que o discurso e noção de passividade judaica está circulando e sendo acionada desde muito antes da Segunda Guerra Mundial, diferentemente da posição apresentada por Kaplan-Middleton.

Entretanto, Hilberg não é o único a pensar que a passividade judaica se formou e se fortaleceu durante o período milenar dos judeus no exílio. Para o

¹⁰⁰ HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amarelly, 2016, p. 26.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 26.

¹⁰² *Ibid.*, p. 27- 22.

pesquisador norte-americano Berel Lang, há muitas versões do sionismo que apontam que a passividade dos judeus europeus está entrelaçada à “mentalidade de gueto” e que, o novo judeu, emergido do Estado judaico, iria substituir essa mentalidade. Além disso, segundo Lang, existe uma justificativa adicional para a construção do Estado de Israel, primeiro, como um meio de defesa coletiva dos judeus e, segundo, de criar um novo sentido, da personalidade judaica, independente e auto afirmativa.¹⁰³ Berl Katznelson, um dos fundadores do sionismo trabalhista e o editor do periódico do movimento trabalhista, *Davar*, admitiu que havia um abismo mental e emocional intransponível entre o povo de *Eretz Israel e a diáspora moribunda*. Katznelson argumenta que:

(...) o jovem judeu na Palestina lê sobre os ataques árabes (como por exemplo, a ‘batalha’ de Tel-Hai em 1920) ou sobre Trumpeldor (o ‘herói’ de Tel-Hai) e é algo que faz sentido a ele, entretanto, quando o assunto é a provação atual [no período da Shoah] dos judeus da diáspora é uma questão profundamente estranha para nós, não podemos viver o sofrimento judeu do gueto.¹⁰⁴

Para a historiadora Idith Zertal, as palavras de Katznelson estabelecem uma norma: a morte da vasta maioria do povo judeu, que de acordo com as percepções sionistas, morreram em total submissão, de forma passiva, configura uma morte “feia”.¹⁰⁵ Então, diante dessa série de argumentos, não seria correto afirmar que a ideia de passividade judaica foi construída e sedimentada no fim da Segunda Guerra Mundial, e muito menos dizer, que foi fomentada por intelectuais antisemitas.

Uma das questões pertinentes para os próximos capítulos é: até que ponto, a ideia de passividade entrelaçada ao judeu exilado é encontrada nos testemunhos de Mary Berg, Wladislaw Szpilman, Chil Rajchman e Richard Glazar?

¹⁰³ LANG, Berel. Why They Didn't Resist More? In: HENRY, Patrick Gerard (ed.) **Jewish Resistance against the Nazis**. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014, p. 28 [tradução nossa]

¹⁰⁴ KATZNELSON, Berl. The Common Jewish Destiny as an Educational Element. Ketavim: Collected Writings, vol. XII, p. 219, 222–223 apud ZERTAL, Idith. **Israel's Holocaust and the Politics of Nationhood**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 26. [tradução nossa]

¹⁰⁵ ZERTAL, Idith. **Israel's Holocaust and the Politics of Nationhood**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 26. [tradução nossa]

I. 2.2. Os carneiros nos testemunhos: o uso da metáfora nos relatos de sobreviventes

Por ora, vamos aceitar a sugestão de Middleton-Kaplan e observar como a metáfora do “carneiro indo para o abate” e seus possíveis desdobramentos emergem nos testemunhos de sobreviventes publicados no imediato pós-segunda guerra (ou até mesmo antes). Há dois principais objetivos em aceitar a sugestão de Middleton-Kaplan neste tópico: o primeiro de caráter mais amplo, é demonstrar que o uso dessa metáfora não é, em definitivo, a única expressão ou classificação de passividade presente nos testemunhos. O segundo é apontar que o uso dessa metáfora está intimamente ligado a momentos bem específicos nos testemunhos, e que, portanto, a noção de passividade não é recorrente em todo o testemunho do sobrevivente.

Como apontado, a discussão circulará em torno de como alguns sobreviventes utilizaram esta expressão. Os primeiros escritos de memórias de sobreviventes do genocídio nazista também começam a serem publicados no imediato final da guerra no continente europeu. É possível listar, entre 1945 e 1946, pelo menos 3 testemunhos das experiências de judeus sob o regime nazista, são eles: *O diário de Mary Berg*, de Miriam Wattenberg, publicado em 1945, *Em busca de sentido*, de Viktor Frankl e *O pianista* (ou o título da primeira publicação *Morte de uma cidade*), ambos publicado em 1946.

A primeira obra a qual iremos discutir se tornou um *best-seller* escrito por um sobrevivente judeu austríaco, o médico psiquiátrico Viktor Frankl. Publicado na Alemanha em 1946 e em inglês em 1959, o testemunho de Frankl vendeu mais de 10 milhões de exemplares traduzido para 20 idiomas. Em seu testemunho intitulado *Man's Search for Meaning*, em português traduzido como “Em Busca de Sentido”, Frankl sugere que aqueles que lutaram verdadeiramente para sobreviver conseguiram, ao contrário daqueles que não o fizeram com afinco.¹⁰⁶ Frankl utilizou sua formação psiquiátrica para elaborar um relato que se aproxima de uma interseção entre sua própria experiência nos campos de Auschwitz e Kaufering e um ensaio sobre psicologia humana. O médico fala sobre a grande desvalorização que elimina – com poucas exceções – tudo aquilo que nada tem a ver diretamente com a

¹⁰⁶ KAPPLAN-MIDDLETON, Richard. The Myth of Jewish Passivity. In: HENRY, Patrick Gerard (ed.) **Jewish Resistance against the Nazis**. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014, p. 10[tradução nossa]

preservação da vida da própria pessoa, bem como daquelas que em seu íntimo são próximas.¹⁰⁷ O ambiente do campo de concentração, segundo a análise de Frankl, é um lugar que há muito deixou de dar o menor valor à vida humana ou à dignidade das pessoas, mas que faz de pessoas objetos destituído de vontade, peças de uma política de extermínio, que é adiada apenas para a exploração dos últimos restos da capacidade física de trabalho.¹⁰⁸ Em suma, o campo reduz a existência individual a uma experiência de “rebanho”.

Sem poder pensar ou querer, as pessoas ali ora são tocadas pra lá, ora pra cá, ora são juntadas, ora são dispersas, como um rebanho de ovelhas. [...] Sentíamos-nos feitos ovelhas num rebanho, que somente sabem, pensam e querem uma coisa: escapar dos ataques dos cães e, num momento de paz, descansar um pouco.¹⁰⁹

E para não sucumbir às influências extremas próprias do campo de concentração e continuar a existir como indivíduo, e assim, sobreviver, Frankl diz que é necessário resistir essas “sugestões” com o impulso último do sentimento de valor próprio, mantendo a consciência de que é um indivíduo, um ente espiritual dotado de liberdade interior e valor pessoal.¹¹⁰ A obra de Viktor Frankl, que está no Brasil em sua vigésima quinta edição, sugere que a sobrevivência está intimamente ligada aos mecanismos que o prisioneiro consegue manter visando sua autonomia e vontade de viver. Mesmo diante de um ambiente extremo, Frankl escreveu que é necessário resistir a sugestões desse ambiente para conseguir sobreviver. Em toda obra, essa são as únicas partes que ele utiliza a analogia de comparar os prisioneiros dos campos de concentrações a ovelhas, a um rebanho de amorfo que é guiado de um lado para o outro, sem vontade, passivo, segundo à vontade de seus perpetradores.

O segundo testemunho é o de Miriam Wattenberg, ou mais conhecida com o pseudônimo de Mary Berg, uma adolescente judia de família abastada de Lodz que, com a invasão nazista a Polônia, em setembro de 1939, se mudou para Varsóvia. Em seu relato, ela faz referência a metáfora apenas duas vezes e em circunstâncias parecidas, mas com sentidos opostos. A primeira vez que ela classifica os judeus de

¹⁰⁷ FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Avelino. 25 ed. São Leopoldo, Sinodal: Petrópolis. Vozes, 2008, p. 69.

¹⁰⁸ Ibid., p.69.

¹⁰⁹ Ibid., p. 70.

¹¹⁰ Ibid., p. 70.

Varsóvia como “aqueles que esperam para ir ao abate” foi no início das deportações, nas vésperas do Rosh Hashaná, em 22 de setembro de 1941. Quando a Gestapo exigiu que o Conselho Judaico¹¹¹ de Varsóvia, chefiado pelo engenheiro Adam Czerniakow, entregasse uma lista de 5 mil judeus para deportação aos campos de trabalho no leste. Mary Berg escreve em seu diário que na esquina entre as ruas Leszno e Zelazna, um enorme número de pessoas se concentrava, em fileiras militares, diante da repartição de trabalho, a maioria deles eram jovens entre 18 a 25 anos. Esses jovens ficaram em pé, com a cabeça abaixada como que à *espera do abate*.¹¹²

O segundo uso da metáfora aconteceu cerca de um ano depois, anotado em seu diário no dia 22 de setembro de 1942, quando as deportações dos judeus de Varsóvia para o campo de extermínio de Treblinka estavam sendo recorrente deste o início do verão daquele mesmo ano.¹¹³ Entretanto, a mãe de Mary Berg, Lana Berg, era uma judia de cidadania norte-americana que residia na Polônia ocupada, e, devido a sua nacionalidade, a família Berg conseguiu o privilégio de ser transferida para a prisão Pawiaki no dia 16 de julho de 1942. Na data mencionada no mês de setembro de 1942, Berg já não estava mais circulando entre os outros judeus do gueto de Varsóvia, justamente por estarem em condição de “troca” por soldados nazistas presos pelas forças aliadas. Então, as informações que ela anota em seu diário são impressões e notícias, muitas vezes, repassadas por terceiros.

¹¹¹ No dia 21 de setembro de 1939, Reinhard Heydrich, chefe do Departamento central da SS para Segurança do Reich, outorgou a criação de “conselhos judaicos” que serviriam como ponte entre as comunidades judaicas e o comando alemão. Segundo Saul Friedländer, o Conselho Judaico, *Judenrat*, era o instrumento mais eficiente no controle nazista da população judaica. Contudo, como observou o especialista, a expressão “Conselho Judaico” é, no entanto, uma denominação equivocada. O decreto de Heydrich, emitido na data supracitada, ordenava a criação dos “Conselhos Judaicos de Anciões” (*Jüdische Ältestenräte*), que em pouco tempo se tornariam, em quase toda parte, o desdenhoso *Judenrat*, ou “conselho judaico”, seguindo a denominação introduzida em 28 de novembro pelo decreto de Hans Frank, comandante do Governo Geral. Esses conselhos logo seriam criados em todos os centros populacionais judaicos, grandes e pequenos. Em princípio, doze ou vinte e quatro membros do conselho (de acordo com o tamanho da comunidade) deveriam ser escolhidos pelas elites judaicas tradicionais, a liderança reconhecida pela comunidade. FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus: os anos de extermínio, 1939-1945**. v. II São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 62, 72.

¹¹² BERG, Mary. **O diário de Mary Berg: memórias do Gueto de Varsóvia**. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 104 [grifo meu].

¹¹³ O início das atividades em Treblinka data do dia 23 de julho de 1942, mesmo estando ainda em construção cerca de um mês depois. Durante as cinco primeiras semanas de extermínio no campo de Treblinka, de 23 de junho a 28 de agosto, cerca de 245 mil judeus foram deportados do gueto e do distrito de Varsóvia, do distrito de Radom, 51 mil; do distrito de Lublin 16 mil e quinhentos, trazendo um número total desse período cerca de 321 mil e quinhentos judeus”. ARAD. Yitzhak. **Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard death camps**. Indiana University Press, 1999, p.43, 87 (tradução nossa).

No dia 22 de setembro, Mary Berg anota que os fuzilamentos no gueto diminuíram e que a resistência está fraquejando e havia ainda muita gente faminta e exausta dirigindo-se para a *Umschlagplatz*. Ela conta que o engenheiro Lichtenbaum (o presidente do conselho judaico de Varsóvia após o suicídio do engenheiro Adam Czerniakow) e seu amigo First, outro alto funcionário da instituição, foram até a prisão para visitar alguns dos seus amigos internados, por meio de uma permissão especial, e foi assim que ela soube de vários detalhes sobre a campanha de extermínio que se estendia a outros guetos, como o de Otwock.¹¹⁴

Os massacres levaram os líderes da resistência a um empenho maior. Os jornais ilegais se multiplicaram, e alguns deles chegaram até nós mesmo aqui no Pawiak. Estão cheios de bons relatos dos fronts de batalha. Os aliados venceram no Egito, e os russos estão rechaçando o inimigo em Moscou. Os jornais explicam o significado das deportações e contam o destino dos judeus deportados. A população é estimulada a resistir com armas nas mãos e prevenida contra sentimentos derrotistas e contra a ideia de que somos completamente indefesos contra os nazistas. “Vamos morrer como homens e não como cordeiros”, termina uma declaração em um jornal chamado *Às armas!*¹¹⁵

Como já indicado, os dois momentos que Mary Berg faz alusão à famosa metáfora, são de dois momentos similares, mas com perspectivas distintas. O primeiro acontecimento data no início das deportações, onde ela observa a multidão de judeus estáticos entre as ruas do gueto, enfileirados, de cabeça baixa, em sinal de subserviência, e diz que eles estavam à espera do abate. Neste primeiro momento, a classificação que Mary Berg usa para este acontecimento, de fato, corrobora com a noção de fragilidade e submissão judaica que estamos tratando especialmente nessa primeira parte do capítulo, ou seja, ela descreve a multidão de judeus esperando *passivamente* pelo seu assassinado. Porém, um ano depois em seu diário, ela faz outra alusão à metáfora se aproximando muito mais do sentido que Abba Kovner quis transmitir em sua declaração no ano novo de 1942. Ela utiliza a expressão para demonstrar que os judeus *não são* ou *não vão ser* carneiros que esperam pelo seu

¹¹⁴ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 206.

¹¹⁵Ibid., p. 207-208.

abate, pelo contrário, a população do gueto está prestes a pegar em armas para se defender.

Outro ponto importante de convergência entre o testemunho de Mary Berg e a declaração de Abba Kovner, e isso é visível em outros relatos de sobreviventes, é que o uso da metáfora dos “carneiros indo ao abate”, para classificar a passividade ou incitar a resistência, é realizada em momentos de massacres e deportações em massa, quando o perigo se torna eminente. Abba Kovner incita a resistência, e que os judeus não se deixem ser levados como cordeiros, após o início da Operação Barbarossa e o fuzilamento de judeus na Lituânia. As circunstâncias a qual Mary Berg recorre para descrever tanto a submissão dos judeus de Varsóvia quanto a exaltação de uma resistência dividida (que ora estava fraca, mas mais ativa do que nunca), aconteceu após os massacres e deportações em massa para campos de extermínio.

A única vez que existe o emprego da metáfora “como carneiro indo ao abate” no relato de Wladislaw Szpilman, é em um acontecimento similar ao descrito por Berg: as deportações dos judeus de Varsóvia para o recém construído campo de extermínio de Treblinka. O sentido no qual Szpilman utilizou a metáfora não é muito definido, pela forma que ele escreveu, dá a entender que possui certo chamado para que os judeus se rebelem, por justamente se mostrarem demasiadamente “colaborativos com seus algozes”, mas, também, “aceitam aquela condição” para uma possível sobrevivência.

Em meados de agosto de 1942, o famoso pianista polonês de origem judaica, Wladislaw Szpilman, foi mandando juntamente com seu pai, mãe e sua irmã mais velha, Regina, à praça *Umschlagplatz* para serem deportados para o campo de Treblinka. Ele narra um dos seus testemunhos, após voltar de uma caminhada da área de detenção a procura de mais conhecidos que tiveram a mesma infelicidade que ele e sua família. Um dentista, amigo de seus pais, esbraveja:

Isto é uma desonra para todos nós! Estamos deixando que nos levem para o *matadouro como se fôssemos ovelhas!* Somos quase meio milhão de pessoas; se nos atirássemos sobre os alemães libertaríamos o gueto. Ou, pelo menos, morreríamos com dignidade e não nos tornaríamos uma marcha de vergonha na história do mundo!¹¹⁶

¹¹⁶ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p.108 [grifo meu].

Szpilman relata que seu pai, ainda nutrindo alguma esperança de que não seria enviado para o campo de Treblinka, responde a fúria do amigo dizendo:

Olhe em volta – disse, apontando para a multidão aglomerada no *Umschlagplatz* – *nós não somos heróis*. Somos apenas seres humanos e por isso preferimos aceitar o risco de dez por cento de chance de sobreviver.¹¹⁷

Nos anos de 1960, outro judeu sobrevivente publicou seu testemunho, contudo, sua experiência retrata seus dois anos em campos de concentração na Alemanha, antes do início da Segunda Guerra. O psicanalista Bruno Bettelheim tentou analisar os estágios de adaptação dos prisioneiros ao choque de ser violentamente retirado do convívio social estável para ser transportado para a situação extrema que consistia no campo de concentração. Bettelheim, que foi prisioneiro nos campos de Dachau e Buchenwald, entre os anos de 1938 e 1939, diz que um dos principais objetivos era minar a individualidade dos prisioneiros e transformá-los numa massa dócil, da qual não pudesse surgir nenhum ato de resistência individual ou coletiva.¹¹⁸ Empunhado de algumas características analíticas da psicanálise, Bettelheim salienta que destruindo a capacidade do homem de agir por si só ou de prever os resultados de suas ações, esses fatores destruíram o sentimento de que elas tinham algum objetivo, de forma que muitos presos deixavam de agir. Só que, ao parar de fazê-lo, logo paravam de viver. E então, Bettelheim completa que a maioria dos prisioneiros que morriam, ao contrário dos que eram mortos, era composto daqueles que já não acreditavam nas súbitas tréguas que aconteciam mesmo nas situações mais extremas, e nem as aproveitavam, em poucas palavras, eram aqueles que haviam perdido toda a vontade de viver.¹¹⁹

Mais adiante, Bettelheim, como observou o historiador Kaplan-Middleton, se perguntava “por que os judeus jogaram suas vidas fora ao invés de dificultar o trabalho do inimigo? Por que eles se deram como ‘presente’ desde o início para a SS?” E ele responde: “Como lêmingue [pequenos roedores] milhões de pessoas

¹¹⁷ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p.109 [grifo meu].

¹¹⁸ BETTELHEIM, Bruno. **O coração informado: autonomia na era da massificação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.91.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 120-121.

marcharam para sua própria morte porque sucumbiram de uma ‘tendência de morte’ ou ‘instinto’”. O psicanalista austríaco conclui que o assassinato organizado pela SS é menos importante do que o fato de que os judeus *marcharam para morte*, escolhendo desistir de uma vida que não é mais humana.¹²⁰

Os relatos de Bruno Bettelheim e Viktor Frankl se aproximam bastante em vários aspectos. O primeiro, obviamente, é que são dois relatos de experiências de sobreviventes de campos de concentração, porém de tipos diferentes, e, além disso, o aprisionamento de Bettelheim antecede a Segunda Guerra Mundial.¹²¹ O segundo

¹²⁰ BETTELHEIM, Bruno. *The Informed Heart: Autonomy in a Mass Age*. New York: Free Press of Glencoe, 1960. p. 300 apud KAPPLAN-MIDDLETON, Richard. *The Myth of Jewish Passivity*. In: HENRY, Patrick Gerard (ed.) **Jewish Resistance against the Nazis**. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014, p.10 [tradução nossa].

¹²¹ Como já apresentado no trabalho, as experiências de Bruno Bettelheim e Viktor Frankl, apesar de várias semelhanças, foram construídas a partir de campos de tipos diferentes em períodos diferentes da história do III Reich. Bruno Bettelheim foi prisioneiro de dois campos: Dachau e Buchenwald entre os anos 1938 e 1939. Enquanto Viktor Frankl, aprisionado em setembro de 1942, passou por alguns campos de concentração, incluindo Auschwitz, e apenas foi libertado no final da guerra. Portanto, é preciso diferenciar os tipos de campos de concentração e os tipos de políticas neles aplicados em momentos diferentes. O historiador Wolfgang Sofsky diz que “a história organizacional dos campos de concentração alemães começou em uma atmosfera marcada por improvisação, rivalidade, decisões arbitrárias e vingança. O estabelecimento do primeiro campo de concentração não foi guiado centralmente pelo novo governo em Berlim; surgiu por iniciativa de escritórios subordinados e grupos partidários locais. A maioria dos campos estava sob a autoridade de agências estatais, da polícia política, dos ministérios estaduais do interior ou dos chefes administrativos de vários distritos governamentais (Regierungspräsidenten). Desde o início, o campo de Dachau (20 quilômetros a noroeste de Munique) estava sob supervisão do Estado. Himmler estava encarregado do escritório de admissões da polícia e das unidades de guarda em Dachau, o primeiro campo sob supervisão exclusiva da SS. Equipado com esse controle, Himmler poderia desviar as tentativas das autoridades judiciais da Baviera de se intrometer e, também, poderia bloquear os esforços do governador do Reich na Baviera para limitar ainda mais o número de detidos sob custódia protetora. De acordo com isso, havia a padronização interna das operações do campo, de acordo com o ‘modelo de Dachau’. Dachau naquele momento não era apenas um importante centro de treinamento prático para o campo da SS, onde começaram as carreiras de muitos líderes da SS. Dachau era mais: serviu de modelo para a reorganização de todo o sistema de campos de concentração. O modelo englobava quatro componentes: classificação dos presos; o trabalho como instrumento de detenção terrorista; um sistema graduado de penalidades que poderiam ser impostas oficialmente e informalmente; e lei militar para ofensas graves, como motim ou tentativa de fuga (embora também tenha servido de cobertura para assassinatos espontâneos e ocultos). A consolidação durante os anos de 1934 a 1936 levou à formalização da administração do campo e a uma certa padronização no sistema de detenção. Um padrão de distribuição de tarefas e competências já havia se cristalizado. Esse padrão deveria permanecer no lugar até o final da guerra. Até 1936, a detenção preventiva era principalmente uma maneira de favorecer a consolidação interna do regime. A Gestapo adotou uma política de prisão destinada a assustar e intimidar a população - uma estratégia de dissuasão. Em todas as localidades, alguns indivíduos desapareceram repentinamente; a maioria voltou depois de um certo período, deprimida e assustada. Tudo isso mudou fundamentalmente em 1936. A SS começou com o planejamento e a construção de novos campos de concentração. Ano após ano, foram estabelecidos locais de poder absoluto que continuariam em operação até o final da guerra: Sachsenhausen (na cidade de Oranienburg, norte de Berlim) em 1936, Buchenwald (fora de Weimar) em 1937, Flossenbürg (entre Weiden e a República Tcheca) fronteira no nordeste da Baviera) em 1938. Imediatamente após a invasão e Anschluß (anexação) da Áustria em 1938, o campo de Mauthausen foi montado perto de Linz; em 1939, foi estabelecido o campo de mulheres de Ravensbrück (80 quilômetros ao norte de Berlim). O único campo da primeira fase que ainda existia era Dachau; todos os outros foram dissolvidos. Os novos

aspecto semelhante são as categorias que os dois sobreviventes se armam para teorizar a mudança de comportamento que ocorria com os prisioneiros diante dessa situação extrema. Bettelheim, inclusive, explica porque ele entende o campo de concentração como uma situação extrema:

Os prisioneiros não tinham roupas, abrigo nem alimentos adequados; eram expostos ao calor, à chuva e a temperaturas baixíssimas durante até dezessete horas por dia, sete dias por semana. Apesar da extrema subnutrição, tinham de realizar trabalhos pesados. Cada segundo de suas vidas era rigidamente controlado e supervisionado. Não gozavam de nenhuma privacidade e nunca lhes era permitido ver um visitante, advogado ou ministro religioso. Não tinham direito a cuidados médicos; às vezes recebiam-nos, às vezes não, mas, se os recebiam, raramente esses cuidados era ministrado por pessoas com treinamento médico. Nenhum prisioneiro sabia por que estava preso e nunca por

campos de quartéis deveriam ser disponibilizados para as medidas de segurança antecipadas em caso de guerra; eles deveriam ter uma capacidade de absorção expansível e contribuir com o plano de quatro anos, destacando presos como trabalhadores nas empresas da SS. A eclosão da guerra levou a uma radicalização no sistema aprisionamento. Não mudou os princípios de organização, mas alterou as funções dos campos e a estrutura da sociedade prisioneira. A detenção foi intensificada, a ração de alimentos foi reduzida, a rotina diária foi mais rigorosa, o tempo para a chamada foi prolongado às custas do tempo livre. A internacionalização da sociedade prisioneira aumentou a diferenciação social interna, levando a contrastes profundos entre os vários grupos nacionais. Os prisioneiros alemães subiram na hierarquia social e representaram a maioria dos funcionários na auto-administração de prisioneiros. No fundo do monte havia as categorias “não-arianas”: junto com os judeus, principalmente poloneses e russos. Juntamente com Auschwitz e Majdanek, Mauthausen e o campo vizinho, Gusen, foram os centros de aniquilação em massa dentro do sistema de campos de concentração. Em junho de 1940, os primeiros prisioneiros poloneses foram admitidos no antigo quartel militar de Auschwitz. Inicialmente, Auschwitz havia sido planejado apenas como um campo de quarentena e trânsito para lidar com cerca de dez mil presos. Em meados de 1941, no entanto, mais de dezessete mil haviam sido registrados. Em março daquele ano, começaram os trabalhos de construção do maior complexo de campos de Birkenau, a três quilômetros de Auschwitz; acabou por receber 250 quartéis e abrigou temporariamente mais de cem mil presos. A SS mandou construir fábricas da morte por perto; estes foram colocados em operação nos primeiros. Na primavera de 1941, I.G. Farben começou com a construção de uma fábrica de Buna em Auschwitz. Inicialmente, o campo principal, a sete quilômetros de distância, forneceu um conjunto de trabalhadores, até que o campo de Monowitz foi aberto em 1942 diretamente no canteiro de obras, a fim de encurtar o caminho para o trabalho. O assassinato em massa de prisioneiros de guerra marcou um novo estágio de poder na história dos campos. Os prisioneiros não eram apenas causados pela fome sistemática; novos procedimentos para matar também foram criados. Em Buchenwald, cerca de oitocentos e quinhentos prisioneiros de guerra foram mortos em série por um único tiro na nuca (Genickschuß) em uma instalação especialmente construída para esse fim. Em Sachsenhausen, cerca de treze mil foram mortos de maneira semelhante. Em Auschwitz, os primeiros experimentos foram conduzidos em setembro de 1941 em um grupo de seiscentos prisioneiros de guerra usando o gás venenoso Zyklon B. A partir de 1942, a segunda metade da guerra foi marcada por vários desenvolvimentos paralelos: a aniquilação em massa dos judeus europeus, a implantação de mão-de-obra na indústria de armas e nos projetos de construção de equipes especiais para produção de foguetes e aeronaves, o estabelecimento de centenas de Außenlager (subcampos externos) e o rápido aumento do número de prisioneiros”. SOFSKY, Wolfgang. **The order of terror: the concentration camps**. Tradução: William Templer. Princeton University Press, 1992, p. 28-38.

quanto tempo. Tudo isso pode ilustrar por que falo delas como pessoas que se achavam numa situação ‘extrema’.¹²²

Os dois sobreviventes que trabalham com psique humana indicaram em seus relatos que, tanto os mecanismos de destruição da autonomia humana e a transformação do indivíduo em uma massa obediente, quanto os mecanismos para autopreservação a conservação da autonomia humana, são praticamente os mesmos. Bruno Bettelheim diz que além da traumatização, a Gestapo lançava mão de três outros métodos para destruir qualquer autonomia pessoal. O primeiro era o de obrigar os prisioneiros a adotar um comportamento infantil; o segundo era o de obrigá-los a abdicar da individualidade e transformá-los numa massa anônima; e o terceiro consistia em destruir qualquer capacidade de autodeterminação, de previsão e, conseqüentemente, de preparação para o futuro.¹²³ E, assim como Viktor Frankl, Bettelheim oferece a ideia de que a principal força para a sobrevivência no campo viria da “vontade de viver” e da preservação da autonomia pessoal:

Tanto era assim que a sobrevivência talvez dependesse da capacidade de preservar algumas áreas de ação independente, de manter o controle de alguns aspectos importantes da vida pessoal, apesar de um ambiente que parecia esmagador e total. Para sobreviver, como homem e não como uma sombra dos homens da SS, era preciso descobrir alguma experiência de vida que valesse a pena, sobre a qual ainda fosse possível manter um controle pessoal.¹²⁴

Entretanto, existe outra metáfora que personifica e incorpora a massa passiva de prisioneiros dentro do campo de concentração, a qual é uma classificação que nasceu dentro do campo. Essa categoria de prisioneiro própria dos campos de concentração, é evidenciada e descrita, por exemplo, por dois sobreviventes dos mesmos: Bruno Bettelheim (sobrevivente de Dachau e Buchenwald) e Primo Levi (sobrevivente de Auschwitz). Para o psicanalista austríaco, “o prisioneiro que havia sentido e interiorizado todas as conseqüências do campo de concentração eram chamado de *Muselmänner* (maometanos), os cadáveres ambulantes”.¹²⁵ Em síntese, Bettelheim, chamavam-nos assim por causa do que era erroneamente visto como

¹²² BETTELHEIM, Bruno. **O coração informado**: autonomia na era da massificação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 90.

¹²³ Ibid., 107.

¹²⁴ Ibid., p. 119.

¹²⁵ Ibid., p. 122.

uma entrega fatalista ao meio, à semelhança dos maometanos que, supostamente, aceitam sua morte sem objeções: eram pessoas tão carentes de afeto, autoestima e qualquer forma estímulo, tão completamente exaustas, física e emocionalmente, que haviam dado ao meio um poder total sobre si.¹²⁶ Ele continua a dizer que “os presos que chegavam a acreditar nas frequentes afirmações dos guardas – de que não havia esperança para eles, de que eles nunca sairiam do campo vivos – e que passavam a sentir que jamais poderiam exercer qualquer influência sobre o seu ambiente eram, literalmente, cadáveres ambulantes”.¹²⁷

Já em seu relato intitulado *É isto um homem?*, cuja a primeira edição é de 1947, Primo Levi, também, descreve a postura e as características desse tipo de prisioneiro. Segundo Levi:

Sucumbir é mais fácil: basta executar cada ordem recebida, comer apenas a ração, obedecer à disciplina do trabalho e do Campo. Desse modo, a experiência demonstra que não se aguenta quase nunca mais do que três meses. A história — ou melhor, a não-história — de todos os “muçulmanos” [essa é a tradução encontrada na edição em português do testemunho de Levi para *Muselmänner*] que vão para o gás, é sempre a mesma: simplesmente, acompanharam a descida até o fim, como os arroios que vão até o mar.¹²⁸

Logo em seguida, o italiano acrescenta que

(...) a sua vida é curta, mas seu número é imenso; são eles, os ‘muçulmanos’, os submersos, são eles a força do Campo: a ‘multidão anônima’, continuamente renovada e sempre igual, dos não-homens que marcham e se esforçam em silêncio; já se apagou neles a centelha divina, já estão tão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar ‘morte’ à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la.¹²⁹

Viktor Frankl faz apenas uma menção aos “muçulmanos” em sua obra, onde ele observa que aquela massa de pessoas que desembarcam do trem já estava com o destino selado.¹³⁰

¹²⁶ BETTELHEIM, Bruno. **O coração informado**: autonomia na era da massificação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985., p.123

¹²⁷ Ibid., p. 123.

¹²⁸ LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 77

¹²⁹ Ibid., p. 77

¹³⁰ FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Avelino. 25 ed. São Leopoldo, Sinodal: Petrópolis. Vozes, 2008, p. 74.

Diante das considerações realizadas até agora, dentro do arco de fontes apresentadas neste trabalho, tenho que discordar do argumento de Middleton-Kaplan ao dizer que a noção de passividade judaica emergiu pós Segunda Guerra Mundial. Nem mesmo a frequência do uso das metáforas que embasa, que “cristaliza” essa ideia em testemunhos, é um indicativo substancial para comprovar esse argumento. Embora esta ideia salientada pelos escritos de memória dos sobreviventes da Shoah, ela não nasceu *propriamente* com eles, porém, sem dúvida, este tópico foi encontrado e reforçado pelos próprios sobreviventes e ganhou peso e projeção para sedimentar esta ideia no período do pós-guerra.

Outro aspecto que é interesse ressaltar é que as classificações de “passividade” e “resistência” não podem ser comparadas em ambientes de experiências tão distintas, gueto e campo de concentração/extermínio. Viktor Frankl, Bruno Bettelheim e Primo Levi, assim como outros sobreviventes, possuem narrativas construídas a partir da experiência no campo de concentração, um ambiente considerado “extremo”. Porém, Mary Berg, Vladislav Szpilman e Abba Kovner, como apresentado, construíram narrativas e seus pontos de vista, como também, outros sobreviventes que escreveram suas memórias, a partir da sua vida cotidiana em guetos.

Essa breve análise pode nos indicar que a classificação de ações ditas como “passivas” e como de “resistência” são circunstanciais, ou seja, em um determinado momento narrado pelo sobrevivente, uma determinada situação ou conduta lhe parece *passiva*. Já em outro momento, utilizando a mesma referência (carneiros indo para o abate) aquela ação é classificada como resistência. Dessa forma, as categorias estudadas a partir dos testemunhos de sobreviventes, resistência e passividade, não são *status* e classificações fixas ao longo do testemunho.

II.

SEGUNDA PARTE: As noções de passividades no Gueto de Varsóvia, segundo os testemunhos de Mary Berg e Vladislav Szpilman.

O momento em que Alemanha nazista invade a Polônia, na madrugada de primeiro de setembro de 1939, Mary Berg e Vladislav Szpilman não se encontravam na mesma cidade. Já o famoso pianista Szpilman estava, ele e sua família são de Varsóvia. “Naquela época, eu morava com meus pais e meus irmãos na rua *Sliska* e trabalhava na *Polskie Radio*”, escreveu ele.¹³¹ Entretanto, os “Wattenberg” originalmente são da cidade de Lodz. Mary Berg inicia seu diário dizendo que acabara de completar 15 anos, em sua “nova data de aniversário”,¹³² e que não saberia se conseguiria relatar os acontecimentos das últimas seis semanas.

Mal da pra acreditar que há apenas seis semanas minha família e eu estávamos na encantadora estância termal de Ciechocinek [...] Eu não tinha ideia do que nos estava reservado. Tive o primeiro indício de nosso destino futuro na noite de 29 de agosto, quando o som rouco do gigantesco alto-falante anunciou as últimas notícias, parando multidões de pedestres na rua. A palavra “guerra” era repetida em cada frase. Porém, a maioria das pessoas recusa-se a acreditar que o perigo era real.¹³³

Wladislav Szpilman, no início de seu relato, descreve que no dia 31 de agosto de 1939 ninguém acreditava que a guerra com os alemães pudesse ser evitada, e somente os otimistas incorrigíveis estavam convictos de que Hitler se assustaria com a postura intransigente da Polônia; “uma fé desprovida de qualquer lógica”, segundo o pianista.¹³⁴ No início dos dois relatos, já é possível perceber diferenças no sentido e de como que eles narram um determinado acontecimento. Szpilman diz com firmeza que a guerra era inevitável, apenas aqueles que não tinham uma percepção lógica dos últimos acontecimentos sustentavam a ideia de que não ocorreria o conflito. Berg, por outro

¹³¹ ZSPILMAN, Wladislav. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p.15-16.

¹³² Miriam Wattenberg nasceu em Lodz no dia 20 de abril de 1924. É provável que tenha mudado sua data de nascimento durante a ocupação alemã, pois os judeus comemoram seus aniversários na mesma data de nascimento que Adolf Hitler. Ver: BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 1.

¹³³ Ibid., p. 1-2.

¹³⁴ ZSPILMAN, Wladislav. op. cit., p.15.

lado, por ser uma menina de 14 anos e que estava passando férias com a família, não tinha a menor ideia do que estava reservado a ela. Acredito que análises de políticas internacionais não faziam parte da expectativa de uma jovem adolescente que estava aproveitando seus últimos dias de férias com a família, ao contrário de Szpilman, um homem adulto que trabalhava justamente em uma rádio, um meio de comunicação que possui uma circularidade de informação constantemente, e como citamos acima, já aguardava um conflito armado entre a Alemanha Nazista e seu país.

Para melhor pontuar e demonstrar essas mudanças, no que tange principalmente ao problema da passividade dos judeus frente aos nazistas, dividi o relato em “marcos” importantes relativo às políticas de segregação racial, política e econômica impostas aos judeus de Varsóvia, durante a ocupação alemã – a instauração do gueto.

II.1 Antes dos muros: as noções e categorias passividade nas primeiras semanas de guerra, segundo os testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman

Nas primeiras semanas de guerra, a família de Mary Berg fez uma verdadeira peregrinação entre a cidade de Lodz até a capital Varsóvia. Como já abordado, as notícias da invasão alemã na Polônia já circulavam no dia 29 de agosto, enquanto a família Berg se divertia na cidade de Ciechocinek, e em seguida embarcam no último trem de passageiros para a cidade natal de Lodz no mesmo dia. Com o início da guerra, Berg nos conta que passou a maior parte do tempo no porão de sua casa, e quando chegou a notícia de que os alemães haviam rompido as linhas de frente polonesas e estavam se aproximando de Lodz, o pânico dominou toda a população. Ela escreveu que “às onze da noite, multidões começaram a sair da cidade em diferentes direções”.¹³⁵ Possivelmente, o pânico generalizado que dominou a cidade não pode ser uma constatação imediata de Berg, já que ela mesma escreve, que passou a maior parte do tempo com sua família se protegendo dos possíveis ataques alemães.

¹³⁵ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 1-2.

Até os portões da cidade, não tínhamos certeza da direção a tomar – para Varsóvia ou para Brzeziny? Por fim, junto à maioria dos outros judeus de Lodz, pegamos a estrada para Varsóvia. Mais tarde, soubemos que os refugiados que seguiram o exército polonês, retirando-se na direção de Brzeziny, foram quase todos massacrados por aviões alemães.¹³⁶

Durante todo o percurso de Lodz até Varsóvia, ela, sua mãe, seu pai e sua irmã mais nova, passaram, de bicicleta, pelas cidades de Lowicz, onde seus suprimentos alimentares acabaram e eles avistaram a cidade em chamas, pela cidade de Sochaczew, onde conseguiram alguns “picles e biscoitos de chocolate que tinham gosto de sabão”, mas nenhuma fonte de água, já que todos os poços estavam secos. Quando finalmente começaram a se aproximar da capital, encontraram os primeiros alemães prisioneiros de guerra sendo levados pela estrada por soldados poloneses. Essa visão, escreveu Mary Berg, foi estimulante para nós, embora os alemães não parecessem abalados por sua situação. A primeira refeição cozida após quatro dias de viagem da família Berg foi em Okecie, subúrbio de Varsóvia. Chegando a Varsóvia, os Bergs foram ao encontro de seus familiares no coração do bairro judeu da capital, onde permaneceram no porão na maior parte da estadia com eles. Por volta do dia 12 de setembro, os alemães começaram a destruir o centro da cidade.¹³⁷

Os dias seguintes trouxeram fome, morte e pânico para o nosso povo. Não podíamos comer nem dormir. Primeiro, numa casa nova na rua Zielna, conhecemos conforto de verdade. Os donos haviam fugido da cidade, deixando um apartamento limpo para nós. Havia até uma empregada que nos servia chá, e pela primeira vez, desde a nossa fuga de Lodz, comemos uma refeição de verdade, servida em uma mesa coberta de toalha branca.¹³⁸

Aparentemente, a fome, a morte e o pânico eram para os outros habitantes, menos para os Bergs. Essa dicotomia extrema é característica da narrativa de Mery Berg, ao mesmo tempo que ela narra um ato violento que avistou crianças órfãs moribundas pela cidade mendigando, no parágrafo seguinte, ela está muito feliz por ter ido à uma peça de teatro e à um recital musical em algum café com seus amigos. A

¹³⁶ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg: memórias do Gueto de Varsóvia**. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 2.

¹³⁷ Ibid., p. 4, 5 e 6.

¹³⁸ Ibid., p. 6.

tristeza que Mary Berg descreve sentir está lado a lado com a intensa felicidade por poder desfrutar de privilégios, como esse citado acima.

Por outro lado, os primeiros dias de guerra descritos por Wladislaw Szpilman são normais.

Acordei com barulho de explosões, escreveu ele, as explosões não eram muito fortes e pareciam vir de longe, fora do perímetro da cidade. Decidi ir imediatamente para a rádio, fonte das informações mais recentes. Nas paredes das casas e nos painéis publicitários já se viam enormes cartazes com a proclamação do presidente à nação, na qual informava sobre a agressão alemã contra a Polônia. Não havia qualquer pânico; o estado de espírito geral oscilava entre curiosidade com o que estava acontecendo e o espanto de que as coisas se tivessem precipitado a esse ponto.¹³⁹

Naquele mesmo dia, à tarde, Szpilman e seus companheiros decidiram trabalhar normalmente e manter os programas musicais (onde ele trabalhava), embora de forma diferente do planejado. A cidade, mais uma vez, ele afirma, “tinha um aspecto de que nada demais tinha ocorrido; havia um intenso movimento nas ruas principais, as lojas estavam abertas, e como o prefeito apelara para que não se estocasse comida, pois, segundo ele, não era necessário, ninguém formava fila”.¹⁴⁰

Os acontecimentos só tomariam um tom mais sério no relato de Szpilman a partir do dia 7 de setembro, quando um vizinho da família bateu na porta do seu apartamento para informar que os alemães vinham se aproximando de Varsóvia, que governo polonês se deslocara para Lublin, e que todos os homens deveriam deixar a cidade e ir para o outro lado do Vístula, onde seria formada uma nova linha de defesa.¹⁴¹ Wladislaw Szpilman primeiramente não acreditou na informação, e mesmo observando hordas de gente saindo da cidade, não teve a menor intenção de fazê-lo. Na verdade, essa ideia de abandonar a cidade e de se juntar a essa “suposta linha de defesa” não era uma opção.

Decidi ficar. Não via qualquer sentido nessas peregrinações bélicas. Se o destino quiser que eu morra, que isto ocorra em minha casa. *Além disso – pensava eu – alguém teria que se ocupar de minha mãe e minhas irmãs depois do afastamento do meu pai e do Henryk. Ao*

¹³⁹ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p.16-17.

¹⁴⁰ Ibid., p.19-20.

¹⁴¹ Ibid., p. 22.

discutir esse assunto com eles, ficou claro que eles também não tinham qualquer intenção de *fugir*.¹⁴²

Nesse trecho, a possibilidade dele se juntar a uma resistência é impensável, mesmo que seu pai, já idoso, e seu irmão mais novo, quisessem participar dessa empreitada. Em outro momento, após o “abandono à nossa própria sorte” que aconteceu no dia 7 de setembro, houve uma reorganização das forças armadas polonesas para defender a capital dos ataques nazistas. “Formávamos um exército organizado”, escrevia Szpilman, “como um estado-maior, dispondo de munição e tendo diante dos olhos um só objetivo: a defesa da cidade. O resultado dos nossos esforços dependia exclusivamente de nós, deveríamos dedicar a ele todas as nossas forças”.¹⁴³

Dois dias após ter se juntado a milhares de homens e mulheres que estavam ajudando a cavar fossos para dificultar a entrada dos tanques nazistas, Szpilman escreve:

Dois dias depois interrompi aquele trabalho. Fui informado que a rádio voltara a funcionar sob a direção de um novo diretor – Edmund Rudnick, antigo chefe da redação musical. Ele não tinha fugido como os demais. [...] Cheguei à conclusão que eu seria mais útil lá do que cavando fossos.¹⁴⁴

Para Szpilman, sua utilidade, neste momento, é exercendo sua profissão ao invés de continuar ajudar a cavar fossos em torno de Varsóvia, em meio a invasão nazista. Durante o relato de Szpilman é bem perceptível a sua aversão a trabalhos que não seja do cunho artístico ou musical. O orgulho de ser quem ele é, pelo reconhecimento de sua profissão, é um traço característico ao longo da sua narrativa.

Tanto Mary Berg quanto Vladislav Szpilman escrevem sobre o dia 27 de setembro, uma quarta-feira, momento que Varsóvia capitulou. Szpilman precisou de dois dias até criar coragem para sair à rua; ele tinha a nítida impressão de que Varsóvia

¹⁴² ZSPILMAN, Wladislav. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 23. [grifo meu].

¹⁴³ Ibid., p. 28.

¹⁴⁴ Ibid., p. 29.

cessara de existir.¹⁴⁵ Vinte e sete dias depois do começo da guerra, Varsóvia, que havia resistido mais que qualquer outra cidade da Polônia, foi forçada a se render.¹⁴⁶

Do início da guerra, passando pela rendição de Varsóvia, a chegada dos oficiais alemães e seus decretos à população polonesa até o estabelecimento do gueto, há apenas dois momentos que Szpilman observa condutas as quais ele julga a “rendição” como ato de “vergonha”. A primeira, em um acontecimento já citado, no dia 7 de setembro, quando milhares de pessoas “fogem” de Varsóvia, o pianista faz uma conexão dessa migração com o estado lastimável que ficou a cidade.

Varsóvia é uma cidade extraordinariamente elegante. Onde foram parar, tão repentinamente, os homens e as mulheres trajados como se tivessem saído diretamente das revistas de moda? As pessoas que se deslocavam em várias direções pareciam estar fantasiadas de turistas ou caçadores. Vestidas negligentemente [...] claramente não faziam qualquer esforço para manter um mínimo de civilidade. As ruas, ainda ontem limpas, hoje estavam cheias de lixo e sujeira. Num dos becos laterais, nas calçadas e nos meios-fios, estavam sentados ou deitados vários soldados que voltavam da frente de batalha. Via-se nos seus semblantes, postura e gestos enorme esgotamento e desânimo total. Essa sua atitude era proposital, como se quisessem que as pessoas à sua volta não tivessem quaisquer dúvidas de que se eles estavam ali, e não no front, *porque já não havia mais qualquer sentido na luta, e que a situação era desesperadora. A situação era inaceitável. Ninguém tentava impedir as pessoas de fugir.* [...] *Ou talvez a vergonha de estar fugindo por estas ruas em vez de lutar por elas?* Ninguém devolverá a esta cidade a sua dignidade. Tudo parecia a imagem da derrota. Retornei para casa com o coração partido.¹⁴⁷

É evidente na narrativa de Szpilman que ele se entende “primeiro” como um polonês de fé e/ou ascendência judaica, a demonstração do pertencimento a nação polonesa é um traço característico do seu relato. Dessa forma, ele classifica aqueles que fugiram para salvar suas vidas, ou para se juntar a linha de defesa ou qualquer que seja o motivo, como uma deterioração daquilo que ele imagina ou tenha como “conduta exemplar e correta” de um polonês que ama a sua cidade e está ali para defendê-la. Nesse contexto, o fugitivo é, para Szpilman, uma figura covarde, uma figura de

¹⁴⁵ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003., p. 34.

¹⁴⁶ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 10.

¹⁴⁷ ZSPILMAN, Wladislaw. op. cit., p. 24-25 [grifo meu].

reprovação e de vergonha. Essa categoria não é a mesma categoria de passividade que pontuamos ao longo do trabalho, a qual está muito mais ligada a submissão e subserviência. Isso é um dos pontos que o trabalho quer exatamente demonstrar: essas categorias e noções não são constantes e homogêneas, pelo contrário, da mesma forma que para Abba Kovner, ser levados como “carneiros para o abate”, era um ato de vergonha, paralelamente, nesse contexto, o qual Szpilman descreve esse acontecimento, há também o sentido de vergonha, mas em casos bem distintos.

O segundo momento, e esta descrição é a que mais se aproxima do “judeu indefeso”, encontrado no testemunho de Mary Berg, são as chamadas *lapanka*¹⁴⁸, que se iniciam após a conquista do território polonês, com o estabelecimento do maquinário burocrático e militar alemão. Szpilman descreve como esses atos de violência gratuita aconteciam:

Pequenos carros particulares circulavam pelas ruas, paravam inesperadamente perto de passantes judeus, abria-se a porta, e do seu interior surgia uma mão, cujo dedo indicador fazia um gesto: ‘Entre!’. As pessoas que retornavam destas *lapanka* falavam das primeiras agressões físicas: não eram ainda por demais graves – limitavam-se a socos no rosto ou alguns pontapés. Estes acontecimentos eram mais sentidos por aqueles que os consideravam injuriosos e que não tinham ainda compreendido que estas agressões não eram, julgando-as do ponto de vista moral nada mais do que bater ou chutar um animal.¹⁴⁹

Pela descrição acima, Szpilman não informa se havia o uso de arma de fogo apontando para a futura vítima para que ela não tivesse outra escolha a não ser entrar dentro do veículo, mesmo que, sem dúvida alguma, esses oficiais estivessem armados. E mesmo com as agressões, a arma de fogo não era utilizada, segundo o artista. É possível dizer que a potencial vítima “entrava” no carro, de alguma forma, por própria vontade?

Outro ponto interessante desse acontecimento, é que Szpilman julga do ponto de vista moral que existe um rebaixamento na dignidade humana: no momento que alguém “aceita entrar” no veículo, você é apenas um animal, o qual não tem vontade e está à

¹⁴⁸ Na nota de tradução da edição utilizada neste trabalho, o tradutor Tomasz Barcinski diz que por problemas típicos das línguas eslavas (a ausência de artigo definidos, declinações, pontuações etc) ele preferiu deixar algumas palavras no original, e uma dessas palavras, é a *lapanka* que se trata de uma derivação do verbo *lapac* (agarrar). *Lapanka* quer dizer que é uma detenção de pessoas escolhidas aleatoriamente nas ruas da cidade. ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 8.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p 39.

mercê da violência dos seus algozes. É, também, interessante questionar se, pela forma como Szpilman narra, as primeiras *lapanka* eram violências que podiam ser evitadas. Ela não é um ultimato de vida ou morte, para ela acontecer, precisa, mesmo que minimamente, o consentimento da vítima. Digo isso, pois comparo com outra passagem dele:

Entre os vários decretos incômodos dirigidos contra os judeus, havia um que não estava escrito, mas que devia ser diligentemente seguido: os homens com ascendência judaica tinham que fazer uma reverência diante de qualquer soldado alemão que encontrassem no seu caminho. Este decreto imbecil e ofensivo levava Henryk e a mim à loucura. *Fazíamos de tudo o que era possível para evita-lo. Quando víamos um alemão se aproximando, atravessávamos a rua, e quando já não podíamos evitar o confronto, virávamos a cabeça, fingindo que não o tínhamos visto, embora sujeitos a levar, no mínimo, uma surra.*¹⁵⁰

Outra questão a ser considerada, nos dois momentos que descreveu um ato de violência e de vergonha, Szpilman está se referindo a outras pessoas que agiam dessa forma, mas quando narra um acontecimento exercido por ele, o tom muda ligeiramente, existe um desejo de manter a dignidade ainda em situações de risco. O que pode ser um indício de que os usos das formas para classificar as respostas dos judeus ao terror nazista podiam variar de *quem* está realizando uma determinada ação e *quem* está narrando àquela ação. Quando o sobrevivente narra uma ação exercida por terceiro, a tendência é de julgá-la de forma mais rigorosa, mas quando narra uma experiência pessoal, a tendência é inversa.

A maior parte dos acontecimentos que Mary Berg descreve classificando o judeu como “indefeso”, são atos de violência após conquista da Polônia. No dia 10 de março de 1940, ela escreve em seu diário o seguinte relato:

Hoje eu presenciei um ataque contra uma judia idosa por arruaceiros poloneses que a cravaram de facadas. Incidentes como esse estão se multiplicando, *e em toda parte pode-se ouvir gritos de judeus indefesos.* É inconcebível que esses poloneses, esquecendo suas próprias desgraças, *persigam pessoas ainda vivas mais vulneráveis que ele.*¹⁵¹

¹⁵⁰ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 44. [grifo meu]

¹⁵¹ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 20. [grifo meu]

Em janeiro, Mary Berg diz que por vários dias, uma mulher polonesa de meia-idade, enrolada em um xale preto comprido e com um porrete na mão, tem sido o terror da rua Marszalkowska. Ela não deixa nenhum judeu passar sem bater nele e se especializou em atacar mulheres e crianças, e que não adianta protestar, a lei não protege os judeus.¹⁵² No primeiro trecho, para Mary Berg, os judeus são indefesos e vulneráveis, o que pode ser uma continuidade, das violências já descritas por ela em janeiro. Não adianta protestar, os judeus não possuem direitos civis, não são amparados legalmente, *não há saída*. Aqui, a categoria que Mary Berg utiliza para classificar os judeus são bem mais “claras” e “próximas” daquelas que falamos no início do trabalho – o judeu submisso que recebe as agressões de forma passiva, o cordeiro esperando pelo abate. Porém, assim como observei em Szpilman, é uma classificação de como outras pessoas estavam agindo em determinado contexto ou como os judeus agiam frente a uma determinada violência. Em nenhum momento ela classifica ou fala, até o momento, sobre *suas próprias* ações.

Pelo o que foi visto, as classificações de passividade em Szpilman e em Berg são similares na circunstância em que elas são narradas: o aumento da violência com os judeus de Varsóvia após a dominação nazista. Entretanto, no relato de Szpilman a passividade adquire nuances mais flexíveis e, como foi mostrado no caso *lapanka* e do cumprimento a um oficial nazista, precisa da colaboração da potencial vítima para que a agressão se cumpra. No relato de Mary Berg, a categoria de “submisso” e de “passivo” frente as agressões é mais clara e mais perto da noção do judeu que aceita a violência, sem demonstrar qualquer reação contrária. A adolescente, contudo, não realiza qualquer conexão dessa “submissão” com a ideia do “judeu da diáspora”. Entretanto, o que é similar nos dois testemunhos é que essas classificações são utilizadas para descrever ações de terceiros e não ações pessoais. Szpilman mantém sua dignidade em não se humilhar em cumprimentar um oficial nazista e Mary Berg, até então, se absteve em falar de suas próprias ações diante de algum acontecimento de risco.

¹⁵² BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 18.

II. 1.2. – “Egito nazista e os animais enjaulados”: as categorias e noções de passividade segundo os testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman

A instauração do gueto na cidade de Varsóvia¹⁵³ (vide anexo A e/ou B) foi um acontecimento que marcou tanto Wladislaw Szpilman quanto Mary Berg em seus relatos. De maneira bastante similar, as edições trabalhadas nesta pesquisa, possuem um capítulo dedicado a nova configuração espacial e social dos judeus na capital polonesa; “o gueto” como é encontrado na autobiografia de Szpilman e “começa o gueto”, como é intitulado no diário de Berg. “Hoje foi oficialmente estabelecido o gueto judeu. É proibido aos judeus sair dos limites formados por certas ruas. Há uma comoção enorme”, escreveu Mary Berg, em seu diário datado do dia 15 de novembro de 1940.

Já começaram o trabalho nos muros que terão 2,7 metros de altura. Pedreiros judeus, supervisionados por soldados nazistas, colocaram tijolos sobre tijolos. Aqueles que não trabalham rápido o bastante são espancados pelos supervisores. *Isso me faz pensar naquela descrição bíblica da nossa escravidão no Egito.*¹⁵⁴

Ao longo de seu diário, a adolescente ocasionalmente relaciona os acontecimentos importantes da experiência no gueto e (ou da guerra), com passagens bíblicas e/ou com datas importantes da religião judaica. Como já apresentei no trabalho, Mary Berg escreveu que nas vésperas do Rosh Hashaná, em 22 de setembro de 1941, os 5 mil jovens listados pelo Conselho Judaico por ordem dos nazistas,

¹⁵³ A criação dos guetos tinha origem em circunstâncias diferentes, de local para local. Ela se estendeu de outubro de 1939 (Piotrków Trybunalski) até março de 1941 (Lublin e Cracóvia). O gueto de Lodz foi criado em abril de 1940, e o de Varsóvia, em novembro de 1940. De início, os guetos eram considerados, pelos dirigentes nazistas, meios temporários para segregar a população judaica antes de sua expulsão. Mas, quando adquiriram certa permanência, uma de suas funções passou a ser a exploração sistemática e impiedosa de parte da população judaica, feita prisioneira em benefício do Reich (em vista sobretudo das necessidades da Wehrmacht – Exército alemão), a um custo tão baixo quanto possível. Além disso, pela redução da provisão alimentar e, em Lodz pela substituição do dinheiro normal por uma moeda especial do gueto, os alemães conseguiram pôr as mãos na maior parte do dinheiro e dos bens que os judeus tinham levado consigo ao ser enviados a seus alojamentos miseráveis. Os guetos também cumpriam uma útil função psicológica e “pedagógica” na ordem nazista das coisas: eles logo se tornaram o local de exibição da miséria e indigência judaica, oferecendo aos espectadores alemães as sequências filmadas exibidas nos noticiários cinematográficos que alimentavam a repulsa e o ódio existente. FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus: os anos de extermínio, 1939-1945.** v. II São Paulo: Perspectiva, 2012, p.70-71.

¹⁵⁴ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg: memórias do Gueto de Varsóvia.** Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 33 [grifo meu]

aqueles que estavam “à espera do abate”,¹⁵⁵ não possuíam armas para se defender e se vingar de seus algozes. “Mas somos indefesos, só podemos curvar a cabeça e rezar para Deus”,¹⁵⁶ lamentou a jovem. Ainda em setembro de 1939, Berg escreveu em seu diário um acontecimento que “ela nunca esqueceria”: no dia 23 de setembro, dia da Expição (Yom Kippur), um milagre de neve forçou os nazistas a cessarem os bombardeios por algumas horas.¹⁵⁷ Mais uma vez, Berg utilizou o acontecimento da instauração do gueto, mais precisamente a construção dos muros que aprisionariam os judeus de Varsóvia, à analogia a escravidão do “seu povo” no Egito faraônico.

É importante notar que das três passagens, em duas, Berg assinala a passividade judaica entrelaçada com essa memória bíblica ou religiosa. A primeira à espera do abate na véspera do ano novo judaico, onde ela enfatiza a fraqueza do povo judeu e, por isso, sua única saída são suas preces ao divino. A segunda, é a escravidão no Egito moderno, que no caso, é a cidade de Varsóvia. Por esses indícios, é possível sugerir que Mary Berg venha de uma família que pratica a fé judaica, que comemora datas religiosas e possui um conhecimento das passagens bíblicas.¹⁵⁸

Em contrapartida, isso não ocorre no relato de Wladislaw Szpilman. Em nenhum momento em seu testemunho, o artista realiza qualquer conexão entre o passado religioso bíblico com a sua própria experiência durante a Segunda Guerra Mundial. Szpilman não enxerga uma analogia do aprisionamento dos judeus de Varsóvia com os hebreus no antigo Egito.

O músico, assim como Berg, diz que “os portões do gueto foram cerrados no dia 15 de novembro”. Um pouco antes do fechamento do gueto, Szpilman diz que “na segunda quinzena de novembro, os alemães sem qualquer explicação, começaram a isolar o lado setentrional da rua Marszalkoska com cercas de arame

¹⁵⁵ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 104.

¹⁵⁶ Ibid., p. 102

¹⁵⁷ Ibid., p. 8.

¹⁵⁸ No dia 20 de setembro, data que teve “o milagre da neve” que forçou o cessar do bombardeio nazista a Varsóvia por algumas horas, Mary Berg escreve em seu diário que “apesar do perigo, meu pai e alguns outros homens que moravam em nossa casa foram até a sinagoga vizinha”. Quando os Bergs foram transferidos para a prisão Pawiak, dentre os “bens” que eles deixam para o tio de Mary Berg, Abie, irmão de sua mãe, estão a mobília da casa, os artigos religiosos de seu pai, como o tallith, os filactérios e o pequeno volume de Salmos o qual seu pai tinha carregado para todo canto desde que a guerra tinha iniciado. Ibid., p. 8-182.

farpado”.¹⁵⁹ Quase dez meses antes, Mary Berg escreve em seu diário, no dia 10 de janeiro de 1940, que a imprensa polonesa, sob controle nazista, tem publicado informações não oficiais de que planejam um gueto para os judeus de Varsóvia.¹⁶⁰ Em 12 de junho de 1940, Berg ressalta que, apesar de não haver gueto em Varsóvia, assim como em Lodz, pelo menos não oficialmente, há limites que os judeus por vontade própria evitam cruzar a fim de não serem caçados pelos alemães ou atacados pelos arruaceiros poloneses, e ela conclui: “sente-se mais seguro dentro desses limites não oficiais”.¹⁶¹ No dia 2 de novembro, agora bem mais próximo da data oficial da instauração do gueto, Berg diz que circulava um insistente boato de que o bairro judeu logo seria fechado.¹⁶²

De qualquer forma, existe uma ideia por parte de algumas autoridades do alto escalão nazistas em confinar os judeus em uma área restrita nas cidades alemãs, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. Ideia sugerida, por exemplo, após a Noite dos Cristais, em 1938.¹⁶³ A impressão que Szpilman tem desse dia é:

Ao anoitecer naquele dia [15 de novembro], eu tive que resolver um assunto no final da rua Sienna, no ponto em que ela se encontrava com a rua Zelazna. Mesmo que estivesse chovendo, o dia era excepcionalmente quente para aquela estação do ano. [...] *Todos estavam nervosos e agitados, e andavam a esmo, de um lugar para o outro, como se fossem animais trancados numa jaula à qual ainda não se tinham acostumado*¹⁶⁴

¹⁵⁹ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p.50.

¹⁶⁰ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 17.

¹⁶¹ Ibid., p. 25.

¹⁶² Ibid., p. 32

¹⁶³ Após a onda de violência antisemita que assolou a Alemanha entre as noites dos dias 9 e 10 de novembro de 1938, Herman Göring, Presidente do Reichstag, convocou vários membros do alto escalão nazista para uma reunião no dia 12 de novembro para discutir as consequências deste *progrom*. Em uma parte da reunião, os burocratas discutiam os mecanismos de como se daria a segregação de uma vez por todas dos judeus alemães dos ambientes institucionais e culturais do Reich. Reinhard Heydrich, chefe da Polícia de Ordem, disse a Göring que ele era a favor de um distintivo especial que seria usado por todos aqueles definidos como judeus pelas Leis de Nuremberg. Göring era favorável à criação de guetos em larga escala nas principais cidades. Para Heydrich, os guetos se tornariam “locais de esconderijo para atividades criminosas” incontroláveis pela polícia, enquanto um distintivo permitia a vigilância pelo “olho atento da população”. O debate sobre a introdução do distintivo ou a criação de guetos prosseguiu, concentrando-se nas formas como os judeus iriam dar andamentos a sua vida diária. A diferença de opinião permanecia insolúvel e, três semanas mais tarde, Hitler rejeitaria tanto os distintivos quanto os guetos. FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus**: os anos da perseguição. v. I. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 363.

¹⁶⁴ ZSPILMAN, Wladislaw. op. cit., p. 56-57 [grifo meu].

As conexões que os dois sobreviventes atribuem ao fechamento do gueto são muito distintos, mas os sentidos são similares. Berg elabora uma conexão com a escravidão do Egito, estabelece uma ponte entre sua própria experiência no presente com as histórias do “passado bíblico” e Szpilman confere aos muros o sentido de estar enjaulado como um animal. Apesar do músico não se conectar com o passado mítico da Torá, em seu relato, existe o pensamento de derrota do “animal sendo enjaulado”. Portanto, nas duas perspectivas, desgraça/fracasso do confinamento é notável.

A maior parte do diário de Mary Berg e da autobiografia de Szpilman é construída durante a experiência no gueto de Varsóvia, ou seja, antes do músico conseguir fugir do gueto e ser abrigado em diversos esconderijos na Varsóvia “ariana” por seus amigos e conhecidos de seus amigos poloneses. Da mesma forma, antes da família Berg ser internada na prisão de Pawiak e, posteriormente, deportados para um campo de internação na França. Foi o período de prisão no gueto que grandes acontecimentos são narrados por ambos, em seus testemunhos.

Durante os anos que os dois permaneceram dentro do gueto, não necessariamente a passividade e/ou atos de violência foram dignos de nota ou de descrição cotidiana. Pelo contrário, apesar de, esporadicamente, Berg e Szpilman retratarem episódios de agressão ou de submissão frente a um perigo eminente, a maior parte de seus testemunhos se concentram em “continuar a ter uma vida a mais próxima do normal dentro das condições que se estabeleceram no gueto”, ou nas palavras de Mary Berg “a vida se organiza no gueto; trabalhar ajuda a esquecer de tudo e não é difícil conseguir trabalho aqui: várias oficinas e fábricas abriram, fazendo todos os tipos de artigo que antes nunca haviam sido fabricados em Varsóvia”.¹⁶⁵ No dia 17 de fevereiro de 1941, ela complementa esta afirmação com uma informação sobre a oferta de cursos e trabalhos organizados pela administração judaica com a permissão nazista:

A administração comunitária judaica está terminando os preparativos para um curso de desenho de máquinas, arquitetura e artes gráficas. Eu me inscrevi. Recebi em prospecto datilografado, que explica que o curso está sendo aberto por permissão especial das autoridades alemãs

¹⁶⁵ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 41.

e é parte do programa geral de treinamento de serralheiros, eletrotécnicos e outros artesãos para jovens judeus que não têm profissão. Todos nós percebemos que a intenção real dos alemães é treinar operários para suas indústrias de guerra.¹⁶⁶

Apesar de Berg reforçar a ideia de que conseguir trabalho no gueto não era difícil, contudo, não podemos nos esquecer de que ela faz esta afirmativa partindo de uma posição social privilegiada e, portanto, conseguir um trabalho e/ou um curso oferecido pela administração comunitária do gueto não é difícil *para ela*, tanto que na mesma ocasião acrescenta que:

O curso durará 6 meses e a taxa de frequência é de 25 *zlotych* mensais. Infelizmente a *recomendação* desempenha papel significativo na seleção dos estudantes. Primeiro me rebelei contra isso, mas, quando percebi que minhas chances de ser aprovada eram pequenas, decidi recorrer, enfim, aos mesmos meios.¹⁶⁷

Aparentemente, no próprio vocabulário do diário de Berg, toda vez que a jovem utilizar o termo “recomendação”, ela está se referindo a suborno. O que pode significar que as vagas para essas ocupações são extremamente limitadas e muito concorridas, logo, apenas aqueles que possuem meios econômicos e/ou prestígio social possuía meios para serem admitidos.¹⁶⁸ Além disso, o curso não é gratuito, é necessário pagar uma “mensalidade” para a administração comunitária o que dificulta ainda mais a permanência de judeus que não possuem uma boa condição financeira ou uma grande reserva de dinheiro escondida.¹⁶⁹ No início da instauração do gueto, ter um trabalho era a principal forma de conseguir meios de manter o mínimo do básico de uma alimentação diária, entretanto, quando as deportações em massa se iniciam, por volta de julho de 1942, ter um trabalho regular aumentava

¹⁶⁶BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 47.

¹⁶⁷ Ibid., p. 48 [grifo meu].

¹⁶⁸ Por causa de seu nível social pré-guerra, educação e riqueza, muitos dos parentes e amigos de Mary Berg conseguiram conquistar posições de “privilégios”, o que lhes permitia que vivessem muito melhor do que o morador médio do gueto e que sobrevivessem pelo menos um pouco mais. Ibid., p. XXVII.

¹⁶⁹ Digo escondida, pois, Szpilman relata sem seu testemunho que foi anunciado um decreto nazista que nenhuma família judaica poderia possuir mais de dois mil zloty. Quantias superiores, bem como objetos de valor, deveriam ser depositados nos bancos. ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 40.

significativamente sua chance de permanecer no gueto, e assim, suas possibilidades de sobrevivência.¹⁷⁰

Há outro momento que Mary Berg fala sobre a utilização das “recomendações” para preencher vagas dentro da administração do gueto de Varsóvia, e este tema, tem uma relevância importante no trabalho, por dois motivos: o primeiro porque é possível identificar pontos de vistas divergentes sobre ele nos testemunhos de Berg e de Szpilman, e o segundo, pois é um assunto que perpassa alguns momentos críticos do cotidiano e do testemunho dos nossos sobreviventes, principalmente o de Szpilman. Este tema é a Polícia Judaica.¹⁷¹

Mary Berg em seu diário datado do dia 22 de dezembro de 1940, diz que o caso da polícia judaica está resolvido. “Uma comissão selecionou-os, e a ‘recomendação’ desempenhou um papel importante nessa triagem. No final, quando

¹⁷⁰ Em julho de 1942, quando os rumores sobre a deportação começaram a ganhar grandes proporções no gueto de Varsóvia, Mary Berg e Wladislaw Szpilman escrevem em suas narrativas que os que estavam registrados nas ‘lojas’ não seriam deportados. Berg escreve em seu diário no dia 5 de julho que “As deportações no gueto continuam. Também há boatos sobre a deportação iminente do gueto inteiro. Muitos judeus estão se registrando nas chamadas “lojas”, que agora são, sobretudo, na rua Leszno. São locais de trabalho que produzem, na maior parte, uniformes militares alemães. Diz-se que as pessoas empregadas ali não serão deportadas”. No mesmo período, Szpilman registra que “estes momentos, tão terríveis para nós, muito lucrativo para os alemães. Diversas empresas alemãs foram surgindo no gueto, como cogumelos após a chuva, todas dispostas a emitir os comprovantes de emprego, desde que, obviamente fosse paga uma quantia de milhares de szlotys. Aqueles que conseguiam os comprovantes prendiam na roupa uma cartolina com o nome da empresa onde aparentemente iriam trabalhar. Acreditavam que isso os protegeria da deportação”. Após o início das deportações de julho de 1942, Mary Berg em seu diário, datado do dia 29 de setembro, relata que “certas empresas recorrem ao esquema de marcar seus trabalhadores com carimbos, a fim de torná-los mais facilmente reconhecíveis durante os bloqueios, protegendo-os assim da deportação. Os trabalhadores são carimbados” em diversas partes do corpo, para que os caçadores nazistas não cometam erros”. BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 175-176, 213; ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 98

¹⁷¹ A Polícia Judaica, o “serviço de ordem” judaico uniformizado que, em princípio, stava sob as ordens do conselho e dos alemães. Em Varsóvia, a polícia do gueto contava com um contingente de aproximadamente 2000 homens e era chefiada por um convertido, o ex-tenente coronel da polícia polonesa, Józef Szerynski. Os policiais eram, sobretudo, os jovens provenientes da “melhor” classe, às vezes, “intelectualidade”. Eles tinham as conexões necessárias para conseguir os cobiçados empregos e, uma vez de uniforme, não hesitavam em impor as ordens mais impopulares emitidas pelos conselhos (recolhimento de taxas, escolta de homens para o trabalho forçado, vigilância da cerca interna do gueto, confisco de propriedade e coisas do tipo) ou pelos alemães, muitas vezes de forma brutal. Embora, os policiais argumentarão na época - e após a guerra - que as coisas teriam sido muito piores caso seu trabalho fosse executado somente pelos alemães ou poloneses, não há dúvida de que “segmentos consideráveis da polícia judaica eram moral e materialmente corruptos, de que eles enriqueceram às custas dos residentes oprimidos e perseguidos durante a execução de suas tarefas” TRUNK. Isaiah. *Judenrat: The Jewish Councils in Eastern Europe under Nazi Occupation*. New York, 1972, p. 499-500 apud FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus**: os anos de extermínio, 1939-1945. v. II. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 205-206.

pouquíssimos empregos estavam disponíveis, o dinheiro também ajudou... Mesmo no céu, nem todos são santos.”, escreveu ela.¹⁷² Em seguida, ela continua:

O comissário-chefe da polícia do gueto é o coronel Zserynski, um judeu convertido que foi chefe da polícia em Lublin antes da guerra. Abaixo dele há três comissários-assistentes: Hendel, Leikin e Firstenberg, que formam juntos, o conselho superior da polícia. Daí vêm, os comandantes regionais, os chefes distritais (as regiões são divididas em distritos) e finalmente os policiais comuns, que cumprem as tarefas rotineiras. [...] Entre os deveres desses novos policiais estão a guarda dos portões do gueto, ao lado de gendarmes alemães e policiais poloneses, o comandante do tráfego nas ruas do gueto, a segurança dos correios, das cozinhas e da administração comunitária, além da perseguição aos contrabandistas.¹⁷³

E no final dessas informações precisas sobre a organização da polícia judaica, Mary Berg escreve que “tem uma sensação estranha e totalmente ilógica de *satisfação* quando vê um policial judeu em um cruzamento”,¹⁷⁴ e que a população judaica tem uma relação cordial com os policiais judeus.¹⁷⁵ Berg não encontrou todas essas informações sobre a estrutura da instituição por “desconhecidos” e nem mesmo seu sentimento de “satisfação” é ingênuo. O que ela não escreveu neste momento em seu diário, mas ela revela mais tarde¹⁷⁶ é que seu tio, irmão mais novo de sua mãe, um jovem chamado Abie, faz parte do quadro de policiais do gueto de Varsóvia. Logo, o motivo da satisfação é bem compreensível, Berg tem um parente próximo trabalhando em um cargo privilegiado dentro do gueto. É possível que Berg não tenha exposto que seu tio conseguiu uma vaga dentro da força policial, pois ela apresenta que parte desses policiais só conseguiram o trabalho por meio do suborno? É plausível, também, que Berg tenha omitido esta informação, neste momento, para não proporcionar a interpretação que seu tio foi um “recomendado”?

Todavia, Wladislaw Szpilman não tem nenhum sentimento de cordialidade com os policiais judeus de Varsóvia, pelo contrário. Em maio de 1942, quando Szpilman diz

¹⁷² BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 38 [grifo meu].

¹⁷³ Ibid., p. 38.

¹⁷⁴ Ibid., p.39

¹⁷⁵ Ibid., p. 40

¹⁷⁶ O primeiro momento que Mary Berg escreve que seu tio é um policial, data do dia 07 de maio de 1942, no qual ela descreveu um acontecimento que ele ‘quase perdeu a vida’ por se envolver entre contrabandistas judeus e oficiais alemães ver: Ibid., p. 164-165.

que as primeiras flores começaram a desabrochar nos jardins do gueto, a violência das *lapanka*¹⁷⁷ retornaram. No entanto, desta vez, havia uma pequena diferença: antes eram os oficiais alemães que realizavam essa operação, porém, agora *obrigação* de conduzir as *lapanka* foi transferida para a polícia judaica e para o Departamento do trabalho judeu.¹⁷⁸ Em seguida, ele descreve sua opinião sobre a instituição:

Henryk teve razão ao se recusar a ingressar na polícia, considerando-a uma corja de bandidos, composta, na sua maioria, por jovens oriundos das classes mais abastadas. Havia, entre eles, um grande número de conhecidos e ficamos cada vez mais indignados ao notar com evidente clareza como certas pessoas, até pouco descentes, de quem apertávamos a mão e a quem tratávamos como amigos, transformaram-se em canalhas. Tinham se contaminado pela mentalidade da Gestapo. Ao vestir o uniforme e o casquete de policial, e receber um cassetete, transformavam-se em animais. Seu objetivo principal era o de estreitar os laços com o pessoal da Gestapo, servir a eles, desfilar com eles pelas ruas, demonstrar seu conhecimento do alemão, vem como se destacar perante seus chefes, tratando com grande brutalidade a população judaica.¹⁷⁹

Mesmo que Wladislaw Szpilman tenha descrito essa impressão da polícia judaica por volta de maio de 1942, não creio que, no passado, quando a força policial estava se formando, sua opinião tenha sido diferente, justamente por ele demonstrar que seu irmão recusou a entrar na instituição porque ele (Henryk) julgou que seus componentes, em grande parte, “eram da corja de bandidos da elite judaica”. É claro o sentimento de antipatia que Szpilman nutre pelos policiais judeus, em grande medida, porque são semelhantes a ele – alguns até amigos, que agora estavam “fazendo o trabalho criminoso dos alemães de bom grado”, e que se “vangloriavam” disso. Tanto que Szpilman diz que o objetivo principal da polícia é “estreitar a relação com a Gestapo”, e não fazer *qualquer* bem para a comunidade.

¹⁷⁷ Na nota de tradução da edição utilizada neste trabalho, o tradutor Tomasz Barcinski diz que por problemas típicos das línguas eslavas (a ausência de artigo definidos, declinações, pontuações etc) ele preferiu deixar algumas palavras no original, e uma dessas palavras, é a *lapanka* que se trata de uma derivação do verbo *lapac* (agarrar). *Lapanka* quer dizer que é uma detenção de pessoas escolhidas aleatoriamente nas ruas da cidade.

¹⁷⁸ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 84-85.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 85.

A divergência sobre a instituição da Polícia Judaica é notória nos testemunhos de Berg e Szpilman, sobretudo, pois cada um dele possui um interesse específico, segundo a sua posição, em retratar os policiais judeus de uma forma e não de outra.

Ademais, pelo testemunho de Mary Berg, podemos perceber que há sim uma construção de “normalidade” dentro da vida cotidiana no gueto; que o desespero e fome convivem lado a lado com cafés e teatros lotados. Entretanto, os relatos de agressões são pontuais, e não frequentes. Assim sendo, episódios de violência adquirem maior importância em momentos muito específicos, como previamente apontado e reforçado adiante. Afirmo isso, pois consigo observar no testemunho de Szpilman um padrão a respeito do mesmo tópico, a brutalidade e a vida normal andam lado a lado no gueto de Varsóvia. Por exemplo, logo depois da conquista de Paris, em maio de 1940, Wladislaw Szpilman escreveu que:

*Agora, embriagados pela vitória, os alemães novamente voltarão a se concentrar em nós, embora não se pudesse dizer que fôramos esquecidos durante a luta frente ocidental. Os roubos e as deportações dos judeus para trabalhos forçados na Alemanha continuavam sem cessar, mas todos já tinham aprendido a conviver com isso. Em setembro tiveram início as primeiras deportações para os campos de trabalho de Belz e Hrubiesz.*¹⁸⁰

Nesse trecho, o músico exprime exatamente o que quero demonstrar: violência e miséria não deixam de fazer parte da vida cotidiana do gueto, entretanto, os sobreviventes “se acostumam” com esses acontecimentos e apenas narram e descrevem quando são “excepcionais”, no sentido de algo muito inesperado, um grande perigo eminente, ou quando acontece com algum conhecido ou parente. Caso contrário, é apenas uma nota do que acontece diariamente no gueto, com mais ou menos frequência. Como podemos observar nas palavras de Szpilman, há períodos mais violentos em que os nazistas tratam os judeus com mais brutalidade (pós conquista de França, por exemplo), e há período onde essa violência é mais branda (como na pré conquista da França). De qualquer forma, Berg e Szpilman se familiarizaram com esta configuração, e a passividade só será notória em momentos mais urgentes.

¹⁸⁰ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 54.

Em agosto de 1940, cerca de três meses antes da instauração do gueto, Mary Berg junto com outros jovens naturais da cidade de Lodz, formaram um grupo artístico para angariar fundos e ajudar algumas organizações comunitárias. Este grupo ficou conhecido como “Grupo Artístico de Lodz”, ou LZA, em polonês.¹⁸¹ Entretanto, foi após a instauração do gueto que as atividades do grupo se intensificaram. Ela anota em seu diário que no dia de Natal de 1940 o “nosso grupo teatral recebeu vários convites para se apresentar em café”.¹⁸² Em 10 de janeiro de 1941, poucos dias depois da apresentação de Natal, Berg narra uma cena de violência, que aparentemente ela não viveu, e sim, contaram a ela.

Na noite passada, vivemos horas de terror mortal. Por volta de onze horas da noite, um grupo de gendarmes nazistas entrou na sala onde nosso comitê estava reunido. Os nazistas revistaram os homens, levaram todo o dinheiro que acharam e ordenaram que as mulheres se despissem, esperando achar diamantes escondidos. Nossa sublocatária, a sra. R., que por acaso estava ali, protestou corajosamente, declarando que não tiraria a roupa na presença de homens. Por isso, ela recebeu um tapa estalado na cara e foi revistada com mais brutalidade que as outras mulheres. Estas ficaram nuas por mais de duas horas, enquanto os nazistas passaram os revólveres por seus seios e partes íntimas e ameaçavam atirar nelas se não lançassem fora dólares ou diamantes.¹⁸³

Apesar dos detalhes do relato, é bem provável que Mary Berg não tenha estado nesta reunião que fora interrompida por soldados nazistas, a qual desenrolou nestas cenas de violência e abuso. Berg casualmente utiliza o plural em seus relatos para dar uma ideia de comunidade ou que o terror é generalizado, isso explica o “vivemos horas de terror mortal”, sem de fato, ela mesma ter vivido o acontecimento. Mas, um ponto importante e bem particular do testemunho de Mary Berg, em comparação a Szpilman, é que ela, mais frequentemente, observa e narra violências sofridas por mulheres, o que aparece muito raramente no relato do músico judeu. Dessa forma, a violência de gênero é evidenciada em Berg justamente por ser uma violência a qual ela poderia sofrer por ser mulher, diferente de Szpilman, que,

¹⁸¹ Os membros titulares eram Bolej Gliksberg, Romek Kowalski, Edek Wolkowicz, Tadek Szajer, Ola Szmuzzkowicz, Edzia Piaskowska, Stefan Mandeltort, Misza Bakszt, Dolek Amsterdam, Mietek Fein e Mary Berg. Esses são conhecidos como os LZA. BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 28.

¹⁸² Ibid., p. 41.

¹⁸³ Ibid., p. 43.

apesar de todos os perigos que circundam as ruas do gueto, ele ainda é um homem, e sendo assim, não tem o abuso sexual e violação de seu corpo como uma possível violência.

No dia 28 de fevereiro de 1941, Berg escreve em seu diário sobre o abastecimento de pão no gueto de Varsóvia. Segundo a adolescente, “a escassez de pão torna-se cada vez mais crítica; consegue-se muito pouco com os cartões de racionamento oficiais e, no mercado negro, quinhentos gramas custam agora dez zlotych”. Ela ainda acrescenta que “todo pão é preto e tem gosto de serragem. Pão branco custa de quinze a dezessete zlotych”.¹⁸⁴ “Muitos dos alunos vêm para a aula sem ter comido nada, e todo dia organizamos uma coleta do pão para eles”,¹⁸⁵ escreve ela. A vista disso, é provável que poucas pessoas pudessem pagar o curso de formação e, também, se alimentar minimamente no gueto.

E apesar do aumento no preço do pão, e, conseqüentemente, da fome no gueto (especialmente por parte da população mais pobre), assim como, a descrição daquele episódio de violência, Mary Berg diz que:

(...) a vida artística floresce no gueto: na rua Nowolipie, um pequeno teatro artístico iídiche chamado Azazel funciona sob a direção da atriz Diana Blumenfeld, mulher de Jonas Turkow; na rua Nowolipkie, que é paralela à Nowolipie, o teatro de Câmara tem espetáculos em polonês. Há outros aspectos do gueto: novos cafés e caros armazéns apareceram, e neles pode-se conseguir de tudo. Nas ruas Sienna e Leszno, são vistas mulheres com casacos e vestidos elegantes feitos pelos melhores estilistas.¹⁸⁶

Aparentemente, o preço do pão não é um problema para todos no gueto, pelo contrário, enquanto alguns vão para um curso sem ter comido absolutamente nada, outros podem esbanjar e comprar artigos ainda mais caros nesses armazéns de luxo. É esse paradoxo que consiste na maior parte na vida cotidiana do gueto e que pode ser encontrado em vários momentos do testemunho de Mary Berg.

É em alguns desses cafés que Mary Berg e Wladislaw Szpilman, possivelmente, tenham se encontrado algumas vezes; “no nº 16 da rua Sienna”, escreveu a adolescente em seu diário, “abriu um novo café, dirigido por Tatiana Epstein. Artistas famosos se apresentam ali, entre eles o virtuoso Wladislaw

¹⁸⁴ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 51.

¹⁸⁵ Ibid., p. 51.

¹⁸⁶ Ibid., p. 55-56, 60.

Zspilman”.¹⁸⁷ É bem provável que Berg frequentasse esses estabelecimentos, já que ela e grande parte dos seu círculo de amizade moravam no Pequeno Gueto¹⁸⁸ (vide anexo A e/ou B), e sendo assim, tivesse casualmente escutado Szpilman tocar nessas ocasiões que esteve neste café.

Acredito que Szpilman tenha uma relação ambígua quando se trata da “elite judaica”. “Os mais afortunados encontraram quartos na rua Sienna, que viria a ser o equivalente a Champs-Élysées no gueto, ou nas suas redondezas”,¹⁸⁹ escreve ele sobre os habitantes do Pequeno Gueto (vide anexo A e/ou B). O que reforça a ideia de Mary Berg possuía, de fato, uma condição social e econômica diferenciada. A Polícia Judaica, na opinião de Szpilman, era formada, em grande parte, por “corja de bandidos da elite judaica”.¹⁹⁰

Quando trabalhou em um determinado estabelecimento, ele conta que abriu os olhos para duas ilusões que possuía:

Todos os dias, eu tinha a oportunidade de admirar esses produtos (do contrabando) expostos no café Nowoczesna. Era lá que iam os ricos cobertos de ouro e diamantes e onde "damas" super maquiadas, ao som do espocar das rolhas de champanhe, ofereciam os seus serviços aos especuladores. E, também, lá que eu perdi duas ilusões: *a primeira - quanto à eterna solidariedade humana, e a segunda - quanto à musicalidade dos judeus*¹⁹¹.

Neste trecho, é a primeira e única vez que Szpilman descreve o exercício da prostituição feminina no gueto de Varsóvia.¹⁹² Adicionalmente, a crítica que

¹⁸⁷BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 54.

¹⁸⁸ “O Gueto foi dividido em duas partes: o grande e o pequeno. O pequeno gueto estava confinado pelas ruas Wielka, Sienna, Zelazna e Chlodna, e tinha, após a última redução, apenas uma ligação com o grande: na junção das ruas Zelazna e Chlodna. O grande gueto ocupava toda parte setentrional de Varsóvia, com um mundo de fedorentas ruelas e de becos repletos de judeus paupérrimos, apinhados em meio à miséria e à sujeira. No pequeno gueto também se viviam apertados, mas de uma forma ainda razoável. Em cada quarto viviam três, no máximo quatro pessoas. Nas ruas, andando com atenção era possível passar sem esbarrar em outros. No pequeno gueto viviam basicamente os intelectuais e a alta burguesia, relativamente poucos piolhentos, livres de insetos que pulavam no grande gueto”. ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 61.

¹⁸⁹ Ibid., p. 55

¹⁹⁰ Ibid., p. 85.

¹⁹¹ Ibid., p. 73. [grifo meu]

¹⁹² Fica evidente que ele está se referindo a isso pelo uso das aspas no termo dama e o fato de “oferecer seus serviços aos espectadores”. De qualquer modo, Szpilman não exprime muitas considerações sobre esse exercício, entretanto, é visível que ele não as enxerga com “bons olhos”, justamente pelo uso das aspas ao se referirem a elas, e talvez, e aqui é uma hipótese que levanto, é da presença dessas figuras

Szpilman faz é a forma de como a elite judaica pouco se importava com os milhares de miseráveis que estavam do lado de fora das portas do estabelecimento, e, também, no mesmo patamar de desaprovação, como seu trabalho não era merecidamente apreciado. Todavia, ele não apenas precisa estar nesses ambientes para trabalhar e ganhar um salário para seu sustento e de sua família, como também, Szpilman *apreciava* estar nestes lugares, pois, enquanto a elite judaica (ou parte dela) *apreciava sua música* e conseqüentemente, lhe concedia *status* de artista reconhecido, isso era o que importava para ele:

Não agüentei muito tempo naquele lugar. A sorte me ajudou e arrumei emprego num lugar bem diferente, na rua Sienna, frequentado pela intelectualidade judaica que vinha me ouvir. *Foi ali que consegui fortalecer a minha posição artística reconhecido* e vim conhecer pessoas com as quais, no decorrer do tempo, pude passar muitos momentos agradáveis, mas também, momentos terríveis.¹⁹³

Pelo endereço indicado por Szpilman, pode se tratar do mesmo estabelecimento ao qual Berg se refere como o local em que o músico se apresentava. Como indicado anteriormente,¹⁹⁴ Wladislaw Szpilman sente orgulho pela sua profissão, mais que isso, a posição de “músico reconhecido” ou “músico famoso” é importante para ele, esse traço é característico em sua narrativa, tanto que no primeiro emprego, o fato deles não “apreciarem seu concerto”, é uma ofensa pessoal à ele.

No que foi visto nos testemunhos, tanto de Berg quanto de Szpilman, a violência, fome, miséria estão mescladas com descrições de momentos felizes e divertidos em cafés e teatros. Isso significa que, as noções de passividade, e suas possíveis nuances e tonalidades, não é um tópico altamente frequente ao longo dos relatos. Pelo contrário, ela possui sua emergência bem localizada, e mesmo assim, ela pode estar associada ao cotidiano estabelecido no gueto – tema de análise a partir de agora.

O primeiro relato de perigo que Wladislaw Szpilman presenciou após instauração do gueto, excetuando, é claro, aquela que demonstrei no dia do

femininas em um ambiente predominantemente masculino, e não é qualquer figura masculina, mas sim, aqueles ‘ricaços cobertos de ouro e diamantes’

¹⁹³ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 74-75 [grifo meu]

¹⁹⁴ Ibid., p. 29.

fechamento dos portões,¹⁹⁵ é um episódio que aconteceu com ele, seu pai e seu irmão, Henryk, poucas semanas depois do fechamento do gueto, que é interessante para a discussão:

No final de novembro, quando eu, meu pai e Henryk estávamos visitando uns amigos me dei conta da hora e constatei, com pavor, que o toque de recolher iria soar dentro de poucos minutos. Era necessário sair imediatamente. Não tínhamos a mínima chance em chegar em casa, mas achávamos que um pequeno atraso não chegava a ser um pecado mortal. Já tínhamos chegado à rua Zielna e parecia que chegaríamos em casa em segurança, quando, ao virarmos a esquina, deparamos com uma patrulha da gendarmaria. Não tínhamos mais tempo de fugir ou de se esconder. Fomos parados e os oficiais perguntam-nos se éramos judeus. *Com a arma já engatilhada, alguém começa a chorar. Virei a cabeça e vi, iluminado pelas lanternas, o vulto do meu pai de joelho no asfalto molhado, soluçando e implorando aos gendarmes que poupassem as nossas vidas. Como podia humilhar-se a este ponto?* A nossa situação continuava desesperadora. Meu pai chorava, Henryk tentava acalmá-lo e os alemães continuavam a mirar suas armas em nós. Não podíamos vê-los atrás das lanternas. Repentinamente, numa fração de segundo, senti instintivamente que não corríamos perigo de vida. “Qual é a profissão de vocês?”. Henryk respondeu: Somos músicos. “Vocês têm sorte por eu ser músico, sumam daqui!”. Ouvimos, cada vez mais distante, o início de uma grande discussão. Os outros dois gendarmes prendiam o nosso salvador por ter-nos poupado.¹⁹⁶

Nesta cena descrita pelo músico, pode-se notar, mais uma vez, que Szpilman precisa manter-se digno frente ao perigo, e por mais que sua vida estivesse em risco diante de armas de fogo, sua honra de “não suplicar por sua vida perante seu algoz”, ainda permanece. E desta vez, diferente da cena descrita no tópico anterior, a qual os homens judeus são obrigados a cumprimentar cordialmente os oficiais nazistas, ele está narrando um acontecimento o qual vivenciou, e, portanto, ele está classificando e descrevendo suas próprias ações e ações de terceiros, que no caso, são seu pai e seu irmão. Por mais que ele, aparentemente, tenha se mantido calado durante este acontecimento, Szpilman descreve a súplica de seu pai, por não querer que nem ele e seus filhos fossem assassinados, como um ato desesperado e humilhante. Contudo, o músico não associa diretamente a humilhação com a categoria de “passividade”. Outro ponto interessante a ser analisado nesta passagem, é a *clemência* do oficial

¹⁹⁵ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 56-57.

¹⁹⁶ Ibid., p. 47, 48 e 49.

nazista para com a família Szpilman pelo *fato* deles serem músicos. Neste episódio, supostamente, a profissão exercida por eles foi um fator de peso para que eles fossem poupados de serem executados.

Dias mais tarde, Szpilman narra mais um acontecimento que obrigou “a intelectualidade judaica se encarcerar em uma autoimposta prisão domiciliar por semanas a fio”.¹⁹⁷ Ele estava se referindo ao decreto nazista de que todos os judeus deveriam utilizar uma braçadeira branca com uma estrela de Davi bordada em azul e branco – o prazo limite para todos os judeus utilizarem este distintivo era entre 1 e 5 de dezembro de 1940.¹⁹⁸ Porém, Mary Berg escreveu em seu diário que a faixa já estava sendo utilizada pelos judeus, por ordem nazista, desde o dia 10 de janeiro de 1940 e ela acrescentou que “por enquanto, aqueles cuja aparência semita não é evidente não estão usando essas faixas”.¹⁹⁹ De qualquer forma, para Szpilman, “ninguém tinha coragem de sair à rua portando a braçadeira, e quando isso era inevitável, tentava esgueirar-se sorrateiramente, com a cabeça abaixada e o rosto coberto de vergonha e dor”.²⁰⁰ O estigma de ser marcado no meio a multidão por ser judeu é descrito por Szpilman como imoral e penoso, e o fato de não poder ir contra esse decreto, a braçadeira se torna ainda mais vergonhosa, pois não havia outra saída a não obedecer a presente ordem.

Em 29 de outubro de 1941, Mary Berg relatou em seu diário uma das poucas ocasiões a qual a jovem classifica uma série de ações e condutas como passivas, de pessoas tão esgotadas daquela realidade que não possuíam mais meios de resistir às violências e abusos por parte dos oficiais nazistas. Ela descreveu o seguinte episódio:

Mas, às vezes, as pessoas se veem obrigadas a aceitar esse papel. Se alguém é surpreendido cometendo uma violação menor das leis, como usar a faixa de braço de uma maneira levemente diferente da prescrita, é preso e torturado. Essa pessoa muitas vezes anseia por cometer suicídio, mas não há um modo fácil pra fazer isso. *Os alemães descobrem suas vítimas entre aqueles que são torturados e cujo espírito e corpo estão enfraquecidos e os confrontam com a opção de*

¹⁹⁷ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 50.

¹⁹⁸ Ibid., p. 40.

¹⁹⁹ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 17.

²⁰⁰ ZSPILMAN, Wladislaw. op.cit., p. 50.

viver ou morrer. Tais pessoas perdem todo o poder de resistência, concordam com qualquer coisa e assim, automaticamente, tornam-se objetos da Gestapo. Sua principal função é delatar. Os nazistas querem saber quem possui joias ou dinheiro estrangeiro. Um delator nunca pode escapar das garras nazistas; tem de “realizar” algo para pagar pelo favor de ter a permissão de viver e receber comida. Há vários desses agentes da Gestapo no gueto, mas eles não são realmente perigosos, pois são mais ou menos conhecidos e, sempre que podem, até avisam as vítimas potenciais da Gestapo sobre revistas de casas que estão sendo tramadas. Contudo, há uns poucos personagens clandestinos que são mesmo perigosos, pois levam a sério seus serviços para a Gestapo.²⁰¹

Há vários pontos para analisar nesse trecho do diário de Berg. O primeiro ponto que a adolescente assinala é que violações mais leves não são, aparentemente, penalizadas com a execução sumária. Segundo Berg, esses judeus são torturados com o propósito de delatar outros judeus que possuem riquezas escondidas no gueto. Logo, por essa razão, é provável que judeus pobres, aqueles que trabalham doze ou quatorze horas diárias nas fábricas dentro do gueto, sejam o alvo dessa empreitada nazista. O fato de o alimento ser uma recompensa, pode reforçar ainda mais a hipótese de que os judeus menos abastados, aqueles que mal conseguiam se alimentar, fossem o alvo mais fácil dos alemães.

De uma forma ou de outra, entretanto, Berg diz que a delação ocorre apenas depois das horas de torturas e violência: “os alemães descobrem suas vítimas entre aqueles que são torturados e cujo espírito e corpos estão fraquejados, tais pessoas perdem todo o poder de resistência, concordam com qualquer coisa e assim, automaticamente, tornam-se objetos da Gestapo”. Nesse trecho fica bem evidenciado o que Berg diz sobre o fato da repressão levar a pessoa a perder o poder de resistência, após horas de torturas o prisioneiro, enfim, cede aos comandos dos nazistas. Estes judeus incorporam e aceitam, dessa forma, as condições impostas pela Gestapo, com intuito de sair dessa situação dolorosa e sobreviver, convertendo-os, segundo Berg, em “objetos da Gestapo”. Em seguida, ela acrescenta: “um delator nunca pode escapar das garras nazistas; tem de 'realizar' algo para pagar pelo favor de ter a permissão de viver e receber comida.”. Ao que parece, esse vínculo, a partir de agora, é vitalício, já que o judeu se tornou um mero instrumento da Gestapo,

²⁰¹ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 120-121.

consequentemente, ele se torna um subordinado dos oficiais até quando for necessário, perdendo sua autonomia completamente.

Na última parte desse fragmento, Berg diz que “há vários desses agentes da Gestapo no gueto, mas eles não são realmente perigosos, pois são mais ou menos conhecidos e, sempre que podem, até avisam as vítimas potenciais da Gestapo sobre revistas de casas que estão sendo tramadas”. Este trecho, a adolescente está se referindo a esses judeus que trabalhavam para a Gestapo, e que, ocasionalmente, estes tentavam ajudar as potenciais vítimas de batidas, e por serem conhecidos, não apresentavam muito perigo. “Contudo, há uns poucos personagens clandestinos que são mesmo perigosos, pois levam a sério seus serviços para a Gestapo”, Berg termina a descrição observando que existiam sim judeus que incorporavam o exercício de delatar e trabalhavam seriamente para Gestapo, assim como descreveu que a Polícia Judaica, “tinham se contaminado pela mentalidade da Gestapo”.

A passagem da primavera para o verão de 1942, foi o período em que Mary Berg e Vladislav Szpilman descreveram, com mais frequência, fuzilamento e violência no gueto de Varsóvia. “Desde o dia 17 [de abril], o gueto vive em terror constante. Na noite entre os dias 17 e 18, 52 pessoas foram mortas, sobretudo padeiros e contrabandistas”,²⁰² escreveu Berg. Menos de duas semanas depois, no dia 28 de abril, a jovem continuou a descrever mais cenas de violência, agora destinado, principalmente, aos membros do movimento clandestino e seus associados.

Na noite passada outras 60 pessoas foram executadas. Eram membros da resistência clandestina, a maioria pessoas bem de vida que financiavam os boletins secretos. Também foram mortos muitos gráficos suspeitos de ajudar na publicação dos jornais clandestinos. Uma das vítimas era o rico padeiro Blajman, o principal patrocinador de um jornal clandestino.²⁰³

O músico reforça que as cenas de terror continuaram em maio de 1942, “os alemães voltaram a lembrar-se de nós”:

No entanto, desta vez havia uma pequena diferença: a obrigação de conduzir as *lapanka* foi transferido para a Polícia Judaica e para o

²⁰² BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 158.

²⁰³ Ibid., p. 160-161.

Departamento do trabalho judeu. Por ocasião da grande *lapanka* em maio, cercaram as ruas com uma eficiência digna de puros homens da SS, corriam pelas ruas em seus garbosos uniformes, gritavam brutalmente como se fossem alemães, e, seguindo o exemplo destes, agrediam a população com seus cassetetes.²⁰⁴

É narrando esse acontecimento que Szpilman expressa sua opinião acerca da índole duvidosa e corrupta da Polícia Judaica, a qual já abordamos no trabalho no tópico anterior. No mês seguinte, o músico escreve que “novamente, passou-se um mês de calma total, até a inolvidável carnificina de junho”, e ele anota que em uma única noite “mais de 100 homens foram fuzilados, no entanto, já ninguém se impressionava com isso: as lojas e os cafês passaram a funcionar normalmente no dia seguinte”.²⁰⁵ A brutalidade e as chacinas não eram mais um acontecimento extraordinário para o cotidiano do gueto. Longe disso, a população já estava (ou tentava) se habituar a esses acontecimentos e continuavam a viver normalmente. No gueto, o terror é cotidiano, a “violência absurda” é rotineira, por isso, ela se torna apenas *mais um* aspecto do testemunho como, por exemplo, a ida ao teatro. Berg, assim como Szpilman, também escreve sobre a “normalidade do dia a dia”; “apesar do terrorismo dominante, a comunidade abriu várias escolas públicas elementares para crianças de 7 anos. O ensino é ministrado em iídiche”.²⁰⁶ O Conselho Judaico do gueto de Varsóvia se esforçava para tentar manter uma normalização da vida cotidiana, para sua própria estrutura e funcionamento; a administração comunitária precisava manter o mínimo de tranquilidade na população para não gerar ainda mais caos e terror.

Os acontecimentos no mês de julho e agosto de 1942 são, digamos assim, o que encerram uma fase nos testemunhos de Berg e Szpilman. É ao longo deste mês que os rumores da deportação ganham força nas ruas do gueto de Varsóvia. Mary Berg escreve no dia 5 de julho que “as perseguições no gueto continuam, também há boatos sobre a deportação iminente do gueto inteiro”.²⁰⁷ No dia 14, a jovem escreve no seu diário as seguintes informações:

²⁰⁴ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 85

²⁰⁵ Ibid., p.86-88.

²⁰⁶ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 163.

²⁰⁷ Ibid., p. 175.

Hoje, enquanto voltava da escola, encontrei a mulher do zelador no nº16. Ela correu até mim com grande animação e me disse, num fôlego, que um policial viera do quartel-general trazendo uma ordem da Gestapo de que todos os cidadãos estrangeiros devem se apresentar na prisão Pawiak bem cedo na amanhã de 17 de julho. Parece que tudo será decidido amanhã. Mais tarde, o capitão Hertz chegou com as mesmas notícias. “Agora”, disse ele, “vocês verão que eu tinha razão. Estamos todos condenados. Os cidadãos estrangeiros estão sendo removidos porque os alemães não querem que testemunhem o que estão preparando para nós”.²⁰⁸

Portanto, a partir desta data, Mary Berg e sua família deixam o gueto de Varsóvia e se alojam, como todos os outros judeus que possuíam passaportes de países neutros e/ou inimigos, na prisão Pawiak. Dessa forma, depois do dia 17 de julho, todas as informações que Berg escreve em seu diário, ou acontecimentos os quais ela relata, são informações trazidas, muitas vezes, por segundos, como ela mesma anota em seu diário, principalmente por poloneses que trabalhavam na prisão. De qualquer forma, são impressões ainda mais distantes do que as descritas enquanto ela ainda habitava o gueto de Varsóvia. O tio policial de Mary Berg, Abie, ao acompanhar a irmã e sua família até os portões da prisão, sussurra, segundo a adolescente, palavras “desaprovadoras” por deixá-lo no gueto.²⁰⁹ Apesar de ele ser um policial judeu e estar isento das deportações, a atitude da irmã de salvar sua família graças a sua nacionalidade americana, naquele momento, não lhe parece justa, pelo contrário, lhe pareceu algo egoísta.

Szpilman narra os acontecimentos do dia 22 de julho de 1942 (vide anexo C), quando inicia a deportação dos judeus de Varsóvia para o campo de extermínio de Treblinka da seguinte forma:

[22 de julho de 1942] Ao meio-dia, foi iniciada a operação do esvaziamento dos lares e de inválidos, bem como dos abrigos onde estava amontoados os judeus vindos dos arredores de Varsóvia e também aqueles que tinham sido deportados da Alemanha, Tchecoslováquia, Romênia e Hungria. No meio da tarde, surgiram cartazes proclamando a deportação para o leste de todos os judeus incapacitados para o trabalho. Cada pessoa estava autorizada a levar consigo 20kg de bagagem, mantimentos para dois dias e joias. Estavam isentos apenas os funcionários do Conselho e das organizações judaicas. Pela primeira vez, a proclamação não era assinada pelo Chefe do Conselho - o engenheiro Czerniakow havia se

²⁰⁸ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010. p. 176-177.

²⁰⁹ Ibid., p. 184.

suicidado com cianureto de potássio. *E foi assim que teve a deportação de 500 mil pessoas - uma operação aparentemente absurda, na qual ninguém queria acreditar.* Nos primeiros dias da operação eram realizadas na base de loteria. Os prédios a serem evacuados eram escolhidos aleatoriamente, em qualquer região do gueto. Os moradores eram agrupados no pátio e todos, sem exceção, independente do sexo ou da idade eram embarcados em carroças e levados para o Umschlagplatz. Nesses primeiros dias, a operação era executada exclusivamente pela polícia judaica, comandada por três facínoras: coronel Szerynski e os capitães Lejkin e Erlich.²¹⁰

Mais uma vez, Szpilman não poupou sua indignação com a Polícia Judaica que estavam colaborando com os nazistas em deportar seus semelhantes, que inclusive, citou entre os “facínoras”, o chefe da organização policial, o coronel Szerynski. E, após observar as terríveis cenas de pessoas sendo arrancadas de suas casas com seus familiares e sendo enviados para a Umschlagplatz, Szpilman descreve estas cenas com metáfora de destruição do formigueiro:

Quando alguém, num gesto brutal e desumano, começa a pisar e destruir um formigueiro, as formigas saem correndo em todas as direções, procurando uma forma, ou um caminho, de salvação. Atordoadas pela violência do ataque, ou ocupadas com as tentativas de salvar seus descendentes e os seus bens, correm em círculos, como se estivessem sob efeito de um veneno e, em lugar de afastar-se do seu raio de ação, retornam, pelos mesmos caminhos, incapazes de abandonar o círculo mortal - e morrem.²¹¹

Com o início das deportações para o campo de Treblinka, os judeus, segundo Szpilman, são como formigas desorientadas pela violência e são incapazes de abandonar o círculo da morte que está a sua frente. Assim, como na instauração do gueto, quando o músico comparou os judeus aos “animais enjaulados”, Szpilman aponta a derrota das formigas que estavam prestes a serem assassinadas, sem nenhuma alternativa. Mais adiante, pela primeira vez em sua autobiografia, o músico descreve e atesta sua própria impotência diante da impossibilidade de conseguir salvar a si próprio e sua família.

Estava arrasado diante da minha impotência, especialmente ao ver que os meus conhecidos mais ricos conseguiam, com relativa facilidade, proteger as suas famílias. Desalinhado, a barba por fazer se sem pôr um bocado de comida no estômago, corria, de manhã à

²¹⁰ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 96-97. [grifo meu]

²¹¹ Ibid., p. 98.

*noite, de firma em firma, esmolando compaixão. Afinal, após 6 dias, tento esgotado toda a minha influência e todos os meus contatos, consegui os tais comprovantes. De toda a minha família, apenas eu me comportava de uma forma tão vergonhosamente fraca. Talvez por ser o único que - graças à minha popularidade - pudesse fazer algo para nos salvar e essa responsabilidade pesava demais sobre os meus ombros.*²¹²

Novamente Szpilman fala sobre a elite judaica. Desta vez, ele assinala seu “descontentamento”, ou até mesmo “inveja”, por seus amigos mais abastados conseguirem facilmente subornar os agentes da Gestapo ou da Polícia Judaica para não serem deportados ou por comprarem os vistos de trabalhos, que garantiriam sua permanência no gueto. Neste trecho, o músico expressa, mais uma vez, como a sua popularidade é sim um fator distintivo, um privilégio que poderia garantir uma saída possível para se salvar e salvar sua família. Portanto, no momento que ele esgota toda a sua influência e não consegue atingir o objetivo, ou seja, livrar sua família da deportação, ele reconhece sua fraqueza diante do cenário terrível e, ressalta, sobretudo, que ele era o único dos Szpilmans a se comportar de maneira “tão vergonhosa”.

Como apontei anteriormente, este é o primeiro momento que Szpilman despe-se de seu orgulho e se enxerga numa situação onde não haveria outra saída a não ser a morte. Diferente do acontecimento que ele narra quando foi pego pelos gendarmes após o toque de recolher, diante de pistolas, ele ainda sustenta sua dignidade e repreende a fraqueza do pai. Entretanto, nesse episódio narrado acima, isso não acontece mais, pois, ele, depois de ter esgotado suas redes de contato e não ter conseguido uma alternativa, Szpilman parece ter perdido as esperanças de sobreviver. Ele parece aceitar sua eminente deportação.

Na segunda semana de agosto, mais precisamente no dia 16, ele diz que “finalmente a nossa vez chegou”:

Foi feita uma seleção e somente Henryk e Halina foram considerados aptos para continuar trabalhando. Meu pai, Regina e eu fomos enviados de volta para o alojamento e, assim que lá chegamos, o local foi cercado e sou um temível apito. Não valia a pena lutar mais. Eu tinha feito todo o possível para salvar os que me eram próximos e a

²¹²ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 99-101.

mim mesmo. Agora, porém, não havia mais salvação. Talvez Henryk e Halina tivessem mais sorte.²¹³

Mesmo não “valendo mais a pena lutar”, mesmo que Wladislaw Szpilman tenha “aceitado seu destino” em ser deportado para Treblinka, e desejando que seus irmãos mais novos, Halina e Henryk, tivessem mais sorte no gueto, e, assim, talvez sobrevivessem a guerra, não foi isso que aconteceu. Quando o famoso músico estava se dirigindo, em meio à multidão de condenados para o trem que os mandariam para o campo de extermínio, um policial judeu o salvou, justamente por ser “o famoso Wladislaw Szpilman”. Foi por causa do seu prestígio social que ele não foi deportado. Não posso deixar de apontar a ironia que consiste nesse episódio narrado por Szpilman: sua salvação da deportação foi exatamente quando ele parecia ter aceitado que nada que ele fizesse poderia salvá-lo da deportação, ou seja, o artista se encontrava derrotado e sem esperanças. Portanto, Szpilman era um “cordeiro indo para o abate”, a submissão e aceitação de seu trágico destino já estava selado, entretanto, por “sorte”, ele consegue permanecer no gueto.

É oportuno falarmos de Treblinka neste momento, pois, foi no mesmo mês que toda a família de Szpilman foi deportada para este campo de extermínio, um judeu polonês (natural de Lodz) foi enviado para o campo, e, dois meses mais tarde, outro judeu da Tchecoslováquia, também foi enviado para lá. Por sorte, eles foram designados para a força de trabalho que mantinha a engrenagem da morte funcionando no maior campo de extermínio do III Reich, até então. As autobiografias de Chil Rajchman e Richard Glazar serão agora nosso ponto de partida para entendermos as noções de passividades na experiência no campo de Treblinka. Entretanto, cabe o seguinte questionamento: diante daquela situação extrema, há espaço para essas categorias? Rajchman e Glazar pensam e descrevem ações dessa forma?

Em síntese, neste capítulo pude reforçar as conclusões previamente apresentada, sobre a importância do tópico em que os testemunhos descrevem diversas ações as quais muitos historiadores, como por exemplo, Raul Hilberg, as classificaram como “passivas”. Em outras palavras, Hilberg as descrevem desta forma por causa da longa história de passividade do povo judeu, a qual, ele transporta essa leitura para avaliar a

²¹³ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 104.

vida nos guetos. Entretanto, do ponto de vista do sobrevivente, Szpilman descreve outras categorias de ações e *sensações*.

A passividade só adquiriu proeminência nos escritos de Berg e Szpilman em momentos muito específicos: quando havia aumento de violência contra os judeus, e mesmo assim, a violência era apenas mais um traço do cotidiano do gueto. Porém, outro ponto demonstrado foi que as outras categorias apresentadas pelos sobreviventes, como “vergonha” e “humilhação”, não estão, necessariamente, ligadas a noção de passividade. Contudo, é importante ressaltar que foi no contexto do início das deportações (julho de 1942), que Szpilman, pela primeira vez, classifica suas próprias ações como ações de um derrotado, que não tinha mais “esperança para sua salvação” frente a eminente deportação. E ainda que ele não pense nessa atitude como “passiva”, pode-se dizer que o “abatimento” e a “sensação de impotência” são, para Szpilman, frutos da ação dos nazistas e não derivadas de algo que é próprio aos sobreviventes judeus enquanto grupo, como argumenta Hilberg, ou seja, não é uma condição *essencial* dos judeus sob a dominação nazista.

III.

TERCEIRA PARTE: A passividade sob condições extremas: as experiências no campo de Treblinka, segundo os testemunhos de Chil Rajchman e Richard Glazar.

III. 1. “Treblinka tem tudo, exceto vida”: um estudo sobre as classificações de ações no campo de extermínio, segundo Chil Rajchman e Richard Glazar.

O material finalizado no dia 26 de agosto de 1945 pelos fotógrafos que acompanharam as forças Aliadas na libertação dos campos de concentração na Alemanha nazista, foi classificado como documentário oficial. O material foi coletado entre os dias 1º de março a 8 de maio de 1945, por ordem do Comandante Supremo das forças Expedicionária Aliada, General Dwight D. Eisenhower. Esse documentário pode ser uma boa ilustração do ponto de partida das questões as quais irei trabalhar nesta parte do trabalho.

Este filme, segundo a declaração de George C. Stevens, tenente coronel do exército dos Estados Unidos, certificou que o material gráfico, filmado pelas equipes oficiais de fotografia da expedição, é a *representação fiel* das pessoas e das situações captadas. A película não foi alterada em nenhuma forma e a narração complementar é um *relato verdadeiro* dos fatos e das circunstâncias que deram contexto à filmagem.²¹⁴

As cenas subsequentes mostram a libertação e as condições degradantes que se encontravam os prisioneiros nos campos nazistas dentro do território alemão. A pretensiosa *representação fiel* desses acontecimentos há de se perpetuar no imaginário coletivo ocidental durante todo o pós-guerra. Entretanto existe um grupo, em específico, dentre os prisioneiros encontrados nos campos, que personificou a ideia de degradação, fraqueza e passividade diante das atrocidades nazistas. E este grupo são os judeus europeus.

Como já apresentado, para historiador canadense Michel Marrus, poucas generalizações sobre a história do Holocausto são mais duráveis que a caracterização da passividade dos judeus em face a uma ameaça mortal: os judeus, costumam dizer, foram

²¹⁴ **NAZI Concentration Camp.** Direção de George Stevens. Washigton D.c: Army Of United States, 1945. (59 min.), P&B.

para sua morte como ovelhas para o abatedouro.²¹⁵ Para o historiador Kaplan-Middleton, o estereótipo de passividade foi construído pela simplificação dos estudos sobre o tema e reforçado pela iconografia dos judeus impotentes atrás dos arames farpados dos campos de concentração.²¹⁶

Na edição de 7 de maio de 1945, exatamente no mesmo dia da rendição alemã, a revista *Life* publicou nesta edição, imagens dos campos de concentração nazistas durante a libertação e do estado miserável que encontravam as vítimas. Apesar dos acontecimentos os quais iriam ser designados como “Holocausto” ainda não ter surgido no campo de estudos das ciências humanas, como uma “série de ações políticas, sociais, e por fim, de assassinato em massa para com o povo judeu europeu”,²¹⁷ as grotescas imagens das vítimas, principalmente judeus, ajudou a sedimentar a ideia de submissão. O historiador Yuri Suhl, em sua obra *They Fought Back: The Story of Jewish Resistance in Nazi Europe* de 1968, descreve a história de David Szmulewski, um judeu polonês e membro da resistência de Auschwitz que sobreviveu à guerra. Szmulewski tirou fotografias de mulheres nuas sendo levadas para as câmaras de gás e dos *sonderkommandos* arrastando cadáveres para as valas em chamas. Essas fotografias, que aparecem na obra de Suhl, foram contrabandeadas de Auschwitz e foram as primeiras a demonstrar as atrocidades nazistas dentro do campo ao mundo exterior.²¹⁸

Portanto, se existe uma imagem por excelência que incorpora totalmente a ideia de passividade judaica durante o período da Segunda Guerra Mundial, é a imagem dos judeus em campos de concentração; dos corpos esqueléticos em uniforme imundos listrados esperando a salvação atrás dos arames farpados envolto a montanhas de cadáveres.

Até este ponto do trabalho, analisei como e quando Mary Berg e Wladislaw Szpilman, em seus respectivos testemunhos, classificaram ações e noções em dois momentos diferentes em seus relatos, antes e depois da instauração do gueto de Varsóvia, até o início das deportações para Treblinka, no verão de 1942. Dessa forma,

²¹⁵ MARRUS, Michael. **A assustadora histórica do holocausto**. Tradução: Alexandre Martins. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003, p.205.

²¹⁶ KAPLAN-MIDDLETON, Richard. **The Myth of Jewish Passivity in Jewish Resistance against the Nazis**. Edited by Patrick Gerard Henry in **Jewish Resistance against the nazi**. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014, p. 3.

²¹⁷ Ver nota 13 da página 14

²¹⁸ SUHL, Yuri. **They Fought Back: The Story of Jewish Resistance in Nazi Europe** London: Macgibbon and Kee, 1968, p. 15 apud HENRY, Patrick Gerar. **Jewish Resistance against the nazi**. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014, p. XIV.

evidenciei que estas noções não são homogêneas e, sobretudo, estão intimamente ligadas aos contextos dos quais elas fazem parte. Entretanto, os dois testemunhos trabalhados até então, ainda são de judeus que, por mais limitação espacial e social que eles estivessem inseridos, no contexto do gueto, ainda é uma experiência bastante distinta se compararmos com as experiências extrema no campo, principalmente de um campo de extermínio. Neste próximo tópico irei discutir como Chil Rajchman e Richard Glazar elaboram (se é que eles elaboram) categorias e noções de passividade durante suas respectivas experiências no campo de Treblinka.

Como apontei, a experiência de judeus que escreveram sobre seus relatos em campos, difere bastante da experiência de judeus que escreveram seus testemunhos em guetos. Entretanto, é importante salientar que, os escritos de Richard Glazar e Chil Rajchman, possuem peculiaridades mesmo se comparados aos escritos de Bruno Bettelheim (sobrevivente do campo de Dachau e Buchenwald), Viktor Frankl (sobrevivente do campo de Bergen-Belsen), e até mesmo do relato de Primo Levi (sobrevivente de Auschwitz), pois a dinâmica de campos de concentração em comparação com campos de extermínio são bastante distintas.

Um exemplo dessa diferença entre relatos, talvez a diferença mais acentuada, no que tange principalmente às noções e categorias de passividade, é ausência da figura do *Muselman* nos relatos de Glazar e Rajchman. Recapitulando brevemente, esta categoria de prisioneiros, é, segundo a descrição de Bettelheim, “o prisioneiro que havia sentido e interiorizado todas as consequências do campo de concentração, os cadáveres humanos”, ou seja, eram pessoas tão carentes de afeto, autoestima e qualquer forma estímulo, tão completamente exaustas, física e emocionalmente, que haviam dado ao meio um poder total sobre si.²¹⁹ Como já apontamos, esse grupo de prisioneiro também é encontrados nos relatos de Frankl e Levi, e por assim sendo, é uma categoria propriamente singular da experiência em campos de concentração.

Todavia, em Treblinka, assim em seus campos-irmãos de Belzec e Sobibor, a dinâmica de sobrevivência e de escravização para manutenção do campo é mais extrema do que nos campos citados acima, até mesmo em comparação com Auschwitz. Nos campos do *Generalgouverment*²²⁰ (vide anexo D) e de Kulmohof (ou também

²¹⁹ BETTELHEIM, Bruno. **O Coração informado**: autonomia na era da massificação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 122-123.

²²⁰ Reich anexou diversas áreas ao longo de suas fronteiras de leste: uma vasta região ao longo do rio Varta (Reichsgau Wartheland ou Warthegau), a Alta Silésia oriental (que mais tarde faria parte do Gau da

conhecido como Chelmno), poucos indivíduos eram necessários como mão de obras e, entre os escolhidos, as mulheres eram apenas algumas poucas. Questionado sobre as crianças, um ex-membro do estabelecimento da SS em Treblinka declarou em seu julgamento que “salvar crianças em Treblinka era impossível”.²²¹

Portanto, os campos da Aktion Reinhardt²²² (Belzec, Sobibor e Treblinka) projetado pelos nazistas não tinham o propósito em explorar a força de trabalho escrava dos judeus europeus, ao contrário, seu objetivo era aniquilá-los de forma mais rápida e eficaz. Logo, o tempo de permanência dos prisioneiros nesse campo não durava mais que poucas horas. Richard Glazar conta que um certo prisioneiro chamado Leon diz a ele que “depois de dois ou três dias, se você conseguir sobreviver, então você vai entender que Treblinka tem tudo, exceto vida.”²²³ Em seu testemunho, ao ser designado para trabalhar no campo II, Chil Rajchman conta que dos seus 30 companheiros que foram junto com ele, apenas 6 permaneceram vivos no final do dia.²²⁴

Diante dessas considerações, diferentemente dos testemunhos de Bettelheim, Frankl e Levi, onde estes sobreviventes descrevem um grupo *específico* de prisioneiro que incorporou o mais alto grau de submissão dentro do campo de concentração, o mesmo não é possível nos relatos de Rajchman e Glazar, justamente por se tratar de uma dinâmica na qual, a esmagadora maioria que chegava a Treblinka, não possuía além de poucas horas de vida. O campo de extermínio conservava o mínimo possível de mão de obra para dar continuidade a esteira do genocídio, diferente de campos como de

Alta Silésia), o corredor polonês, que incluía a cidade de Gdańsk (Gau Danzing-Prússia ocidental), e uma pequena faixa de território ao sul da Prússia oriental. Uma população de dezesseis milhões de pessoa foi, dessa forma, acrescentada à Alemanha, das quais aproximadamente 7,5 milhões eram alemães. Após um plano provisório para estabelecer uma “Rest-Polen” (Polônia residual) autônoma, o território polonês restante, que incluía as cidades de Varsóvia, Cracóvia e Lublin, se tornou o “Governo Geral”, uma unidade administrativa de cerca de doze milhões de pessoas, governada por funcionários alemães e ocupada por tropas alemãs. O Governo Geral estava subdividido em quatro distritos: Varsóvia, Radom, Cracóvia e Lublin. O distrito de Galícia seria acrescentado em agosto de 1941, após o ataque alemão à URSS. Após o estabelecimento do Governo Geral em 12 de outubro 1939, e a nomeação de Hans Frank como governador-geral quatorze dias depois, foi implantado no coração da Polônia um sistema administrativo que importaria, como já apresentado, sobre mais de doze milhões de habitantes até junho de 1941, e sobre mais dezessete milhões após a incorporação da Galícia. FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus: os anos de extermínio, 1939-1945.** v. II São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 40-68.

²²¹ HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus.** Barueri, SP. Amariyls, 2016, P. 1202

²²² Codinome para a ação de morticínio de judeus poloneses. FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus: os anos de extermínio, 1939-1945.** v. II. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 813.

²²³ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka.** Nortwest University Press, 1995, p. 8-9 [tradução nossa]

²²⁴ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943).** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 64.

Auschwitz, onde era encontrando diversas realidades de prisioneiros convivendo em complexo de campos que abarcava campo de trabalho e campo de extermínio. Não havia tempo para que o prisioneiro pudesse *se tornar* um *Muselmänner*, pois a qualquer momento ele poderia ser assassinado. Em síntese, os judeus em Treblinka não eram *simples prisioneiros*, mas sim, cadáveres que *ainda não podiam* ser assassinados.

Onde estou? Estou no inferno, um inferno povoado de demônios. Esperamos a morte que pode chegar a qualquer instante, no melhor dos casos dentro de alguns dias. E, por alguns dias de sobrevida, temos que suar as mãos e assessorar esses bandidos em sua tarefa. Não, não temos esse direito!²²⁵

Então, a “personificação da passividade” na categoria de prisioneiro que é o *Muselmänner*, não era possível em Treblinka, pois não havia tempo de vivência dentro do campo. Porém, há uma passagem no testemunho de Rajchman onde ele se refere aos prisioneiros de Treblinka como “mortos-vivos”, o que erroneamente poderia levar a uma ligação com a categoria de *Muselmänner*.

Mathias manda o criminoso (Franz) sentar-se e admirar o bom desenrolar do trabalho. Assistem, sorriso nos lábios. Estão de bom humor, satisfeitos com o andamento do trabalho. Seu coração exulta quando contemplam esses mortos-vivos incessantemente ocupados, como pequenos diabos.²²⁶

Acredito que o uso do “morto-vivo” está intimamente ligado com a outra passagem logo acima para exemplificar a efemeridade da sobrevida dos prisioneiros em Treblinka. Portanto, essa categoria de “morto-vivo” não é uma analogia daquele prisioneiro que incorporou o mais alto grau de submissão, mas ela assinala que uma hora ou outra, existe apenas um destino para *todos* os prisioneiros em Treblinka: a morte. Logo, estes judeus são “literalmente” mortos-vivos.

Desse modo, a proposta analítica para os escritos de Chil Rajchman e Richard Glazar é de investigar as noções e categorias de ações segundo os próprios sobreviventes. Richard Glazar escreveu em sua autobiografia que “para nós, Treblinka

²²⁵ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p.70.

²²⁶ Ibid., p. 106.

começa no gueto”.²²⁷ Esse é o meu ponto de partida para entender, e aqui considero uma pergunta importante para trilhar esse caminho. A noção de subjugação, de estar à mercê dos nazistas, no caso de Rajchman e Glazar, poderia começar no momento da deportação por eles desconhecerem seu destino? Como apresentarei, a estrutura que os dois sobreviventes descrevem sua chegada ao campo de extermínio são bastante semelhantes.

"Para outro gueto no Leste (vide Anexo L), é o que estava escrito no meu documento”, escreveu Glazar nas primeiras páginas do seu testemunho, “meu número de registro era: 639. Apenas 4 semanas haviam se passado desde que eu fui deportado para o gueto de Theresienstadt no Protetorado da Boêmia e Moravia. O número do meu transporte era 417”.²²⁸ E, por conseguinte, ele narra a sua chegada e o seu desconhecimento do que aquilo tudo significava:

O trem parava frequentemente, de vez enquanto por longos períodos, especialmente a noite. Depois da segunda noite, com a aproximação da luz do dia, eu pude dizer, observando os sinais, que nós estávamos em algum lugar no meio da Polônia. Pouco tempo depois o trem parou novamente. Havia uma pequena estação chamada "Treblinka". Eram quase 4 horas da tarde do dia 10 de outubro de 1942. [Na plataforma] *as pessoas nos esperavam com roupas de civis. Devem ser pessoas normais, não judeus; nenhuma delas estava usando a Estrela de Davi.* Eles [os alemães] vão nos mandar para um outro lugar? Algum lugar melhor, ou pior? “Tenham seus documentos em mão!”. Nós iremos nos desinfetar antes de sermos mandados para o trabalho? Eu estou nu no final da minha fila. Com esse tempo não tenho interesse algum em tomar banho.²²⁹

Um plano maior foi formulado que determinava de qual distrito os judeus seriam destinados para qual campo de extermínio, em detrimento com a capacidade de matança do campo e a disponibilidade de transporte. As autoridades da SS, que estavam a frente do programa de deportação, desenvolveram métodos e procedimentos que se tornaram rotineira em todos os guetos. Os princípios básicos eram a surpresa, a rápida execução do que era requisitado e a “certeza” que as vítimas não estavam cientes do seu destino, com o principal intuito de reprimir qualquer tipo de rebelião ou alvoroço no momento

²²⁷ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence:** survival in Treblinka. Northwest University Press, 1995, p. 65. [tradução nossa]

²²⁸ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence:** survival in Treblinka. Northwest University Press, 1995, p. 65. [tradução nossa], p. 5. [tradução nossa]

²²⁹ Ibid., p. 5-6 .[tradução nossa]

das deportações.²³⁰ Chil Rajchman, que também descreveu os acontecimentos durante a sua deportação para Treblinka, exprime seu desconhecimento do destino daquela viagem. “Partimos da estação de Lubartow, a cerca de 20km de Lublin”, escreveu ele, que estava em companhia de sua irmã caçula, Rivke, “*assim como todos nós, não sei para onde nos levam, nem por quê*. Tentamos saber mais sobre isso durante o trajeto. Os guardas ucranianos que nos vigiam não dão mostras de nenhuma benevolência e se recusam a nos responder”.²³¹

Ao chegar na plataforma de Treblinka, Rajchman continua seu testemunho de como o procedimento de recepção e de separação dos prisioneiros acontece:

Os portões se abrem brutalmente e berram para nós: “Raus! Raus!”. Não tenho nenhuma dúvida com relação ao nosso destino. Pego minha irmã pelo braço e me apresso em descer do vagão. Deixo tudo lá. “Homens à direita, as mulheres à esquerda!” Nos beijamos rapidamente e nos despedimos para sempre. Os assassinos nos empurram enfileirados até o pátio. Berram para entregarmos o ouro, a prata e os objetos de valor que ainda temos. Em seguida, eles nos ordenam que tiremos nossas roupas e amarremos nossos sapatos um no outro. Obedecemos o mais rápido possível, pois os chicotes voam acima das nossas cabeças. Uma vez todos alinhados, eles se aproximam e escolhem uma centena de homens, unicamente jovens. Faça parte desse grupo. *Os outros são levados, não sabemos para onde*. Encontro-me entre os cem jovens selecionados.²³²

Quando chegou em Treblinka, Chil Rajchman tinha 28 anos, e como descrito no trecho, ele foi selecionado pelos agentes da SS para trabalhar como mão de obra na manutenção das atividades do campo. O mesmo aconteceu com Richard Glazar, sua força jovial de 22 anos, também lhe salvou das câmaras de gás assim que chegou no campo de extermínio.

Ele [oficial da SS] estava passando e observando nós enfileirados. Ele diminui os passos quando ele se aproxima de mim e me olha. O oficial da SS para, me olha por cima dos seus ombros e me diz: venha você também, vista alguma roupa. Depressa, se junte aos outros. Tire a estrela, sem relógios, sem faca... você irá trabalhar lá, e se você fizer

²³⁰ ARAD, Yitzhak. **Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard death camps**. Indiana University Press, 1999, p. 54. [tradução nossa]

²³¹ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 27.

²³² *Ibid.*, p. 31-32. [grifo meu].

um bom trabalho pode ser que você se torne um “capataz” ou um Kapo. Depressa, vá para seu local de trabalho!²³³

No momento em que foram selecionados em seus respectivos trens para o trabalho, Rajchman e Glazar foram designados a carregar e separar os pertences dos judeus que estavam sendo assassinados naquele mesmo instante. Mesmo “a salvo”, contudo, o propósito do que significava Treblinka ainda não era claro.

Damos início ao trabalho. À minha esquerda, do outro lado, está um deportado que faz esse trabalho há alguns dias. Pergunto-lhe qual é o sentido daquilo; embora tenha diante dos meus olhos as roupas de vítimas inocentes; *ainda não compreendi por que estamos ali*. Ele me diz: Então não enxerga? Estão assassinando nossos irmãos. Você não percebeu que são as roupas de todos aqueles que trouxeram pra cá? Ele receia em falar demais, um receio constante.²³⁴

O desconhecimento do que é Treblinka, em seu primeiro momento, e toda a sua dinâmica, é um fator predominante nos dois testemunhos. Essa incompreensão mesmo no destino chegado, também faz parte da tática nazista de manter em ordem suas vítimas para que elas pudessem ir para câmaras de gás sem muitos problemas. Toda essa estratégia de deixar os milhares de judeus no *escuro*, que teve seu início no gueto e seu desfecho trágico nas câmaras de gás disfarçadas de “casas de banho”, faz parte de uma linha lógica e estrategicamente organizada para o assassinato em massa.

Agora eu sei o que aconteceu com o meu transporte e o que acontece com cada transporte que chega aqui. Antes mesmo de entrar no portão, um certo número de carros é desacoplado e desviado para o revestimento de uma única via. Às vezes há quinhentas pessoas, às vezes mais do que isso. A locomotiva lentamente empurra os carros pelo portão. Então, como todo mundo sai, a mesma coisa que aconteceu comigo acontece com eles. As milhares de pessoas chegam numa plataforma chamada *Enkleidungsplatz*. Essa área é fechada por cercado verde, onde são ordenados a se despirem para se limparem. As mulheres despedidas junto com as crianças são direcionadas para o *Friseurstube*, o “salão do cabelo”, onde seus cabelos são cortados. O cabelo das mulheres é usado para isolar os motores. Enquanto isso, os homens, também nus, são ordenados que empilhassem a bagagem de mão no canto da área de despacho mais próxima do local de triagem. Juntos, todos - todas as mulheres “tosadas”, as crianças e os ofegantes homens, se dirigiam a “*Schlauch*”, o “gasoduto” que direciona ao

²³³ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence**: survival in Treblinka. Nortwest University Press, 1995, p. 6.

²³⁴ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 40.

campo II. Na linha divisória entre as duas partes do campo, construída dentro do oleoduto, há um pequeno escritório, um depósito para objetos de valor conhecido como “Kleine Kasse”. Enquanto o primeiro grupo do transporte é a direcionado pelo “gasoduto”, os carros com o próximo grupo são trazidos. Nesse meio tempo, o primeiro grupo terminou o “banho” e, antes de o novo grupo entrar na passagem verde, os “chuveiros” esvaziado e preparado para eles.²³⁵ (vide ANEXO G e/ou H).

Essa imagem dos judeus nus correndo em direção as câmeras de gás, “passivamente”, poderia ser o movimento da metáfora dos “carneiros indo para o abate”? Contudo, é necessário reafirmar que Glazar e Rajchman não realizam essa conexão. Como havia dito, é bastante similar como os dois sobreviventes descreverem a série de episódios que se desenvolveram até a chegada na estação de Treblinka, os elementos são praticamente os mesmos: ninguém que estava dentro daqueles trens sabia absolutamente nada sobre aquela suposta viagem para o Leste, mesmo sendo selecionados para trabalharem, ainda tudo é muito nebuloso. Glazar ainda pensa que Treblinka poderia não ter nada a ver com os judeus, já que *ninguém* estava usando a insígnia da Estrela de Davi.

Entretanto, essa similaridade dentro das narrativas se distancia quando Chil Rajchman for alocado em outra função dentro da estrutura do campo de extermínio. Portanto, por desempenharem papéis diferentes dentro de Treblinka, isso será fundamental para formular suas respectivas visões (ou silenciamento) dentro de seus testemunhos, ao descreverem as ações das vítimas que estavam prestes a serem assassinadas em Treblinka, ou até mesmo suas próprias ações.

Chil Rajchman logo se tornou um “tonsurador”,²³⁶ e Glazar continuou a desempenhar a mesma função desde que chegou no campo, que era de carregar e categorizar as bagagens trazidas dos judeus. Em razão desse contato direto com os milhares de mantimentos das vítimas, Glazar relata que fome e sujeira, não era algo que ele se preocupava. “Nunca nestes últimos dois anos de guerra”, escreveu o judeu tcheco, “minha boca esteve tão cheia de manteiga, chocolate, açúcar. E em outra pilha, eu levo

²³⁵ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka**. Nortwest University Press, 1995, p. 11-12

²³⁶ Prisioneiro que cuidava da raspagem dos cabelos das mulheres judias antes de serem executadas e, também eram encarregados de separar as bagagens das vítimas de acordo com seu valor e tipo. RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 40, 42, 50.

uma camisa, todo dia um camisa limpa, todo dia uma camisa de outro homem morto.²³⁷ Dessa forma, aparentemente, Glazar conseguia se alimentar um pouco melhor do que outros prisioneiros, mesmo correndo o perigo de ser pego. Porém, por não circular em outros ambientes, como a *Friseurstube*, a “barbearia”, que ele mesmo cita, o judeu tcheco não descreve ações e reações das vítimas que estavam prestes a serem assassinadas.

Por outro lado, como Rajchman se tornou um tonsurador, ele tinha contato direto com as milhares de mulheres que seriam tosadas antes de serem dirigidas às câmaras de gás. “Uma depois da outra, as vítimas sentam-se e as tesouras cortam, cortam sem descanso. Uma chora, outra grita. *Essas mulheres, em sua maioria, totalmente desamparadas. Somos espectadores de tudo isso, não podemos falar nada*”.²³⁸ E quando acabaram de “tosar” milhares de mulheres, ele escreve que:

*Foi assim que desfilaram centenas de mulheres em meio a um alarido de gritos e soluços. Quanto a mim, fui transformado no robô que as despojou de seus cabelos. Aproveitei o tempo para refletir e constato o horror, o inferno. Os assassinos nos obrigam a tonsurar nossas irmãs alguns minutos antes de despachá-las para a morte, e nós, mortos em condicional, obedecemos sob a autoridade do chicote. *Confiscaram-nos o entendimento, para esses assassinos não passamos de ferramentas.**²³⁹

Nestes dois trechos descritos por Rajchman, além de descrever a aflição e a dor dessas mulheres, ele mesmo reflete sobre a sua posição diante desses acontecimentos: milhares de mulheres desamparadas aos gritos foram mandadas para as câmaras de gás e ele tem consciência que é uma peça para que isso pudesse ter acontecido. “Para esses assassinos não passamos de ferramentas”. Essas são as palavras com que ele descreve suas próprias ações, o que define muito bem o que é ser um prisioneiro em Treblinka. Essa descrição da “vítima desamparada” pode ter ajudado a alimentar as diversas noções de “passividade” a qual tenho demonstrado desde o início do trabalho, e, também, pode ter reforçado (e mais uma vez reafirmo que Rajchman não realiza essa associação) a metáfora dos “carneiros indo para o abate”. Dessa maneira, nesta passagem, Chil Rajchman não só descreve a situação indefesa de milhares de mulheres, como também,

²³⁷ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 17

²³⁸ Ibid., p. 52.

²³⁹ Ibid., p. 54.

assume sua submissão e incapacidade de ser apenas mais uma ferramenta nas mãos dos nazistas, e apenas assim, ele teria alguma chance de sobreviver.

Entretanto, como ele mesmo diz que a “grande maioria das mulheres está totalmente desamparada”, Rajchman, também, narra ações opostas a estas descritas.

Enquanto continuo a cortar, ouço gritos. Surge uma moça que deve ter uns 18 anos e interpela as outras mulheres: Mas o que há com vocês? Não têm vergonha? Por que choram? Em vez disso, deveriam rir! A fim de que nossos inimigos vissem que não nos borramos diante da morte. Vocês estão vendo que eles se alegram com nossas lágrimas!²⁴⁰

Essa jovem, segundo Rajchman, ao chegar na “barbearia”, repreende suas semelhantes em demonstrar fraqueza e sofrimento diante de seus assassinos, e isso, segundo a jovem, é uma posição vergonhosa a qual nenhuma delas deveria se submeter. Nesse acontecimento, mais uma vez, pode-se notar que o sentimento de “vergonha” não é associado pelo sobrevivente com as categorias de “passividade” e “submissão”, como já apresentado em outros momentos no trabalho, principalmente no testemunho de Wladislaw Szpilman. Mais adiante, uma outra mulher pede algo inesperado a Rajchman:

Uma jovem mulher está sentada à minha frente. Corto seus cabelos, ela pega minha mão e me pede para lembrar que eu também sou judeu. Sabe que está perdida. Mas “lembre-se”, disse ela, “você vê o que fizeram de nós. Desejo que você sobreviva para poder vingar nosso sangue inocente, que não conhecerá repouso...”²⁴¹

É a segunda vez que o desejo de *vingança* aparece nos escritos de sobreviventes tratados neste trabalho. A primeira vez, no tópico anterior, quando Mary Berg lamenta a fraqueza dos judeus por não terem armas para *se vingar* de seus algozes, e a segunda agora com esse desejo/pedido da jovem mulher a Chil Rajchman, que cortou seus cabelos antes de ser assassinada, para que ele sobreviva e possa vingar, não apenas sua morte, mas de todos os judeus assassinados em Treblinka. Nesse caso, segundo a perspectiva apresentada por Rajchman, esse desejo de *vingança* se aproxima da noção

²⁴⁰ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 53.

²⁴¹ Ibid., p. 57.

de *justiça*, do que a jovem mulher (ou Rajchman) entende e aceitaria como o “mínimo de reparação”.

Há um acontecimento, narrado pelos dois sobreviventes, mesmo com grau de importâncias diferentes, o qual a noção de passividade também é evidenciada, e mais uma vez, apenas um deles *escolheu* demarcar sua posição diante desse acontecimento. “É então que, do fundo do galpão, ergue-se um murmúrio: os infelizes sobreviventes desse primeiro dia reuniram-se para a prece do fim do dia. No fim do ofício, recitam, em lágrimas, o Kaddish, a oração dos mortos”,²⁴² escreveu Rajchman. De forma curiosa, após seu primeiro dia em Treblinka, Glazar também narra que alguém, no fundo do galpão, entoava as palavras da oração judaica para os mortos, o Kaddish.²⁴³

No final de sua autobiografia, Chil Rajchman informa que viveu um ano nas piores condições em Treblinka, até conseguir escapar durante o levante de 2 de agosto de 1943. Dessa forma, posso estimar que ele tenha chegado ao campo, junto com sua irmã caçula, em meados de agosto de 1942.²⁴⁴ Porém, no episódio narrado por Rajchman, há uma exaltação de sua parte assim que a oração é finalizada por seus companheiros no barracão.

[Logo após a recitação do Kaddish] Chil Rajchman grita: A quem se dirige sua prece? Ainda creem? Em quê? A quem agradecem por isso? Vocês louvam o Senhor por Sua clemência? Vocês O louvam por lhes terem tomado irmãos e irmãs, pais e mãe. É por isso que Lhe agradecem? Não! Isso não é verdade! Deus não existe. Se existisse, veria nossa angústia, seria testemunha dessa terrível injustiça, o assassinado de inocentes, de bebês recém-saídos do ventre das mães, de pessoas que queriam apenas trabalhar honestamente e serem úteis. E vocês, testemunhas vivas desses horrores, vocês rendem graças, mas a quem?²⁴⁵

Do ponto de vista de Rajchman, fica evidente que recitar a oração para os mortos é inimaginável diante dos acontecimentos recentes em Treblinka. Agradecer a Deus e lhe dar graças em um campo de extermínio, para ele, não faz o menor sentido, e pior, é ultrajante com a lembrança de todos os irmãos e amigos que foram assassinados há poucas horas. Portanto, utilizar da religiosidade em Treblinka, para Rajchman, é não

²⁴² RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 47.

²⁴³ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka**. Northwest University Press, 1995, p. 10.

²⁴⁴ RAJCHMAN, Chil. op. cit., p. 144

²⁴⁵ Ibid., p. 47.

perceber o inferno ao seu redor, é pôr vendas diante dos olhos. Acreditar em Deus em um campo de extermínio é se alienar, segundo seu ponto de vista.

Richard Glazar escreve que uma vez ou outra, os oficiais da SS visitavam o “Barracão A” para usurpar alguma roupa de boa qualidade para eles ou para suas esposas. Em uma dessas visitas, segundo ele, onde se encontravam alguns oficiais nazistas, inclusive Franz Stangl (comandante de Treblinka), um oficial que era conhecido como Franz Lalka (Boneca) “brincou” em descrever Treblinka:

Treblinka Spa. Visite o novo resort de saúde Treblinka - localizado em ambiente agradável, floresta profunda, ar fresco, clima saudável, cuidados médicos especiais, dieta, concertos, medial moderno instalações para doenças mais graves, zoológico, capela, concertos, corridas tradicionais e outras atividades esportivas, conexões ferroviárias diretas, acomodações confortáveis a preços razoáveis - e tudo isso com absolutamente nenhum imposto sobre spa.²⁴⁶

Em seguida, após relatar essa descrição de como seria este anúncio do “Treblinka Spa”, segundo a propaganda do oficial Lalka, Glazar continua a descrever a reação dos outros nazistas que presenciaram tal brincadeira e, também, o que seu companheiro de trabalho sussurrou para ele após escutar tal declaração:

Estou em uma das extremidades do semicírculo e vejo os rostos dos SS. O riso chegou a muitos de seus rostos, até mesmo o de Franz, mas ainda assim tudo parece forçado. Küttner desliza desconfortavelmente na cadeira; Stangl levanta as sobrancelhas e sua boca forma um sorriso indecifrável. As palavras de David, sussurradas em meu ouvido, soam quase como um encantamento: “Ainda mais vergonha e humilhação, até que finalmente ninguém aqui possa aguentar mais”.²⁴⁷

Nem após esta cena perturbadora, Glazar não descreve seus pensamentos acerca dessa violência psicológica, nem mesmo observando oficiais nazistas zombando das mortes de milhares de judeus diariamente. Mesmo como David observou, “ainda mais vergonha e humilhação, até que finalmente ninguém aqui possa aguentar”, ainda assim, Glazar permanece estático. Talvez o oficial Lalka, descrito por Rajchman como um dos

²⁴⁶ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence:** survival in Treblinka. Northwest University Press, 1995, p. 123.

²⁴⁷ Ibid., p. 123.

oficiais mais cruéis presente no campo,²⁴⁸ tenha realizado essa violência para instigá-los a se rebelarem ou demonstrar alguma expressão de raiva, e por conta disso, assassiná-los. De qualquer modo, seja qual for o objetivo de Franz Lalka em transformar Treblinka em um “relaxante spa”, Richard Glazar não nos dá nenhum vestígio dos seus pensamentos sobre a cruel brincadeira.

Em outro momento, Glazar diz que, se caso os alemães saíssem vencedores da guerra, fariam um museu em Treblinka com direito a excursões organizadas. Supostamente, essa ideia teria vindo do mesmo oficial Franz Lalka.²⁴⁹ Nesta passagem, Glazar estranhamente diz que “então eles [os alemães] realmente cuidarão bem de nós. Na verdade, nós, os que foram selecionados, já passamos pelo pior. Então vamos sobreviver, sobreviver até o fim. Eles nos permitirão viver – [viver] esta vida”.²⁵⁰

Pela primeira vez, até então, Richard Glazar evidencia algum traço de subjetividade em acreditar na promessa alemã de que os judeus que trabalham em Treblinka sairão com vida, caso o III Reich ganhasse a guerra. É, também, no mesmo trecho que posso observar uma noção nítida de submissão diante do algoz: eles *permitirão* que eu sobreviva. A ideia de que os selecionados estão fora de perigo e que conseguirão sobreviver a guerra, e principalmente ao campo de extermínio, também está presente. Portanto, nessa passagem, a noção da vítima passiva, dócil, aquela que está completamente à mercê da vontade do seu carrasco, é bastante clara. Classificação esta, não muito diferente a de Chil Rajchman quando ele mesmo reflete sobre suas próprias ações em executar o que lhe é ordenado (raspar a cabeça de milhares de mulheres judias) para que ele pudesse sobreviver.

Como havia dito, essa é a única passagem dentro de sua autobiografia que Richard Glazar oferece parâmetros mais ou menos claros para classificar uma determinada ação como passiva ou subserviente, e como havia questionando no final do tópico anterior, não necessariamente, tais categorias poderiam ser acionadas e apresentadas por Glazar e Rajchman, pois o campo de Treblinka possuía uma dinâmica muito particular se comparado a outras experiências tratadas ao longo do trabalho.

²⁴⁸ Obersturmführer Franz, que apelidamos de Boneca, é um matador cruel; quando aparece na praça do campo, todo mundo fica com medo. É um especialista em bofetadas. De tempos em tempos, convoca um detento, ordena-lhes que fique em posição de sentido e o esbofeteia violentamente na cara. RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 105.

²⁴⁹ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka**. Northwest University Press, 1995, p. 125.

²⁵⁰ Ibid., p. 125.

Dessa maneira, pelo o que foi apresentado, as classificações e noções de passividade na experiência do campo de extermínio tomam nuances diferentes se compararmos, principalmente, com os relatos de sobreviventes de campos de concentração. Para tanto, demonstrei que a figura do *Muselmänner*, tão emblemático por corporificar a passividade nos campos, não é encontrado nos relatos de Rajchman e Glazar. Justamente por Treblinka apresentar uma dinâmica totalmente diferente, ainda mais extrema: a permanência de um número mínimo de prisioneiros para dar continuidade a estrutura da morte, somado a alta rotatividade dos mesmos e com o objetivo único em exterminar os judeus, essas são as razões para que não se tenha se desenvolvido a figura do *Muselmänner* em Treblinka.

Evidenciei, também, que a elaboração de categorias e noções de passividade podem estar atrelados as funções os quais os sobreviventes exerceram na estrutura de trabalho do campo. Isso fica mais claro quando se observa o testemunho de Richard Glazar, o qual não parece estar preocupado em elaborar e classificar tais categorias. Entretanto, vale ressaltar que no caso de Glazar, ele não possuía funções que lhe davam a possibilidade de muito contato com as vítimas antes de serem asfixiadas, o que pode ter um efeito na construção em seu testemunho. Por outro lado, Chil Rajchman explora as nuances de “humilhação”, “vergonha” e até mesmo de vingança conectado a ideia de “justiça”, porque ocupava a função de tonsurador, o que permitiu acionar estas noções por causa desta experiência. Também, pela primeira vez, entre os testemunhos trabalhados nesta dissertação, o embate com a religiosidade judaica foi posto em discussão, quando Chil Rajchman, considera ultrajante proclamar o Kaddish em um lugar como Treblinka, onde milhares de judeus são assassinados diariamente. Pelo fato de que não há nada de “honrar as mortes em nome de Deus” em um campo de extermínio.

RESISTÊNCIA

IV

PRIMEIRA PARTE: Uma fissura na engrenagem industrial da morte: um estudo sobre a resistência do levante de Treblinka, segundo os testemunhos de Chil Rajchman e Richard Glazar

Esta segunda parte tem como propósito apresentar e discutir as noções de resistente e resistência segundo os testemunhos de sobreviventes, dando ênfase, como na seção anterior, aos escritos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman, cobrindo a experiência no gueto de Varsóvia, e aos escritos de Chil Rajchman e Richard Glazar, cobrindo a experiência no campo de Treblinka. Dentro das narrativas destes sobreviventes, é importante salientar como as noções de resistente/resistência e de herói/heroísmo são construídas, utilizadas e quais são seus propósitos. Após examinar estas noções, nos dois âmbitos de experiência (gueto e campo) dos 4 sobreviventes, é do interesse do trabalho compará-los, com intuito de demonstrar suas aproximações e especificidades, buscando verificar se as categorias de *resistência* também não são fixas e imutáveis ao longo dos testemunhos.

IV. 1 A revolução dos mortos-vivos: o planejamento e a execução do levante no campo da morte, segundo Chil Rajchman e Richard Glaza

O dia 02 de agosto de 2019 marcou os 76 anos do levante organizado e executado pelos “mortos-vivos”, fazendo alusão a referência utilizada por Chil Rajchman para descrever os prisioneiros de Treblinka, na qual, aproximadamente 200 prisioneiros conseguiram ultrapassar as cercas farpadas que contornavam o campo. Todos os foragidos foram caçados pelos oficiais da SS e pelos guardas ucranianos após essa ousada empreitada.

Raul Hilberg nos traz algumas estimativas de quantos judeus foram assassinados nas câmaras de Treblinka no período de sua atividade, compreendido entre julho de 1942 e outubro de 1943. Segundo Hilberg, 800 mil judeus foram mortos neste campo

em 15 meses,²⁵¹ e algo em torno de 60 a 70 teriam sobrevivido a Segunda Guerra Mundial.²⁵²

“Teremos que fazer algo para sair daqui: nós nos encontramos em uma terra completamente desconhecida, em um mundo alienígena”.²⁵³ Estas são as palavras escritas na autobiografia de Richard Glazar, onde claramente é perceptível a intenção em querer fugir do “mundo alienígena” que é o campo de extermínio. Entretanto, três pontos são importantes para contextualizar essas palavras. O primeiro é que, possivelmente, essa intenção de querer fugir de Treblinka tenha nascido depois da investida de sucesso realizada por dois prisioneiros.

E foi assim que David Brat, com seus dentes e nariz esbugalhados, nos iniciou. Os outros dois trabalhando em cima dos trapos ordenados, empilhando os pacotes, são de Varsóvia. *Eles conhecem esta área e estão familiarizados com as coisas por aqui. Eles vão tentar escapar. Nós vamos ajudá-los.* Eles vão relatar o que está acontecendo aqui em Treblinka, para dar à organização clandestina em Varsóvia um testemunho sobre Treblinka. Eles, por sua vez, devem passar o relatório através do *underground* polonês e do exterior - para a Inglaterra. *Foi um sentimento maravilhoso participar, e secretamente dar-lhes dinheiro e ouro que encontrei durante o processo de separação.* E eles precisariam de muito dinheiro. Muito mais do que você poderia conseguir por trair o esconderijo de um judeu. *Eles conseguiram. Os dois foram embora desde ontem.* Pouco antes do lançamento da noite, eles se esconderam entre as pilhas. Tudo acabou quando as SS nos contaram. O Kapo Kurland falsificou o relatório da "enfermaria" dizendo que muitos de nós tinham chegado ao “hospital” naquele dia e aumentado o número por dois, ou o mais velho de nós, o engenheiro Marcell Galewski, havia providenciado. Como ele fez isso? Naquela tarde, bem debaixo dos olhos da SS, os Blues e os Reds tinham contrabandeado dois homens extras para fora dos transportes e para a área de trabalho. A contagem total do meio-dia correspondeu à contagem da noite! Mas durante a tarde houve duas costas extras encurvadas trabalhando no enorme local de triagem entre as montanhas de coisas.²⁵⁴

De fato, em seu diário datado no dia 17 de dezembro de 1942, Mary Berg relata que dois jovens chegaram a Varsóvia depois de terem feito o impossível: escapar de Treblinka.

²⁵¹ HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amarelly, 2016, p. 1137.

²⁵² *Ibid.*, p. 1109.

²⁵³ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka**. Northwest University Press, p.25.

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 21-22.

Fugir de Treblinka é impossível, embora dois jovens judeus tenham conseguido o impossível. Após andarem muito nos bosques, chegaram a Varsóvia e contaram outros detalhes. Segundo eles, os alemães empregaram vários gases, bem como eletricidade, em certas câmaras de execução. Por causa do enorme número de assassinatos, os alemães construíram uma máquina especial para cavar túmulos.²⁵⁵

Berg escreveu em seu diário que os fugitivos de Treblinka alcançaram o gueto em meados de dezembro de 1942, sem citar seus nomes; nem mesmo Glazar os revela.²⁵⁶ É muito provável que a fuga tenha ocorrido antes da chegada do inverno, pois, em dezembro/janeiro os comboios que chegavam em Treblinka eram muito irregulares,²⁵⁷ sem contar que o inverno dificultaria ainda mais a peregrinação desses dois judeus até alcançar Varsóvia. Contudo, nem Wladislaw Szpilman, que ainda se encontrava no gueto de Varsóvia, e nem Chil Rajchman, que por sua vez, ainda era

²⁵⁵ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, p. 238.

²⁵⁶ Yitzhak Arad em sua obra intitulada *Belzec, Sobibor and Treblinka: the operation of Reinhard death camps* é esclarecedora sobre as informações de fugas do campo de Treblinka. “Na desordem e confusão que prevaleceu em Treblinka no primeiro mês de sua existência, houve muitas tentativas de fuga do campo - algumas das quais foram bem-sucedidas. As primeiras fugas foram iniciativas individuais e foram realizadas com o uso de vagões nos quais os pertences das vítimas foram enviados para fora do campo. [...] os fugitivos se escondiam nas pilhas de roupas e às vezes eram ajudados por seus colegas de trabalho, que empilhavam mais pertences sobre seus esconderijos. Uma vez que o trem deixasse o campo e já estava a alguma distância, os fugitivos saltavam do trem”. É bem provável que os dois prisioneiros que Richard Glazar tenha ajudado a escapar do campo tenham executado um plano parecido com este descrito por Arad. Sobre os judeus que escaparam do campo e conseguiram chegar ao gueto de Varsóvia, Yitzhak Arad diz que estes fugitivos são mencionados em várias fontes. “Entre eles estavam David Novodvorski, que retornou ao gueto de Varsóvia em agosto de 1942, e o jornalista Jacob Rabinowicz. Como resultado do relatório de Rabinowicz sobre o extermínio em Treblinka, o partido trabalhista judeu Bund, que estava ativo no movimento *underground* no gueto de Varsóvia, enviou alguns emissários para Kosov e Sokolow-Podlaski, na área de Treblinka, para testar a veracidade do relatório. Em Sokolow-Podlaski, os emissários do Bund se encontraram com outro fugitivo de Treblinka, chamado Azriel Wallach, e dele receberam verificação do relatório de Rabinowicz. Após os relatos dos fugitivos que chegaram a Varsóvia, não havia mais dúvidas entre as organizações e partidos no gueto de que os judeus enviados para Treblinka foram mortos lá”. Com a ocorrência de mais casos como estes relatado por Berg e Glazar em seus testemunhos na historiografia sobre o tema, não parece improvável que esta fuga tenha acontecido. ARAD, Yitzhak. **Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard death camps**. Indiana University Press, 1999, p. 258-261 [tradução nossa]

²⁵⁷ “No mês de dezembro, os trens foram menos frequentes. Parte dos SS estava de licença. Mathias partiria mais cedo e só voltaria depois do ano-novo de 1943. Na sua volta, parecia menos em forma. Devia sentir-se melhor em Treblinka do que em casa. O ar de Treblinka lhe fazia bem. Durante os dias de Natal não houve nenhum trem. Os trens voltaram a ser regulares em torno de 10 de janeiro”. RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 94-95. “E mais tarde em seu testemunho, Richard Glazar, revela que os dois judeus foram “contrabandeados” de Treblinka no transporte reverso. O que deixa ainda mais evidente que a fuga tenha acontecido antes dos meses de dezembro e janeiro”. GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence**: survival in Treblinka. Northwest University Press, p.110.

prisioneiro no Campo I,²⁵⁸ fazem qualquer menção a este acontecimento em seus testemunhos. O que me faz pensar que o plano foi ajudado e executado por pouquíssimos prisioneiros, justamente para que o feito não caísse nos ouvidos da SS.

De qualquer forma, é interesse ressaltar que, pela primeira vez, Richard Glazar descreve suas próprias ações em auxiliar os dois companheiros contrabandeando dinheiro e ouro durante a tiragem de bagagens e pertences dos judeus assassinados, sentimento este que ele descreveu como maravilhoso. Logo após este episódio, Glazar escreve aquelas palavras que citamos acima, entretanto, o segundo ponto é ainda mais interesse de se observar, quando citado o trecho por completo,

Teremos que fazer algo para sair daqui. Nós nos encontramos em uma terra completamente desconhecida, em um mundo alienígena. *Os de Varsóvia, ou outros lugares da Polônia, ainda têm uma pequena chance. O resto de nós simplesmente terá que suportar e jogar pelo tempo. Isso significa que teremos que fazer um bom trabalho, conhecer os SS, os guardas e os líderes do nosso grupo. Nós também teremos que nos familiarizar com o campo, enquanto coletamos ouro e objetos de valor. “Em duas ou três semanas, vamos ver o que podemos fazer”.* Robert e Zelo estão pensando.²⁵⁹

No trecho anterior, Glazar deixa claro suas próprias ações em colaborar, de alguma forma, na fuga dos dois companheiros, contudo, nessa segunda passagem, a intenção de fugir não parte dele – ele está descrevendo o projeto pensado por outras pessoas: dos companheiros Robert Altschul e o famoso Zelo Bloch.²⁶⁰ Em síntese, o objetivo e *desejo* de querer fugir de Treblinka não é descrito como sentimentos

²⁵⁸ “Treblinka foi construído e dividido em três partes praticamente iguais em tamanho; o Campo Administrativo da SS (*Wohnlager*), a Área de Recepção (*Auffanglager*) e a Área de Extermínio (*Totenlager*), sendo os dois primeiros compartimentos localizados no “primeiro campo” ou “campo superior” e as câmaras de gás no “segundo campo” ou “campo inferior”. ARAD, Yitzhak. **Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard death camps.** Indiana University Press, 1999, p. 40-41. A comunicação entre os “dois” campos era proibida: um campo era completamente isolado do outro, justamente para que prisioneiros não pudessem ter conhecimento de toda a dinâmica de extermínio, e assim, poder estabelecer troca de informações entre os dois campos.

²⁵⁹ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka.** Northwest University Press, p.25. [grifo meu]

²⁶⁰ Zelo Bloch, da Tchecoslováquia, que veio de Theresienstadt para Treblinka, era um ex-tenente do exército tcheco e no campo, chefiava a equipe de trabalho na *Sorting Square*. Todos os membros do Comitê Organizador ocupavam cargos centrais entre os prisioneiros e eram a “elite” do campo. A maioria estava entre a *intelligentsia* e eram prisioneiros relativamente antigos. As figuras centrais do Comitê Organizador eram o Dr. Chorazycki e o ex-tenente Zelo Bloch, um homem enérgico com qualidades de liderança, deveria lidar com os aspectos militares da organização”. ARAD, Yitzhak. **Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard death camps.** Indiana University Press, 1999, p. 272. [tradução nossa]. Tanto Richard Glazar quando Chil Rajchman, ao longo de seus testemunhos, descrevem Zelo Bloch como o líder do levante do campo de extermínio.

próprios. E isso irá se repetir muitas vezes em seu testemunho, especialmente quando o “plano H” for elaborado e colocado em prática. Glazar descrever diálogos e ações no que tange a essa temática. Dessa forma, Richard Glazar parece ser um espectador dentro do seu próprio testemunho, onde, algumas vezes, a figura do Zelo Bloch parece tomar uma certa centralidade, principalmente quando o temas da resistência é acionado.

O terceiro ponto importante a ser discutido nessa passagem é que a intenção de escapar de Treblinka, neste momento do testemunho de Glazar, não se refere ao levante acontecido no dia 02 de agosto de 1943, onde, simultaneamente, os dois campos se rebelaram contra os nazistas. Os prisioneiros Robert Altschul e Zelo Bloch estavam se referindo em fugir apenas com o “grupo de tchecos” de Treblinka.

Todos no acampamento conhecem o grupo tcheco, não apenas nossa equipe de seis homens, mas todos os vinte chegaram em nosso transporte de Theresienstadt e foram poupados. Mas não temos certeza se podemos ou não reivindicar a responsabilidade pelo nosso “sucesso”, pelo que se tornaram quase três semanas de sobrevivência. Mudanças incomuns estão ocorrendo: as pessoas não estão sendo baleadas ou substituídas com tanta frequência quanto antes.²⁶¹

Examinando os dois trechos citados, é evidente que dentro do campo existe algum grau distinção entre os prisioneiros. Há o grupo dos judeus tchecos, aqueles que possuem “sucesso” na sobrevivência em Treblinka (aparentemente todos oriundos de Theresienstadt), e os outros judeus de diversas partes da Polônia. A preocupação, então, neste momento, não é libertar o campo inteiro, mas sim, os judeus tchecos, pois ao que parece, são um grupo fechado dentro do campo. Portanto, mesmo em uma experiência tão particular quanto a do campo de extermínio, foi possível encontrar distinção entre os grupos de prisioneiros.

Coincidentemente, no testemunho de Chil Rajchman a *mesma* intenção de fugir também é encontrada, assim que o sobrevivente tenha conseguido entender qual era a função do campo de Treblinka.

Não paramos de nos indagar: e depois? Decidimos que devemos a todo custo tentar fugir, pois mais dia menos dia eles nos matarão. Decidimos que a partir de amanhã cada um de nós começará a pegar parte do dinheiro que passa em suas mãos no trabalho, a fim de juntar

²⁶¹ARAD, Yitzhak. **Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard death camps.** Indiana University Press, 1999, p. 25.

nos próximos dias algumas dezenas de milhares de zlotys. Enquanto isso, traçaremos um plano de fuga. Escondemos o dinheiro recolhido no meu casaco. Após algumas horas de trabalho, coletei cerca de 5 mil zlotys. Meu companheiro, Leybl, um pouco mais. Na pausa do meio-dia, decidimos subtrair mais dinheiro, pois sem dinheiro do lado de fora estaríamos perdidos. Acumulo outros milhares de zlotys. São mais ou menos 2h. Enquanto continuo na triagem.²⁶²

Rajchman não tem a menor dúvida que, num futuro próximo, o que lhe espera é o mesmo que acontece com milhares de judeus que chegam nos trens a Treblinka diariamente. E assim, como no grupo dos judeus tchecos, do qual Glazar faz parte, a ideia de fugir de Treblinka não abrange todo o campo, pelo contrário, é uma ideia individual que libertaria Chil Rajchman e seu companheiro de trabalho, um judeu chamado Leybl. Por último, em nenhum dos casos, a ideia de fazer um levante em Treblinka está na zona de expectativas para esses judeus. A ideia do levante irá *nascer*, aparentemente, num momento e em um grupo muito específico dentro da dinâmica de Treblinka.

Nessas passagens dos dois testemunhos que expus até o momento, nenhum deles usa o termo resistência ou organizar um levante armado, pois como aponte, a dinâmica no campo de extermínio exige uma margem de possibilidades e circulação, muito menor do que em campo de concentração e totalmente diferente de um gueto. Sendo assim, acredito que o sentido o qual os dois sobreviventes utilizam o termo “fugir” se assemelha a noção de resistir, pois levanta a perspectiva de “não aceitar” ou de “não querer aceitar” o “eminente destino” que se encontra nas câmaras de gás. As categorias resistência e/ou heroico só irão emergir dentro do testemunho de Chil Rajchman em poucos momentos e em circunstâncias muito bem definidas. Por outro lado, elas são inexistentes nos escritos de Richard Glazar.

Outra convergência nos dois testemunhos é a importância do dinheiro (ou bens de valor) para essa empreitada; ouro ou moedas se tornarão parte importante das mediações dentro e fora de Treblinka. O dinheiro era pensando em ser utilizado por eles, no campo, principalmente, para subornar os soldados ucranianos, e no mundo

²⁶² RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 59-60.

exterior, conseguir subornar eventuais soldados ou poloneses, e até mesmo, comprar na clandestinidade documentos falsos.²⁶³

Um segundo aspecto, que é descrito tanto por Glazar quanto por Rajchman, é a importância do tempo que os prisioneiros conseguiram sobreviver e se adaptar ao campo de Treblinka. Richard Glazar, narrando a conversa dos dois companheiros tchecos, deixa claro que, antes de traçar qualquer plano de fuga, é preciso conhecer e entender a dinâmica dos oficiais da SS e dos guardas ucranianos, conhecer o campo e suas instalações e fazer alianças com os Kapos, e isso demanda tempo. Anteriormente, em outra passagem, no capítulo anterior, um prisioneiro chamado Leon alerta Glazar que “depois de dois ou três dias, se você conseguir sobreviver, então você vai entender que Treblinka tem tudo, exceto vida”. Logo, três semanas de sobrevivência, segundo Glazar, é um “sucesso”.

Portanto, tempo de adaptação ao trabalho, de entender os mecanismos do campo, de assimilar a organização da SS e dos soldados ucranianos e de poder criar laços de confiança entre os prisioneiros, é algo extremamente preciso e significativo em Treblinka. Chil Rajchman também assinala essa importância:

No fim os internos sobreviviam mais tempo, o que foi determinante. Podíamos nos conhecer melhor uns aos outros. *Passamos a estabelecer uma confiança mútua e começamos a pensar num jeito de sair dali.* Sabíamos que se tratava de uma empreitada difícil e sempre receávamos nos comunicar, com medo de eventuais delações. Exploramos vários caminhos. Mas nossos planos eram difíceis de serem postos em prática. Nunca tínhamos armas. Considerávamos, entretanto, outras alternativas. Nossas conversas aconteciam sempre num canto do galpão. Um de nós ficava de atalaia para avisar da chegada de algum assassino.²⁶⁴

Consequentemente, a possibilidade de se pensar em fugir de Treblinka, de organizar um plano com alguns companheiros e tentar colocá-lo em prática, só pode ser considerado se o prisioneiro estiver ciente dos mecanismos organizacionais do campo de extermínio, o que demanda tempo de sobrevivência, o que a esmagadora maioria de judeus que passou por Treblinka não teve. Entretanto, o que está claro nos testemunhos de Rajchman e Glazar é que eles não classificam a sobrevivência como resistência, eles

²⁶³ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 144 e GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence**: survival in Treblinka. Northwest University Press, p.42, 43, 44.

²⁶⁴ Ibid., p. 126.

não conferem *a coisa* este valor. Quando estes dois sobreviventes falam de resistência, eles classificam diretamente tal ação ou conduta como tal, conferem esse valor a uma determinada ação em momentos específicos em suas narrativas.

Como havia dito, o emprego da categoria “resistir/resistência” emerge nos escritos muito poucas vezes e em situações muito específicas. Na autobiografia de Chil Rajchman, a primeira vez que ele utiliza o termo resistência com o sentido de “entrar em confronto diante de uma situação a qual os judeus corriam perigo”, ou seja, de “não aceitar a morte passivamente” foi em um episódio narrado por ele com os judeus da cidade de Ostrowiec:

O comandante ordenou que os judeus de Ostrowiec entrassem à noite na câmara de gás. Ouvimos apenas os gritos habituais. Porém, quando voltamos ao trabalho na manhã seguinte, descobrimos os vestígios dos acontecimentos da noite. Ficamos sabendo do que acontecera pelos ucranianos. Um grupo de algumas dezenas de homens havia se recusado a entrar na câmara de gás. *Tinham resistido e, inteiramente nus, usando os punhos para se debater e não se deixarem trancar.* Os SS então abriram fogo com seus fuzis automáticos no corredor e abaterem os resistentes ali mesmo. O comandante Mathias então veio nos visitar, a nós, os dentistas, e disse ao dr. Zimmerman, nosso chefe de grupo: “Doutor, aqueles sujeitos tentaram me enganar!” *Mathias estava realmente ofendido e ainda sob o choque. Não conseguia compreender por que aqueles judeus não haviam se deixado matar docilmente, achava anormal.*²⁶⁵

Essa é uma passagem onde o próprio Chil Rajchman classifica o confronto iniciado pelos judeus, ao se dirigirem às câmaras de gás, como um ato de resistência. Além disso, ele descreve a surpresa do oficial da SS Mathias por ter presenciado algo como este. O nazista se sentiu pessoalmente ofendido e confuso com o acontecimento. Contudo, esse acontecimento dos judeus indo para as câmaras de gás a noite e sua resistência não é descrito por Richard Glazar em seu testemunho.

O sobrevivente tcheco nunca utilizou o termo herói em sua autobiografia, sob qualquer circunstância. Entretanto, há um acontecimento o qual ele diz que os judeus sobreviventes deixaram um “legado” para os prisioneiros de Treblinka.

²⁶⁵ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 93-94. [grifo meu].

*Mas os senhores supremos e os carrascos não sabem o legado desses transportes cheios de sobreviventes da Revolta do Gueto de Varsóvia, e como os escolhidos os transmite aos coveiros em Treblinka. Enquanto David Brat ouve os recém-chegados, o azul desses olhos fica mais brilhante que o azul de um céu de fim de verão. O gueto de Varsóvia não existe mais. Em seu lugar, apenas restos de ruínas e ruínas. A clandestinidade contrabandeava armas para o gueto. Os judeus se levantaram. Todos eles sabiam que não tinham nada além de Treblinka diante deles. Assim, os poucos que escaparam de Treblinka, conseguiram, pelo menos lá, alertar o mundo. No final, os alemães foram obrigados a trazer tanques e armas pesadas para conter a revolta, que incluía mulheres, idosos e crianças. O transporte não trouxe nenhum bem do arruinado Gueto de Varsóvia. Nada se mexia de mão em mão, nem uma fatia de pão, nem um par de calças, nem um pedaço de sabão. Mas de boca em boca, de uma mente para outra, o legado foi transmitido: vocês que são fiéis tanto à convicção quanto à prática, talmudistas e não crentes, empresários e comerciantes, artesãos e mercadores, corretores, traficantes, bandidos e ladrões - cada um de vocês, rejeitam os últimos restos desta vida, desiste de esperar que seja o último a escapar dessa morte nua. Mostre ao mundo e a si mesmo.*²⁶⁶

O tom elogioso que Richard Glazar descreve a importância deste transporte, o qual carregavam os remanescentes do levante do gueto de Varsóvia é claramente visível. O mais importante que esse transporte trouxe, nas palavras do judeu tcheco, é a mensagem que cada um daqueles remanescentes (que seriam assassinados em poucas horas nas câmaras de gás) transmitiam com a sua presença aos prisioneiros de Treblinka: “não desistam de esperar que talvez você possa escapar dessa morte cruel, façam alguma coisa!” O termo que Glazar utiliza para demonstrar a *influência* que os remanescentes do levante do gueto de Varsóvia tiveram em Treblinka é legado.

Por causa do uso deste determinado termo, Richard Glazar forçou-me a refletir sobre a suas noções acerca do levante do gueto de Varsóvia, e resgatando a discussão já apresentada no capítulo anterior, quando expus que o sobrevivente pensa no seu testemunho e apresenta *suas* noções, *seu* entendimento de mundo. Apesar de não ter condições de provar se Glazar teve contato ou não com a historiografia sobre o tema, a formulação não pode deixar de ser feita: é possível pensar que, ao tratar do levante como um legado, ou seja, uma herança, Richard Glazar esteja sedimentando uma espécie de arquétipo sobre a *resistência* judaica no período da Shoah?

²⁶⁶ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka.** Northwest University Press, p. 114-115. [grifo meu].

É importante salientar que, diferente de Chil Rajchman, que escreveu sua autobiografia entre 1943-44, a primeira publicação do livro de memórias de Glazar (em alemão) é de 1992, e a edição de língua inglesa (que está sendo usada neste trabalho) é de 1995. Portanto, há um distanciamento temporal de cerca de 50 anos, o que me faz pensar ainda mais se Richard Glazar tenha optado por este termo justamente por saber, a partir da sua posição retrospectiva de sobrevivente, o lugar privilegiado que o levante do gueto de Varsóvia ocupou/ocupa dentro do campo sobre a resistência judaica no período da Shoah.

Como apresentei anteriormente, muitas reflexões e indagações fogem, por ora, da minha possibilidade de resposta, o que não significa, por outro lado, que não as devo fazê-las.

Já no testemunho de Chil Rachman, a categoria herói aparece para descrever os corajosos judeus que se rebelaram contra os nazistas no gueto de Varsóvia.

Decorrido certo tempo, chega um comboio. Estou no barraco dos dentistas e ouço gritos desesperados. Os assassinos mostram-se mais cruéis do que nunca. Arrancaram três mulheres do comboio e as designaram para a rouparia, sem dúvida para que fiquemos sabendo dos acontecimentos de Varsóvia. As três mulheres levam alguns dias para se refazer, não compreendem o que lhes dizemos. *Mais tarde, contam que os judeus de Varsóvia resistiram heroicamente e não se deixaram assassinar sem reagir. O gueto está em chamas e os judeus combatem de armas na mão.* Quando essas mulheres nos informam que o gueto está em chamas, isso nos deixa muito mal. *Mas elas sentem orgulho ao nos contar que os judeus lutam e que os alemães tombaram sob suas balas.* Essas notícias nos deixaram abatidos. *Ao mesmo tempo, aqui, em Treblinka, cresce o anseio pela liberdade.*²⁶⁷

Curiosamente, além de Chil Rajchman classificar os resistentes de heróis, por não deixarem se abater pelos nazistas, neste trecho, o judeu polonês dar a entender que, por consequência dos acontecimentos em Varsóvia, o anseio por liberdade cresce em Treblinka. Uma espécie de “legado”? Rajchman não utiliza o mesmo termo que Glazar, mas elabora uma conexão de causa e efeito, a partir dos acontecimentos que circularam sobre o levante, segundo as três mulheres que foram designadas para trabalhar na rouparia.

²⁶⁷ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu:** Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p.117-118.

De qualquer modo, comparando os dois testemunhos narrando o mesmo evento, para Rajchman, como apresentei acima, os atos heroicos dos judeus em Varsóvia serviram como *anseio* e *incentivo* para que os prisioneiros judeus de Treblinka buscassem a liberdade, e observando o local/momento onde ele descreve os acontecimentos do gueto em sua autobiografia, parece que este constrói uma ligação causal entre este episódio como inspiração para o levante em Treblinka. Entretanto, essa relação não se estabelece no testemunho de Richard Glazar, onde, acredito que o “legado” toma um sentido mais amplo e geral. E, tampouco, o plano do levante tenha sido inspirado ou impulsionado pelos acontecimentos do gueto de Varsóvia. Segundo sua narrativa, este plano nasceu em um momento específico, em um grupo específico (entre os detentos de Treblinka) e foi pensado muito antes de meados de 1943.

Mas, em breve, será utilizado para o objetivo pretendido em nosso grande plano para Treblinka. Não há mais escapadas isoladas, nem “dez tiros para quem escapar”, como Lalka (Boneca) declarou, mas todos nós juntos...²⁶⁸

Neste trecho, no início do inverno de 1942, Richard Glazar apresenta que há um plano sendo organizado para que o campo de Treblinka (e não mais o grupo dos prisioneiros tchecos) seja libertado. A justificativa de libertar o campo inteiro, ao invés de fugas isoladas, também é encontrada nesse trecho. A lei instituída pelo oficial da SS “Lalka”, em matar 10 homens a cada um fugitivo foi instaurada após uma tentativa frustrada de 7 prisioneiros em escapar de Treblinka.

Na chamada teve um número extraordinariamente grande de tropas da SS. Devia ter cerca de vinte oficiais. Franz ‘The Doll’, dá um passo à frente e inicia sua apresentação: "Hoje é a última vez que aplicaremos punições leves". Com uma postura relaxada e um tom de voz, ele continua: "Os sete de vocês que tentaram escapar serão baleados". De repente, ele levanta a voz: "A partir de hoje, eu responsabilizo todo Kapo e capataz diretamente, com suas próprias vidas, pelos seus prisioneiros. Para cada homem que escapar, ou tentar escapar, dez serão baleados – um por dez! Agora, todo Kapo e todo capataz estarão presentes na execução na enfermaria! Dispensados!"²⁶⁹

Diante dessa deliberação, Glazar diz que o grupo de judeus tcheco mudou o projeto de fuga justamente por não fazer mais sentido um pequeno grupo se aventurar a

²⁶⁸ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka.** Northwest University Press, p. 69.

²⁶⁹ Ibid., p. 44.

tal empreitada, correr o risco de ser pego, e, por consequência disso, centenas de detentos serem fuzilados, os quais, não faziam partes do plano, e por fim, seriam penalizados com a morte.

Como já dito, o período do inverno foi um momento onde a dinâmica organizacional de Treblinka se afrouxou devido as irregularidades dos trens, e consequentemente, de trabalho. Por essa razão, os prisioneiros conseguiam se comunicar melhor:

Durante o inverno, a maior parte das notícias foi transferida para o quartel. As SS não faziam rondas regulares, mas observamos que, em certos intervalos, passavam alternadamente pelo quartel ao local de classificação, e depois nas oficinas. O horário mais adequado para o nosso objetivo parece ser entre três e quatro da tarde, quando há uma troca de guarda - presumivelmente para o café. "E nessa hora H, alguns homens de confiança assumem posições na entrada de cada quartel", disse Zelo sobre o plano que desenvolveu juntamente com Élder Galeski, Kapo Kurland, da "enfermaria", engenheiro Sudowicz da construção, e alguns outros das oficinas. "Qualquer um pode entrar, mas nenhuma alma pode sair, exceto alguns mensageiros", continuou Zelo, "assim que alguém de uniforme entrar no quartel, você colocará um casaco na cabeça dele e o estrangulará com um cordão. Sem feridas de faca, sem luta, sem sangue, porque eles virão um após o outro"²⁷⁰ (vide anexo G e/ou H).

Mais uma vez, Zelo Bloch aparece como articulador do plano que estava sendo preparado para o levante do campo. Nesse trecho, como no anterior, Richard Glazar parece apenas "descrever as palavras" ditas por Zelo Bloch nessas pequenas reuniões em barracões com outros prisioneiros. Desta vez, Glazar cita que outros judeus (sem informar se eles faziam ou não parte dos "prisioneiros tchecos") também estavam construindo o plano ao lado do *líder* Zelo Bloch – possivelmente por ser tratarem de pessoas que possuíam posições estratégicas para o andamento do plano.

Vocês todos sabem que seria muito incomum que seis deles se reunissem. Mas, mesmo se o fizessem, eles seriam tratados da mesma maneira. Acreditamos que, com toda a probabilidade, não mais que três deles aparecerão. É por isso que designamos dez pessoas para cada entrada, e, também, teremos reservas. Deve haver sempre três homens para lidar com um uniforme, à medida que entram. Se dois

²⁷⁰ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka.** Nortwest University Press, p. 69-70.

deles vierem juntos e caminhar lado a lado, então aquele com o posto mais alto pertencerá ao primeiro homem da trincheira. Os que estão ao lado da entrada podem arrastá-los para o nosso esconderijo na pilha de casacos e terminar com os cordões que use para amarrar esses pacotes. É o que teremos que fazer em cada quartel durante esta hora. Em seguida, com as armas que tiramos deles, invadiremos a sede e a loja de munições, colocando imediatamente tudo em chamas...²⁷¹

Em seguida, há uma pausa nas discussões lideradas por Zelo Bloch, as quais, seriam retomadas a noite na carpintaria junto a um judeu chamado de Simcha. Richard Glazar continuou a descrever os estágios do “Plano H”, segundo o que ele diz ser as palavras de Zelo Bloch, deixando de lado, dessa forma, suas impressões sobre o plano de revolta no campo. Por essa ausência em descrever suas próprias ações, é difícil afirmar que, mesmo estando ciente do plano e participando da construção do mesmo de forma passiva (em nenhum momento ele diz que contribuiu de alguma forma para com o projeto), Richard Glazar não descreve isso como uma forma de resistência. Mais uma vez, ele parece apenas um telespectador, em sua própria autobiografia. Alguém que vai se aproveitar do acontecimento, mas que não esteve participação na construção do mesmo.

É isso mesmo. Teremos que nos dividir e atacar o quartel-general e o segundo acampamento ao mesmo tempo. Teremos que executar nosso plano no acampamento I e depois seguir para lá. Estamos certamente melhores aqui do que eles estão lá. [...] É possível que eles (guardas ucranianos) simplesmente fujam sem um tiro, depois de ver que pulamos na SS. Mas, é mais provável que eles lutem como loucos. Eles sabem que nunca terão algo melhor do que o que eles possuem em Treblinka. E até mesmo com todo o suborno, seus bolsos estarão cheios de dinheiro, ouro e joias. Supostamente eles estão enterrando na floresta. É óbvio que eles nunca conseguirão o suficiente de dinheiro e ouro, faça promessas para atraí-lo sem nenhuma pena.²⁷²

Richard Glazar encerra descrevendo o último estágio do plano desenvolvido por Zelo Bloch, onde ele próprio, iria conversar com três prisioneiros: Galeski, Kurland e o “mais bem sucedido entre os 20 prisioneiros tchecos”, Stranda Lichtblau. Este, segundo Glazar, gozava de um status “privilegiado” entre os demais, devido ao seu conhecimento mecânico que foi muito útil em Treblinka, pois, justamente por trabalhar nesta área, sua cooperação era necessária para que o grupo conseguisse alguns litros de

²⁷¹ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka.** Northwest University Press, p. 70.

²⁷² *Ibid.*, p. 71.

gasolina.²⁷³ Interessante ressaltar que Glazar salienta que Stranda Lichtblau, graças a sua formação, recebia um tratamento diferenciado em comparação aos outros prisioneiros. Não é a primeira vez que o judeu tcheco aponta “diferenciações” entre os prisioneiros no Campo I de Treblinka, como já apresentado, quando ele escreve sobre a “identificação” de determinados grupos dentro da força de trabalho escravo, grupos esses que aos olhos dos outros prisioneiros (e vice-versa) tinham “mais sucesso” em sobreviver em Treblinka (como era o caso do grupo do qual ele fazia parte: o dos judeus tchecos).

Contudo, ainda no inverno de 1942, o oficial da SS Kuttner, que já havia trabalhado como carcereiro no Reich, decide mandar alguns prisioneiros do Campo I para o Campo II, e entre esses prisioneiros, se encontrava Zelo Bloch.

Talvez Kiewe [Kuttner], com toda a sua experiência como carcereiro, saiba que você não pode permitir a formação de grupos e que você precisa continuar movendo homens. Se eles soubessem alguma coisa com certeza, teriam ido para a “enfermaria”.²⁷⁴

E logo em seguida, Richard Glazar diz que a transferência de Bloch para o Campo II (vide anexo G e/ou H), conhecido como o campo da morte, era o fim do companheiro, e conseqüentemente, do plano e de tudo que estava sendo organizado até então. Mais uma vez, é evidente a centralidade que figura de Zelo Bloch assume dentro da narrativa construída por Glazar; onde mesmo ele, assim como outros companheiros, sabendo o passo a passo do plano, não parecia ser o bastante sem a presença de Bloch para liderar a empreitada.²⁷⁵ Este acontecimento também é narrado por Chil Rajchman, e diferentemente de Glazar, que pensou que tudo estava acabado, Rajchman diz que foi com a transferência de Zelo Bloch que começou uma mobilização para a libertação de Treblinka no Campo II.

Em janeiro de 1943, mandaram vir 15 homens do campo I. Adolf, um ex-marinheiro, e Zhelo Bloch, um judeu oficial do exército tcheco, estavam entre esses 15 homens. São excelentes pessoas e, no fim de poucos dias, viramos bons amigos. *Eles nos contam que uma revolta*

²⁷³ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka**. Nortwest University Press, p. 72.

²⁷⁴ Ibid., p. 81.

²⁷⁵ Contudo, Richard Glazar informa, mais tarde, que Rudi Masarek ‘substituiu’ Zelo Bloch na liderança no planejamento da revolta no Campo I, que inclusive, sob sua orientação (não tão elogiosa, como era no ‘período de Zelo Bloch’) os prisioneiros conseguiram a chave do armazém de munição de Treblinka. Ver: Ibid., p. 110-113.

*está sendo preparada no campo I. A margem de manobra lá é maior, pois o campo dispõe de um depósito de armas. Planejam confeccionar uma cópia da chave desse depósito a fim de ser armarem. Os dois companheiros são energéticos, dedicados e sinceros. Consolam-nos e põem-se ao trabalho com determinação. Tentamos estabelecer um contato com o campo I. É muito difícil, mas aproveitamos do fato de alguns de nós trabalharem no *Schauch*, limpando o sangue das vítimas. O *Schlauch* estende-se até o limite do campo I, e os nossos ali fazem contato com o que estão lotados no *Schlauch* do outro lado. Chegamos a nos entender com eles, apesar da presença de um SS e de um ucraniano nos vigiando. O método de comunicação é o seguinte: dois companheiros do nosso lado conversam em voz alta. Os homens do outro ouvem a conversa e respondem da mesma maneira, por intermédio de uma conversa entre eles. Os celerados ficam de olho apenas no que falamos entre nós.*²⁷⁶ (vídeo Anexo A e/ou H).

Aparentemente, a razão pelo o qual os dois Campos se organizaram em um *único plano* de libertação de Treblinka, é por causa da transferência de Zelo Bloch para o Campo II. O qual, por ter sido o articulador do projeto, conseguiu ordenar para que o Campo II estivesse ciente do que estava prestes a ocorrer no Campo I, e assim, conseguirem pôr em prática o plano simultaneamente. A comunicação clandestina que Chil Rajchman descreve no trecho acima, para manter contato com o outro campo, só foi possível justamente porque Zelo Bloch contou aos companheiros o esquema que estava sendo preparado no Campo I. Mesmo Rajchman não apontando Zelo Bloch como líder da operação, sua importância para o planejamento da revolta é clara.

Segundo Chil Rajchman, a revolta em Treblinka deveria ter acontecido nos primeiros dias de maio, e não em agosto.

*Durante os primeiros dias de maio, articulados com os detentos do campo I, decidimos semear sangue e fogo no campo. Alguns de nós não estão sabendo disso. A decisão é mantida em sigilo: apenas os chefes e os companheiros que ocupam determinados postos estão inteirados.*²⁷⁷

A informação de que o plano foi pensando e executado por grupos específicos dentre os prisioneiros é importante, pois, demonstra que o projeto, mesmo com intuito de libertar todo o campo, não possuiu a participação da grande maioria dos detentos. “A decisão é mantida em sigilo: apenas os chefes e os companheiros que ocupam

²⁷⁶ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu:** Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p.127.

²⁷⁷ Ibid., p. 131 [grifo meu].

determinados postos estão inteirados”, essas são as palavras de Rajchman, a qual me possibilita afirmar que a posição de trabalho, e, conseqüentemente, os espaços de circulação que este trabalho possibilitava, foi um fator crucial para que o plano pudesse ter sido executado.²⁷⁸ Portanto, para além da confiança depositada (ou privilégio?) no prisioneiro, por estar inteirado do plano, seu serviço dentro da manutenção do campo era primordial, e, também, quanto menos prisioneiros soubessem, menor seria o risco dos oficiais da SS descobrirem sobre o levante.

Contudo, é importante observar que mesmo que os prisioneiros tenham *subvertido* as condições de possibilidades ligadas ao seu trabalho em Treblinka, em prol de um plano de fuga, em nenhum dos dois testemunhos, Rajchman e Glazar classificam essa *subversão* como uma ação de resistência. Essa classificação não é dita expressamente por nenhum deles, mesmo que sejam ações fundamentais para que o plano siga adiante.

De qualquer modo, aconteceu um imprevisto dentro das atividades assassinas de Treblinka, o que forçou o adiamento da execução do levante.

Tudo foi bem planejado; infelizmente, um imprevisto atrapalhou nossos planos: no dia programado para o levante, um comboio chegou às 5h, e, junto, com o comboio, uma porção de SS e ucranianos. Isso destruiu nosso plano, fomos obrigados a adiá-lo. Essa falta de sorte nos afetou muito.²⁷⁹

Chil Rajchman narra que esta postergação forçada do levante abaixou os ânimos dos detentos no Campo II. Não só isso, Rajchman tem consciência, como já mostrado no trabalho algumas vezes, que os prisioneiros em Treblinka são todos “mortos-vivos”, ou seja, mortos em potencial, os quais, cada dia a mais sobrevivendo no campo, possivelmente, é um dia mais perto de se juntarem aos milhares de judeus que estavam sendo queimados nas valas abertas. Devido a essa compreensão do que é Treblinka,

²⁷⁸ Richard Glazar escreveu em seu testemunho que pouquíssimos judeus tinham acesso ao armazém de munição que era diretamente conectado ao quartel da SS. Apenas o “cantor” Salwe, o pequeno Edek, Heniek (o garoto mais novo da limpeza) e Chaskel (o garoto mais velho da limpeza) tinham acesso periodicamente ao recinto. Segundo Glazar, esses judeus ficaram encarregados de observar o tipo de munição encontrada no depósito, e, também, contrabandeá-las para a execução do plano. Esse é mais um exemplo para frisar a importância que algumas “posições estratégicas” dentro da dinâmica de Treblinka, os quais, foram primordiais para o andamento do levante; fazer com que determinados prisioneiros em postos “chaves” aderissem ao movimento de suma importância. GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka**. Northwest University Press, p. 110-113.

²⁷⁹ Ibid., p.132.

Chil Rajchman escreveu que o Campo II sente *urgência* para que uma data para o levante seja marcada.

O ritmo acelera. As valas são esvaziadas com uma frequência cada vez maior com o correr dos dias. Comunicamos ao Campo I que se eles não apressarem para organizar o motim, tentaremos executá-los nós mesmos antes que seja tarde demais. Entre nós, as opiniões estão divididas. Alguns acham que devemos nós mesmos libertar o campo, outros opõem-se a isso: acham que essa tentativa está fadada ao fracasso. Não podemos mais esperar. Um dia parece um ano. Decidimos dar um ultimato ao Campo I e, se não obtivermos uma resposta clara, estipularemos a data do levante, não iremos mais esperar. Respondem-nos para aguardarmos mais alguns dias. Finalmente recebemos uma resposta clara do Campo I: o levante está programado para 2 de agosto às 4h30 da tarde. Esperamos esse dia com impaciência.²⁸⁰

O dia 02 de agosto de 1943, uma segunda-feira quente de verão, foi uma data extremamente aguardada por Chil Rajchman (como ele mesmo descreveu no trecho acima), mas também, para Richard Glazar. Em absoluto, nenhum deles tinham a certeza de que o plano funcionaria como esperado, e muito menos, que eles iriam sobreviver a esta empreitada ousada. Entretanto, casualmente (ou não), alguns aspectos ajudaram para que o plano ocorresse melhor, como, por exemplo, parte do corpo de oficiais da SS estavam de licença no dia do levante,²⁸¹ logo, isso aumentaria as chances de sucesso.

De acordo com o que foi apresentado neste capítulo, o levante (que não foi organizado pela ampla maioria dos detentos) tem como objetivo principal a libertação de Treblinka, e conseqüentemente, possibilitar a fuga do máximo possível de prisioneiros, mesmo que a maioria não soubesse do plano de ação. Contudo, é interessante ressaltar que para Chil Rajchman, o levante parece adquirir tonalidades *vingativas*, como ele mesmo escreveu, a rebelião é para “semear fogo e sangue” em Treblinka.

Um aspecto interessante na construção do plano e da execução da revolta, é poder trabalhar com dois testemunhos, onde cada um se encontrava em um campo de

²⁸⁰ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 132-133.

²⁸¹ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence**: survival in Treblinka. Northwest University Press, p. 138; Raul Hilberg corrobora com essa informação dizendo que no dia da revolta, parte da força tinha ido se banhar no Rio Bug. HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amarelly, 2016, p. 1137.

Treblinka.²⁸² Dessa forma, a comparação entre as duas narrativas pode ser ainda mais frutífera para se entender o ponto de vista de cada sobrevivente sobre este acontecimento. De qualquer maneira, em linhas gerais, o plano do motim se apresentou da seguinte forma:

Cada um faz seu trabalho normalmente, tomando cuidado para não demonstrar nenhuma mudança de atitude. Todos conhecem precisamente a missão e, a fim de poder cumpri-la, devem fazer de modo a ser encontrados próximos do lugar de sua consumação. O plano prevê que dois disparos provenientes do Campo I marcarão o início do levante. Estamos todos prontos. Companheiros devem atear fogo nas câmaras de gás. Outros devem matar os SS e os ucranianos e tomar-lhes as armas. Os que trabalham nas proximidades das guaritas devem tentar corromper os ucranianos mostram-lhe ouro. Nós, os dentistas, temos a tarefa, durante os últimos dias, de separar o máximo de ouro possível, a fim de levá-lo. Planejamos, uma vez livres, nos dirigir ao campo de trabalho de Treblinka, que fica a 2 km, a fim de libertar os homens nele aprisionados.²⁸³ (vide anexo G e/ou H)

Segundo Richard Glazar, que permanecia no Campo I, toda a artilharia roubada do armazém da SS consistia em 5 rifles, uma pistola e algumas garrafas cheias de gasolina.²⁸⁴ Momentos antes da revolta, Glazar escreveu que um companheiro chamado Davi, agarrou-lhe o braço, e recitou o Salmo do rei Davi: “Sim, embora eu ande pelo vale da sombra dos mortos, não temerei o mal, pois Tu estás comigo...”.²⁸⁵ Especificamente, essa oração, descrita neste momento por Glazar, mesmo não sendo ele que a proferiu, fica evidente que ela é invocada com intuito de proteger e encorajar os prisioneiros que estavam prestes a organizar uma rebelião. Mesmo que Richard Glazar não tenha demonstrado em seu testemunho ser um judeu praticante, é curioso que ele tenha descrito esse episódio poucos momentos antes da revolta, e mais uma vez, ele não descreve sua perspectiva sobre isso.

Kleinmann usa o retorno ao trabalho como uma oportunidade para transmitir informações. Do lado de fora, parece que ele está dando instruções para o trabalho: As coisas começam exatamente às quatro horas. Somos responsáveis por nossa guarda aqui, pela que está ao

²⁸² Cf. pag. 23 supra.

²⁸³ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu: Treblinka (1942-1943)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 131-132.

²⁸⁴ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka**. Northwest University Press, p. 139.

²⁸⁵ Ibid., p. 139.

longo da cerca e pela que está no portão e, é claro, por qualquer homem da SS que pode aparecer em nosso caminho. Espingardas e qualquer outra coisa que atire devem ser entregues imediatamente a Josek e Herschek. Eles sabem como usá-los; serviram nas forças armadas. Não temos armas além daquelas que roubamos. Devemos incendiar tudo imediatamente. Kleinmann olha em volta na direção da torre de água além da cerca verde: “Bem, é um caminho até lá, mas nunca podemos deixá-los completamente fora de vista”.

É assim que o plano de rebelião no campo de Treblinka se inicia com o grande objetivo de romper a “cerca verde que contorna Treblinka e alcançar a torre de água”. Este prisioneiro chamado Kleinmann, aparentemente, toma a liderança em organizar e supervisionar os postos de cada um neste dia tão importante, pois é provável que ele seja um Kapo. Logo, por ter essa função, ele tem possibilidade de transitar em vários ambientes do campo para averiguar que o trabalho está sendo feito corretamente. Em um determinado momento do dia, o próprio Kleinmann solicita ajuda de Richar Glazar para comunicar outros prisioneiros que está tudo sob controle,²⁸⁶ e, quando ele solicita ajuda de Glazar, o judeu tcheco descreve seus pensamentos:

De repente, sob o sol ofuscante, sou novamente dominado por esse sentimento estranho. A partir daqui olho para baixo em toda a cena e pareço não fazer parte dela. Não sou nada além de um observador espantado e fascinado. Não é o mesmo lugar que era há dez meses. Uma placa branca com grandes letras pretas informa os passageiros que chegam a este local chamado ‘Treblinka- Obermajdan’.

O próprio Richard Glazar se reconhece como um mero observador dos acontecimentos ao seu redor. Esta posição que ele assume não só nesse momento, mas em grande parte da sua autobiografia. No dia 02 de agosto de 1943, Treblinka, aos seus olhos, não é mais o mesmo lugar de quando ele chegou em outubro de 1942, por mais que nada lhe garantisse que ele sairia vivo da rebelião, o campo tinha mudado para ele.

Chil Rajchman descreveu a manhã do dia 02 de agosto como um dia magnífico; o sol brilhava e os prisioneiros estavam cheio de coragem, e mesmo com medo, a felicidade prevalecia com o que estava prestes a acontecer. Segundo suas palavras, “sentimo-nos revigorados por novas forças, mais vivos do que nunca”.²⁸⁷

²⁸⁶ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence**: survival in Treblinka. Nortwest University Press, p. 140.

²⁸⁷ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 133.

Vamos para o trabalho com o coração em júbilo e nos intimamos a nada deixar transparecer. Preparamos os galões de gasolina, supostamente para fazer o motor funcionar. Nosso chefe de galpão, que é empregado como açougueiro, vai falar com o comandante Karol Spezinger, a fim de obter autorização para amolar os facões, pois vamos receber um cavalo morto e os facões estão cegos. Spezinger dá sua anuência. Kalman, o açougueiro, amola os facões, bem como alicates para cortarmos os arames farpados. Está tudo pronto. A excitação está no auge, assim como o receio de que os assassinos descubram o truque daqui até a tarde e nos fuzilem a todos.

Mesmo mais vivos que nunca, mesmo com o coração em júbilo e sorriso no rosto, o medo por serem descobertos pela SS e serem fuzilados, também é uma sensação a qual Chil Rajchman descreve no dia do levante. Entretanto, o plano já estava correndo, não havia possibilidade de voltar atrás. Era questão de poucas horas para o levante acontecer, e como Rajchman tinha dito, o início seria marcado por tiros proveniente do Campo I, às quatro e meia da tarde. Entretanto, segundo Richard Glazar, o levante começou dois minutos para as quatro.

Alguém vem correndo pelas árvores ao mesmo tempo em que Kleinmann corre até nós: “Kiewe pegou alguém. Parece que eles podem levá-lo para a enfermaria”. Todo mundo para. Ninguém diz nada, limpamos a transpiração, e então ele olha para o relógio: “duas para as quatro”. É dois de agosto de mil novecentos e quarenta e três. Então a primeira granada explode. Eu vejo o terceiro detonar na pista de asfalto. Não vemos mais o guarda que estava atrás de nós, e o que guardava o portão também desapareceu. Josek e Herschek têm suas armas: “Revolução! O fim da guerra!”. Ele gruda no meu peito e fica preso na minha garganta até que eu finalmente possa gritar: “Huurah!” O grito fica mais alto e sobe em todo o complexo de Treblinka. Algo voa pelo ar acima da minha cabeça e explode em frente ao quartel ucraniano. Os galhos secos e os galhos de pinheiro pegam fogo instantaneamente. Chamas disparam por toda parte. O portão para o acampamento 2 está bem aberto e uma figura com rifle está ajoelhada do outro lado. A julgar por sua cabeça redonda e raspada, pode ser Zelo.²⁸⁸

Richard Glazar não se conteve em apenas ser um observador e seu grito de euforia, dor, esperança, raiva por ter presenciado o próprio inferno em Treblinka se libertou junto com o levante do campo. “Revolução! O fim da guerra!”, são os gritos de ordem que ele descreve que seus companheiros entoaram enquanto corriam para

²⁸⁸ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence: survival in Treblinka**. Northwest University Press, p. 143.

liberdade. Contudo, na descrição do levante pela narrativa de Chil Rajchman, o levante havia começado às quatro e meia da tarde, quando, segundo ele, o Campo II escutou o barulho dos tiros (ou será granada como descreveu Glazar?).

Apesar de todos os preparativos, muitos detentos não fazem menor ideia do que vai acontecer. O relógio dá 4h30. Ouvimos dois disparos provenientes do Campo I é o sinal do início do levante. Após alguns minutos, recebemos ordens de abandonar o trabalho. Corremos todos para os nossos postos. Após mais alguns segundos, um fogo violento ergue-se das câmaras de gás: foram incendiadas. Os ucranianos que estava de guarda ao lado do galpão jazem por terra como um porco recém-abatido, empapado no próprio sangue. O camarada Zelo apoderou-se de sua arma. Ouvimos disparos de toda parte. Os ucranianos, que companheiros fizeram descer das guaritas prometendo-lhes mundos e fundos, também jazem mortos. Os dois SS que conduziram as retroescavadeiras foram mortos. Nos dirigimos para as cercas aos gritos de “Revolução Treblinka!”.²⁸⁹

Curiosamente, Chil Rajchman e Richard Glazar utilizam o mesmo termo para classificar o movimento de revolta dos prisioneiros em Treblinka como um ato de revolução. Talvez, na perspectiva dos dois judeus, o levante que estava acontecendo era, de fato, um ato revolucionário, partindo das condições extremas que era ser prisioneiro de um campo de extermínio. Em outras palavras, todos os prisioneiros encontrariam a morte, uma hora ou outra, contudo, estes mesmos prisioneiros, após meses de violência psicológica e física e sendo escravizados para auxiliar na indústria de extermínio, enxergam o episódio do “levante de Treblinka”, como um ato revolucionário. Esta é classificação mais evidente e mais concisa que Chil Rajchman e Richard Glazar utilizam para descrever ações de resistência, até então.

Chil Rajchman diz que as metralhadoras da SS já podiam ser escutadas na linha de cavaletes envoltos em arame farpado após a terceira cerca, ou seja, ainda dentro das dependências do campo. Contudo, acompanhado do companheiro Kurk, ele exclama: “Companheiro, estamos livres!”.²⁹⁰ No primeiro campo, Richard Glazar escreveu que o portão estava quebrado e logo uma enxurrada de prisioneiros correram em direção aos campos. Ele, acompanhado de seu amigo Karl, riem como loucos e gritam em uma

²⁸⁹ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 135.

²⁹⁰ RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu**: Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010, p. 136.

“comemoração selvagem” por estarem livres, contudo, não se demora para ouvir os tiros e o motor dos carros da SS em busca dos insurgentes de Treblinka.²⁹¹

Como já apresentado no capítulo, mesmo que esses dois judeus tenham participado do levante de Treblinka e conseguido escapar do campo, não era garantindo que eles sobrevivessem, primeiramente, à caçada da SS e dos soldados ucranianos logo depois do levante, ou que eles conseguissem sobreviver à guerra que ainda estava ocorrendo.

Chil Rajchman, depois de ter se escondido em algumas fazendas aos arredores de Treblinka, conseguiu alcançar a cidade de Piastow, onde tinha um amigo. Chegando lá, consegue uma identidade ariana falsificada de Henri Romanowski (inclusive, ele adota Henri ao seu nome pós-guerra) e alcança Varsóvia por meios não muito bem evidentes, permanecendo até o fim da guerra. Richard Glazar, por sua vez, tem um caminho ainda mais penoso pela frente. Ele e seu companheiro Karl foram presos por um engenheiro florestal aos arredores de Treblinka, o qual estava prestes a reportar a SS que tinha achado algum dos judeus fugitivos. Contudo, eles conseguem convencer o engenheiro de que eles são tchecos e que trabalhavam para “Organização Todt”. Posteriormente, Glazar e Karal são enviados para Mannheim, na Alemanha, onde trabalhariam, com documentação falsificada de trabalhadores imigrantes, para Heinrich Lanz até a libertação pelo exército dos Aliados.

Esses dois judeus sobreviveram não apenas ao período mais terrível de suas vidas durante sua passagem em Treblinka, mas também tiveram que lutar pela sobrevivência depois do campo. O capítulo procurou entender e evidenciar as circunstâncias em que estes judeus classificam ações de “resistência” e/ou de “heroísmo”, durante as suas experiências no campo de extermínio. Demonstrei que, muitas vezes, ao longo de suas narrativas, essas noções, principalmente na autobiografia de Glazar, não são algo determinante ou urgente em suas experiências. Pelo contrário, ações que os dois sobreviventes classificam de forma *incisiva* e *clara*, como ações de resistência, são pouquíssimas, mesmo que tenham mais ocorrências narrativa de

²⁹¹ GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence:** survival in Treblinka. Northwest University Press, p. 144-145.

Rajchman. A maior preocupação em Treblinka é permanecer vivo, e assim sendo, nenhum dos dois, em qualquer circunstância em seus testemunhos, classificam a sobrevivência em Treblinka como uma ação de resistência. Chil Rajchman, em alguns momentos, se pergunta se ainda valia a pena permanecer vivo observando todas aquelas atrocidades e se questiona até quando ele aguentaria aquele inferno. Contudo, para os dois, é visível que o levante organizado pelos judeus no dia 02 de agosto de 1943, que possibilitou a sobrevivência de algumas poucas dezenas de prisioneiros do maior campo de extermínio do III Reich, é uma ação revolucionária. Revolução, e não resistência. E, partindo da perspectiva dos “mortos-vivos”, de fato, terem reunido condições, organizado um plano em dois campos simultâneos e conseguido executá-lo depois de meses e meses de violência física e psicológica, é um ato revolucionário.

Para concluir, é importante ressaltar mais alguns pontos em cada testemunho. Chil Rajchman “apenas” observa a resistência armada (ou de confronto) como forma de resistir. Vide os exemplos trabalhados no capítulo: os judeus de Ostrowiec confrontando a SS à caminho da câmara de gás, o levante do gueto de Varsóvia e o levante de Treblinka, onde nestes casos, ele expressa explicitamente categorias de resistência por parte dos judeus. Contudo, nem ele e Richard Glazar utilizam a subversão que seus respectivos trabalhos podiam lhes possibilitar em Treblinka, em prol do levante que estava sendo organizado, como atos de resistência. É importante destacar novamente que, o levante do gueto de Varsóvia, possuiu significados distintos dentro das narrativas dos dois sobreviventes. Enquanto para Chil Rajchman o levante é um “legado”, “uma herança” para os judeus (podendo conter significado muito mais abrangente e amplo). Para Rajchman, os *heróis* de Varsóvia ajudaram a “criar o anseio de liberdade” entre os prisioneiros de Treblinka, demonstrando, mais uma vez, a heterogeneidade de noções e classificações de um mesmo episódio, segundo o sobrevivente que o narra.

Dessa maneira, demonstrei que estas categorias e noções, apresentadas pelos sobreviventes em suas narrativas, não são heterogêneas e fixas, mesmo contendo aproximações de sentidos em determinados acontecimento (como, por exemplo, no caso do levante de Treblinka). Portanto, demonstrei que essas categorias são circunstanciais e estão intimamente ligadas a visão do próprio sobrevivente, com e o que ele classifica como *resistência*, *heroísmo*, *legado*.

SEGUNDA PARTE:**V. 1. Resistência e heroísmo durante o cerco de Varsóvia: os resistentes e os heróis durante as primeiras semanas de guerra, segundo a perspectiva de Mary Berg e Wladislaw Szpilman**

Essa parte tem o objetivo de analisar as categorias e noções que estes dois sobreviventes, Mary Berg e Wladislaw Szpilman, classificam como ações de resistência antes da instauração do gueto de Varsóvia, instituído por ordem do Governo Geral em novembro de 1940. Gostaria de propor uma comparação entre dois momentos diferentes de experiência para estes dois judeus: seria aquele que antecederesse a segregação social e espacial extrema,²⁹² configurada com o estabelecimento do gueto, e após este acontecimento, analisar as noções e classificações de resistência na vida cotidiana do gueto. Assim sendo, comparei como e quando Mary Berg e Wladislaw Szpilman acionam essas categorias em momentos distintos em suas narrativas.

Como abordado no início do capítulo anterior, Mary Berg e Wladislaw Szpilman possuíam perspectivas bem diferentes sobre os acontecimentos entre a Polônia e a Alemanha nazista no final de agosto e início de setembro de 1939. Para a jovem adolescente, a guerra foi uma surpresa, enquanto ela e sua família aproveitavam os últimos dias de férias na cidade de Ciechocinek,²⁹³ ao contrário do que se pensa, para Wladislaw Szpilman, que trabalhava na Polskie Radio, para quem os otimistas incorrigíveis estavam convictos de que Hitler se assustaria com a postura intransigente da Polônia; “uma fé desprovida de qualquer lógica”, segundo o pianista.²⁹⁴ Já abordei, também no capítulo anterior, que os Wattenberg são naturais da cidade Lodz e, portanto, quando a guerra eclodiu, eles não se encontravam na capital polonesa.

²⁹² Aqui eu chamo a instauração do gueto de extrema, pois antes dessa configuração social-espacial, os judeus da capital polonesa já haviam sofrido sanções por parte da administração nazista em proibir, por exemplo, que os judeus utilizassem o serviço de transporte de bonde, que frequentassem praças públicas, que frequentassem alguns estabelecimentos, além de serem identificados com a faixa com a estrela de Davi. Dessa forma, entendo que o estabelecimento do gueto é a medida última, a mais extrema, para segregar, do ponto de vista da eugenia nazista, os judeus. (N.A.)

²⁹³ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 1-2.

²⁹⁴ ZSPILMAN. Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p.15.

Dessa forma, a família da Mary Berg peregrinou pela Polônia até alcançar a cidade de Varsóvia.

Tivemos nossa primeira refeição cozida em Okecie, um subúrbio de Varsóvia. Após quatro dias e noites de viagem aparentemente infinita, percebemos pela primeira vez como estávamos cansados. Mas tínhamos que prosseguir. Não havia um instante a perder, pois assim que deixamos Okecie vimos homens e mulheres construindo barricadas com bondes vazios e pedras redondas arrancadas das ruas, preparando-se para o cerco da capital.²⁹⁵

Wladislaw Szpilman também descreve que foi ajudar a cavar fossos nos arredores de Varsóvia para auxiliar na defesa da capital. Porém, auxílio foi por ele prestado apenas por dois dias, até que a rádio, no qual ele trabalhava como músico, havia voltado a funcionar, e assim, julgando que ajudaria mais estando em seu trabalho regular, Szpilman retorna a rádio.²⁹⁶ De qualquer modo, é neste contexto de invasão nazista e defesa da capital polonesa que Mary Berg e Wladislaw Szpilman utilizam, pela primeira vez, noções de *resistência* e *heroísmo*.

Ao longo dos dias que ficou conhecido como “o cerco de Varsóvia”, várias atividades econômicas e serviços começaram a ficar debilitados, justamente por causa das condições de guerra que o país enfrentava. Berg escreve em seu diário de forma retrospectiva, lembrando das primeiras semanas de setembro, que o “suprimento de comida da cidade se esgotou gradativamente; de vez em quando, dependendo de que fábrica de enlatados fora atingida por bombas alemãs, vários tipos de alimento em conserva eram lançados no mercado. Certos dias, sardinhas ou picles eram tudo o que havia nas lojas”, terminou adolescente.²⁹⁷

Segundo Szpilman, nos primeiros dias de guerra, o prefeito de Varsóvia, Stefan Starzynski, apelou à população para que não se estocassem comida, pois, segundo ele, não era necessário.²⁹⁸ Porém, poucos dias depois, quando o cerco de Varsóvia se intensificava, o próprio Szpilman escreveu que este foi o único erro do “heroico prefeito”.

²⁹⁵BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 5.

²⁹⁶ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 29.

²⁹⁷BERG, Mary. op. cit., p.7.

²⁹⁸ZSPILMAN. Wladislaw. op. cit., p. 19.

As condições de vida na cidade pioravam aos olhos vistos, na razão inversa da crescente coragem da população. Os alimentos estavam ficando cada vez mais escassos. Esse foi o único ponto o qual o *heroico* prefeito Starzynski não teve razão: não devia ter evitado que a população estocasse comida.²⁹⁹

No dia 23 de setembro de 1939, quando Szpilman tocou pela última vez na Polskie Radio, ele avistou Stefan Starzynski, na porta da emissora, em meio a uma multidão de pessoas.

Estava com a roupa em desalinho e o seu rosto demonstrava um cansaço mortal. Não dormia há várias noites, era a alma da *resistência* e o *herói* da cidade. Sobre seus ombros pesava a responsabilidade pelo destino de Varsóvia. Estava em todos os lugares: controlava a primeira linha das trincheiras, ocupava-se dos hospitais, da justa distribuição dos poucos alimentos, da organização da defesa antiaérea e das brigadas de incêndio, e encontrava tempo para falar diariamente pelo rádio à população. Ninguém tinha motivos para perder a coragem enquanto o prefeito não mostrasse desesperança.³⁰⁰

Essa é a primeira e única vez em que Wladislaw Szpilman confere o status de herói a alguém em toda a sua autobiografia – sua admiração pelo prefeito de Varsóvia, o senhor Stefan Starzynski é evidente. Segundo o famoso pianista, o próprio prefeito encarnava a resistência contra a invasão nazista, e como lhe é conferido o status de herói por Szpilman, ele também adquire uma onipresença em todos as instâncias da vida política-militar-social durante este período do cerco. Szpilman deposita nele toda a esperança e responsabilidade em defender a capital polonesa, e mais, não há o que desanimar se o prefeito não mostrasse desesperança. Como já mostrado no primeiro capítulo, Wladislaw Szpilman se entende como um polonês de ascendência judaica (ou seja, um judeu assimilado ou da diáspora), e este trecho reafirma o orgulho de ser polonês. A única classificação de heroísmo em todo seu testemunho é para um polonês, pois, acredito, que ele se sente conectado com os esforços do prefeito em defender sua amada cidade.

Contudo, Mary Berg sequer faz qualquer menção ao prefeito Stefan Starzynski em suas lembranças de setembro de 1939. Para ela, o esforço dos jornalistas do

²⁹⁹ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 29-30.

³⁰⁰ Ibid., p. 32. [grifo meu]

periódico *Worker*, em continuar sua produção apesar do contexto conturbado, são dignos de verdadeiros heróis:

Nossa fome por notícias era tão grande quanto a fome por comida. O único jornal que ainda era publicado era o *Worker*, órgão do Partido Socialista Polonês, que saía em edições especiais. Admirávamos o *heroísmo* dos editores e gráficos, que, sob as piores condições, permitiam que a população se informasse dos fatos. Contaram-nos, por exemplo, que a frota britânica havia ancorado em Gdynia. Muitas vezes, as notícias publicadas pelo *Worker* nos encorajavam, mas relatos prematuros ou falsamente otimistas só aumentavam nossas decepções depois.³⁰¹

Na noite de 23 de setembro, Mary Berg descreve mais um ato de resistência, quanto a cidade estava sendo pesadamente bombardeada.

Naquela noite, centenas de edifícios queimaram em toda a cidade. Milhares de pessoas foram sepultadas vivas nas ruínas. Contudo, dez horas de bombardeio criminoso não conseguiram quebrar a resistência de Varsóvia. Nosso povo lutou com obstinação crescente; mesmo depois de o governo fugir e o marechal Rydz-Smigly ter abandonado suas tropas, homens e mulheres, jovens e velhos, ajudaram na defesa da capital. Aqueles que estavam desarmados cavaram trincheiras; moças organizaram esquadrões de primeiros-socorros nas portas das casas, judeus e cristãos ficaram ombro a ombro e lutaram por sua terra natal.³⁰²

Mary Berg descreveu que o povo de Varsóvia não se rendeu durante as dez horas de pesados bombardeios por parte do exército alemão, no qual, os esforços nazistas foram insuficientes para quebrar a resistência de Varsóvia, “nosso povo lutou com obstinação crescente”, escreveu ela. Um ponto bastante curioso nessa passagem é que pela primeira e única vez, Berg descreveu companheirismo entre judeus e cristãos na defesa da cidade; “judeus e cristãos ficaram ombro a ombro e lutaram por sua terra natal”. Nesse trecho, segundo Berg, as diferenças entre os judeus poloneses com os poloneses cristãos ficaram de lado e ambos defenderam sua terra natal contra os invasores. Aparentemente, essa camaradagem e amistosidade entre poloneses e judeus, descrita por Berg, é apenas neste momento crítico do cerco de Varsóvia, pois, em vários

³⁰¹ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 7. [grifo meu].

³⁰² Ibid., p. 8-9.

outros momentos, a adolescente descreve as agressões que os judeus sofriam por parte dos poloneses,³⁰³ como, por exemplo, do caso da mulher de meia idade da rua Marszalkowska.³⁰⁴

Assim, é importante ressaltar que as circunstâncias nas quais as ideias de resistência e de heroísmo aparecem nos relatos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman antes da queda de Varsóvia (dia 27 de setembro de 1939), diluíram as fronteiras entre os judeus e cristãos que estavam obstinados em juntar forças contra os invasores. As primeiras classificações de resistência e de heroísmo, portanto, são consagrados aos poloneses.

Após a conquista da Polônia, os nazistas decretaram uma série de leis que restringiam a vida social dos poloneses, sobretudo dos judeus, antes mesmo da instauração do gueto em Varsóvia. Por esta razão, gostaria de chamar atenção para este tópico bastante controverso nos estudos de testemunhos de sobreviventes de guetos no período da Shoah.³⁰⁵ A “clandestinidade”, “contrabando”, “corrupção”³⁰⁶ são assuntos que atravessam grande parte dos relatos trabalhados nesta dissertação, principalmente no testemunho de Mary Berg. Portanto, analisar quando e como “ações clandestinas”, “ações de contrabando” e/ou “ações de corrupção” emergem nos testemunhos, no período pré e após estabelecimento do gueto, pode ser potente para a discussão de noções e categorias de resistência.

³⁰³ Cf. p. 69. supra.

³⁰⁴ E em outro momento, Mary Berg escreve em seu diário que “embora muitos poloneses, envenenados pelo antissemitismo, neguem que seus irmãos de fé judaica sejam concidadãos, os judeus, apesar do tratamento desumano a que são sujeitos, mostram seu patriotismo de toda maneira possível”. BERG, Mary. **O diário de Mary Berg: memórias do Gueto de Varsóvia**. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 18, 161.

³⁰⁵ “Os contrabandistas, ou melhor, os líderes, eram os primeiros a se beneficiar dessas operações. Os guardas alemães e poloneses embolsam quantidades substanciais em suborno - assim como, em uma escala menor, os membros da polícia Judaica do gueto. À primeira vista, a administração alemã combatia o contrabando, e o comissário do gueto tomou algumas medidas para dificultar o tráfico ilegal. Ainda assim, ‘no geral, o contrabando era tolerado, e as medidas tomadas para combatê-lo eram destinadas apenas a restringir sua magnitude’. Quanto ao Conselho Judaico, ele entendia perfeitamente que, da situação do abastecimento alimentar, o contrabando não podia, e nem devia ser interrompido. O contrabando e os esquemas de todo tipo deram origem a nova classe: os novos ricos de Varsóvia prosperaram - durante algum tempo. eles tinham seus restaurantes e cabarés, onde, protegidos da miséria circundante, desfrutavam de sua efêmera prosperidade e se misturavam com os poloneses e alemães, muitas vezes seus associados. Naturalmente, a nova classe do gueto representava apenas um diminuto segmento da população: a maioria prosseguirá faminta, apesar do contrabando e dos estratégias”. FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus: os anos de extermínio, 1939-1945**. v. II. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 197-198.

³⁰⁶ É difícil saber se as três palavras falam da mesma coisa; os três termos podem ter sobreposição, mas não tenho segurança em dizer se Mary Berg e Wladislaw Szpilman falam de fenômenos de natureza distinta ou não e se há mudança de sentido ao longo do tempo em suas narrativas. (N.A).

Além disso, como apontado na introdução, há historiadores, como Yehuda Bauer, que definem a resistência judia como “qualquer ação grupal conscientemente assumida em *oposição às leis conhecidas, impostas e ações diretamente dirigidas contra os judeus por parte dos alemães e seus colaboradores*”.³⁰⁷ Por isso, a problemática do “contrabando”, “ações clandestinas” e/ou “corrupção” entram no centro do trabalho, pois investigo como os sobreviventes entendem tais ações e se as categorizações *nativas* estão alinhadas ou não com as *classificações eruditas*.

Wladislaw Szpilman relatou que a desobediência aos decretos alemães teria como punição a morte.³⁰⁸ Para o artista, o mais importante, entre esses decretos, referia-se ao comércio de pão: qualquer pessoa que fosse flagrada vendendo ou comprando pão por preço superior ao vigente antes da guerra era sujeito à pena de morte por fuzilamento. No final de seu relato, ele diz que este “decreto teve um efeito devastador sobre sua família, obrigando os Szpilman a se alimentar com batatas e alguns pratos que continham farinha para substituir a falta de pão”.³⁰⁹ Contudo, mesmo que Szpilman não ter dado mais informações das consequências devastadoras depois do decreto do preço do pão, pouco tempo depois o pianista diz que “as pessoas não se rendiam ao rigor das leis alemãs”,³¹⁰ em seguida, contou que seu irmão mais novo, Henryk, observou infrações às ordens nazistas:

Depois, Henryk notou que o pão continuava existindo, que era comprado, e que os compradores não eram imediatamente assassinados. Destarte, nós também voltamos a comprá-lo. O decreto nunca foi revogado, e considerando que todos compravam e comiam pães durante os cinco anos da guerra, milhões de sentenças de morte deveriam ter sido promulgadas em todo o território dominado pelos alemães.³¹¹

Para concluir sua pequena análise se os decretos nazistas eram ou não brandos, Szpilman declara que “quanto mais decretos surgiam, maiores eram as possibilidades de se obter ganhos ilícitos”.³¹² Mesmo subvertendo e infringindo uma norma estabelecida, Wladislaw Szpilman não classifica essas ações como atos de resistência. É interessante

³⁰⁷ Cf. p. 19 supra [grifo meu].

³⁰⁸ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 40.

³⁰⁹ Ibid., p. 40.

³¹⁰ Ibid., p. 41.

³¹¹ Ibid., p. 40.

³¹² Ibid., p. 43.

apontar, deste modo, que ações “clandestinas” e ou “infradoras”, não são, necessariamente, ações de resistência, aos olhos do sobrevivente.

Por esta razão, gostaria de chamar atenção para o problema da corrupção/clandestinidade/contrabando, pois são assuntos que atravessam grande parte dos relatos trabalhados nesta dissertação, principalmente no testemunho de Mary Berg. Portanto, analisar quando e como “ações clandestinas”, “ações de contrabando” e/ou “ações de corrupção” emergem nos testemunhos, no período pré e pós estabelecimento do gueto, pode ser potente para a discussão de noções e categorias de resistência.

Em 02 de março de 1940, Mary Berg escreveu em seu diário que foi instituído em Lodz, um gueto para trancafiar todos os judeus da cidade, contudo, uma ex-colega de classe, Edzia Piaskowska, conseguiu alcançar a capital polonesa, ou seja, conseguiu fugir do aprisionamento, após sua família subornar a Gestapo com bons dólares americanos.³¹³ Em seguida, ela completa a informação que “os judeus ricos conseguiram fugir do gueto de Lodz por vários meios: alguns subornaram a Gestapo, como a família da minha amiga, outros escaparam em caixões, pois o cemitério judeu é fora do gueto, e é possível levar mortos para lá”.³¹⁴

Com esses dois trechos, já é possível realizar algumas análises segundo as informações trazidas pela sobrevivente e, também, se apoiando nos dados já apresentados anteriormente. Mary Berg traz relatos de como o suborno foi utilizado em duas ocasiões diferentes, objetivando coisas diferentes e envolvendo atores diferentes. No primeiro capítulo ela mesma diz que recorreu ao “suborno” (ou “indicações” no léxico do seu diário) para conseguir uma vaga em um curso oferecido pelo Conselho Judaico. No trecho acima, a família de sua amiga recorre também a mesma medida (dessa vez a Gestapo) para conseguir escapar do confinamento do gueto de Lodz. Portanto, há um espectro onde a ação do suborno é encontrado no testemunho de Mary Berg, envolvendo atores diferentes com objetivos distintos. Mas, uma questão se levanta depois de refletir sobre os espectros da aplicabilidade do suborno: o problema do suborno de judeus no gueto é da mesma natureza que o problema do suborno de alemães e poloneses antes do gueto ser erguido? Respondo esta questão adiantando algumas constatações que serão discutidas no próximo capítulo: o tema do suborno

³¹³ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 18

³¹⁴ Ibid., p. 19.

adquire mais força e proeminência nos testemunhos, assim como suas diversas noções, segundo o sobrevivente, depois da instauração do gueto em Varsóvia.

Contudo, Berg em nenhum momento deixa claro se ela considera essas ações como atos de resistência, principalmente quando o suborno envolve judeus e nazistas, onde as vítimas estariam objetivando um meio de diminuir as sanções alemães ou escapar de algum perigo eminente. Outro ponto que a adolescente salienta é que apenas os judeus ricos tiveram condições para fugir do gueto de Lodz, seja ele qual for o meio escolhido. Dessa forma, em várias ocasiões em seu testemunho (como já foi descrito no trabalho, por exemplo, o caso da “recomendação” de seu tio Abie para a Polícia Judaica), Berg estabelece uma ligação entre o suborno com os judeus mais abastado. De fato, apenas a elite tinha condições disponíveis em poder subornar os oficiais nazistas. Em última instância, ela está nos dizendo que antes e (principalmente) depois da instauração do gueto em Varsóvia, aqueles que tinham privilégios (econômicos em sua grande maioria) podiam viver melhor do que aqueles que não detinham.

Judeus que possuem passaportes de países neutros não são obrigados a usar a faixa nos braços nem a fazer trabalhos forçados. Não é de admirar que muitos judeus tentam conseguir esses documentos, mas nem todos têm os meios de comprá-los. Duas de minhas amigas compraram documentos provando que são nativas de uma república sul-americana. Graças a eles, podem andar livremente pela cidade. Podem até ir ao interior para comprar comida. Com tais documentos, têm pelo menos 90% de chance de sobreviver - os outros judeus têm apenas 10% de chance.³¹⁵

Ela própria possui tais privilégios, pois, além da sua posição social, era filha de uma judia norte-americana. Já demonstrei também, no capítulo anterior, que Mary Berg condenava a prática do suborno, mas resolveu utilizar esse artifício para conseguir o privilégio de estudar em um dos cursos oferecidos pela administração do Conselho Judaico com permissão nazista. Dessa forma, a posição que Berg tem sobre esta prática é totalmente circunstancial, dependendo de quem e quando essa ação é efetivada.

Outro exemplo de ser citado como um ato de privilégio por parte de Berg antes da instauração do gueto, diz respeito a suas apresentações após a formação do seu grupo artístico, o LZA, em agosto de 1940. Mary Berg diz que todos a chamam de “norte-

³¹⁵ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 23.

americana”, e como tal, convidam-na para cantar algumas canções suaves em inglês, mesmo sendo proibido o uso desta língua (assim como o francês) em público, *mas ela ignora essa proibição*.³¹⁶ E, mais uma vez, segundo a sua perspectiva, esta ação não é classificada como uma ação de resistência.

De qualquer maneira, é após a instauração do gueto de Varsóvia, em novembro de 1940, que esses temas se afluam e adquirem certa proeminência dentro dos testemunhos desses sobreviventes, principalmente de Mary Berg. Pois, devido a sua sociabilidade, a adolescente consegue descrever muito sobre condutas e grupos que estavam ligados a “clandestinidade”.

V. 2. Contrabando e contrabandistas: as noções de prática e conduta, segundo os testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman

Como apresentado em dos tópicos do capítulo anterior, a maior parte dos testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman, durante o período em que estiveram no gueto de Varsóvia, eles procuraram “construir uma normalidade” dentro das condições de possibilidades que o gueto estava configurado. Até mesmo as instituições judaicas que administravam o gueto, principalmente o Conselho Judaico, tinham a necessidade de imprimir e manter uma ordem para tentar organizar a vida cotidiana do gueto. Dito isso, e assim como demonstrado no tópico supracitado, os momentos em que as noções de resistência são acionadas por Mary Berg e Wladislaw Szpilman, são evidenciadas em circunstâncias muito específicas, as quais, o tema da “resistência” e/ou “heroísmo” não é um tópico recorrente diante do seu relato cotidiano. Portanto, a resistência, e suas nuances, só adquire proeminência em momentos muito bem localizados dentro dos testemunhos desses sobreviventes.

Os horrores e as mazelas sociais se intensificaram por causa do aprisionamento dos judeus em alguns quarteirões de Varsóvia, contudo, esses horrores estavam incorporados com a normalidade de uma sociedade moderna. A fome e a miséria de multidões se encontravam com os bares e cafés lotados, onde se serviam comida fresca. Os mendigos espalhados pelas ruas do gueto se encontravam com mulheres e homens

³¹⁶ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 30.

bem vestidos, os assassinatos e as execuções pelas ruas do gueto não impressionavam mais os comerciantes dos estabelecimentos, os quais, já abriam suas portas poucas horas depois. Até mesmos os piolhos, vetores do tifo, se misturam entre os abastados do gueto e os mais pobres. Este tópico, a epidemia de tifo no gueto, merece uma atenção maior, pois corrobora com a discussão já iniciada sobre “contrabando” ser ou não uma ação de resistência, segundo a perspectiva dos nossos sobreviventes, diferentemente, de como é apresentada por parte da historiografia. Além disso, a epidemia está intimamente relacionada ao problema do privilégio da elite judaica com o contrabando. Como que Mary Berg e Wladislaw Szpilman classificam as ações dos contrabandistas nesta e em outras ocasiões no cotidiano do gueto? Mesmo sendo ações subversivas e que vão contra a uma “lei nazista”, será que os sobreviventes “positivaram” essas ações?

Contudo, é preciso esclarecer a relação que estabeleci acima como objeto de análise dentro dos testemunhos. Apesar de realizar a conexão “elite judaica” com o “contrabando”, o que de fato é estabelecido nos relatos, essa não foi uma atividade exercida exclusivamente pela elite ou apenas a elite se “beneficiou” destas ações. Existem muitos níveis de contrabando sendo exercido por vários segmentos sociais no gueto de Varsóvia. Mas, Szpilman e Berg, em determinados momentos, deram mais ênfase aos grandes contrabandistas do gueto, e como esse exercício foi categorizado por eles.

Wladislaw Szpilman diz que no inverno de 1941-1942 foi especialmente difícil para o gueto, as pequenas ilhas, aparentes bem-estar da intelectualidade judaica e da opulência dos especuladores, eram minadas por um mar de judeus miseráveis, já que exauridos pela fome e cheios de piolhos e exposto ao frio terrível.³¹⁷ Agora, nem mais a elite judaica, que se concentravam na “Champs-Élysées” do gueto estava a salvo dos asquerosos insetos. O artista continua dizendo que:

O gueto estava infestado por insetos e não havia como evitá-los. Viam-se piolhos por toda parte, e cada um desses insetos era um transmissor de tifo. Diante disso, o surgimento de uma epidemia de tifo no gueto não chegou a ser uma surpresa. O número de mortos chegava a cinco mil por mês. O tifo passou a ser assunto da conversa de todos - pobres ou ricos. Os pobres, imaginando quando iriam

³¹⁷ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 77.

morrer, e os ricos, como iriam se proteger e onde encontrar a vacina do doutor Weigel.³¹⁸

Mesmo sendo um assunto que merecia atenção da elite judaica e da massa faminta do gueto, segundo Szpilman, as preocupações entre esses dois grupos eram bem distintas. É evidente que o pianista assinala qual grupo, em meio a uma epidemia de tifo em pleno inverno, possuía mais chances de sobreviver.

Mary Berg já tinha anotado em seu diário, no dia 29 de julho de 1941, que o tifo já era um problema visível nas ruas do gueto de Varsóvia no verão. “A epidemia”, escreveu a adolescente, “assumiu uma forma especialmente aguda nas regiões das ruas Gesia, Nalewki, Nowolipki e Nowolipie. *No Pequeno Gueto, a situação é um pouco melhor, pois ele é habitado por pessoas relativamente bem de vida, que podem se dar ao luxo de cuidados médicos particulares*”³¹⁹

Assim, como demonstrado por Szpilman, e reforçado por Berg, a condição social, e os privilégios econômicos implicados por ela, era um fator de peso para a profilaxia e/ou o tratamento de enfermidades, que no caso exemplificado, era a tifo. Entretanto, Mary Berg continuou a anotar informações interessantes de como e por quem as vacinas anti-tifo chegavam ao gueto de Varsóvia.

Recentemente, foi importada vacina antitifo de Lwow, que se rendeu aos alemães há um mês. Os soviéticos, quando evacuaram Lwow, deixaram uma grande quantidade de vacina antitifo em tubos. Agora, esse remédio precioso está sendo contrabandeado para Varsóvia. *Mas só pessoas ricas podem comprá-los - o preço chega a vários milhares de zlotych por tubo. Alguns habitantes do gueto recebem da Suíça*³²⁰

³¹⁸ Rudolf Stefan Weigl (1883-1957), médico e pesquisador polonês, deu uma enorme contribuição científica à microbiologia, em geral, adaptando os insetos sugadores, piolhos, para servir como animais de laboratório. Isso permitiu a primeira propagação do estudo de *Rickettsia prowazekii*, o agente do tifo e a produção da primeira vacina eficaz contra o tifo exantematoso (epidêmico). Weigl fez isso antes e durante a Segunda Guerra Mundial em seu Instituto de Biologia da Universidade de Jan Kazimierz (UJK), na época em Lwów, na Polônia. SZYBALSKI, Waclaw. The genius of Rudolf Stefan Weigl (1883-1957), a Lvovian microbe hunter and breeder.: -in memoriam. **International Weigl Conference (microorganisms In Pathogenesis And Their Drug Resistance**, Lviv, Ukraine, v. 1, n. 1, p. 10-31, 11 set. 2003. Em 2003, o museu do Yad Vashem o nomeou na lista dos “Justos entre as Nações” (lista que homenageia os gentios que prestaram assistência aos judeus europeus durante a Segunda Guerra Mundial), sob o número 9898. VASHEM. Yad. **Righteous Among the Nations Honored by Yad Vashem by 1 January 2019**. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/yv/pdf-drupal/poland.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020; ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 77.

³¹⁹BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 90. [grifo meu]

³²⁰No dia 15 de dezembro de 1940, Mary Berg diz “minha mãe como norte-americana, ainda pode passar pelos portões do gueto. Quando faz isso, ela mostra seu passaporte e a guarda nazista a cumprimenta com

(judeus estrangeiros que estavam no gueto e que podiam receber encomendas e cartas de familiares utilizando o correio nazista), *por correio, pacotes com vários remédios, inclusive vacina antitifo*. A vacina suíça é superior à russa. *Organizou-se um ativo comércio de remédio no gueto*. Heniek Grynberg, um dos meus conhecidos, envolveu-se nesse negócio e me contou alguns detalhes a respeito. Heniek é um loiro alto, um verdadeiro tipo nórdico, que não tem um traço judeu. Por meio de um canal clandestino, ele muitas vezes vai para o outro lado, onde passa facilmente por polonês com a ajuda de uma identidade forjada. De algum modo, consegue permissão para ir a Lwow e ali compra um determinado número de tubos de vacina antitifo pelos quais recebeu pagamentos adiantados de judeus ricos do gueto. Essa viagem não é fácil de fazer, apesar da aparência ariana de Heniek e do documento falso. Nos trens há buscas constantes, e os alemães não só confiscam artigos contrabandeados, como também impõe penas pesadas. Mas ele é um contrabandista experiente. É uma das pessoas mais bem-sucedidas nesse novo negócio. Pode-se ver isso na sua aparência próspera e nas roupas elegantes usadas por sua mulher e filha.³²¹

A frase dita por Szpilman anteriormente se referindo a possibilidade de se obter ganhos ilícitos quanto mais decretos nazistas surgissem, poderia ser complementada com uma passagem escrita por Berg em seu diário, na qual, a adolescente diz que “dinheiro de verdade só pode ser ganho em negócios desonestos, mas poucas pessoas se envolvem neles; a maior parte dos judeus optam por ficar faminta em vez de se tornar objetos nas mãos dos nazistas”.³²²

Analisando todas as informações expostas sobre este tema, podemos concluir diversas posições, segundo as perspectivas dos sobreviventes. A primeira é que devida a configuração sócio-política extrema imposta aos judeus com a instauração do gueto, se recorria à clandestinidade para tentar voltar a normalidade da vida exterior. A privação e escassez de produtos e serviços faziam com que a clandestinidade fosse exercida fortemente no gueto.

grande respeito ao devolver o documento norte-americano. Recentemente minha mãe fez várias dessas incursões para transmitir toda espécie de recados se seus amigos. Eles ficam especialmente agradecidos quando ela pode trazer cartas de fora para eles, pois o correio do gueto recusa essas cartas. Como cidadã norte-americana, ela pode enviar cartas pelo correio alemão sem qualquer dificuldade em particular”. Ibid., p. 36. Por essa informação, é plausível que judeus estrangeiros pudessem receber no gueto, encomenda de outros países, incluindo a Suíça.

³²¹ Ibid., p. 91-92. [grifo meu]

³²² BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 120.

A segunda ideia que está desenvolvida nos testemunhos, principalmente no relato de Mary Berg, é que as novas demandas podem e são utilizadas para ganhos ilícitos. O exemplo que adolescente utiliza é do seu próprio amigo, Heniek Grynberg, um judeu com traços *arianos*, que se aproveitou da epidemia de tifo para obter lucro, fazendo disso um “novo negócio” e sendo um dos mais bem-sucedidos no ramo.

A terceira proposição que podemos afirmar a partir de Berg é que, de uma forma ou de outra, com mais ou menos intensidade, o comércio clandestino está ligado à subornar os oficiais nazistas. Com essa relação estabelecida, o judeu que opta por fazer estes “negócios desonestos”, se torna objeto nas mãos de seus algozes. Perceba que Mary Berg é enfática em dizer que estes sujeitos (a minoria, segundo ela) optam por entrar em “negócios desonestos”, diferente da grande maioria dos judeus, que preferem passar fome a se tornarem colaboradores dos nazistas. Mary Berg, portanto, elaborou uma “conduta ética e moral”, a partir dessas circunstâncias.

Reforçando a correlação entre alguns “negócios desonestos” com a Gestapo, mostrarei mais um exemplo de como determinados contrabandistas tinham péssima reputação para com os judeus do gueto, segundo as perspectivas de Mary Berg e Wladislaw Szpilman.

Pelas ruas repletas deslocavam-se, com muito barulho, os bondes puxados por cavalos, chamados de *Konhellerki*, rompendo a multidão com os varais e com os corpos dos cavalos, assim como um navio rompe as ondas do mar com a proa. O nome provinha dos sobrenomes dos seus dois proprietários - Kohn e Heller, dois ricos judeus que serviam à Gestapo e que, graças a isto, puderam fazer fortuna. Devido aos altos preços das passagens, os vagões eram lotados exclusivamente pelos mais ricos.³²³

De acordo com os testemunhos de nossos sobreviventes, Kohn e Heller são dois judeus conhecidos entre a população do gueto de Varsóvia, pois eram judeus que serviam à Gestapo, e graças a essa associação, puderam fazer fortuna. Aparentemente, a conexão dos proprietários dos *Konhellerki* com os nazistas não era segredo para ninguém, e segundo Mary Berg, havia aqueles que se aproveitavam da fortuna dos dois judeus e frequentavam suas famosas festas. Segundo a adolescente, “histórias fantásticas circulam sobre a vida luxuosa dos srs. Kohn e Heller; todos os dias são

³²³ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p 63.

recepções, enquanto diante das suas portas pessoas morrem de fome”.³²⁴ E para além do serviço de transporte, os senhores Kohn e Heller, possuíam outro negócio no gueto de Varsóvia, talvez, de onde vinha grande parte de seus lucros:

Esses dois cavalheiros têm outras fontes de renda além dos seus bondes. Desempenham um papel importante na chamada “Transferstelle”. Essa instituição, apoiada pelos alemães, tem a ver com o intercâmbio de vários tipos de mercadorias entre o gueto e a parte ariana de Varsóvia. Tudo que entra legalmente no gueto é controlado por esse escritório, que fica com uma bela comissão em cada transação. Kohn e Heller têm grande influência na “Transferstelle” e frequentemente recebem propinas de negociantes de ambos os lados do muro. Assim, funcionam como intermediários entre os alemães e os donos dos vários carregamentos de alimentos e mercadorias industriais que passam pelo gueto para a parte ariana de Varsóvia, e vice-versa.³²⁵

Essa mesma informação também encontrada na autobiografia de Wladislaw Szpilman, onde o artista diz que:

A principal fonte de alimentação do gueto era abastecida pelo contrabando controlado por potentados do tipo Kohn ou Heller. Numa hora predeterminada, os guardas devidamente subornados, simplesmente olhavam para o outro lado, enquanto, diante da sua aparente vigilância, bem debaixo dos seus narizes, passavam pelos portões do gueto filas de veículos carregados de alimentos, de bebida, de tabaco, de vinho diretamente da Grécia e até roupas e cosméticos franceses.³²⁶

Em termos gerais, segundo Szpilman, Kohn e Heller controlavam o transporte, comercio e distribuição não apenas da maior parte dos alimentos que entravam no gueto, mas também, dos artigos de luxo que eram vendidos nos cafés, para satisfazer a demanda da elite judaica. É um indício de que Szpilman não enxerga com bons olhos os dois judeus, pois se refere a eles como “potentados”.

Durante o mês de julho de 1942, quando os rumores sobre a deportação em massa estavam circulando entre a população do gueto de Varsóvia, Wladislaw Szpilman

³²⁴ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 122.

³²⁵Ibid., p.122-123.

³²⁶ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p 73.

diz que foi nessa época que os agentes da Gestapo – Kohn e Heller – tiveram o seu merecido destino:

Não foram espertos suficientes, ou pecaram por excessivo pão-durismo. Haviam subornado apenas uma das duas centrais da SS e, por azar, caíram nas mãos da outra. Os oficiais nazistas não se limitaram a fuzilar os dois agentes, mas requisitaram a carroça de lixo, sobre a qual ambos os potentados fizeram a sua última viagem através do gueto diretamente para a vala comum.³²⁷

Neste trecho fica evidente o desprezo e satisfação que Szpilman relata o fuzilamento dos “agentes da Gestapos” Kohn e Heller por terem sido mesquinhos, por não terem subornado as duas guaritas de vigilância, ou por terem sido “autoconfiantes” demais em suas relações com os nazistas. De qualquer modo, o assassinato dos dois não foi lamentado pelo artista, pelo contrário.

Diante dessas considerações apresentadas por Mary Berg e Wladislaw Szpilman, concluo que condutas e ações clandestinas visando lucro próprio, consequente de uma demanda social (seja ela a epidemia de tifo ou controle de distribuição de alimentos), não são ações consideradas positivas, pelo contrário. Berg e Szpilman condenam esse tipo de comportamento, pois, segundo eles, grande parte dessas atividades possuem ligações com a Gestapo. Portanto, judeus que optaram em se associar aos nazistas e ser seus “objetos” (cúmplices), não são boas pessoas.

V. 3. As noções de resistência e heroísmo durante a experiência no gueto de Varsóvia, segundo os testemunhos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman.

Nas semanas subsequentes após a instauração do gueto de Varsóvia, Mary Berg e Wladislaw Szpilman evidenciam noções de resistência em diferentes tipos de narrativa por meio das quais os dois apresentam suas experiências durante a Shoah. Como Szpilman escreveu um testemunho em forma de autobiografia, as datas e a cronologia em sua narrativa são um pouco mais difusas, e muitas vezes, pouco precisas. Ao contrário da narrativa de Berg que escreveu um diário contando suas experiências e impressões do mundo que a cercava. Portanto, é mais “fácil” montar uma cadeia de

³²⁷ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 100.

acontecimentos “cronologicamente coerente” no testemunho de Mary Berg, enquanto as informações no testemunho de Szpilman não seguem este modelo.

A adolescente polonesa escreveu em seu diário que cinco dias após o fechamento dos portões do gueto, dia 20 de novembro de 1941, “as ruas estavam vazias; reuniões extraordinárias estavam acontecendo em todas as casas. A tensão é terrível. Algumas pessoas exigem que seja organizado um protesto; essa é a voz dos jovens, nossos mais velhos consideram isso uma ideia perigosa”.³²⁸

Segundo Mary Berg, as casas dos judeus do recém-criado, gueto de Varsóvia se transformaram em centro de reuniões para discutir o aprisionamento de seu povo em alguns poucos quarteirões da capital polonesa, e diante desse período de tensão, os jovens clamavam por protestos, enquanto os mais velhos achavam a ideia perigosa. Essa foi a primeira impressão que Mary Berg escreveu sobre como os judeus estavam se sentindo e encarando a nova realidade imposta, e mesmo que a adolescente tenha chamando atenção para a existência de uma intenção por parte dos jovens judeus de protestarem contra a imposição do gueto, nada foi realizado por qualquer entidade, grupo ou intuição para que mudasse a decisão dos nazistas. Wladislaw Szpilman não faz qualquer menção de que houvesse estas reuniões extraordinárias ou intenção de protesto contra o fechamento do gueto.

No dia 02 de janeiro de 1941, Mary Berg escreveu uma nota em seu diário sobre apresentação do seu grupo artístico, o LZA, para comemorar o ano novo.

Nossas apresentações de Ano Novo atraíram inesperadamente um enorme público. O salão estava lotado. Como o 31 de dezembro coincidiu com o último dia do Chanukah, improvisamos uma cena retratando a luta heroica dos Macabeus, que incluía muitas alusões ao nosso tempo.³²⁹

Novamente, Mary Berg elabora uma conexão do seu presente com o passado bíblico em seu diário. Desta vez, a coincidência de duas datas comemorativas, uma secular (Ano Novo) e a outra diz respeito a religião judaica (último dia do Chanukah), fizeram com que ela e seus companheiros de teatro apresentassem uma cena que

³²⁸ BERG, Mary. **Diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 34

³²⁹ Ibid., p. 42.

retratava a luta heroica dos Macabeus, utilizando referências contemporâneas dos judeus no gueto de Varsóvia. Apesar dessa conexão realizada por Berg, ela não detalha como essas alusões do presente foram utilizadas para representar os Macabeus do passado, de forma que, não é seguro afirmar que os judeus de Varsóvia, diante desse novo sofrimento, também estavam lutando de forma heroica, assim como fizeram os Macabeus no Antigo Testamento.

Durante sua experiência no gueto de Varsóvia, principalmente antes do período das deportações, Wladislaw Szpilman descreveu pouquíssimas condutas que ele categorizou como ações de resistência. Na realidade, dentro desse espaço de tempo, não há nenhuma ação ou conduta que o pianista tenha qualificado, objetivamente, como uma ação de resistência. Em comparação com o tópico do capítulo anterior, o qual analisei as circunstâncias em que Szpilman evidenciou noções e categorias de passividade, posso afirmar que, mesmo sendo em situações muito específicas e bem localizadas, o jovem músico descreveu mais situações onde a passividade (e suas possíveis nuances) ocorreram em seu cotidiano no gueto, se comparado com as noções de resistência. Há um acontecimento *curioso*, o qual Szpilman diz que havia um determinado sujeito, muito conhecido no gueto, que diariamente “caçoava” dos oficiais nazistas.

Rubinsztajn - era extremamente popular no gueto. Tinha apenas um objetivo na vida: transmitir coragem às pessoas por meio do bom humor. Suas brincadeiras e piadas circulavam pelo gueto e traziam alegria a todos. Uma das suas especialidades era a de aproximar-se dos guardas alemães e, agindo, e fazendo caretas, chamá-los de “patetas, estúpidos e ladrões”. Os alemães achavam isso tudo muito divertido e, na maioria das vezes, pegavam por essas ofensas, atirando-lhes cigarro ou moedas, afinal de contas, um louco não devia ser levado a sério.³³⁰

Apesar da curiosa conduta de Rubinsztajn frente aos nazistas, Szpilman não classifica tais ações como um ato de resistência, mesmo que elas ajudem aos outros judeus a terem coragem diante daquele cotidiano.

Dentro das muitas figuras e temas controversos nos estudos da Shoah, principalmente nas experiências de judeus no gueto de Varsóvia, a figura do engenheiro Adam Czerniakow possui destaque. Este homem foi o primeiro presidente do Conselho Judaico do gueto de Varsóvia até seu suicídio na noite de 23 de julho de 1942, por se

³³⁰ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 80.

recusar assinar a lista de deportação dos judeus para o campo de Treblinka, o que iniciou o período de deportação em massa dos judeus para o campo de extermínio. Na medida que, o principal objetivo deste trabalho é analisar como e quando determinadas classificações emergem dentro dos testemunhos dos sobreviventes estudados, as discussões historiográficas acerca de figuras e condutas, como por exemplo a de Adam Czerniakow (e/ou do Judenrat), não é relevante para nós, mas sim o que nossos sobreviventes têm a dizer sobre ele.

Mary Berg escreveu em seu diário, no dia 20 de abril de 1940, que assistiu uma peça teatral em um estabelecimento chamado “Barão Kimmel”, na qual, o tema central, foram as instituições judaicas do gueto:

Recentemente, apresentou “Barão Kimmel” e um teatro de revista em que o lugar de honra foi dado a esquetes e canções sobre o Judenrat. Houve comentários satíricos mordazes dirigidos contra o “governo” do gueto e seus “ministros”. Foram feitas muitas referências diretas a determinados cavalheiros burocratas da administração comunitária, mas, no geral, achei que a atitude do grupo foi exagerada e talvez até mesmo injusta, especialmente com relação ao presidente da comunidade, o engenheiro Czerniakow, cujo posto está longe de ser invejável.³³¹

Na mesma anotação, a adolescente continua a dizer que “o senhor Czerniakow possui um fardo pesado da responsabilidade por tudo o que acontece no gueto”. No mesmo trecho, ela exemplifica as coisas pelas quais o engenheiro era responsável:

Por exemplo, assim que os alemães descobrem que alguém está divulgando jornais ilegais, pegam reféns entre os membros da administração comunitária, que ampliaram de proposito e que agora inclui as personalidades mais importantes. *Essas pessoas mostram orgulho e coragem extraordinários e muitas vezes pagam com a vida.* Tudo isso, certamente, não é um tema adequado para a sátira.³³²

Não é a primeira vez que Mary Berg demonstra afeição e apreço por judeus que estavam à frente da administração do gueto. Sua condolência não é apenas para com o Presidente do Conselho Judaico, Adam Czerniakow, mas também para todos aqueles que, mesmo diante das ameaças dos nazistas, mostram orgulho e coragem extraordinária

³³¹BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p.56.

³³² Ibid., p 56-57. [grifo meu]

em tentar fazer seu trabalho. Contudo, é importante lembrar que Mary Berg fala de uma posição de prestígio dentro da organização social do gueto – além de ser de uma família abastada e sua mãe ser norte-americana, seu tio Abie ocupava o posto de policial judeu, ou seja, também fazia parte do maquinário administrativo. Assim como demonstrou respeito pelos policiais judeus (completamente diferente da opinião de Szpilman, por exemplo), ela sente o mesmo em relação aos outros burocratas (ou até mais nessa ocasião), pois ela chega a defendê-los. Outro ponto interessante a ser apontado é que Berg utiliza palavras como “coragem” e “orgulho” para descrever as ações dos membros da administração em não ceder às pressões nazistas. Com isso, a adolescente abre outras possibilidades de se pensar e classificar ações para além do binômio “resistência x passividade”, como foi demonstrado ao longo do trabalho. Inclusive, não só por ela, mas também, pelos outros sobreviventes.

Em outra ocasião, em fevereiro de 1942, Mary Berg narra a visita do Presidente do Conselho dos Anciões de Lodz, Chaim Runkowski, ao gueto de Varsóvia, onde elabora uma nítida distinção da conduta entre os dois presidentes:

Recentemente, um grande número de judeus estrangeiros foi trazido para Lodz. *O presidente do Conselho dos Anciões de Lodz, um homem de 81 anos, Runkowski, ao contrário do nosso inflexível presidente Czerniakow, é facilmente manipulado pelos nazistas e trata os habitantes do gueto como súditos.* Rumkowski esteve já pouco em Varsóvia. Vi-o na rua Leszno andando com um alto oficial da comunidade. Na manga, usava faixa de braço amarela a inscrição em alemão “Presidente da Comunidade Judaica de Lodz”. Todas as notícias que recebemos da minha cidade natal chega como formulários postais, começando com as palavras: “o presidente Rumkowski informa que tal ou tal família está viva e com boa saúde”. Qualquer outra correspondência é proibida.³³³

Para além do desprezo que Berg sente pela forma que Rumkowski trata os judeus de Lodz e de como ele administra o gueto, impondo, por exemplo, restrições no fluxo e conteúdo das correspondências, ela enfatiza que Rumkowski é “facilmente manipulado” pelos nazistas, apenas mais um peão, diferentemente, do “inflexível” Czerniakow, que tem uma conduta totalmente oposta e é estimado dentro do gueto (segundo seu ponto de vista). Novamente, a adolescente não apenas demonstra suas

³³³BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 150-151.

afeições positivas pelo presidente de Conselho Judaico de Varsóvia, mas como o defende, e o qualifica como firme diante das demandas nazistas.

Por outro lado, Wladislaw Szpilman parece não demonstrar muito interesse sobre a figura do engenheiro, pois não descreve muitos detalhes sobre suas ações e conduta. Szpilman aponta sua opinião sobre as ações dos funcionários do Conselho Judaico, mas ele não narra nada especificamente sobre Czerniakow, em nenhum momento.³³⁴ Não muito tempo depois da instauração do gueto, Szpilman diz que o Conselho Judaico “decidiu fazer de tudo o que fosse possível para poupar os intelectuais dos trabalhos forçados”. Segundo o pianista, a instituição “cobrava mil zloty por pessoa, substituía alguém que fora registrado por um trabalhador do proletariado judaico”. E em seguida, ele alerta que “obviamente, nem todos esses valores chegava às mãos dos pobres substitutos: os funcionários do Conselho tinham também que cuidar da sua vida, uma vida bem suprida de vodca e comida”.³³⁵

Após o início das deportações para o campo de Treblinka, no qual, segundo Szpilman, ele fora salvo por ser uma personalidade, como demonstrado no capítulo anterior, o artista consegue fazer parte de uma junta de trabalhadores que estavam construindo alojamentos na rua Mokotów. Contudo, a cota diária de vítimas para serem enviadas ao campo de Treblinka precisava ser preenchida. Neste contexto, Szpilman narra “o desespero dos milhares de pais e mães do gueto”. Mas, o que não parecia “normal”, segundo o pianista,

(...) era o fato de que os funcionários do Conselho sempre conseguiam ser poupados mediante um pagamento aos “inocorríveis” agentes da Gestapo; e no seu lugar, eram enviados para a morte marceneiros, garçons, barbeiros e outros profissionais que poderiam ter alguma serventia aos alemães.³³⁶

³³⁴ Wladislaw Szpilman fala diretamente de Adam Czerniakow duas vezes em sua autobiografia. A primeira foi durante as primeiras semanas de maio de 1942, quando os nazistas produziram algumas filmagens do gueto de Varsóvia para usarem como propaganda de como os judeus de Varsóvia “eram bem tratados e viviam bem”. Esse acontecimento também é relatado por Mary Berg. É nesse contexto que o pianista o cita, sem muitos detalhes, como “chefe do Conselho Judaico”, como o responsável por organizar uma grande recepção para os cineastas nazistas em um café luxuoso no gueto. A segunda menção foi durante o início das deportações em massa para o campo de extermínio de Treblinka, em julho deste mesmo ano, “momento em que o Chefe do Conselho – o engenheiro “Czerniak” (sic) se suicida com cianureto de potássio, ao invés assinar o decreto de deportação”. De qualquer modo, nas duas menções na autobiografia de Szpilman, ele não expõe e não elabora nada muito consistente sobre a figura de Adam Czerniakow. Ver: ZSPILMAN. Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p.89; 96-97.

³³⁵ Ibid., p. 52.

³³⁶ Ibid., p. 124.

Diante dessas considerações, é visível que Wladislaw Szpilman não possui a mesma opinião que Mary Berg sente pelos funcionários do Conselho Judaico. Pelo contrário, Szpilman tem a visão bem sólida que as intuições judaicas que administravam o gueto eram corruptas e sempre pensavam no ganho próprio no lugar da coletividade. Em definitivo, para Szpilman, qualidades como “coragem extraordinária”, “firmes” e “orgulhosos” não são encontradas nesses judeus.

Dentro do cotidiano da vida no gueto, Mary Berg e Wladislaw Szpilman, ocasionalmente, descrevem algumas ações de “movimentos clandestinos” que utilizavam recursos para difundir jornais ilegais, captar notícias das rádios britânicas e organizar “movimento de oposição” à ocupação nazista”. Esses “movimentos clandestinos”, aparentemente, se diferem da “clandestinidade” e/ou “contrabando” os quais citei há pouco, por causa de alguns apontamentos. A primeira que posso enumerar é que esses “movimentos clandestinos” geralmente são movimentos “políticos e sociais” que possuem o objetivo de informar ou alertar os judeus de notícias ou acontecimentos proibidos pela censura nazista. Segundo, habitualmente seus membros são (ou já eram, antes da guerra) engajados em algum movimento político (como o partido socialista, por exemplo). Terceiro, estas ações não possuíam a finalidade de obter lucro, ao que parece.

Mary Berg escreveu em seu diário, no dia 10 de junho de 1941, que “as estações de rádio secretas continuam a existir, boletins clandestinos continuam a ser publicados, e as ameaças e torturas dos nazistas não amedrontam ninguém; o movimento clandestino está fazendo os nazistas e traidores poloneses pagarem na mesma moeda, o máximo possível”.³³⁷ Segundo a adolescente, os membros do movimento clandestino não se intimidam mais pelas sanções e punições impostas pelos nazistas e continuam a produzir material por conta própria para informar a sociedade do gueto. Neste trecho, também, é possível observar que há um espectro de “vingança” atrelado a “justiça”, segundo a sua perspectiva. Mesmo que Berg não tenha utilizando palavras como resistência ou embate ou luta armada, essa passagem possui um sentido de “criar oposição” à uma realidade imposta e injusta, e assim, validada como um tipo de confronto. Nesse sentido, as ações do movimento clandestino se aproximam das

³³⁷ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 69.

classificações eruditas que apresentei no início do trabalho, principalmente a noção apresentada por Yehuda Bauer. Contudo, é necessário reafirmar que Mary Berg não usou a palavra resistência para designar essas ações, e mesmo que o sentido dado por ela, e posteriormente, pela historiografia tenha convergido, é importante fazer essa demarcação: quem nomeou e reclassificou tais ações como ações de *resistência*, foram historiadores, e não o sobrevivente.

Wladislaw Szpilman também narra algumas ações desses “movimentos clandestinos”, e, até mesmo, cita alguns deles: judeus que publicavam jornais ilegais e organizavam “atividades conspiratórias”:

Na rua Mila, perto da esquina com a rua Karmelicka, morava Jehuda Zyskind. Era zelador de profissão, mas quando surgia uma oportunidade, tornava-se carregador de malas, cocheiro e camelô; também fazia contrabando de mercadorias no lado oposto do muro do gueto. Ganhava onde podia para, com sua esperteza e força, alimentar a família cujo tamanho nunca pude determinar, de tão grande. Além das duas ocupações normais, Zyskind era um homem cheio de ideais. Tomava parte ativa numa organização socialista, distribuía panfletos secretos e tentava desenvolver na sua área atividades conspiratórias, ainda que com grande dificuldade.³³⁸

O jovem pianista então narra que seu conhecido Jehuda Zyskind era um homem articulado que, por vários motivos, circulava em vários âmbitos da vida social, econômica e política do gueto de Varsóvia. Ora trabalhava em vários setores e contrabandeava comida para sustentar sua enorme família, ora distribuía panfletos secretos para burlar a censura nazista, ora desenvolvia atividades conspiratórias,³³⁹ mesmo que Szpilman não detalhe no que consistiam essas atividades. Era um homem, segundo o nosso sobrevivente, cheio de ideais e ativo no movimento socialista. Neste trecho, Szpilman não deprecia o fato de Jehuda Zyskind praticasse o contrabando de

³³⁸ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 65.

³³⁹ Em novembro de 1941, Mary Berg também escreveu estar ciente do “caráter conspiratório de círculos de reuniões que se aproximavam-se do movimento político clandestino”. Segundo a adolescente, “muitas vezes nossas reuniões (o que dá margem a interpretação que ela frequentava esses espaços) acontecem nos mesmos cômodos onde se encontravam as células do partido político”. De qualquer forma, não se tem exatidão, ao longo do seu testemunho e em outras passagens, que Mary Berg tenha frequentado ou era membro ativo desses “círculos conspiratórios”. BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 124.

comida, pois ele sabe que é para sustentar sua imensa família, não tirar lucro da fome alheia.

O artista frequentava, com certa regularidade, a casa de Jehuda Zyskind, pois Szpilman escreveu que “[o senhor Zyskind] permitia que o visitasse todos os dias e lia para mim, diariamente do jornal clandestino, as mais recentes notícias recebidas através de um aparelho de rádio oculto”.³⁴⁰ Para além das notícias externas do gueto e da Polônia ocupada, o que mais atraía Szpilman em visitar Zyskind era sua capacidade de transformar “as mais funestas das notícias em algo positivo”. Assim, Szpilman continua a relatar os motivos pelo quais visitava seu amigo cotidianamente:

Eu não entendia a maior parte do que ele dizia, mas a forma de se expressar, a inabalável fé de que o mundo estava em perfeita ordem, fazia com que eu - sem saber como e por quê - aderisse às suas ideias. Saía de casa do Jehuda Zyskind, na rua Mila, sempre em melhor estado de espírito. [...] Na manhã seguinte lá ia eu de novo à sua casa e permitia que ele me convencesse de que estava enganado, e saía de lá com uma nova injeção de otimismo que durava até o anoitecer, desse modo tomando possível a minha sobrevivência.³⁴¹

O principal propósito que é mostrado nessa passagem da autobiografia de Wladislaw Szpilman, para que ele visitasse seu amigo do “movimento clandestino” todos os dias, é o fato que Jehuda Zyskind amenizava o pessimismo que Szpilman carregava em relação a sua vida no gueto de Varsóvia. Para o artista, era necessário que o amigo lhe convencesse de que as coisas não pareciam tão ruins quanto eram, mesmo por algumas horas. Deste modo, essa injeção de otimismo diária ajudava Szpilman a sobreviver àquela realidade, segundo suas próprias palavras. Dessa forma, assim como o louco do Rubinsztajn, Jehuda Zyskind ajudava ao pianista a ter um pouco mais de coragem diante daquelas dificuldades. É um trecho bastante pessoal, se pensarmos do ponto de vista do sobrevivente, o qual ele, além de positivar as atividades clandestinas de Jehuda Zyskind, talvez, o mais importante para ele era o efeito animador que a visita tinha.

³⁴⁰ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 65.

³⁴¹ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 66.

Além disso, essa passagem demonstra mais uma vez que a própria percepção do sobrevivente não é fixa, Szpilman não julga as mesmas ações pelos mesmos critérios. Enquanto positiviza as ações clandestinas de seu amigo, ele, em outras ocasiões, desqualifica as mesmas ações praticadas por outros judeus. Portanto, as percepções são variáveis com o tempo, estando condicionadas a quem faz e como esta pessoa é enxergada pelo sobrevivente.

Mary Berg também encontra “sua injeção de otimismo” em relação aos acontecimentos brutais cotidianos do gueto e da guerra. A adolescente escreveu em seu diário, no dia 26 de junho de 1941, que “a imprensa clandestina agora aparece com mais frequência e desempenha uma função importante: as pequenas folhas trazem-nos um sopro de esperança e fortalecem nossa moral”.³⁴² Aparentemente, as notícias e informações de folhetins ilegais eram um meio para que nossos sobreviventes tenham um pouco mais de esperança e otimismo sobre os acontecimentos de guerra. Segundo Berg, construindo, assim, outros espectros de noções para além do binômio tradicional.

Em 28 de setembro de 1941, quando finalmente o curso de desenho de máquinas, arquitetura e artes gráficas, no qual Mary Berg tinha se recomendando terminou, houve uma exposição organizada pelos professores para exibição dos trabalhos feitos pelos alunos. Após o público ter visitado as várias alas da amostra, como os de desenhos arquitetônicos, desenhos gráficos, exposição de desenho de letras hebraicas e retratos do cotidiano do gueto, Mary Berg salientou que

todo mundo simplesmente se recusava a acreditar que tais trabalhos puderam serem produzidos dentro dos muros do gueto, sobretudo, sob as atuais condições de constantes perseguições, epidemia e terror. Porém, isso é um fato! *Nossa juventude dá prova tangível de uma força espiritual, poder de resistência, coragem e fé em mundo novo e mais justo.*³⁴³

Para adolescente, a qualidade da produção intelectual era a prova viva, da força espiritual, poder de resistência e coragem dos jovens judeus da elite do gueto de Varsóvia. Como mostrado no capítulo anterior, boa parte dos judeus que frequentavam o curso o qual Mary Berg tinha escolhido, pertencia a elite do gueto, pois requeria o pagamento de uma alta mensalidade. Contudo, essa talvez seja a categorização mais

³⁴² BERG, Mary. **O diário de Mary Berg: memórias do Gueto de Varsóvia**. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 81.

³⁴³ Ibid., 110-111.

enfática que Berg faz sobre o que ela pensa sobre resistência em seu testemunho até então.

Em dezembro de 1941, Mary Berg relatou em seu diário que assistiu um concerto de Vera Gran, uma artista que fazia muito sucesso no gueto, cujo repertório continha canções clássicas e modernas, compostas pelo compositor Kuba Kohn. Segundo a adolescente, as músicas de Kuba Kohn “expressavam toda a tristeza e a resistência do gueto”.³⁴⁴ Aparentemente, Mary Berg enxerga as expressões artísticas da elite do gueto como ações legítimas de resistências (e talvez, únicas?), com mais este exemplo encontrado em seu diário.

Entre dezembro de 1941 a julho de 1942, momento em que se iniciam as grandes deportações e quando os Wattenbergs são transferidos para a prisão Pawiak com os outros judeus estrangeiros que residiam no gueto, é quando Mary Berg cita uma série de acontecimentos relacionados ao “movimento clandestino” e/ou “movimento clandestino de resistência”. Seja de execução sumária de membros desses movimentos pelos oficiais nazistas ou de ações de organização desses grupos ou, até mesmo, pessoas próximas a adolescente que *gostariam* de integrar aos “movimentos de resistência”. Mary Berg também vai apontar a existências de grupos similares que tinham atividades em outras localidades fora do gueto e da própria Varsóvia. Wladislaw Szpilman não escreveu nada parecido em sua autobiografia.

Vale ressaltar novamente, como apresentado no capítulo anterior, que durante a primavera e o início do verão de 1942, Mary Berg e Wladislaw Szpilman narraram o período de maior violência e assassinatos no gueto. A concentração dessas ações relacionados ao “movimento clandestino” e/ou “movimento de resistência”, relatadas por Mary Berg, se concentram, primordialmente, nas primeiras semanas de maio de 1942. Logo, o período de maior frequência de fuzilamentos e violência no gueto, é também, o período que Mary Berg escreveu a maior ocorrência de acontecimentos ligados aos “movimentos de oposição”, o que corroborou com a hipótese trabalhada desde o início do trabalho: as noções e classificações de ações de resistência e passividade emergem no testemunho do sobrevivente *quase sempre* em situações de grande risco, de perigo eminente.

³⁴⁴ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 132.

Ainda no inverno de 1942, no dia 16 de janeiro de 1942, quando Berg relatou que “hoje foi o último dia para entregarmos nossas peles; os nazistas concederam dois adiamentos do prazo porque perceberam que ninguém estava com pressa de se separar delas”.³⁴⁵ Segundo a adolescente, os nazistas *foram forçados* a adiar a data limite de um decreto, ao perceber que os judeus do gueto de Varsóvia não estavam inclinados a seguir esta ordem. Mais adiante, Berg completa a nota com a seguinte informação:

Diz-se que o propósito nazista é usar as peles para forrar as botas dos seus soldados que estão congelando no front russo. Mas não conseguiram tirar muito do seu saque de Varsóvia, *porque os maiores depósitos, fora dos limites do gueto, foram incendiados por agentes da resistência clandestina.*³⁴⁶

Esta é a primeira vez que Mary Berg faz menção a um movimento de resistência clandestina fora dos limites do gueto de Varsóvia, provavelmente, formado por poloneses, e que agiram com intuito de destruir recursos nazistas. Por outro lado, apesar de Berg afirmar que os nazistas foram forçados a adiar a data limite da entrega dos casacos de peles em posse dos judeus, ela não afirmou que isso poderia configurar uma ação de resistência, até mesmo porque, no final das contas, os judeus entregaram seus casacos aos nazistas.

Anotado em seu diário no dia 28 de abril de 1942, Mary Berg relatou que:

(...)na noite passada outras 60 pessoas foram executadas: eram membros da resistência clandestina, a maioria pessoas bem de vida que financiavam os boletins secretos. Também foram mortos muitos gráficos suspeitos de ajudar na publicação dos jornais clandestinos. Uma das vítimas era o rico padeiro Blajma, o principal patrocinador de um jornal clandestino”.³⁴⁷

Em nenhuma outra passagem, até então, a adolescente tinha localizado quem eram essas pessoas que participavam do “movimento clandestino de resistência”, e, mais uma vez, a elite judaica parece ter proeminência no tema ou pelo menos, são aqueles que a adolescente os identificou com articuladores.

³⁴⁵ BERG, Mary **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 140.

³⁴⁶ Ibid., p. 141

³⁴⁷ Ibid., p. 160-161.

Na primeira semana de maio de 1942, Mary Berg continuou a descrever uma série de acontecimentos e informações relacionados a estes grupos de oposição aos nazistas, formados também por judeus, agora, fora do gueto de Varsóvia.

Embora muitos poloneses, envenenados pelo antissemitismo, neguem que seus irmãos de fé judaica sejam concidadãos, os judeus, apesar do tratamento desumano a que são sujeitos, mostram seu patriotismo de toda maneira possível. Recentemente, falou-se de muito de grupos de resistência lutando nos bosques da região de Lublin. Há muitos judeus entre eles, que lutam como todos os outros por um objetivo comum.³⁴⁸

Interessante ressaltar duas informações neste trecho do diário de Berg. A primeira é que, pela perspectiva da adolescente, os poloneses foram envenenados pelo antissemitismo, e por isso, negam ajuda aos seus irmãos de fé judaica. Segundo a posição adotada por Berg, o antissemitismo é um sentimento externo aos poloneses, pois, o veneno que consome um corpo sadio, é sempre exterior e ele. Poderia arriscar em dizer que, segundo a leitura de Berg, os nazistas que foram responsáveis por envenenar os poloneses com o antissemitismo, e que, antes dos alemães, não havia ações antissemita na Polônia? De qualquer modo, pela posição usada por Mary Berg, é possível fazer este questionamento. O segundo ponto a ser ressaltado é que, pela primeira vez, a adolescente cita organizações mistas de resistências no território polonês, ou seja, composto por judeus e poloneses que estavam se organizando contra a ocupação nazista. Diante dessa informação de grupos mistos, algumas questões merecem serem levantadas: um judeu que participa de ações clandestinas composta por gentios, realiza ações de resistência judaica ou não? Até que ponto “a questão judaica” é desassociada da questão polonesa e particular ao tratamento dos judeus pelos nazistas?

No dia 4 de maio de 1942, Mary Berg narra duas conversas com dois amigos, onde os dois confessaram à adolescente seus desejos e noções em lutar contra os nazistas. O primeiro amigo a conversar com Berg, é um senhor chamado Przygoda e relatou que “assim que alguma coisa começar a se agitar, saltarei além dos muros. É há tanta raiva acumulada em mim, que logo estarei matando alemães às dúzias”, e no final da conversa, Berg escreveu que é do seu conhecimento que o senhor Przygoda fazia

³⁴⁸ BERG, Mary **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 161

parte dos “grupos da resistência clandestina”.³⁴⁹ Novamente, a jovem senhorita descreveu intenções de vingança e/ou a raiva que tendem a se aproximar com a ideia de justiça. O segundo amigo que conversou com Berg, também expos seu desejo em poder lutar contra os nazistas:

Jurek Leder, um bom amigo meu que agora trabalha na polícia judaica, é um entusiástico polonês. "Se eu pudesse apenas sair daqui e me juntar aos resistentes!" diz. 'Então eu pelo menos poderia lutar pela Polônia. Amo minha terra natal e, mesmo que cem antisemitas tentem me convencer de que não sou polonês, eu extrairia o melhor deles – se não pelas palavras, pelos punhos'. Há muito desses judeus que sacrificariam a vida de bom grado pela Polônia e que, agora, agem na clandestinidade.³⁵⁰

Dessa forma, um ponto sensível nesse trecho demonstrado por Berg é, que me força a refletir, é sobre “a qualidade” e o “objetivo” daqueles que faziam parte de movimentos de resistência, segundo as noções apresentadas pela sobrevivente. Jurek Leder, assim como muitos outros judeus, se juntariam (ou se juntaram) ao movimento clandestino de resistência para lutar contra os nazistas, “não por causa do tratamento que os alemães impuseram aos judeus”, mas principalmente, por querer libertar a Polônia dos domínios nazistas. Jurek Leder, pela leitura que Berg fez do amigo, aparenta ser um judeu que se entende como polonês com ascendência judaica (assim como Wladislaw Szpilman). Dessa forma, ele, assim como muitos outros, lutariam em prol da Polônia, primordialmente, e não particularmente em prol da causa judaica, pois este sofrimento é devido a ocupação nazista à sua terra natal.

Em resumo, retomo as questões levantadas há pouco, e reforçada a partir da apresentação de Mary Berg sobre a posição de seu amigo Jurek Leder (e muitos outros judeus), e, também, pela citação da adolescente a “movimentos de resistência composta por judeus e não judeus”, é: judeus poloneses exerceram resistência judaica ou polonesa? Ofereço uma resposta relacional/circunstancial, pois, Mary Berg, em um determinado momento, classificou a amostra de arte e produção intelectual do seu curso como “resistência dos jovens do gueto”, assim como ela demonstrou que as

³⁴⁹ BERG, Mary **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 161-162.

³⁵⁰ Ibid., p. 162.

composições de Kuba Kohn³⁵¹ personificavam a “tristeza e resistência” do povo judeu. Por outro lado, a jovem, em outro episódio, igualmente citou expressões e movimentos de resistência de judeus no qual, o principal objetivo era lutar pela *terra natal* e pela *pátria polonesa*, onde, portanto, a causa judaica parece ter menos protagonismo.

Em 7 de maio de 1942, Mary Berg anotou em seu diário um acontecimento intrigante que, também, me forçou a pensar sobre as questões apresentadas acima. Segundo a adolescente, na data supracitada, ela disse que “parece que afinal o toque fúnebre está soando para os *traidores judeus do gueto*: na noite passada, o famoso Milek,³⁵² e seu companheiro Anders,³⁵³ que foram executados pela resistência, um deles em sua casa, e outro na rua”.³⁵⁴ Em outro momento do capítulo, quando Berg escreveu que as rádios clandestinas estavam “pagando na mesma moeda” o que os nazistas e os traidores poloneses fizeram com os judeus, nesta ocasião, ela descreveu que o mesmo senso de vingança atrelado a justiça foi direcionado aos *traidores judeus* do gueto. Aparentemente, essa é única vez que Mary Berg descreveu que havia judeus no gueto de Varsóvia que executaram condutas e ações similares aos nazistas e os traidores poloneses, e por isso, mereciam *essa justiça*.

Ainda nos primeiros dias de maio de 1942, Mary Berg escreveu que “só uns poucos membros dos partidos operários falaram estão lutando nos grupos de resistência”, e em seguida, a adolescente mais uma vez, descreve seu ressentimento para com os poloneses do outro lado dos muros do gueto.

Se todos os poloneses arianos se reunissem e tentassem ajudar os judeus no gueto, poderiam fazer um bocado por nós. Por exemplo, poderiam conseguir certidões arianas para muitos judeus, abrigá-los

³⁵¹ Segundo as informações do diário de Mary Berg, Kuba Kohn era um compositor e produtor famoso no gueto de Varsóvia que se apresentava com Vera Gran, outra artista famosa no gueto. BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 132.

³⁵² Mary Berg escreveu algumas informações sobre esse indivíduo. No dia 31 de julho de 1941, ela diz que “Milek era um codinome de um agente da Gestapo que frequenta o Café Hirschfeld, e que ninguém sabia seu verdadeiro nome. Quando cisma com uma moça, ela não escapa dele, pois, se resistir, é ameaçada com a Gestapo, o que geralmente quer dizer a morte. Milek está sempre armado e se vangloria de ter atirado em vários ativistas clandestinos que tentaram acabar com ele”. BERG, Mary **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 97.

³⁵³ Segundo as poucas informações encontradas no diário de Berg, Anders estava associado a Milek, sendo assim, possivelmente, igualmente um agente da Gestapo. Ibidem, p. 165

³⁵⁴ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 165.

em suas casas, facilitar sua fuga pelos muros e muita coisa mais. Mas, claro, é mais fácil jogar pedras no gueto.³⁵⁵

De uma forma geral, Mary Berg descreveu uma composição diversificada daqueles judeus que entraram ou ajudaram, de alguma forma, os movimentos de resistência ou movimentos de resistência clandestina. Segundo a adolescente, os membros dos partidos operários faziam parte desses movimentos, assim como os membros da elite judaica, como era o caso do padeiro Blajman, um grande patrocinador de folhetins clandestinos. Portanto, segundo as considerações da jovem, não é possível traçar com precisão um perfil daqueles que participaram de grupos de oposição aos nazistas durante a experiência do gueto de Varsóvia.

Como apresentado no capítulo anterior, em meados de julho de 1942, antes do início das grandes deportações do gueto de Varsóvia para o campo de Treblinka, Mary Berg juntamente com sua família foram transferidos, assim como todos os judeus estrangeiros de países inimigos e/ou neutros, para prisão Pawiak. “Encerrando”, dessa forma, a experiência que Mary Berg teve no gueto de Varsóvia. Contudo, ela continua escrevendo seu diário contando impressões e notícias relatados por terceiros, principalmente por guardas poloneses. Mesmo que Berg tivesse afirmando que “os muros da Pawiak eram transparentes”,³⁵⁶ encerro o estudo proposto neste trabalho utilizando o diário testemunhal de Mary Berg, pois, entendo que, mesmo que ela tenha descrito ações e condutas por outros meios, para abordá-los adequadamente eu teria que iniciar uma nova proposta, tanto em objetivos quanto metodologicamente. Portanto, como a proposta e objetivo foram examinar as circunstâncias em que Berg evidenciava e descrevia noções de passividade e resistência, eu finalizo a utilização do seu testemunho quando ela, junto com seus familiares, deixa o gueto de Varsóvia.

Nessa parte do capítulo irei apresentar as circunstâncias que Wladislaw Szpilman evidenciou as noções e categorias de passividade e resistência neste novo contexto que era encontrado no gueto de Varsóvia, após início das deportações. No qual, a vigilância por parte dos oficiais nazistas era mais intensa e o Conselho Judaico era obrigado realizar uma lista de deportados à mando dos alemães diariamente. Dessa

³⁵⁵ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 163.

³⁵⁶ Ibid., p. XXXII.

forma, há uma “radicalização” no cotidiano no gueto, e conseqüentemente, as possibilidades de circulação e manobras sociais também ficam ainda mais difíceis.

Escolhi apresentar as noções de passividade e resistência no mesmo tópico justamente por apresentar unicamente estas categorias de acordo com a perspectiva encontrada na autobiografia de Wladislaw Szpilman. Portanto, essa última parte da dissertação será direcionada sobre as posições que Szpilman adotou sobre essas categorias, até sua fuga para a parte ariana da capital polonesa.

A partir de julho de 1942, quando os nazistas decretaram que os judeus da Polônia ocupada deveriam ser assassinados nos campos de extermínios da Operação Reinhard, Wladislaw Szpilman conseguiu ser o único membro da sua família a conseguir escapar dos trens que partiam da *Umschlagplatz* em direção a Treblinka. Segundo as suas impressões descritas no capítulo anterior, o artista apenas conseguiu o privilégio de ser salvo, pois um policial judeu (uma classe burocrática que ele tanto desprezava, em sua maioria) o reconheceu e o tirou dentre os condenados a serem envenenados nas câmaras de gás. Como apontado previamente, o artista continua no gueto por mais alguns meses até sua fuga para a parte ariana da capital polonesa.

Wladislaw Szpilman escreveu que se sentiu totalmente desorientado ao escapar da deportação que acabara de ocorrer. “O *Umschlagplatz* e o trem com a minha família tinham ficado para trás: não ouvia o barulho do trem – já estava fora da cidade”. E em seguida, o jovem artista confessa seus sentimentos: “A cada passo, sentia-se mais sozinho. Fui tomado por um sentimento de irremediável ruptura com tudo que, até agora, representava a minha vida”.³⁵⁷

Como relatado acima, este momento foi de grande cisão na vida e na experiência do jovem pianista no gueto de Varsóvia. Em um só dia, Szpilman tinha perdido toda a sua família, e como se não bastasse, era perigoso voltar para sua antiga casa, pois, segundo o artista, era capaz que a Gestapo e seus capangas ainda estivessem procurando judeus para serem mandados para a deportação. Caminhando e sem rumo pelas ruas do gueto, Szpilman conta que assistiu um policial judeu vindo em sua direção e o chama, para sua surpresa ele o reconhece:

³⁵⁷ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 115.

Era meu primo, visto com desagrado pela minha família. Tentávamos evitá-lo por se tratar de um indivíduo cuja retidão de caráter era duvidosa. Sabia safar-se de qualquer situação, sempre se dando muito bem usando métodos que, aos olhos das demais pessoas, não eram decentes. A sua má fama foi confirmada quando ingressou na polícia judaica.³⁵⁸

Novamente Szpilman reafirma o seu desprezo pelos membros da Polícia Judaica e, pela primeira vez em seu testemunho, ele cita a existência de um parente que fazia parte da instituição e usa-o como exemplo de como a Polícia Judaica possuía uma conduta desonesta. Entretanto, após essa passagem, acontece algo curioso no relato de Szpilman.

*Ao vê-lo de uniforme, todos estes pensamentos passaram pela minha cabeça, mas, logo em seguida, ficou claro para mim que era meu primo e que, agora, era a única pessoa que restara da minha família. Alguém a quem, de certa maneira, estava ligado por laços familiares.*³⁵⁹

Ao perceber que tudo que representava família ou casa estava indo em direção a Treblinka naquele exato momento, Szpilman *reconsiderou* não apenas o caráter duvidoso do primo e sua decisão de entrar na desprezível Polícia Judaica, como seu tom e perspectiva mudaram completamente por ele saber que aquele familiar seria alguém que poderia lhe prestar assistência nesta hora de urgência. Em vida, sua família tentava evitar este tal primo justamente por saber da conduta desonesta. Entretanto, nestas circunstâncias, o laço familiar soou mais alto para Szpilman. Ironicamente, por mais que o jovem pianista tenha descrito em vários momentos em seu testemunho o quanto a Polícia Judaica era uma organização ruim, por duas vezes (em momentos muito críticos), os membros dessa mesma organização lhe prestaram ajuda.

Em resumo, Wladislaw Szpilman foi salvo duas vezes no mesmo dia justamente por policiais judeus, e este fato narrado por ele é uma das situações paradoxais e mais interessantes em seu testemunho. Apenas neste momento, em que este tal primo aparece e lhe socorre, é que o jovem artista parece amenizar ou relevar, por alguns instantes, a condenação ética-moral sobre os membros da força policial.

³⁵⁸ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 116.

³⁵⁹Ibid., p. 116.

De qualquer modo, no dia seguinte, novamente se apoia em seu prestígio social como músico famoso, ao pedir assistência a seu velho conhecido, o filho do novo Presidente do Conselho Judaico, Miecyslaw Lichtenbaum.

No dia seguinte, bem cedo, fui procurar o filho do diretor geral do Conselho Judaico, Miecyslaw Lichtenbaum, a quem conhecia ainda do tempo em que me apresentava nos cafés do gueto. Ele sugeriu que eu fosse tocar no *Venichtugskommando*, o cassino alemão onde os homens da Gestapo e da SS, exaustos pelas matanças diárias de judeus, iam se divertir e onde eram servidos por pessoas que, mais cedo ou mais tarde, também matariam [sic]. Obviamente não quis aceitar a proposta, [...]. Recomendou que eu fosse incluído na lista dos trabalhadores que desmontavam os muros da área do gueto que fora absorvida pela parte “ariana” da cidade.³⁶⁰

Este vai ser o primeiro trabalho que Szpilman irá exercer no gueto de Varsóvia após início das deportações. É o primeiro trabalho braçal executado por ele desde setembro de 1939, quando ajudou a cavar as trincheiras no subúrbio da capital polonesa por dois dias. Wladislaw Szpilman, portanto, se recusou a tocar piano para alemães que estavam descansando, depois de mandar milhares de judeus para a morte. A rejeição deste trabalho pelo pianista, em exercer sua profissão tão amada para os seus algozes, não é descrita terminantemente como uma ação de resistência por Szpilman, mesmo que seja claro que há uma posição moral e ética em sua decisão. Contudo, o privilégio que o artista tem pelo seu prestígio social é, também, muito evidente, pois ele pode escolher no que trabalhar, em um contexto que milhares de judeus apenas queriam trabalhar para serem salvos das deportações.

“No dia seguinte, pela primeira vez em dois anos, saí do recinto judaico da cidade”, essas foram as palavras que Wladislaw Szpilman teria dito ao sair do gueto em direção à sua nova ocupação, e para o seu espanto, a vida em Varsóvia seguia absurdamente normal.³⁶¹ O novo trabalho de Szpilman consistia em basicamente desmontar os muros de localidades que pertenceram ao gueto, amontoar e carregar esses tijolos para uma outra construção para reaproveitá-los.

³⁶⁰ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 116-117.

³⁶¹ Ibid., p. 117.

Tentávamos trabalhar no desmonte do muro o mais lentamente possível; dessa forma, teríamos trabalho por mais tempo. Os mestres judeus não nos apressavam, e os homens da SS comportavam-se de uma forma melhor do que no gueto. Conversavam despreocupadamente e apreciavam a paisagem.³⁶²

Por consequência deste trabalho, Szpilman terá alguns privilégios por estar em contato com o mundo fora do gueto de Varsóvia. O primeiro dele é a possibilidade de poder comprar produtos e levá-los para dentro do gueto. Não obstante, a partir dessa nova possibilidade de circulação e interação social, Szpilman aprendeu a fazer negócios com os judeus que ainda estavam presos nos muros, e assim, fazer lucro pelo comércio.

Conseguí emprestados cinquenta zlotys de um dos meus colegas. Comprei batatas e um pão. Comi uma fatia do pão na hora e o resto, junto com as batatas, levei para o gueto. Naquela noite mesmo, fiz o primeiro negócio da minha vida. Vendi por cinquenta zloty o pão pelo qual pagara vinte, e consegui dezoito pelas batatas, compradas por três. Estava alimentado, pela primeira vez em muito tempo, e, além disso, dispunha de um capital de giro para as compras do dia seguinte.³⁶³

Aparentemente, os alemães permitiam que os judeus levassem para dentro dos muros do gueto alguns dos artigos comprados na Varsóvia ariana, como alimentos de forma geral. Contudo, nem tudo era permitido e ainda assim o contrabando continuava a existir, já que estes trabalhadores, que podiam estar fora do gueto, possuíam meios de comprar artigos que não se tinha no gueto.

O trabalho do desmonte do muro era monótono. [...] Este ócio não parecia incomodar os meus colegas; ocupavam-se com a escolha dos produtos que deveriam contrabandear-los para o gueto e depois vendê-los com o maior lucro possível. Eu, da minha parte, comprava exclusivamente os produtos mais comuns querendo ganhar apenas o suficiente para me alimentar.³⁶⁴

Nessa nova configuração do gueto de Varsóvia, Szpilman se vê forçado a praticar o contrabando para tentar viver melhor nessas condições. Conforme apresentado anteriormente, o contrabando era julgado de forma negativa e desonesta se

³⁶² ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 117-118.

³⁶³ Ibid., p. 118-119.

³⁶⁴ Ibid., p. 119.

caso contrabandista utilizasse dessa ação para obter lucro diante da desgraça social. Contudo, o contrabando para sobreviver dignamente no gueto (como foi o caso do seu amigo Jehuda Zyskind,) não era depreciado pelo artista.

O segundo privilégio decorrente da possibilidade de estar do outro lado do muro, era a oportunidade de poder reencontrar antigos conhecidos poloneses (ou até mesmo judeus) e, assim, trocar algumas palavras de afago ou até mesmo pedir ajuda para uma possível fuga. Os dois casos aconteceram com Wladislaw Szpilman ao encontrar com antigos conhecidos enquanto trabalhava no recolhimento dos tijolos.

Certo dia passou por nós um grande amigo meu. Era o Tadeusz Blumental, um judeu com feições tão “arianas” que não precisou confessar suas origens e pôde viver fora dos muros do gueto. Ficou contente em me ver, e, ao mesmo tempo, penalizado com a situação em que me encontrava. Deu-me dinheiro e prometeu que tentaria ajudar-me; avisou que no dia seguinte viria uma mulher que, se eu conseguisse me afastar despercebido, me levaria para um esconderijo seguro. De fato, a mulher veio no outro dia, mas, infelizmente, com a notícia de que as pessoas com as quais eu deveria ficar se recusaram a esconder um judeu.³⁶⁵

Mesmo que o plano do amigo de Szpilman não tenha funcionado, o fato de que ele conseguiu trocar informações e, até mesmo recebido uma ajuda financeira, foi algo que milhares de judeus não tinham a menor condição de conseguir. Em outro momento, Wladislaw Szpilman narrou que avistou um outro amigo chamado Jan Dworakowski, regente da Orquestra Filarmônica de Varsóvia. Essa visita parece ter surtido um efeito decisivo, uma espécie de chamada para a qual Szpilman se apegou com unhas e dentes. Quando Szpilman perguntou ao amigo maestro se ele sabia qual era o destino de sua família que tinha embarcado naquele trem em direção ao leste, Dworakowski sussurrou que “o senhor nunca mais os verá”.

Desde o início eu sabia, subconscientemente, que as histórias alemãs sobre os campos “com adequadas condições de trabalho” eram mentiras deslavadas. Dos alemães, nós só poderíamos esperar a morte. [...] Quando pensava na minha família, tentava considerá-la pertencendo ao mundo dos vivos – provavelmente cheia de privações, mas viva – com a esperança de que, apesar de tudo, iria vê-la novamente. Dworakowski destruiu esta ilusão. Somente muito mais tarde pude me dar conta de que ele estava coberto de razão; o pleno

³⁶⁵ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 119.

conhecimento do perigo que corria deu-me mais forças para lutar pela minha sobrevivência.³⁶⁶

Aparentemente, o encontro com o amigo músico fez com que Wladislaw Szpilman não apenas deixasse a falsa ideia de que sua família estava viva e, assim, por um “milagre”, que poderiam se reencontrar quando a guerra acabasse, mas também, juntamente com a destruição dessa miragem sentimental, o jovem pianista adquiriu pleno conhecimento sobre sua própria posição e como ele ainda corria perigo, e, por isso, o grito e o chamado pela sobrevivência despertou nele.

Acredito que essa seja a primeira vez que Szpilman diz com todas as letras, em seu testemunho, que ele precisa lutar pela sua sobrevivência, e analisando o momento em que ele evidencia este clamor, foi em um contexto bem delicado e decisivo. Uma vez que, uma semana depois, Szpilman diz que “surgiram no gueto cartazes anunciando uma nova seleção geral dos judeus remanescentes: dos cem mil – trezentos mil já haviam sido deportados – deveriam restar apenas cinco mil – os trabalhadores especializados, indispensáveis aos alemães”.³⁶⁷

Contudo, mesmo com a radicalização na demanda nazista em enviar os judeus do gueto de Varsóvia para a morte, Szpilman não se desespera em conseguir junto ao Conselho Judaico o número carimbado que lhe permitisse fazer parte dos “trabalhadores especializados, indispensáveis aos alemães”, pois acredito que ele esteja novamente se apoiando em seu prestígio social.

Os que foram escolhidos para permanecer no gueto receberam um número impresso num cartão carimbado. O Conselho tinha o direito de escolher cinco mil dentre seus funcionários. Não recebi o meu número no primeiro dia, mas, mesmo assim, dormi tranquilamente e resignado, enquanto os meus colegas quase enlouqueciam de pavor. No dia seguinte, bem cedo, já estava de posse do meu número.³⁶⁸

Portanto, expondo esses eventos, o único meio que Szpilman vai enxergar como meio de sobreviver é se ele conseguisse estabelecer contato com algum dos seus conhecidos poloneses, e estes, por sua vez, lhe ajudassem a escondê-lo, caso ele conseguisse fugir do gueto de Varsóvia. Dessa forma, era um objetivo que o pianista

³⁶⁶ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 120.

³⁶⁷ Ibid., p. 121

³⁶⁸ Ibid.,121-122.

dependerá de ajuda dos dois lados do muro: primeiro conseguir estabelecer contato com algum amigo e este aceite correr o risco de esconder um judeu, o segundo é justamente contar com amigos dentro do gueto que lhe ajudassem a fugir da prisão judaica.

Todavia, antes do planejamento da fuga, Wladislaw Szpilman relatou algumas informações interessantes sobre questões dos “movimentos de resistência” no inverno de 1942. Segundo o artista “mais uma vez, começaram a circular no gueto boatos de uma nova deportação: caso se confirmassem, ficaria claro que os alemães pretendiam nos terminar a todos, afinal de contas, haviam sobrado apenas sessenta mil pessoas”.³⁶⁹ Como demonstrado no tópico anterior, Szpilman não registrou em seu testemunho ações dos grupos de resistência no mesmo período que Mary Berg descreveu suas atividades, reuniões e movimentações, período esse anterior ao início das grandes deportações, principalmente no meio de maio de 1942. É apenas nesse contexto, de “uma possível aniquilação total do gueto”, com a ameaça dessa nova deportação, que Wladislaw Szpilman descreve a mobilização dos judeus contra os alemães.

A ideia de opor resistência aos alemães foi ganhando corpo cada vez mais. A disposição para lutar era mais frequente no meio dos jovens que começaram a preparar, às escondidas, lugares seguros nos quais podiam se defender.³⁷⁰

Segundo Szpilman, os alemães com intuito de despistar os boatos que circulavam sobre a deportação final dos judeus de Varsóvia, esparralham cartazes pelo gueto desmentindo o rumor e até permitiu que os judeus escolhessem um representante para circular livremente pela cidade e fizesse as compras para todo o grupo.

Escolhemos um jovem corajoso, apelidado de Majorzinho. O que os alemães não previam foi que o “Majorzinho” – de acordo com as nossas instruções – torna-se-ia o elo de ligação entre o movimento de resistência do gueto e os movimentos semelhantes fora dos seus muros.³⁷¹

Por esse trecho relatado, pode-se confirmar que Szpilman tenha participado, mesmo que brevemente, das discussões e organizações do movimento de resistência dos

³⁶⁹ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 128.

³⁷⁰ Ibid., p. 128.

³⁷¹ Ibid., p. 128-129.

judeus no gueto de Varsóvia. Para além de compras e conexão com o movimento de resistência polonês, Majorzinho também trazida informações da guerra, algo que o próprio Szpilman escreveu que ele estava “pessoalmente interessado” por essas notícias.

As tropas aliadas haviam desembarcado na África; Stalingrado estava resistindo por mais de três meses e um novo atentado fora realizado em Varsóvia: alguém tinha jogado umas granadas dentro do Café-Club alemão. *Cada uma destas notícias aumentava a nossa coragem, reforçava o nosso desejo de resistir e nossa crença na derrota alemã.* Pouco tempo depois, tiveram início atos de revanchismo armado também no gueto, inicialmente dirigidos contra os colaboradores dos alemães. Um dos maiores patifes da polícia judaica – Lejkin –, famoso por levar voluntariamente pessoas para o *Umschlagplatz*, foi assassinado. Em seguida, os “judeus vingadores” mataram um certo First – elemento de ligação entre o Conselho Judaico e a Gestapo. Pela primeira vez, os colaboradores dos alemães no gueto passaram a sentir medo.³⁷²

Wladislaw Szpilman elabora uma conexão entre as notícias que lhe foram passadas sobre os rumos da guerra como uma fonte de inspiração para que os judeus pudessem resistir e lutar contra os alemães, pois, devido a estes acontecimentos, era possível acreditar na derrota nazista, e assim, talvez, sobreviver. Além disso, de maneira similar como Mary Berg descreveu em alguns acontecimentos no tópico anterior, Szpilman categoriza ações de *revanchismo* ou *vingança* como *ações de justiça*, o qual, os “colaboradores judeus” estavam sendo excetuados pelos “justiceiros judeus”. Por isso, além de “fazer justiça”, os outros peões dos nazistas sentiam medo por terem se afiliado ao inimigo: além de justiça, as execuções das páreas surtiram um efeito “pedagógico”.

Em janeiro de 1943, ano que, segundo Wladislaw Szpilman, seria o ano que o presidente estadunidense, Franklin Delano Roosevelt, teria previsto a derrota nazista, chegou com notícias bastante animadoras do front oriental: os alemães finalmente foram derrotados em Stalingrado. Szpilman descreveu que, em razão da derrota, os nazistas decretaram luto por três dias – “os primeiros dias alegres que tivemos em meses”, escreveu animadamente o artista.

Junto com a chegada de notícias políticas cada vez mais animadoras, crescia o movimento clandestino de resistência no gueto, *do qual já*

³⁷² ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 134.

fazíamos parte. O Majorzinho foi encarregado de esconder armas no fundo dos sacos de batatas que trazia diariamente para o nosso grupo. Depois, as armas eram retiradas dos sacos, distribuídas entre nós e levadas, dentro das bainhas das nossas calças, para dentro do gueto. Era uma tarefa cheia de riscos, e por pouco não acabou tragicamente para todos nós.³⁷³

Szpilman se integra “formalmente” aos judeus que estavam participando do movimento de resistência dentro do gueto. Para mais, ele descreve a sua função dentro da dinâmica do contrabando de armas para dentro dos muros: “minha tarefa era a de descarrega-los [os sacos de batata], esconder as armas e distribuí-las entre nós, no fim do dia”.³⁷⁴ Ainda, mais uma vez, Szpilman parece realizar uma ligação entre o crescimento do movimento clandestino dos judeus com os rumos que a guerra estava sendo direcionada. Essa é característica da narrativa do pianista, a qual ele constrói modelos explicativos para sua realidade, baseando-se em acontecimentos a centenas de milhares de quilômetros de distância, como se os dois polos fossem quase uma reação de “causa e efeito”.³⁷⁵

No dia 14 de janeiro de 1943, Szpilman relatou que uma onda de violência – as famosas *lapanka* – havia explodido em todos os bairros da parte ariana de Varsóvia, em consequência das perdas alemãs nas frentes de batalhas.

Duraram, incessantemente, três dias. Nesses dias todos víamos, indo para o trabalho ou voltando para o gueto, pessoas sendo agarradas ou perseguidas nas ruas. [...] Intermináveis filas de caminhões às prisões. Voltavam vazias, prontos para transportar novos grupos de vítimas destinadas aos campos de concentração. Um grupo de “arianos” tentou

³⁷³ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 134.

³⁷⁴ *Ibid.*, p. 134

³⁷⁵ Em vários momentos em seu testemunho, Wladislaw Szpilman escreveu sobre acontecimentos da guerra e como esses episódios no campo de batalha interferiam no seu cotidiano: seja de como ele descreve seu sentimento naquele momento, ou de como determinada batalha influenciou no tratamento dos judeus pelos nazistas. “No dia 10 de março, a aguardada ofensiva teve início, só que não a dos aliados, mas sim a dos alemães. A Holanda e a Bélgica caíram nas mãos do inimigo e a França foi atacada. *Contudo não se devia perder a esperança.* Era uma reprise de 1914. Até os generais que comandavam as forças francesas eram os mesmos: Pétain, Weygand - a elite dos estrategistas da escola de Foch”. Em outro momento, depois da conquista da França, Szpilman diz que “agora, embriagados pela vitória, os alemães novamente voltarão a se concentrar em nós, embora não se pudesse dizer que fomos esquecidos durante a luta frente ocidental. Os roubos e as deportações dos judeus para trabalhos forçados na Alemanha continuavam sem cessar, mas todos já tinham aprendido a conviver com isso. Em setembro tiveram início as primeiras deportações para os campos de trabalho de Belz e Hrubiesz”. E o artista continua, “pouco tempo depois, dois acontecimentos abalaram a cidade: o primeiro foi o bombardeio alemão sobre a Inglaterra, e o segundo foi o surgimento de placas afixadas nas ruas que levaram ao gueto. Informando sobre a epidemia de tifo ali reinante e da necessidade de evitar qualquer contato com aqueles locais”. p. 52-54.

esconder-se no gueto. Foi mais um paradoxo desta ocupação: a braçadeira com a estrela-de-davi, a mais perigosa das insígnias, havia se tornado de repente, de um dia para outro, um símbolo de proteção e segurança, já que, naqueles dias, os judeus não eram caçados.

Talvez este exemplo descrito por Szpilman seja, de fato, o mais paradoxal em sua autobiografia, pois, como demonstrado no primeiro capítulo, quando o uso da braçadeira se tornou obrigatória por todos os judeus de Varsóvia, Szpilman descreveu essa lei como “humilhante” e “dolorosa”, contudo, neste novo contexto, em janeiro de 1943, a mesma insígnia se transformou, aparentemente, em um amuleto de proteção e tranquilidade momentâneo. Já que o ódio e violência estavam sendo direcionados para a população polonesa nesta ocasião. Contudo, não há nenhum episódio que Szpilman tenha elaborado qualquer uso positivo da braçadeira, pelo contrário, ela servia apenas para diferenciar os alvos da hora, pois, dois dias depois, Szpilman diz que “chegou a nossa vez”.

Porém, com mais uma onda de violência, que agora abarcava judeus e poloneses, Wladislaw Szpilman escreveu que desta vez houve uma reação dos judeus diante das atrocidades nazistas.

O nosso grupo já estava do lado “ariano” [para mais um dia de trabalho], quando ouvimos o pipocar de tiros. *Eram os judeus remanescentes no gueto que, pela primeira vez, reagia, com armas ao terror alemão.*³⁷⁶

Como dito por Szpilman, essa foi a primeira vez que os judeus de Varsóvia se levantaram e reagiram numa luta armada contra os alemães. Esse acontecimento, em janeiro de 1943, seria conhecido na historiografia da Shoah como “o primeiro Levante do gueto de Varsóvia”, que antecedeu, evidentemente, o levante que ocorreria em abril daquele mesmo ano.³⁷⁷ Porém, as primeiras impressões de Szpilman sobre este episódio

³⁷⁶ ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista**. Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003, p. 136. [grifo meu].

³⁷⁷ Segundo o historiador Israel Gutman: “a segunda expulsão, ou ‘ação’ contra os judeus do gueto de Varsóvia, começou na segunda-feira, dia 18 de janeiro de 1943, e durou quatro dias. Não foi inteiramente inesperada. Os judeus que resistiram à expulsão em massa não podiam mais se iludir. Sabiam que não gozariam de existência prolongada ou estável. Os alemães iriam em breve acabar com o gueto. Informações sobre deportações e eliminação completa de guetos em toda a Polônia continuavam a chegar de toda parte. Rumores referentes a ações que muito em breve ocorreriam em Varsóvia espalharam-se rapidamente pelo gueto. [...] A ação começou quando comboios de judeus do posto avançado de Placowka, fora do gueto, ficaram retidos nos portões de saída, sem permissão para dali se retirarem. Isso foi considerado mau augúrio, e informações referentes aos portões fechados e a concentração de alemães

não tem qualquer sentimento de “orgulho” ou “honra” pelo fato dos judeus estarem revidando com armas nas mãos, pelo contrário, o jovem artista se preocupa que este seja o fim definitivo dos judeus de Varsóvia. Ademais, naquele momento, Szpilman narrou que sua maior preocupação era com seu relógio e um tinteiro que estava em sua cabeceira, os quais ele planejava vendê-los, e se conseguisse fugir do gueto, sobreviver alguns dias com o dinheiro, até que, com ajuda de amigos, pudesse se ajeitar.³⁷⁸

Não retornamos ao gueto no final do dia. Durante um certo tempo ficamos aquartelados na obra da rua Narbutta. Somente mais tarde soubemos o que se passara no gueto naqueles dias: as pessoas começaram a defender-se da deportação para a morte de todas as formas possíveis. Escondiam-se em esconderijos previamente preparados enquanto as mulheres jogavam sobre as escadas água, que, ao congelar, dificultava a subida dos alemães para os andares mais altos. *Em outros prédios, os moradores fizeram barricadas e começaram a atirar nos alemães, preferindo morrer com armas nas mãos a serem exterminados em câmaras de gás,*³⁷⁹ [...] *Graças a essa*

se preparando para a ação espalharam-se rapidamente pelo gueto. Às 6 da manhã começaram as expulsões. Alemães e os ucranianos armados, certos de que enfrentariam uma tarefa fácil, tentaram repetir o sistema usado na expulsão anterior: chamaram os judeus para saírem de casa e se concentrarem nos pátios. Mas viram logo que o ardil não iria funcionar. Os judeus não estavam dispostos a obedecer às suas ordens como no passado, e muitos locais de trabalho estavam desocupados. [...] O primeiro tiro foi disparado por Arieh Wilner quando os perseguidores entraram numa moradia de membros da Organização Combatente Judaica na vizinhança da OBW, na Rua Mila. A primeira batalha no gueto foi dirigida por Mordecai Anielewicz. Seu plano era simples. Ele escolheu uma dúzia de combatentes com pistolas que ficaram preparados para a luta. Eles deveriam se juntar às filas que iam ao *Umschlagplatz* e, a certa altura do trajeto, a um sinal combinado, sair das filas e atacar os guardas alemães que as escoltavam. [...] O dia 18 de janeiro ficou marcado com um momento decisivo na existência da Organização Combatente Judaica. Os alemães haviam previsto um processo simples e fácil, mas encontraram oposição e tiveram baixas. Pela primeira vez, o judeu deixou de ser visto como uma vítima submissa.” Ver: GUTMAN, Israel. **Resistência:** o levante do gueto de Varsóvia. Tradução Alexandre Lisovsky. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995, p.160-161, 164-165. Abrão Slavutzky concorda com Israel Gutman e reafirma que “o dia 18 de janeiro ficou marcado como um dia decisivo na Organização Combatentes Judeus: foi a rebelião de janeiro que permitiu o grande levante de abril, pois nunca mais o gueto foi o mesmo”. Slavutzky classifica ação armada de janeiro como “A primeira resistência”, já o “levante do gueto de Varsóvia” começaria na rebelião de 19 de abril de 1943, véspera da Pessach. “Na campanha do gueto estiveram envolvidos 2.054 soldados e 36 oficiais e suas armas eram: 1.174 fuzis, 135 metralhadoras de mão, 69 metralhadoras leves e 13 pesadas, um canhão, um lança chamas e três carros blindados. Do lado judeu, havia uns 500 do ZOB (Organização Combatentes Judeus – sigla em polonês) e uns 250 de ZZW (União Militar Judaica – sigla em polonês) com revólveres de vários calibres. Cada combatente tinha 10 ou 15 balas e quatro a cinco granadas de mão, em geral de fabricação caseira. Tinham ainda dois mil coquetéis Molotov, dez fuzis e uma ou duas metralhadoras de mão tiradas dos alemães. SLAVUTZKY. Abrão. **O dever de memória:** o levante do gueto de Varsóvia. Coordenado por Abrão Slavutzky [et al.]. Porto Alegre: AGE/ Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2003, p. 39-42.

³⁷⁸ Ibid., p. 136.

³⁷⁹ Sobre o conhecimento das câmaras de gás de Treblinka pelos habitantes do gueto de Varsóvia é preciso fazer algumas considerações, e aqui mais uma vez estou no campo das hipóteses. No trecho da autobiografia de Szpilman, o artista fala abertamente sobre as câmaras de gás e que elas são usadas para assassinar os judeus. Contudo, não poderia dizer com precisão se esta informação constava na sua primeira edição, *Smierc miasta (A cidade morta)* de 1946, e mesmo se estivesse, ainda não poderia afirmar se Szpilman o soubesse durante o período da Segunda Guerra Mundial. Para auxiliar nessa

*primeira reação armada dos judeus, os alemães só conseguiram deportar cinco mil judeus em cinco dias, em vez dos dez mil que tinham planejado.*³⁸⁰

Durantes os dias de revolta, como relatado acima, Szpilman e seus companheiros de trabalho ficaram fora do gueto de Varsóvia. Contudo, ao retornar, os remanescentes contaram sobre os últimos eventos, e a partir daí, aparentemente as preocupações anteriores de Szpilman são deixadas de lado. O pianista descreveu positivamente as

questão, irei citar como alguns outros contemporâneos de Wladislaw Szpilman relataram informações sobre este tema, para que assim, “reforçar” a ideia de que era possível que o pianista tenha sabido do uso de gás no campo de extermínio ainda em 1943. Na introdução da edição do diário de Mary Berg usado neste trabalho, a editora Susan Lee Pentlin diz que “o diário de Mary Berg foi o primeiro relato publicado em inglês a descrever os fatos desde o estabelecimento do gueto até as primeiras deportações que aconteceram entre julho e setembro de 1942. Também foi um dos primeiros relatos pessoais a descrever o uso do gás para matar a população judaica do gueto”. No dia 17 de dezembro de 1942, Berg escreve que sua família e os demais judeus estrangeiros que estavam na prisão Pawiak, teriam que esperar até o próximo ano para serem retirados da Polônia. Nesse mesmo dia, novos internos chegaram à prisão, entre eles, segundo Berg, a “família W”. “Dita W., uma das que chegaram ontem, contou-nos na noite passada o que havia ouvido sobre o campo de Treblinka. Durante suas visitas frequentemente ao quartel-general da Gestapo em Aleja Szucha, ela conheceu um alemão que havia sido funcionário nesse campo de extermínio. Ele não percebeu que ela era judia e lhe contou, com grande satisfação, como os *judeus deportados eram assassinados ali*, garantindo-lhe que os alemães afinal iriam 'liquidar' os judeus. Na Umschlagplatz, os vagões de gado são carregados com 150 pessoas cada. Os vagões não têm janelas ou outras aberturas. As pessoas ficam umas em cima das outras, sem ar suficiente para respirar, e sem água ou comida. Os vagões muitas vezes são deixados por dois ou três dias na estação Stawki. Os sobreviventes são descarregados na estação de Treblinka e divididos de acordo com suas ocupações. O objetivo real é fazê-los ir com mais obediência para a morte. As mulheres são separadas dos homens. A verdadeira casa da morte de Treblinka fica num bosque fechado. As pessoas são levadas em caminhões até prédios, onde recebem ordem de se despir completamente. Cada um recebe um pedaço de sabão e lhe dizem que devem tomar banho antes de ir para o campo de trabalho. *Quando o banheiro está completamente cheio, um vapor quente fortemente concentrado é lançado através das janelas*. Depois de poucos minutos, as pessoas começam a *sufocar* com dores horríveis. Depois da execução, os corpos dos mortos são levados por judeus - os nazistas escolhem especificamente os mais jovens e vigorosos para isso. Outros judeus levados a organizar os sapatos e as roupas das vítimas. Após cada transporte, os judeus empregados para enterrar os mortos ou selecionar seus pertences são substituídos por outros. Não conseguem suportar a tarefa por mais de uma semana. A maioria enlouquece e é morta. Até o pessoal ucraniano e alemão é substituído frequentemente”. BERG, Mary. **O diário de Mary Berg: memórias do Gueto de Varsóvia**. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. XVII; 236-237 [grifo meu]. Mary Berg não fala de “câmaras de gás”, mas sim, de mortes causadas por um “vapor quente fortemente concentrado nos banheiros”. Nas crônicas escritas pelo historiador Emmanuel Ringelblum durante sua experiência no gueto de Varsóvia e que chegou até nós, apesar do seu assassinato, há também informações sobre o campo de extermínio. “*Treblinka*. As notícias dos coveiros (Rabinovitch, Jacob), dos judeus de Stok que fugiram dos vagões... Carregados de ouro e de divisas - as descrições concordam antes do “banho”, os coveiros judeus com remendos amarelos cosido (sic.) sobre os joelhos. - Os métodos de assassinato: *gás, vapor, eletricidade*.” RINGELBLUM, Emmanuel. **Cronica do Ghetto de Varsóvia**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1964, p. 340 [grifo meu]. Assim como Berg, Ringelblum também relatou sobre o “banho” como estratégia nazista para assassinar os judeus com o “vapor”, porém, diferente de Mary Berg, o historiador fala explicitamente de “gás”.

³⁸⁰ RINGELBLUM, Emmanuel. **Cronica do Ghetto de Varsóvia**. Lisboa: Livraria Morais Editora, 1964, p. 137.

ações de resistência, e até mesmo, declarou como “bem-sucedida”, já que foi graças a ela que o montante de judeus deportados foi cortado pela metade.

Após a “limpeza dos elementos parasitas” do gueto, Szpilman e seus companheiros de trabalhos puderam retornar ao gueto, e segundo o jovem artista, a situação do gueto era *aterradora*. Vidraças espalhadas por todos os cantos, bueiros entupidos pelo enchimento de travesseiros destrocados e cadáveres jaziam por todos os lados. Ao retornar para seu alojamento, para sua surpresa, seus bens mais preciosos, os quais, Szpilman estava tão preocupado, ainda estavam em sua cabeceira.

Após essa insurreição, Szpilman diz que ele tinha que agir “rápido e energicamente”, pois, na próxima deportação, que certamente aconteceria em breve, ele poderia se encontrar entre os deportados.³⁸¹ Dessa maneira, por intermédio de Majorzinho, Szpilman solicitou que ele entrasse em contato com um casal de amigos artistas que moravam em Varsóvia: Andrzej Bogucki e Janina Godlewska.

Majorzinho me informou, um dia, que eles iriam encontrar-se comigo às seis horas. Aproveitei o momento em que os trabalhadores “arianos” iam para casa e consegui passar despercebido pelo portão. Ambos me aguardavam. Quase não conversamos. Entreguei a eles as partituras das minhas composições, a caneta e relógio – tudo o que eu queria levar comigo. Combinamos que Bogucki viria me apanhar no sábado, às cinco da tarde. Estava prevista para aquele horário a inspeção das obras por um general da SS e eu contava com a confusão reinante naquele momento para escapar com mais facilidade. [...] Diariamente, apareciam judeus desconhecidos que se misturava ao nosso grupo para – estando fora dos muros dos guetos – tentar escapar. Nem todos conseguiam. Os fugitivos eram aguardados pelos “sucateiros” – agentes pagos, ou até voluntários, que nos atacavam nas ruas laterais e nos forçavam a entregar-lhes dinheiro e joias. Quase sempre, após as pilhagens, entregavam a vítima aos alemães.³⁸²

Mesmo com o plano em mente, Szpilman não tinha absoluta segurança que conseguiria fugir do gueto, pois, como descrito acima, havia alguns empecilhos e dificuldades para que essa empreitada fosse bem-sucedida. Contudo, o plano funcionou como previsto, e Szpilman conseguiu se misturar aos trabalhadores arianos, encontrou seu amigo músico que o guiou até o primeiro (de vários) esconderijos que Wladislaw Szpilman se esconderia até o final da Segunda Guerra Mundial. Dessa forma,

³⁸¹ RINGELBLUM, Emmanuel. **Cronica do Ghetto de Varsóvia**. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1964, p. 138.

³⁸² *Ibid.*, p. 138.

similarmente como demonstrei no tópico anterior com o testemunho de Mary Berg, encerro, neste momento, os estudos sobre as categorias e noções acerca da resistência e passividade na autobiografia de Wladislaw Szpilman, pois, assim como Berg, o pianista não se encontraria mais presente no gueto de Varsóvia, portanto, sua experiência no gueto de Varsóvia chegou ao fim. É evidente que Szpilman continua narrando suas impressões e vivências em cada esconderijo que ele esteve até chegada dos soviéticos, no inverno de 1945, contudo, para a presente dissertação, a escolha temática e espacial se restringia em analisar e demonstrar, de acordo com a perspectiva do sobrevivente, suas noções e categorias na experiência no gueto.

Para finalizar a análise das categorias e noções de passividade e resistência descritas por Szpilman, entre o início das deportações em massa dos judeus de Varsóvia até sua fuga em meados de 1943, alguns pontos importantes precisam ser expostos. O primeiro item a ser tratado corresponde a não apresentação de categorias e noções de passividade durante este período. Diferentemente de momentos de violência mais acentuada e de circunstâncias específicas, as quais, Wladislaw Szpilman descreve ações de condutas como passivas, neste espaço de tempo, o artista parece não ter elaborado ou classificado qualquer ação como subserviente.

Contudo, o contrário foi mais evidenciado. Após a radicalização da dinâmica cotidiana do gueto, por consequência, das deportações em massa, é neste período que Szpilman narra e descreve a movimentação, organização e o fortalecimento do movimento de resistência judaico. No qual, inclusive, ele fazia parte e ajudou a contrabandear armas para dentro do gueto de Varsóvia. Como demonstrei, Wladislaw Szpilman elaborou uma conexão entre os acontecimentos gerais da guerra como uma fonte de “inspiração” ou até mesmo de “explicação” para que o movimento de resistência crescesse e ganhasse corpo. Um outro ponto evidenciado, foi a perspectiva que o artista teve, no primeiro momento, do “levante de janeiro do gueto de Varsóvia”, onde Szpilman não demonstrou grande entusiasmo com a reação judaica frente a violência nazista. Porém, mais tarde, ele muda sua perspectiva sobre o confronto travado entre judeus e nazistas e, até mesmo, *declarou* que foi graças aos esforços dos resistentes que o montante de vítimas da deportação caiu pela metade.

Outro ponto importante analisado foi, mesmo que Szpilman tenha dito que ele fazia parte do movimento de resistência (e até descreveu suas funções dentro da dinâmica do contrabando), mas após o “levante de janeiro”, ele não pensa, nem por um

momento, de se juntar aos remanescentes do movimento para lutar. Pelo contrário, de acordo com a sua linha de raciocínio, sua única chance de sobreviver é conseguindo fugir do gueto e manter-se escondido com auxílio de seus amigos poloneses. Em última instância, portanto, Szpilman não pensa em *resistir*, mas sim, em *sobreviver*. A resistência, principalmente a armada e que envolve riscos, pertence a ações de terceiros, para si próprio, o pianista pensa em permanecer vivo, mesmo que ele tenha participado na manutenção e dos preparos da luta armada. Em sua autobiografia, Szpilman não reflete se a sobrevivência é considerada um ato heroico, o artista não valoriza a sobrevivência além do que ela é. Em outras palavras, Szpilman quer permanecer vivo, ou seja, é uma vontade individual em conseguir fugir e superar a realidade tão dura imposta pelos nazistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da mesma forma que iniciei o trabalho apresentando como parte da historiografia tratou os temas da passividade e resistência, agora, nas considerações finais, retomo essa discussão novamente de forma estratégica.

Ao longo das páginas que formaram essa dissertação, demonstrei que as taxonomias e os esquemas construídos pelos historiadores tiveram pouca conexão ou confirmação nos testemunhos de sobreviventes analisados neste trabalho. Portanto, a partir das posições distintas dos historiadores apresentados na introdução, confrontando com as possibilidades que os testemunhos os quais analisei, estes me forneceram outra perspectiva. A posição de Saul Esh em utilizar a religiosidade judaica como “inspiração” para sacralizar a vida durante os anos de dominação nazista, não parece ter fundamentos quando analisei os escritos de Mary Berg e Wladislaw Szpilman, que descreveram suas experiências no gueto de Varsóvia, e nem mesmo nas autobiografias de Chil Rajchman e Richard Glazar, os dois sobreviventes de um campo e extermínio.

O historiador Michel Geyer associou resistência à “coragem civil” dos judeus, contudo, Szpilman não demonstrou em nenhum momento no seu escrito de memória qualquer tipo de conexão que possa sustentar essa noção. O mesmo posso afirmar sobre os escritos de Mary Berg, Richard Glazar e Chil Rajchman.

A noção de “auto sacrifício”, preservação da dignidade e da manifestação de solidariedade apontadas por Meir Dworzecki ligadas à ideia resistência, pode-se dizer um pouco mais. Mary Berg descreve como ela e seus amigos da LZA organizavam peças teatrais para arrecadar fundos que seriam destinados aos mais necessitados do gueto. Por outro lado, a jovem também descreve que o contrabando de alimento era uma realidade e era controlado por alguns membros da elite judaica para sustentar os cafés e restaurantes, além de encher seus próprios bolsos. Igualmente, Wladislaw Szpilman ressalta os negócios “obscuros” do gueto (que, assim como Berg, salienta o enriquecimento dos membros da elite) e nada diz sobre as ações solidárias entre os judeus. De qualquer modo, ações solidárias descritas por Berg não são classificadas como “ações de resistência”. A ideia de “auto sacrifício”, do mesmo modo, não é encontrado em nenhum dos testemunhos.

Isso significa que os casos estudados sugerem uma distância entre a forma pela qual os judeus pensaram e deram às suas atitudes durante Shoah e as formas pelas quais

a historiografia do pós-guerra classificou as mesmas respostas dos judeus ao terror nazista. Na medida em que os termos como “resistência”, “heroísmo”, “passividade” e seus correlatos estão longe de serem termos somente descritivos, o sentido é inseparável do valor que se dá ao ato que descreve. Nesse sentido, esta pesquisa buscou abrir caminhos para refletir sobre as significações e ressignificações das atitudes dos judeus frente ao terror nazista, começando por investigar os próprios sobreviventes e seus relatos. Isso nos permitiu verificar a quase inexistência de correspondência entre a forma como eles e a forma como a historiografia descreveu suas ações durante a Shoah.

Como apontei na introdução, foi a partir do contato com a historiografia que permitiu abrir novos caminhos para se pensar o tema da “resistência” e “passividade”, levando em consideração as classificações e posições dos sobreviventes. As obras sobre o tema me deram referências sobre o campo, porém, o material primário analisado me possibilitou outras abordagens.

Além do mais, é preciso salientar que as “zonas cinzentas”, ações que não recaíram no binômio “resistente” verso “passivo”, foram muito mais recorrentes e expandiram a minha própria expectativa sobre o tema. Em síntese, sentimentos e sensações como *vergonha*, *humilhação*, *impotência*, *vingança*, *submissão*, *justiça* e, até mesmo, *perder o poder de resistência* foram noções, segundo a circunstância descrita pelo sobrevivente, de categorias *diferentes* as de passividade e resistência.

Deste modo, a principal questão do trabalho foi entender como e em quais circunstâncias um sobrevivente classifica uma ação passiva ou como ação de resistência, essas categorias são homogêneas ao longo de todo o relato e em todos os testemunhos? O resultado da pesquisa pode ser respondido em duas partes: 1) as categorias de passividade e de resistência elaboradas pelos sobreviventes são totalmente condicionadas às circunstâncias nas quais elas são evidenciadas, ou seja, foi possível notar que não há uma noção *homogênea* e *fixa* dessas categorias, mesmo que, em momentos específicos, tais categorias possam ser semelhantes. 2) além disso, foi demonstrado que essas noções somente são tópicos importantes nos contextos em que são narradas, e não temas que são recorrentes em todo o testemunho.

Desenvolvendo um pouco mais, o exercício comparativo me permitiu verificar a elaboração dessas noções, portanto, foi um mecanismo valioso para chegar nas conclusões apresentadas. Dessa forma, com base nas análises, a elaboração dessas noções pelos sobreviventes é totalmente circunstancial e podem divergir de testemunho

para testemunho, da posição social que sobrevivente ocupa, assim como, de sua sociabilidade, dos benefícios que ele possui classificando uma ação como *passiva* ou como *resistência* e se ele está classificando uma ação pessoal ou ações de terceiros. Em última instância, categorias de *passividade* ou de *resistência* estão intimamente ligadas a perspectiva pessoal do sujeito-sobrevivente e de como ele analisa uma situação ou acontecimento, e algumas circunstâncias, essas categorias podem parecer paradoxais em seu próprio testemunho.

Em vista desse tipo específico de questões para serem respondidas, saliento que as motivações oriundas do campo da História Comparada, assim como, a discussão entre História e Memória, limites e construção da narrativa testemunhal com o sujeito sobrevivente, foram importantes para analisar as fontes.

No primeiro capítulo, que reporta a experiência de Mary Berg e Wladislaw Szpilman, durante as primeiras semanas de guerra (capitulação do Estado polonês até a instauração do gueto), ficou evidenciado que as categorias de passividade elaboradas pelos sobreviventes se aproximam apenas após a vitória nazista sobre a Polônia, e por consequência disso, os alemães dão início a uma série de medidas contra a população (em especial aos judeus). Neste panorama há um aumento da violência direcionada aos judeus. Tanto Berg quanto Szpilman partilham da mesma percepção de que os judeus não reagem às violências sofridas nas mãos dos alemães. No relato de Szpilman, a não reação dos judeus adquire nuances mais complexas, como foi no caso da *lapanka* e da “lei” de cumprimentar um oficial nazista (se caso um judeu o avistasse na rua), pois essas violências, segundo Szpilman, precisava da colaboração da potencial vítima para que a agressão se cumprisse.

No relato de Mary Berg, a categoria de *submisso* e de *passivo* frente as agressões é mais clara e mais perto da noção do judeu que aceita a violência sem demonstrar qualquer reação contrária. Entretanto, o que é similar nos dois testemunhos, neste período de suas narrativas, é que essas classificações são utilizadas para descrever ações de terceiros e não ações pessoais. Szpilman mantém sua dignidade em não se humilhar em cumprimentar um oficial nazista, por exemplo, e Mary Berg, até então, se absteve em falar de suas próprias ações diante de algum acontecimento de risco. Diante das constatações da primeira parte já pude identificar que, nos momentos em que os sobreviventes classificam e abordam estas noções são episódios muito específicos em suas narrativas.

No segundo capítulo sobre a passividade, agora já nas configurações espaço-social do gueto de Varsóvia, pude reforçar as conclusões previamente apresentadas sobre a importância do tópico da passividade nos testemunhos trabalhados e, também, sobre seu condicionamento para com as circunstâncias em que ela é evidenciada.

A passividade só adquiriu proeminência nos escritos de Berg e Szpilman em momentos muito específicos (em circunstâncias, diga-se de passagem, similar ao capítulo anterior) – quando havia aumento de violência contra os judeus no gueto. Tanto para Mary Berg quanto para Wladislaw Szpilman, durante os anos que os dois judeus permaneceram dentro do gueto, não necessariamente a passividade e/ou atos de violência foram dignos de nota ou de descrição cotidiana. Pelo contrário, apesar de, esporadicamente Berg e Szpilman retratarem episódios de agressões ou de submissão frente a um perigo eminente, a maior parte de suas narrativas se concentram em “continuar a ter uma vida a mais próxima do normal dentro das condições que se estabeleceram no gueto”, ou nas palavras de Mary Berg “a vida se organiza no gueto; trabalhar ajuda a esquecer tudo e não é difícil conseguir trabalho aqui: várias oficinas e fábricas abriram, fazendo todos os tipos de artigo que antes nunca haviam sido fabricados em Varsóvia”.³⁸³

Deste modo, a passividade só adquiriu proeminência nos escritos de Berg e Szpilman em episódios muito bem localizados e em contextos específicos. Contudo, é importante ressaltar que foi no cenário do início das grandes deportações (julho de 1942), que Szpilman, pela primeira vez, classificou suas próprias ações como *passivas*, frente a *eminente* deportação.

No capítulo sobre as classificações de ações no campo de Treblinka, evidenciei que Chil Rajchman e Richard Glazar não lançaram mão da ideia de passividade em seus testemunhos. Contudo, o trabalho exercido por cada um dos sobreviventes, na manutenção do processo de extermínio, pode ter sido um fator para que eles elaborassem outras categorias. Pois, Chil Rajchman, que participou do esquadrão de “tonsuradores” (judeus designados a cortar o cabelo das mulheres judias antes de enviá-las para câmaras de gás), e por consequência de sua função (por ter contato direto com as vítimas), explorou noções de *submissão*, *desespero* e, até mesmo, noções de

³⁸³ BERG, Mary. **O diário de Mary Berg**: memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010, p. 41

vingança em seu testemunho. Diferentemente de Richard Glazar que, ao que parece, por trabalhar na triagem das bagagens, não possuía o mesmo contato com as outras vítimas.

Além do mais, pela primeira vez, entre os testemunhos trabalhados nesta dissertação, o embate com a religiosidade judaica foi colocado em discussão. Chil Rajchman descreveu como *ultrajante* rezar o Kaddish em um lugar como Treblinka, e *desafia* a existência de deus por todo o horror que o circunda.

No capítulo três, procurei entender e evidenciar as circunstâncias em que Chil Rajchman e Richard Glazar classificam ações de *resistência* e/ou de *heroísmo* durante as suas experiências no campo de extermínio. Demonstrei novamente que, ao longo de suas narrativas, essas noções, principalmente na autobiografia de Glazar, não estão presentes ao longo de suas narrativas, ou seja, ações nos quais os dois sobreviventes classificam de forma clara e evidente como *resistência*, são pouquíssimas, mesmo que tenha *mais ocorrência* na narrativa de Rajchman. Portanto, a maior preocupação em Treblinka é permanecer vivo e, assim sendo, nenhum dos dois, em qualquer momento em seus testemunhos, classificam a sobrevivência em Treblinka como uma ação de resistência.

Contudo, duas observações são importantes sobre o levante organizado pelos “mortos-vivos” em Treblinka. O primeiro é que, segundo Glazar, a ideia *inicial* do levante estava restritamente em libertar uma parcela específica do campo, os judeus tchecos liderados por Zelo Bloch, e não o campo inteiro. Apenas após a instituição de uma “nova lei”, em Treblinka, pela SS devido a uma tentativa de fuga, que a ideia de libertar todo o campo foi estendida. A segunda observação é acerca da classificação que Rajchman e Glazar fizeram sobre o levante organizado e executado no dia 02 de agosto de 1943, o qual, segundo eles, o motim foi classificado como uma ação *revolucionária*, e não como *resistência*.

O status de *herói* só foi utilizado por Chil Rajchman, quando os remanescentes do levante do gueto de Varsóvia chegaram em Treblinka e contaram os prisioneiros os últimos acontecimentos. Rajchman narra que, contaram a ele, que os judeus do gueto “resistiram heroicamente e não se deixaram assassinar sem reagir”. Mesmo que Rajchman tenha escrito dessa forma, parece que a classificação partiu de quem contou, e não necessariamente dele.

No capítulo sobre as categorias e noções de resistência antes da instauração do gueto, ficou ainda mais evidente como as noções elaboradas por Mary Berg e

Wladislaw Szpilman são condicionadas por suas perspectivas e as circunstâncias, portanto, não são *homogêneas e/ou fixas*. Enquanto Szpilman classificou o prefeito de Varsóvia, Stefan Starzynski, como “herói” (inclusive, é a única vez que o artista utiliza este termo para categorizar um indivíduo), pelos seus esforços em defender a cidade durante o cerco, Mary Berg nem ao menos cita o prefeito em seu diário. Segundo o pianista, o prefeito tinha adquirido onipresença política-civil-militar contra os nazistas, além de ter personificado a própria resistência polonesa, por isso, não havia motivos para fraquejar se assim o prefeito dissesse. O que deixa evidente que o orgulho por ser polonês é um traço característico da narrativa de Wladislaw Szpilman.

Por outro lado, os heróis, segundo a perspectiva de Mary Berg, no período do cerco, são a equipe editorial e gráfica que se esforçaram em continuar informando a população polonesa das notícias de guerra. Assim, estes jornalistas foram responsáveis em encorajar a população, mesmo que por pouco tempo. Além disso, outro ponto a ser ressaltado no relato da adolescente (e este seja o único momento em seu diário que Berg tenha demonstrado isso) foi o fato dos “judeus e poloneses lutarem bravamente contra os nazistas, ombro a ombro”. Em alguns momentos, como demonstrado no trabalho, Berg sinaliza um *ressentimento* para com os poloneses por *desprezarem* seus irmãos judeus e, muitas vezes, violentarem seus antigos coabitantes de forma voluntária.

A adolescente justifica tais atitudes devido ao contato com os nazistas, como se os poloneses tivessem sido “envenenados” pelo antissemitismo alemão. Contudo, relatos sistemáticos de violência por parte dos poloneses e qualquer *ressentimento* ou *fúria* por essas ações, não é encontrado na autobiografia de Szpilman. Mais uma vez, a abordagem comparativa se mostrou eficaz em evidenciar as diferenças entre as perspectivas dos testemunhos. É bem pouco provável que Szpilman não tenha presenciado ou sabido de alguma violência cometida por parte dos poloneses para com os judeus, mas, talvez, ele *escolheu* não escrever sobre isso ou não dá importância em sua autobiografia porque, para ele, isso não fosse digno de nota.

No capítulo sobre o contrabando e clandestinidade durante a experiência no gueto de Varsóvia, foi importante para demonstrar que nem toda ação *clandestina e/ou subversiva* é entendida como uma ação de resistência. Argumentei, comparando os dois testemunhos, que ações clandestinas e/ou ilegais, para serem compreendidas como *ações positivas*, precisam estar alinhadas com a compreensão com o que o sobrevivente acredita ser “um comportamento ético” e “correto”. Assim, a maior parte das ações

clandestinas e de contrabando foram classificadas por eles como ações de interesse próprio, por isso, são ações desonestas, até porque, segundo os sobreviventes, grande parte dessas condutas tinham como seus sócios os nazistas. O maior exemplo disso, a mesma opinião a respeito da problemática foi encontrada tanto nos testemunhos de Berg quanto de Szpilman, foram os judeus Kohn e Heller que, além de serem sócios no empreendimento *Konhellerki* (um transporte a cavalo no gueto), possuíam fortes ligações com a Gestapo no contrabando e abastecimento de comida e outros artigos no gueto.

No último capítulo comparativo entre os testemunhos de Mary Berg e Wladisaw Szpilman, reforcei mais uma vez o caráter circunstancial para a elaboração e emergência de categorias e noções pelos sobreviventes. Mesmo que tenha tido mais ocorrências no diário de Berg, a resistência está intimamente atrelada a episódios muito bem definidos: o aumento da violência no gueto. O que é bastante intrigante, pois, Berg descreve ações de passividade e resistência praticamente no mesmo período e nas mesmas circunstâncias. Além disso, no diário da adolescente parecem duas questões importantes atreladas à ideia de resistência. A primeira é a *vingança* relacionada ao senso de *justiça* e *resistência*, e a segunda diz respeito a *qualidade* e *finalidade* do exercício da resistência praticada pelos judeus, pois, segundo Berg, além de descrever a existência de grupos “mistos de resistência” (judeus e gentios), alguns judeus que entraram ou gostariam de entrar em algum movimento clandestino de resistência, não possuíam a questão da condição judaica como o principal fator e/ou uma motivação diferente da condição de invasão do território polonês.

Em síntese, a questão judaica aparecia como secundária para esses judeus, pois eles entendiam que os judeus só se encontravam nessas condições por causa da ocupação nazista, portanto, libertando a pátria polonesa os judeus voltariam a *normalidade* de antes da guerra.

Após a radicalização da dinâmica cotidiana do gueto por consequência das deportações em massa, este foi o período que Szpilman narra e descreve a movimentação, organização e o fortalecimento do movimento de resistência judaico. No qual, inclusive, ele fez parte e ajudou a contrabandear armas para dentro do gueto de Varsóvia. Outro ponto importante é que, mesmo que Szpilman tenha dito que ele fazia parte do movimento de resistência, após o “levante de janeiro” (o qual Szpilman o qualifica de duas formas distintas), ele não pensa em se juntar aos remanescentes do

movimento para lutar, pelo contrário. De acordo com a sua perspectiva, sua única chance de sobreviver é conseguindo fugir do gueto e manter-se escondido com auxílio de seus amigos poloneses. Em última instância, o pianista não aderiu a luta armada e apostou em outra alternativa para a sua sobrevivência.

Desse modo, o tema da sobrevivência é um tópico que perpassa todos os escritos de sobreviventes trabalhados nessa dissertação. Do ponto de vista dos quatro judeus, sobreviver não é resistir; em nenhum momento em suas narrativas eles elaboram a ligação por estarem vivo (ou lutar pela sobrevivência) como uma ação de resistência. Ao longo da análise, demonstrei que os sobreviventes classificam ações e condutas com o sentido que elas são – segundo a sua perspectiva. Logo, é importante ressaltar que nenhum deles elaboraram uma reflexão sobre a *qualidade* da sobrevivência. Se o ato de sobreviver possuiria um *sentido* para além da própria sobrevivência. Como apontado, os sobreviventes pensaram e deram às suas atitudes durante a Shoah *exatamente* o que eles disseram ser, interpretações ou descolamentos de sentido, ou mesmo valorização de conduta e atitudes as quais não são encontradas em seus textos, pode ser entendida como uma tentativa de reposicionar essas categorias e noções durante o período da Shoah.

Bibliografia:

Fontes:

BERG, Mary. **O diário de Mary Berg:** memórias do Gueto de Varsóvia. Editado por S. L. Shneiderman; nova edição preparada por Susan Lee Pentlin; tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Barueri, SP: Manole, 2010.

BETTELHEIM, Bruno. **O Coração informado:** autonomia na era da massificação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GLAZAR, Richard. **Trap with a green fence:** survival in Treblinka. Nortwest University Press, 1995.

RINGELBLUM, Emmanuel. **Cronica do Ghetto de Varsóvia.** Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1964.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Avelino. 25ed. São Leopoldo, Sinodal: Petrópolis. Vozes, 2008.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. Opere. **Se questo è un uomo, La tregua, Il sistema periodico, I sommersi e i salvati.** Publisher: Einaudi, 1987.

RAJCHMAN, Chil. **Eu sou o último judeu:** Treblinka (1942-1943). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

ZSPILMAN, Wladislaw. **O pianista.** Tradução Tomasz Barcinski. Rio de Janeiro. Record, 2003.

Fonte Cinematográfica:

NAZI Concentration Camp. Direção de George Stevens. Washigton D.c: Army Of United States, 1945. (59 min.), P&B

Bibliografia:

ARAD. Yitzhak. **Belzec, Sobibor, Treblinka:** The Operation Reinhard death camps. Indiana University Press, 1999.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém.** Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BALDWIN, Peter. Comparing and generalizing: why all history is comparative, yet no history is sociology. COHEN, Deborah; O'CONNOR, Maura. (eds.) **Comparison and History: Europe in cross-national perspective**. New York and London, Routledge, 2004

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 266p.

BERNARD-DONALS, Michael e GLEJZER, Richard. **Between Witness and Testimony The Holocaust and the Limits of Representation**. Albany: State University of New York Press, 2001

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996

FRIEDLÄNDER, Saul. **A Alemanha Nazista e os Judeus: os anos de extermínio, 1939-1945**. v. II. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GUTMAN, Israel. **Resistência: o levante do gueto de Varsóvia**. Tradução Alexandre Lissovsky. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995.

HAUPT, Heinz-Gerhard; KOCKA, Jürgen. Comparative History: methods, aims, problems in Comparison and History: Europe in cross-national perspective. In: COHEN, Deborah; O'CONNOR, Maura. (eds.) **Comparison and History: Europe in cross-national perspective**. New York and London, Routledge, 2004

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

HILBERG, Raul. **A destruição dos judeus europeus**. Barueri, SP: Amariyls, 2016.

KAPPLAN-MIDDLETON, Richard. The Myth of Jewish Passivity in Jewish Resistance against the Nazis. In: HENRY, Patrick Gerard. (ed.) **Jewish Resistance against the Nazis**. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014

LANG, Berel. Why They Didn't Resist More? In: HENRY, Patrick Gerard. (ed.) **Jewish Resistance against the Nazis**. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014.

MORAES. Luís Edmundo de Souza Moraes. "Imigrantes em construção o uso de conceitos de identidade nacional na pesquisa sobre 'imigrantes alemães' no Brasil". In: SEYFERTH, Giralda. [et. al]. **Mundos em movimentos: ensaios sobre migrações**. Santa Maria: Ed. UFMS, 2017.

MARRUS, Michael R. **A assustadora história do holocausto**. Tradução: Alexandre Martins. Rio de Janeiro, Ediouro, 2003.

_____. **Jewish Resistance to the Holocaust**. Journal Of Contemporary History, Toronto, v. 30, n. 1, p.83-110, jan. 1995.

NECHAMA, Tec. **Jewish Resistance: Facts, Omissions and Distortions in Jewish Resistance against the Nazis.** Edited by Patrick Gerard Henry. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 2014.

PINSKY, Jaime. **As origens do nacionalismo judaico.** São Paulo. Editora Ática, 1997.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento e Silêncio.** Estudos Históricos, 1989.

PORTELLI, Alessandro. "O massacre de Civitella Val di Chiana". In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1996.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAM, Uri. **Israel nationalism: social conflicts and the politics of knowledge.** London: Routledge, 2011.

RAS, Marcia. Formas de resistência Judi frente a La solucion final: Problemas y de debates.. **Actas y Comunicaciones del Instituto de Historia Antigua y Medieval,** Bueno Aires, v. 7, n. 0, p.1-10, maio 2011. Revista Electrónica Anua.

SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu.** Editora: Benvirá, 2014. [e-book]

SLAVUTZKY, Abrão. **O dever de memória: o levante do gueto de Varsóvia.** Coordenado por Abrão Slavutzky [et al.]. Porto Alegre: AGE/ Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2003.

TEIXEIRA, Leônia. Escrita Autobiográfica e Construção Subjetiva. **Psicologia USP,** São Paulo, v. 14, n. 1, p. 37-64, jan./ abr. 2003.

TRUNK, Isaiah. Tipologia de los Judenrät em Europa Oriental. In BANKIER, David. **El Holocausto: Perpetradores, Víctimas, Testigos.** Buenos Aires, Argentina: Nuestra Memoria Fundación Memoria del Holocausto: Museo de la Shoá, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX.** São Paulo: Arx, 2002.

ZERTAL, Idith. **Israel's Holocaust and the Politics of Nationhood.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

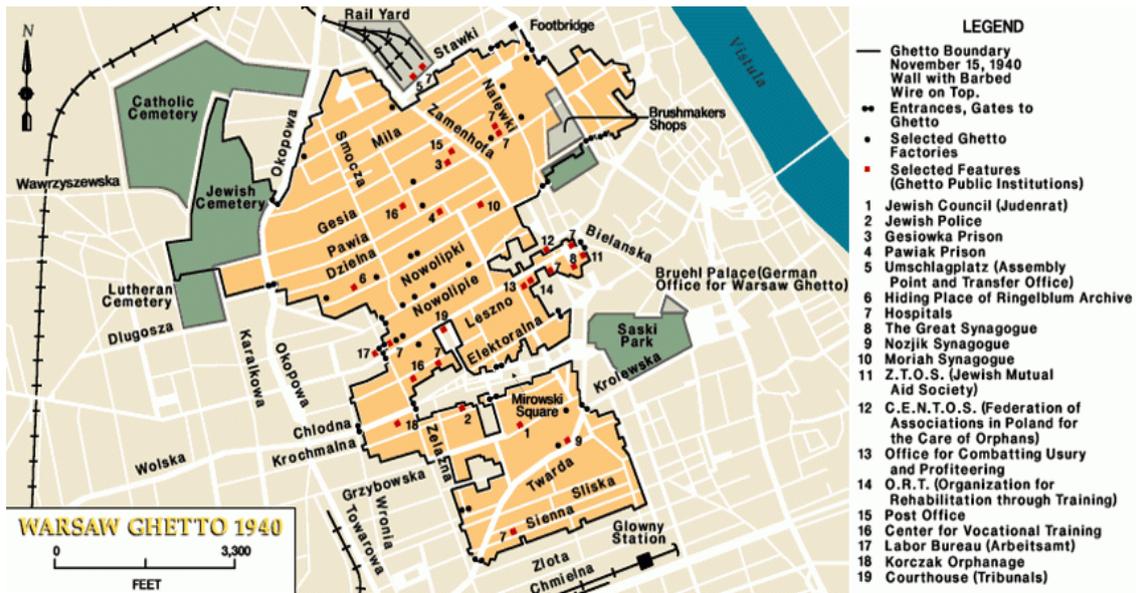
WIEVIORKA, Annette. **The era of whitnes.** New York: Cornell University Press, 2006.

ANEXOS

ANEXO A – Gueto de Varsóvia³⁸⁴

³⁸⁴ HOLOCAUSTO, Enciclopédia do. **GUETO DE VARSÓVIA, 1940**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/gallery/warsaw-maps>. Acesso em: 07 jun. 2020. Em novembro de 1940, 380.000 judeus foram conduzidos ao gueto de Varsóvia. Mais de 80.000 morreram devido às terríveis condições que prevaleciam no local, especialmente aglomeração e fome. No entanto, artistas e intelectuais continuaram suas atividades criativas. Em julho de 1942, começaram as deportações para os campos de extermínio. Em Varsóvia, os nazistas estabeleceram o maior gueto da Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Antes da guerra, a capital polonesa era habitada por cerca de 375.000 judeus, quase 30% da população. Imediatamente após a rendição da Polônia, os judeus de Varsóvia foram submetidos a ataques brutais e recrutados à força para trabalhos forçados. Em novembro de 1939, as primeiras medidas contra os judeus foram legisladas. Eles foram forçados a usar pulseiras azuis e brancas com a estrela de Davi e várias medidas econômicas foram tomadas, o que resultou na perda de meios de subsistência para a maioria dos judeus. Da mesma forma, um *Judenrat* foi estabelecido sob a presidência de Adam Czerniakow. Nenhuma outra organização de ajuda social foi autorizada a funcionar. Em 16 de novembro de 1940, os judeus de Varsóvia foram trancados no gueto. Seus habitantes representavam um terço da população da cidade; o gueto ocupava uma área equivalente a 2,4% dela. Dezenas de milhares de refugiados foram para Varsóvia, aumentando assim, o número de pessoas confinadas para 450.000. A superlotação era de 6 a 7 pessoas por cômodo e as rações de comida não representavam mais do que 10% das necessidades diárias de um ser humano. O gueto superlotado se tornou um foco de epidemias e mortalidade em massa. Durante toda a existência do Gueto de Varsóvia, mais de 80.000 pessoas morreram dentro dele. Em julho de 1942, começaram as deportações para o campo de extermínio de Treblinka. VASHEM, Yad. **El gueto de Varsovia**. Disponível em: https://www.yadvashem.org/es/holocaust/about/ghettos/warsaw.html#narrative_info. Acesso em: 26 ago. 2020. De 22 de julho a 12 de setembro de 1942, os agentes das SS e da polícia alemã, com a ajuda de auxiliares colaboracionistas poloneses, realizaram a deportação de cerca de 265.000 judeus de Varsóvia para o campo de Treblinka, e assassinaram aproximadamente 35.000 outros dentro do gueto durante aquela operação. Os agentes das SS e da polícia deportaram os cerca de 42.000 sobreviventes do gueto de Varsóvia capturados durante a revolta para os campos de trabalho escravo em Poniatowa e Trawniki, e para o campo de concentração de Lublin/Majdanek. Pelo menos 7.000 judeus morreram lutando ou em esconderijos no gueto, e os agentes das SS e da polícia conseguiram enviar outros 7.000 para o centro de extermínio de Treblinka. Por meses após a destruição do gueto de Varsóvia alguns judeus continuaram a se esconder em suas ruínas (após a destruição do gueto no dia 16 de maio de 1943, após 4 semanas de luta armada entre os oficiais nazistas e os membros da resistência judaica do gueto de Varsóvia) e, quando tinham chance, atacavam os policiais alemães que faziam patrulhamento na área. Estima-se que cerca de 20.000 judeus continuaram a viver em esconderijos, no chamado “lado ariano” de Varsóvia, após a destruição do gueto. Quando as tropas soviéticas retomaram sua ofensiva, em 17 de janeiro de 1945, elas libertaram uma Varsóvia devastada. De acordo com dados poloneses, apenas cerca de 174.000 pessoas estavam na cidade, menos de 6% da população que lá vivia antes da Guerra. Destes sobreviventes, aproximadamente 11.500 eram judeus. HOLOCAUSTO., Enciclopédia do. **Varsóvia**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/warsaw>. Acesso em: 26 ago. 2020.

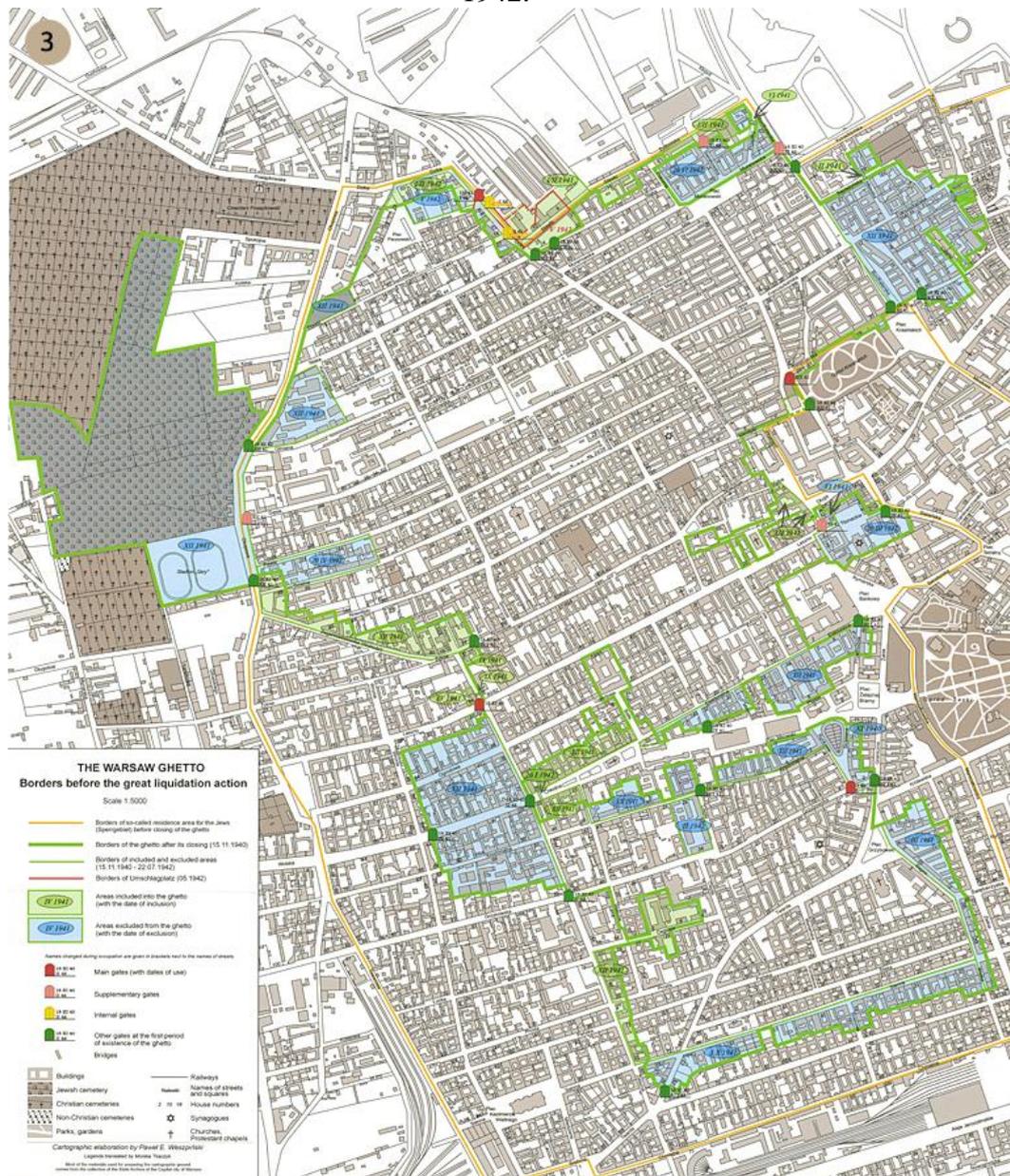
³⁸⁴ No outro lado do espectro, temos mapas muito detalhados do gueto de Varsóvia, como este com as fronteiras antes da grande ação de liquidação no verão de 1942. Esse mapa nos permite traçar e datar as exclusões do gueto (à luz azul) e as inclusões (em verde claro) de determinadas áreas, seções de ruas e blocos de casas. Este é um dos 8 mapas, cuidadosamente desenhados por Pawel Weszpinski, que fazem parte integrante do livro de 900 páginas de Barbara Engelking e Jacek Leociak: *O Gueto de Varsóvia, um Guia da Cidade Percida* (2009). A base desses modernos mapas do gueto vem de mapas cadastrais e outros pré-guerra de Varsóvia. Meu único problema é que eles não indicam as destruições pesadas causadas por bombardeios e incêndios durante o ataque alemão à cidade; embora ainda exista um mapa alemão detalhado de Varsóvia sobre esse assunto desde o início de 1940. Existem outros três mapas cronológicos: um com o gueto Residual após a grande ação de liquidação, um mapa na Revolta do Gueto de Varsóvia em abril / maio de 1943 e um mapa com a Estrutura das Ruas e Restos de Edifícios em março de 2001. Além disso, o livro apresenta quatro mapas sobre os principais temas da vida cotidiana no gueto: há um mapa sobre Comunicação, um sobre Escritórios, Saúde, Crianças e Educação e outro sobre Comércio, Serviços e Produção, e um sobre Vida Social. Juntos, eles formam um atlas moderno do gueto de Varsóvia, uma reconstrução cartográfica sem precedentes em escala, método e precisão. Então, o que mais eu poderia dizer sobre os mapas do gueto, depois deste guia magistral? WESZPINSKI,



Fonte: < <https://encyclopedia.ushmm.org/images/large/a0c89c3e-6041-454f-bab6-9ba513fa4e9e.gif.pagespeed.ce.NdlIpZFUey.gif> > Acessado em 07 de jun. 2020.

Pawel. **THE VARSAW GHETTO Borders: before the great liquidation action.** 2009. Disponível em: <http://www.siger.org/warsawghettomaps/?fbclid=IwAR3bSa6F0O3KISvKXEbd-jmsCUBX2rVUXLnezN9PsCJ5zEsMyVQHqriN6E>. Acesso em: 07 jun. 2020.

ANEXO B – Fronteiras do Gueto de Varsóvia antes da Grande Deportação de junho 1942.³⁸⁵



³⁸⁵ No outro lado do espectro, temos mapas muito detalhados do gueto de Varsóvia, como este com as fronteiras antes da grande ação de liquidação no verão de 1942. Esse mapa nos permite traçar e datar as exclusões do gueto (à luz azul) e as inclusões (em verde claro) de determinadas áreas, seções de ruas e blocos de casas. Este é um dos 8 mapas, cuidadosamente desenhados por Pawel Węszpinski, que fazem parte integrante do livro de 900 páginas de Barbara Engelking e Jacek Leociak: *O Gueto de Varsóvia, um Guia da Cidade Percida* (2009). A base desses modernos mapas do gueto vem de mapas cadastrais e outros pré-guerra de Varsóvia. Meu único problema é que eles não indicam as destruições pesadas causadas por bombardeios e incêndios durante o ataque alemão à cidade; embora ainda exista um mapa alemão detalhado de Varsóvia sobre esse assunto desde o início de 1940. Existem outros três mapas cronológicos: um com o gueto Residual após a grande ação de liquidação, um mapa na Revolta do Gueto de Varsóvia em abril / maio de 1943 e um mapa com a Estrutura das Ruas e Restos de Edifícios em março de 2001. Além disso, o livro apresenta quatro mapas sobre os principais temas da vida cotidiana no gueto: há um mapa sobre Comunicação, um sobre Escritórios, Saúde, Crianças e Educação e outro sobre Comércio, Serviços e Produção, e um sobre Vida Social. Juntos, eles formam um atlas moderno do gueto de Varsóvia, uma reconstrução cartográfica sem precedentes em escala, método e precisão. Então, o

Fonte: < <http://www.siger.org/warsawghettomaps/03.jpg> > Acessado em 07 de jun. de 2020.

ANEXO C – Deportações efetuadas no gueto de Varsóvia, 1942.³⁸⁶



Fonte: < <https://encyclopedia.ushmm.org/images/large/1229723e-59b3-4054-adaf-6605de9f1e49.gif.pagespeed.ce.o-hVfvjZ6-.gif> > Acesso em 07 de jun. de 2020.

ANEXO D - Mapa administrativo do Governo Geral, julho de 1941 - janeiro de 1944, após Barbarossa.

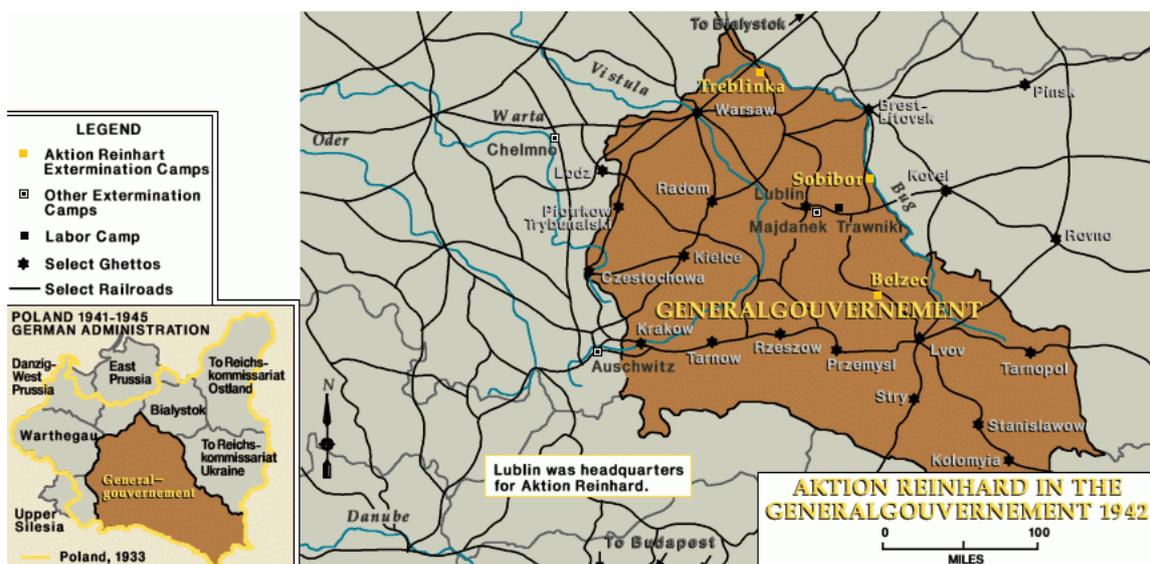
que mais eu poderia dizer sobre os mapas do gueto, depois deste guia magistral? WESZPINSKI, Pawel. **The Warsaw Ghetto Borders: before the great liquidation action.** 2009. Disponível em: http://www.siger.org/warsawghettomaps/?fbclid=IwAR3bSa6F0O3KISvKXEbd-_jmsCUBX2rVUXLnezN9PsCJ5zEsMyVQHqriN6E. Acesso em: 07 jun. 2020.

³⁸⁶ HOLOCAUSTO, Enciclopédia do. **Deportações efetuadas no gueto de Varsóvia, 1942.** Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/map/deportations-from-warsaw-ghetto-1942>. Acesso em: 07 jun. 2020.



Fonte:
 <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/0/08/General_Government_for_the_occupied_Polish_territories_%281941%29.png/800px-General_Government_for_the_occupied_Polish_territories_%281941%29.png> Acessado em 07 de jun. de 2020

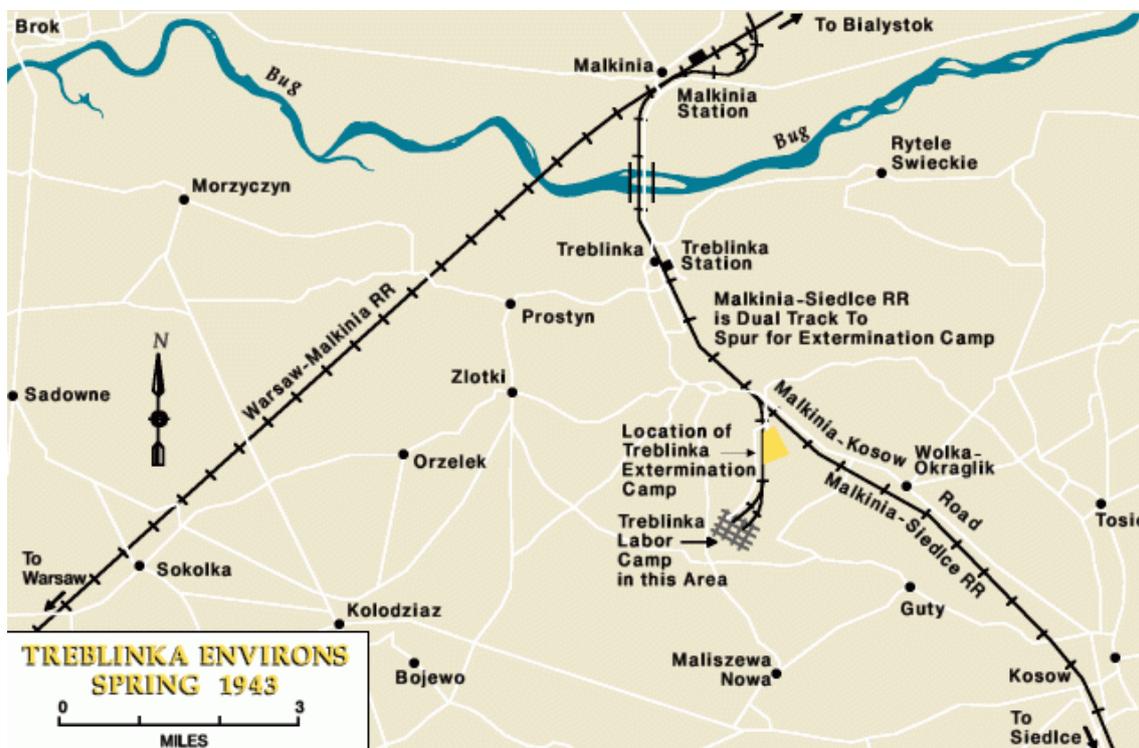
ANEXO E - AKTION REINHARD NO GOVERNO GERAL, 1942.³⁸⁷



Fonte: < <https://encyclopedia.ushmm.org/images/large/0e328210-ee34-4e56-9efe-61249695c4fd.gif.pagespeed.ce.GE3DnCN5hR.gif> > Acesso em 07 de jun. de 2020.

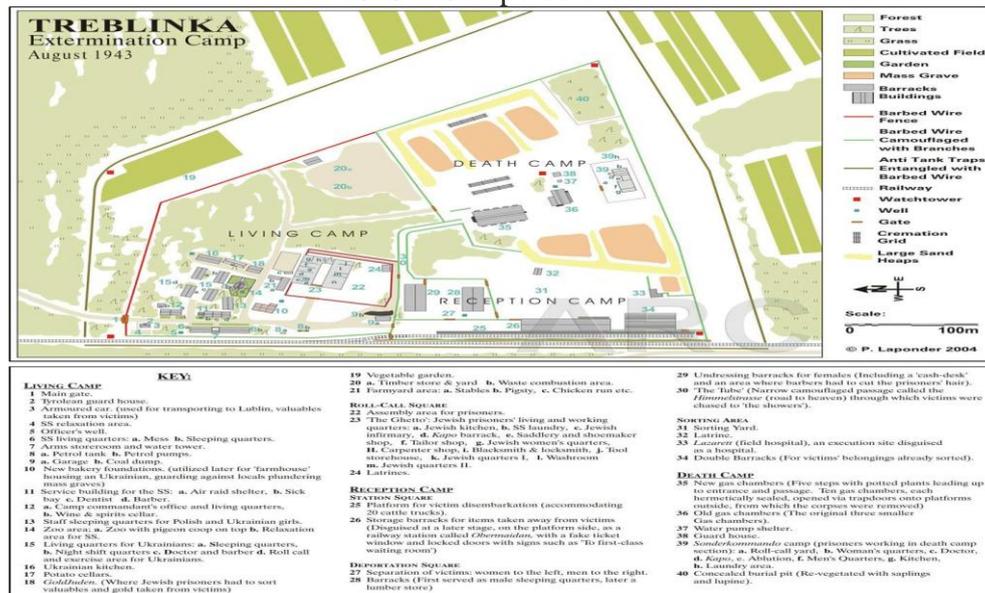
³⁸⁷ HOLOCAUSTO, Enciclopédia do. **AKTION REINHARD IN THE GENERALGOUVERNEMENT**, Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/gallery/operation-reinhard-maps>. Acesso em: 07 jun. 2020.

ANEXO F – As estradas de ferros em torno de Treblinka³⁸⁸



Fonte: < <https://encyclopedia.ushmm.org/images/large/7a2eaf1-14db-4d76-b184-e35fe1df9160.gif.pagespeed.ce.3obKKjPcLR.gif> > Acesso em 7 de jun. de 2020.

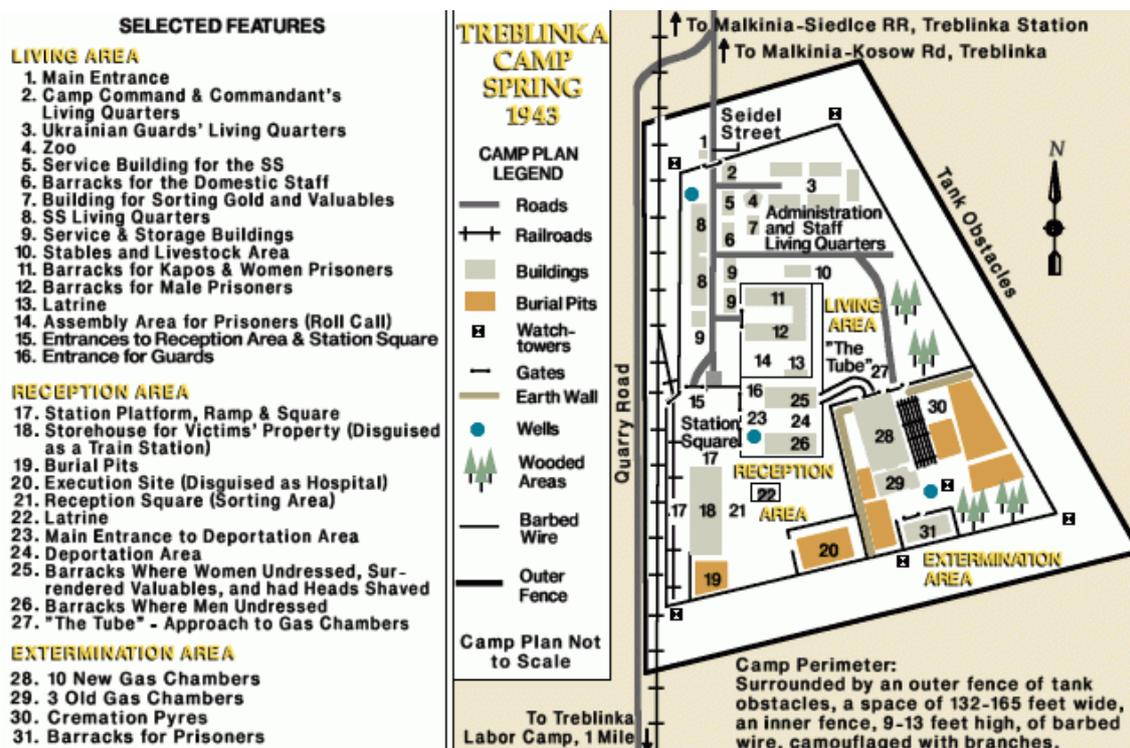
³⁸⁸ HOLOCAUSTO, Enciclopédia do. **TREBLINKA ENVIRONS, SPRING 1943**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/gallery/operation-reinhard-maps>. Acesso em: 07 jun. 2020.



Fonte: < <http://www.deathcamps.org/treblinka/pic/bmap9.jpg> > Acesso em: 07 de jun. 2020.

389 O novo mapa proposto é discutido em mais detalhes na seção de características do campo. Este é provavelmente o primeiro mapa do campo no qual os elementos são desenhados em escala (o mais próximo possível) e a forma e tamanho reais do campo levados em consideração. Nota: Este mapa redesenhado não deve ser considerado como uma representação exata do campo - isso nunca seria totalmente possível. Existem simplesmente muitas discrepâncias em todos os mapas e relatórios de testemunhas. LAPONDER., P. **New Treblinka map august 1943**. Disponível em: <http://www.deathcamps.org/treblinka/maps.html>. Acesso em: 07 jun. 2020 [tradução nossa]. Em novembro de 1941, as autoridades alemãs ergueram um campo de trabalho escravo, mais tarde conhecido como Treblinka I, a cerca de 80 km a nordeste de Varsóvia, na Polônia ocupada. Em julho de 1942, na mesma área, foi concluída a construção de um centro de extermínio, o qual ficou conhecido como Treblinka II. De julho de 1942 a novembro de 1943, os alemães e seus colaboradores assassinaram entre 870.000 e 925.000 judeus em Treblinka. Os israelitas (sic.) vinham do gueto de Varsóvia, dos Distritos de Radom, Bialystok e Lublin, do campo de concentração de Theresienstadt e das zonas ocupadas pela Bulgária na Grécia (Trácia) e na Iugoslávia (Macedônia). Os ciganos roma e os poloneses cristãos também eram assassinados em Treblinka II. A região do centro de extermínio de Treblinka era densamente arborizada. A equipe de assassinos do local consistia de 25 a 35 oficiais alemães e uma unidade de 90 a 150 guardas auxiliares, que eram ex-prisioneiros de guerra soviéticos ou cidadãos ucranianos e poloneses anti-semitas. As SS e a polícia anunciavam para os deportados que eles haviam chegado a um campo de trânsito, e que deveriam entregar todos os seus pertences às autoridades. No terceiro trimestre de 1942, as autoridades do campo resolveram exumar os corpos das covas coletivas e então queimá-los para ocultar as evidências dos seus crimes de extermínio em massa. Em 2 de agosto de 1943, os prisioneiros roubaram armas do arsenal daquele campo, mas foram descobertos. Na confusão que se seguiu, centenas de prisioneiros se jogaram contra o portão principal em uma tentativa desesperada de fugir. Aproveitando o alvo fixo, muitos foram mortos a tiros de metralhadora. Mais de 300 conseguiram escapar - embora dois terços deles tenham sido seguidos e assassinados. Treblinka I, o campo de trabalho escravo, continuou funcionando até o final de julho de 1944. Quando as tropas soviéticas se deslocaram para a região, os nazistas atiraram contra os últimos prisioneiros judeus (não se sabe ao certo o número, calcula-se que entre 300 a 700 pessoas) e desativaram o campo. As tropas soviéticas tomaram Treblinka durante a última semana de julho de 1944. HOLOCAUSTO, Enciclopédia do. **Treblinka**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/treblinka-abridged-article>. Acesso em: 26 ago. 2020.

ANEXO H – Campo de Treblinka II³⁹⁰



Fonte: < <https://encyclopedia.ushmm.org/images/large/6ed18032-9f8d-423f-983d-1d599523702b.gif.pagespeed.ce.6CDAPnS391.gif> > Acesso em 07 de jun. de 2020

³⁹⁰ HOLOCAUSTO. Enciclopédia do Treblinka Camp, Spring 1943. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/gallery/operation-reinhard-maps>. Acesso em: 07 jun. 2020.

ANEXO I – Mapa do campo de Treblinka com o Memorial³⁹¹



Fonte: < <http://www.deathcamps.org/treblinka/pic/bmap12.jpg> > Acesso em 07 de jun. de 2020.

³⁹¹ Este é provavelmente o primeiro mapa do campo no qual os elementos são desenhados em escala (o mais próximo possível) e a forma e tamanho reais do campo levados em consideração. Nota: Este mapa redesenhado não deve ser considerado como uma representação exata do campo - isso nunca seria totalmente possível. LAPONDER., P. **New Treblinka Map August 1943**. Disponível em: <http://www.deathcamps.org/treblinka/maps.html>. Acesso em: 07 jun. 2020. [tradução nossa]

ANEXO J – Foto aérea atual da área que situava o Campo de Treblinka



Fonte: < <http://www.deathcamps.org/treblinka/pic/bmap13.jpg> > Acesso em 07 de jun. de 2020.

ANEXO L – Mapa dos Principais Guetos na Europa Ocupada 1939-1944³⁹²



Fonte: < <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/map/major-ghettos-in-occupied-europe>. > Acesso em: 26 ago. 2020.

³⁹² Durante a Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1939 e 1942, os alemães estabeleceram guetos principalmente no leste europeu e, em 1944, na Hungria. Um bairro de uma determinada cidade, onde havia concentração judaica, era cercado e transformado em gueto. Neles, os alemães prenderam e forçaram a população israelita a viver em condições miseráveis. Os nazistas consideravam o estabelecimento de guetos como uma medida provisória para controlar, isolar e segregar os judeus. A partir de 1942, assim que os alemães decidiram exterminar os judeus, eles passaram a destruir sistematicamente os guetos, deportando os judeus que lá viviam para os campos de extermínio onde foram mortos. MUSEUM, Us Holocaust Memorial. **Principais guetos na Europa ocupada**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/map/major-ghettos-in-occupied-europe>. Acesso em: 26 ago. 2020.